

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM



Caderno de Resumos

XX SEMINÁRIO DE TESES EM ANDAMENTO

A row of approximately 20 books of various colors (blue, green, brown, purple, red) standing upright on a reflective surface. The books are arranged in a slightly irregular line, and their reflections are visible on the surface below them.

2014

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IEL – Unicamp

CRB 8/8624

C114

Caderno de resumos do XX SETA / Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem - Vol.1, n.1 (2007). - Campinas, SP : UNICAMP/Publicações IEL, 2007-2014.

8 v.

Anual

Numeração começa a cada ano com n.1

ISSN 2525-8257

1. Teses - Resumos. 2. Pós-Graduação - Teses. I. Seminário de Teses em Andamento (19.: 2014 : Campinas, SP). II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem.

CDD: 378.242

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor: José Tadeu Jorge

Vice-Reitor: Álvaro Penteado Crósta

INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

Diretor: Flávio Ribeiro de Oliveira

Diretor-Associado: Jefferson Cano

COMISSÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO

Coordenadora: Maria Viviane do Amaral Veras

DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA

Coordenadora: Ruth Elizabeth Vasconcellos Lopes

DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA APLICADA

Coordenadora: Cláudia Hilsdorf Rocha

DEPARTAMENTO DE TEORIA E HISTÓRIA LITERÁRIA

Coordenador: Eduardo Sterzi de Carvalho Junior

DEPARTAMENTO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA E CULTURAL

Coordenador: Rafael de Almeida Evangelista

ASSISTENTE TÉCNICO DE PÓS-GRADUAÇÃO

Cláudio Pereira Platero

A Comissão Organizadora do Evento

Fizeram parte da comissão organizadora desta edição do Seminário de Teses em Andamento os seguintes acadêmicos:

Linguística

Janaina Olsen
Domitila David
Paulo H. S. Pereira
Tainá C. C. Lopes

Linguística Aplicada

Bruno C. Albanese
Cláudia G. S. Guimarães
Lidiany T. Ricarte
Luciana V. Machado
Monica P. Vicentini
Rosane P. Felício

**Teoria e Crítica
Literária**

Bianca Milan
Thiago Basile
João F. Bittencourt
Marcella Abboud

**Divulgação Científica
e Cultural**

Naiana Duarte
Jaqueline G. Araújo

A Comissão Organizadora desta Revista

Cláudia T. Alves
Danielle C. Lima

A Comissão Técnica

Cláudia T. Alves
Danielle C. Lima

NOTA: O conteúdo e a revisão dos resumos são de responsabilidade dos autores.

Apoio



O Seminário de Teses em Andamento (SETA) é um evento anual, organizado pelos alunos dos cursos de pós-graduação *stricto sensu* do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Em sua vigésima edição, o evento buscou unir, num mesmo espaço de discussão, trabalhos dos mais variados temas concernentes à Língua/Linguagem, organizados em 4 grandes áreas: Divulgação Científica e Cultural, Linguística, Linguística Aplicada e Teoria e História Literária. Sua principal proposta é criar um ambiente em que jovens pesquisadores, provenientes das mais diversas universidades, possam apresentar suas pesquisas e debatê-las com seus colegas e professores convidados. Além disso, o espaço proposto pelo SETA propicia a estes pesquisadores em formação o contato com a academia, o estabelecimento de laços acadêmicos e, principalmente, o debate e a discussão dos resultados parciais e/ou teórico metodológicos de suas pesquisas.

Em 2014, o evento contou ainda com a mesa de abertura “As interfaces entre Língua Materna e Língua Estrangeira”, composta pelas Profas. Dras. Maria Fausta Cajahyba Pereira de Castro e Silvana Mabel Serrani, e com a mesa de encerramento “Interfaces entre os estudos de Língua e Literatura”, composta pelo Prof. Dr. Carlos Vogt, que propuseram discussões mais amplas no âmbito das pesquisas da Linguagem, em especial no que tange ao tema escolhido para a esta edição do evento: “20 anos nas Interfaces da Linguagem”.

A Comissão Organizadora agradece a presença de todos os apresentadores, debatedores e ouvintes dos trabalhos apresentados, e ressalta a importância de que eventos como o SETA continuem acontecendo no ambiente acadêmico, proporcionando trocas significativas de conhecimento.

Sumário

| | |
|---|-----------|
| 1. DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA E CULTURAL..... | 15 |
| BLOGUEIRAS FEMINISTAS: CONSTRUINDO DISCURSOS E PRÁTICAS FEMINISTAS | |
| Jaqueline Gonçalves Araujo | 16 |
| LINGUAGEM, COMPORTAMENTO ECONÔMICO E INOVAÇÃO | |
| José Ricardo Bueno Manini | 18 |
| CIÊNCIA DO CAFÉ: ESTUDO SOBRE ESTRATÉGIAS DE COMUNICAÇÃO ENTRE INSTITUIÇÕES DE PESQUISA E AGRICULTORES NO BRASIL E NA COLÔMBIA | |
| Marcela Salazar Granada | 19 |
| A FOTORREPORTAGEM: LIMITES E DESAFIOS DO JORNALISMO CONTEMPORÂNEO | |
| Natasha Oliveira Mota | 21 |
| O HOMOEROTISMO NA DRAMATURGIA NACIONAL - A ESCRITA OBSCENA DE NEWTON MORENO | |
| Rodolfo Pereira de Lima | 23 |
| ENTRE A VIDA E A MORTE, A ESCRITA JORNALÍSTICA – IMAGEM E TESTEMUNHO NOS QUADRINHOS DE JOE SACCO | |
| Victor Oliveira Gulart | 25 |
| | |
| 2. LINGUÍSTICA | 27 |
| RASURAS EM SEGMENTAÇÃO DE PALAVRAS: UM OLHAR SOBRE O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM | |
| Adelaide Maria Nunes Camilo | 28 |
| O BIOGRÁFICO, O FICTÍCIO E O SAGRADO: PERSONAGENS E ALUSÕES NO POEMA “OLYMPIA”, DE GIOVANNI BOCCACCIO | |
| Adir de Oliveira Fonseca Junior | 30 |
| MODULAÇÕES DA ÉPICA HOMÉRICA NAS ODES DE HORÁCIO | |
| Alexandre Prudente Piccolo | 32 |
| “MEU ZEN, MEU BEM, MEU MAL...”: MERETRIZES E MATRONAS NAS CENAS INICIAIS DA COMÉDIA HECYRA DE TERÊNCIO | |
| Aline da Silva Lázaro..... | 34 |
| OS SENTIDOS ‘EVOLUÇÃO’ E EVOLUCIONISTAS NA SEXTA EDIÇÃO DE A ORIGEM DAS ESPÉCIES DE DARWIN | |
| André Campos Mesquita..... | 36 |
| NOTAS SOBRE A LETRA: ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE TIPOGRAFIA, LINGUÍSTICA E PSICANÁLISE | |
| Bruno Molina Turra | 38 |
| CAMINHOS E LIMITES DA INOVAÇÃO LEXICAL NA FALA DE UMA CRIANÇA | |
| Camila Rossetti Vieira | 40 |
| PAI É QUEM CRIA: UMA ANÁLISE SEMIOLINGUÍSTICA DO SENSACIONAL SENSACIONALISTA | |
| Camilla Ramalho Duarte..... | 42 |
| ORDEM V2 E COLOCAÇÃO DE CLÍTICOS NA HISTÓRIA DO PORTUGUÊS: DO PORTUGUÊS ANTIGO AO PORTUGUÊS MÉDIO | |

| | |
|--|----|
| Carolina Salgado Lacerda Medeiros | 44 |
| DISCURSO E IDEOLOGIA EM PRIDE AND PREJUDICE: UMA ANÁLISE DIALÓGICA DO FILME E DO LIVRO | |
| Catharine Piai de Mattos | 46 |
| A LEITURA NO DIGITAL: SUJEITO-LEITOR E MEMÓRIA | |
| Cidarley Grecco Fernandes Coelho | 48 |
| MOVIMENTO DOS ADJETIVOS E ESPECIFICIDADE | |
| Cristina de Souza Prim..... | 50 |
| FORMAÇÃO E ATUAÇÃO DAS JUNTAS MISSIONÁRIAS BATISTAS NO BRASIL: SOBRE O FUNCIONAMENTO DO DISCURSO MISSIONÁRIO | |
| Daiane Rodrigues de Oliveira Bitencourt | 52 |
| NEUROLINGÜÍSTICA DISCURSIVA: ESTUDOS SOBRE AFASIA | |
| Danilo Brandão de Lima | 54 |
| A ORDEM SV NAS ORAÇÕES INTERROGATIVAS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO E EUROPEU: UM ESTUDO HISTÓRICO E COMPARATIVO | |
| Domitila Maria Danielius de Oliveira David | 56 |
| PERCEPÇÃO AUDITIVA, METÁFORAS E O INTÉRPRETE MUSICAL: INTERSECÇÕES ENTRE LINGUAGEM E APRENDIZAGEM MUSICAL | |
| Emanuela Francisca Ferreira Silva | 58 |
| "CONSCIÊNCIA NEGRA": UMA FÓRMULA DISCURSIVA | |
| Helio de Oliveira..... | 60 |
| OS FRAMES DE DOENÇA DE ALZHEIMER | |
| Josie Helen Siman..... | 62 |
| A COOCORRÊNCIA DE PROCESSOS DE SIGNIFICAÇÃO VERBAL E NÃO VERBAL NO TRABALHO DE EXPRESSÃO TEATRAL COM AFÁSICOS | |
| Juliana Pablos Calligaris | 64 |
| A TEXTUALIZAÇÃO DO POLÍTICO NOS DISCURSOS SOBRE A PROSTITUIÇÃO NA LITERATURA CARIOCA OITOCENTISTA | |
| Karine de Medeiros Ribeiro | 66 |
| SOBRE NORMA E PREPOSIÇÕES: UM ESTUDO DIACRÔNICO DA COMPLEMENTAÇÃO SENTENCIAL (DES)PREPOSICIONADA EM PORTUGUÊS | |
| Kelly Cristina Tannihão | 68 |
| "TRISTES" DE OVÍDIO: ASPECTOS DA ELEGIA AMOROSA NA ELEGIA LAMENTOSA DO EXÍLIO | |
| Laís Scodeler dos Santos..... | 70 |
| PATOLOGIZAÇÃO E FRACASSO ESCOLAR PELO OLHAR DA NEUROLINGÜÍSTICA DISCURSIVA | |
| Laura Maria Mingotti Muller | 72 |
| CORPO CIDADINO, CORPO TATUADO: PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO DO SUJEITO NA RELAÇÃO ENTRE CORPO E CIDADE | |
| Leonardo Paiva Fernandes | 74 |
| O PROCESSO DE "BOOTSTRAPPING" NA AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM | |
| Letícia Schiavon Kolberg..... | 76 |

| | |
|---|-----|
| COMPETÊNCIAS BÁSICAS DO PORTUGUÊS: UM GESTO FUNDADOR DE AUTORIA BRASILEIRA EM SOCIOLINGUÍSTICA | |
| Lívia Helena Moreira e Silva | 78 |
| ASSIMETRIA NA RELAÇÃO ALVO-GATILHO NA HARMONIA VOCÁLICA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO | |
| Magnum Rochel Madruga..... | 80 |
| APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS ENTRE OS ENUNCIADOS DE SUJEITOS PARKINSONIANOS TRATADOS MEDICAMENTOSAMENTE E SUJEITOS PARKINSONIANOS SUBMETIDOS A CIRURGIA: UM ESTUDO LINGUÍSTICO-COMPARATIVO | |
| Maira Camillo | 82 |
| DO ACONTECIMENTO HISTÓRICO ÀS NARRATIVAS DO ACONTECIMENTO: UM ESTUDO DISCURSIVO DO ACONTECIMENTO SAUSSURE NA LINGUÍSTICA BRASILEIRA | |
| Marco Antonio Almeida Ruiz | 84 |
| A LÍNGUA NA FRONTEIRA DIONÍSIO CERQUEIRA-BRASIL/ “BARRACÓN” - ARGENTINA EM 1929: UMA MISTURA DE “PORTUGUESA” E CASTELHANO | |
| Marilene Aparecida Lemos | 86 |
| A POLÊMICA EM TORNO DA DISLEXIA – UMA ANÁLISE DISCURSIVA | |
| Patrícia Aparecida de Aquino | 88 |
| IDEOLOGIA E DISCURSO NA CONTEMPORANEIDADE: UM ESTUDO SOBRE OS EMBATES KYNIKOS-CÍNICOS NA DISPUTA DOS SENTIDOS | |
| Patricia Leal Di Nizo..... | 90 |
| A ORALIDADE NAS NARRATIVAS INDÍGENAS EM PORTUGUÊS E EM NHEENGATU | |
| Patrícia Regina Vannetti Veiga | 92 |
| MARCAÇÃO DE POSSE NOMINAL EM PANO: UM ESTUDO COMPARATIVO | 94 |
| Paulo Henrique da Silva Pereira | 94 |
| A AVALIATIVIDADE NO DISCURSO DE CORRESPONDÊNCIAS OFICIAIS DO GOVERNO DO MORGADO DE MATEUS | |
| Renata Ferreira Munhoz..... | 96 |
| DESVIANDO DA PRÓPRIA FALA: IMPLICAÇÕES PARA A VERIFICAÇÃO DE LOCUTOR NO CANAL TELEFÔNICO | |
| Renata Regina Passeti | 98 |
| (D)ENUNCIAR: TEXTUALIZAR CONFLITOS | |
| Rogério Luid Modesto dos Santos..... | 100 |
| TENSÕES ENTRE AS LÍNGUAS DE TIMOR-LESTE EM PRÓLOGOS DO DICIONÁRIO PORTUGUÊS-TÉTUM E NO DO CATECISMO DA DOCTRINA CHRISTÁ EM TÉTUM | |
| Simone Michelle Silvestre..... | 102 |
| FERDINAND DE SAUSSURE E AS LENDAS GERMÂNICAS: RELAÇÕES COM O SISTEMA LINGUÍSTICO | |
| Stefania Montes Henriques | 104 |
| ANÁLISE DO CONCEITO DE JOGO NO PERCURSO TEÓRICO DE MICHEL PÊCHEUX | |
| Thales de Medeiros Ribeiro | 106 |
| O "NÓS-VADIA" NA REDE DE SENTIDOS | |
| Tyara Veriato Chaves..... | 108 |

| | |
|--|------------|
| O POÉTICO E SEUS (E-)FEITOS NO PROJETO TEÓRICO DE MICHEL PÊCHEUX Valeria Regina Ayres Motta..... | 110 |
| | |
| 3. LINGUÍSTICA APLICADA | 112 |
| OS HOLANDESES EM ARAPOTI: UMA HISTÓRIA DE RENEGOCIAÇÕES Ályda Henrietta Zomer | 113 |
| AS FIDELIDADES DO TRADUTOR DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS Adriano Clayton da Silva | 115 |
| MULHERES DO CAMPO: ANÁLISES DE REPRESENTAÇÕES DO FEMININO EM CANÇÕES SERTANEJAS Amanda Ágata Contieri..... | 117 |
| DISCURSOS SOBRE BILINGUISMO E EDUCAÇÃO BILÍNGUE NO BRASIL: A PERSPECTIVA DAS ESCOLAS André Coutinho Storto | 119 |
| A CONSTITUIÇÃO DOS DISCURSOS ESCRITOS EM PRÁTICAS DE LETRAMENTO ACADÊMICO-CIENTÍFICAS Angela Francine Fuza | 121 |
| A INTERFACE ENTRE A CIÊNCIA DA LINGUAGEM E A HERMENÊUTICA JURÍDICA CONTRIBUINDO PARA A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE RESPONSABILIDADE CIVIL POR DANO MORAL PELA PERDA DE UMA CHANCE NA JUSTIÇA DO TRABALHO Bárbara Bedin | 123 |
| CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DAS UNIDADES LEXICAIS DISCUTIR E DISCUTERE EM PORTUGUÊS BRASILEIRO E ITALIANO Bruna Maria Rocha Aflalo | 125 |
| “SENHORA” NO ENSINO FUNDAMENTAL II: BUSCANDO NOVOS CAMINHOS PARA O ENSINO DE LITERATURA Bruno Cuter Albanese | 127 |
| PEDAGOGIA DOS MULTILETRAMENTOS: DOS PRINCÍPIOS GERAIS ÀS COMPETÊNCIAS E HABILIDADES Camila Dalla Pozza Pereira | 129 |
| (RE)PENSANDO A APTIDÃO PARA LÍNGUA ESTRANGEIRA: A VISÃO DO ALUNO UNIVERSITÁRIO César Eduardo Duarte Elizi | 131 |
| UMA PREPARAÇÃO PARA O FUTURO: DE OLHO NA FORMAÇÃO DOS PROFESSORES DE ITALIANO Cristiane de Souza | 133 |
| A CONSTITUIÇÃO DO DISCURSO ECOLÓGICO E OS PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO DA MADRE TIERRA NO TEXTO DE LEI Cristiane Zanella Rodrigues | 135 |
| A FORMAÇÃO DOS PROFESSORES DE LÍNGUA INGLESA: AGÊNCIA E AGÊNCIA MAXIMIZADA Denise Akemi Hibarino..... | 137 |
| IDEOLOGIA LINGUÍSTICA E REPRESENTAÇÕES SOBRE O HIBRIDISMO LINGUÍSTICO-CULTURAL NO CONTEXTO DA FRONTEIRA BRASIL/PARAGUAI Eli Gomes Castanho..... | 139 |

| | |
|--|-----|
| OBJETOS DE APRENDIZAGEM: NOVAS PERSPECTIVAS DE LEITURA | |
| Esther Ribeiro Lino de Souza..... | 141 |
| A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO ENSINO DE PLE: A PROPOSTA DO LIVRO DIDÁTICO E SEU USO PELO PROFESSOR | |
| Fernanda Ricardo Campos | 143 |
| A COMPETÊNCIA SOCIOLINGUÍSTICA NO ENSINO DA LÍNGUA ITALIANA: OS EFEITOS DA INSTRUÇÃO EXPLÍCITA E IMPLÍCITA | |
| Grazielle Altino Frangiotti | 145 |
| OS REFLEXOS DA POLÍTICA LINGUÍSTICA EM UM AMBIENTE ESCOLAR MULTILÍNGUE DE TIMOR-LESTE | |
| Helena Karla Isoppo Schmid..... | 147 |
| CONTEXTUALIZADO E COLABORATIVO: UMA PROPOSTA DE ENSINO DE ESPANHOL POR MOBILE LEARNING | |
| Izabel de Moraes Sarmiento Rego | 149 |
| LÍNGUA INGLESA, CULTURA E TRANSDISCIPLINARIDADE NO ENSINO FUNDAMENTAL I: PERCURSOS E REPRESENTAÇÕES DOCENTES | |
| Joana de São Pedro | 151 |
| ANÁLISE DO DISCURSO DE PROFESSORES ACERCA DA DESISTÊNCIA DA PROFISSÃO | |
| Joelma do Nascimento Pereira Dutra..... | 153 |
| AS TIC'S E AS (NOVAS?) PRÁTICAS DE ENSINO | |
| Joice Mensato | 155 |
| O INFOTENIMENTO E A INTERNET COMO ESTRATÉGIAS PARA O JORNALISMO IMPRESSO | |
| José Alves Trigo | 157 |
| A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO EM LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA ESPANHOLA | |
| Joseane Silva Souza | 159 |
| OBJETOS EDUCACIONAIS DIGITAIS NO PNLD 2014: UMA ANÁLISE SOBRE O ENSINO DOS NOVOS LETRAMENTOS | |
| Juliana Vegas Chinaglia..... | 161 |
| SOU DO CANDYALL GUETHO SQUARE, SOU DO MUNDO E TENHO UMA HISTÓRIA PARA LHE CONTAR: A CONTAÇÃO DE NARRATIVAS COMO UMA AÇÃO SOCIAL DAS AULAS DE INGLÊS COMO LÍNGUA FRANCA (ILF) NO CANDEAL | |
| Kelly Barros Santos | 163 |
| O USO DO SOFTWARE SCRATCH NA ESCOLA PÚBLICA: AUTORIA E REMIXAGEM NA CONTEMPORANEIDADE | |
| Lidiany Teotonio Ricarte | 165 |
| A INTERCULTURALIDADE E OS PROGRAMAS DE MOBILIDADE ESTUDANTIL: UMA AMOSTRAGEM DO PROBLEMA COM PARTICIPANTES DO AFS INTERCULTURAL PROGRAMS | |
| Lilian Rudolf | 167 |
| OS MORADORES DE RUA E SUAS TRAMAS DISCURSIVAS NO YOUTUBE | |
| Lucas Rodrigues Lopes | 169 |

| | |
|---|-----|
| LETRAMENTOS E PROJETOS COLABORATIVOS NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA DO PROFIS | |
| Luciana Machado Vasconcelos | 171 |
| O BLOGGING COMO PRÁTICA DIALÓGICA: PROCESSO DE PRODUÇÃO DO GÊNERO REVIEW DE TECNOLOGIAS | |
| Marcela Lima..... | 173 |
| MATERIAIS AUTÊNTICOS NO ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS: UM NOVO OLHAR SOB A PERSPECTIVA DA PARTICIPAÇÃO | |
| Mariana Kuntz de Andrade e Silva | 175 |
| RELAÇÕES DE PODER E AGÊNCIA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO | |
| Marília Curado Valsechi | 177 |
| ENSINO DA LEITURA: UMA REFLEXÃO HISTORIOGRÁFICA NO AMBIENTE ESCOLAR | |
| Marília Maira Brisolla..... | 179 |
| TRADUÇÃO JURAMENTADA E DIVÓRCIO: A ELABORAÇÃO DE UM GLOSSÁRIO TRILÍNGUE À LUZ DA LINGÜÍSTICA DE CORPUS | |
| Maysa Vani Alves..... | 181 |
| O GÊNERO "SEMINÁRIO ORAL" EM UMA ESCOLA PÚBLICA ESTADUAL DE SÃO PAULO | |
| Patrícia Raquel de Freitas..... | 183 |
| PROCESSO DE ESCOLHA DO LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA NUMA PERSPECTIVA DISCURSIVA | |
| Paula Ricelle de Oliveira..... | 185 |
| ATIVISMO POLÍTICO E CULTURA DIGITAL: UM ESTUDO DE MASHUPS POLÍTICOS NO FACEBOOK | |
| Rafael Salmazi Sachs | 187 |
| DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA: REMIDIAÇÃO DO JORNALISMO IMPRESSO PARA AS MÍDIAS DIGITAIS | |
| Raudiner Railton dos Santos | 189 |
| PROGRAMA NACIONAL DO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA INGLESA E O DISCURSO SOBRE AS NOVAS TECNOLOGIAS | |
| Silvelena Dias | 191 |
| REPRESENTAÇÕES SOBRE O PROFESSOR DE PORTUGUÊS NOS DISCURSOS DE UM PROGRAMA DE FORMAÇÃO PÚBLICO-PRIVADO: UM ESTUDO CRÍTICO DIALÓGICO | |
| Shirlei Neves dos Santos..... | 193 |
| O LETRAMENTO DO PROFESSOR EM QUESTÃO: NEGOCIAÇÃO DE SABERES ENTRE FORMADORES E PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA NA FORMAÇÃO CONTINUADA | |
| Sílvia Letícia Matievicz Pereira..... | 195 |
| POLÍTICAS LINGÜÍSTICAS FAMILIARES E REPERTÓRIOS LINGÜÍSTICOS EM CONTEXTO DE TRANSMIGRAÇÃO: REFLEXÕES INICIAIS | |
| Tatiana Martins Gabas | 197 |
| OS OBJETOS DE DISCURSO COMO VOZES: RELAÇÕES DIALÓGICAS E LETRAMENTOS EM TEXTOS DE VESTIBULANDOS | |
| Vanda Maria Trombetta | 199 |

ENSINO DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA E FORMAÇÃO DOCENTE PARA ALÉM DOS LIMITES LINGUÍSTICOS: UM ESTUDO ETNOGRÁFICO NA BROWN UNIVERSITY

Vanessa Maria da Silva 201

AUTORIA INTERDITADA: DIFICULDADES DE ESCRITURA DO ESTUDANTE NA UNIVERSIDADE

Vitória Eugênia de Oliveira..... 203

PLANEJAR E AVALIAR NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DE LÍNGUA PORTUGUESA: GÊNEROS DISCURSIVOS EM LETRAMENTOS PROFISSIONAIS DE PROFESSORES DA REDE MUNICIPAL DE CAMPINAS – SP

Wladimir Stempniak Mesko 205

4. TEORIA E HISTÓRIA LITERÁRIA 207

J.-K. HUYSMANS: TRADUÇÃO COMENTADA DE ESCRITOS SOBRE ARTE (1867-1905)

Adriano Lacerda de Souza Rolin 208

QUADRINHOS AUTOBIOGRÁFICOS: UM ESTUDO DE ALISON BECHDEL

Aline de Alvarenga Zouvi 210

A DEMEURE DE JULIO CORTÁZAR: APROXIMAÇÕES PARA UMA LEITURA DE RAYELA

Amanda Luzia da Silva 212

I KNOW WHAT YOU MEAN [OU DO CRÍTICO COMO PERSONAGEM NO “THE SISTERS” DE JOYCE]

Amara Rodvalho Fernandes Moreira..... 214

AUTOBIOGRAFIA, CRÍTICA E FICÇÃO: O PERSONAGEM-ESCRITOR EM ROBERTO BOLAÑO E ENRIQUE VILA-MATAS

Ana Paula dos Santos de Sá 216

DESUMANIZANTES, DESUMANIZADOS: ALGOZES E VÍTIMAS EM ESTHER MUJAWAYO E ROBERT ANTELME

Antônio Deval Neto 218

DESAFIOS ESTÉTICO-FORMAIS NA PEÇA BLASTED, DE SARAH KANE

Camila Aparecida Viana Amaral..... 220

PODE O SUBALTERNO FALAR? A FRONTEIRA DO SILÊNCIO NA LITERATURA DE GLÓRIA ANZALDÚA

Carlos Vinicius da Silva Figueiredo 222

O PERFEITO MÁGICO DAS LETRAS FRANCESAS: APROXIMAÇÕES ENTRE O CONTO FANTÁSTICO E A POESIA DE THÉOPHILE GAUTIER

Cristovam Bruno Gomes Cavalcante..... 224

AFINIDADES ENTRE O TRÁGICO DE “ÉDIPO REI” E O TRAGICÔMICO D’ “A VISITA DA VELHA SENHORA”

Daniela Manami Mippo 226

JOÃO GILBERTO NOLL E AS PERVERSÕES DO REAL (REPRESENTAÇÃO, DESLOCAMENTOS E PERMANÊNCIA EM “O QUIETO ANIMAL DA ESQUINA” E “HARMADA”)

Efraim Oscar Silva 228

| | |
|---|-----|
| ANTONIO CANDIDO E ROBERTO SCHWARZ TRIBUTÁRIOS DO PENSAMENTO DIALÉTICO | |
| Emiliano César de Almeida..... | 230 |
| A FORMATAÇÃO DO CONSUMISMO E A POLÍTICA EM MARK RAVENHILL | |
| Fabiano Fleury de Souza Campos | 232 |
| EROTISMO E CRUELDADE EM COXAS – SEX FICTION & DELÍRIOS DE ROBERTO PIVA | |
| Fellipe Ramos Pereira | 234 |
| AMBIENTE E PERSONAGEM EM LUCÍOLA, DE JOSÉ DE ALENCAR | |
| Gabriel Queiroz Guimarães Hernandes | 236 |
| A COMICIDADE NOS ESPERPENTOS DRAMÁTICOS VALLE-INCLANIANOS | |
| Gustavo Rodrigues da Silva | 238 |
| RUSTICIDADE E CORTESANIA NA CENA DRAMÁTICA IBÉRICA QUINHENTISTA | |
| Jamyle Rocha Ferreira Souza | 240 |
| DA COMPOSIÇÃO À COMUNICAÇÃO DO VAZIO: ALGUNS ASPECTOS DA CIDADE EM “PÁGINA ÓRFÃ”, DE RÉGIS BONVICINO | |
| Jhenifer Thaís da Silva..... | 243 |
| MEMÓRIA E MULTIPLICIDADE NA POÉTICA DE MANOEL DE BARROS E ROBERVAL PEREYR | |
| José Rosa dos Santos Júnior..... | 244 |
| “UMA PILHA DE IMAGENS QUEBRADAS” - A TÓPICA AMBIVALENTE DE THE WASTE LAND | |
| Julia Cortes Rodrigues | 246 |
| O “MUNDO” LEITOR ATRAVÉS DAS CARTAS | |
| Juliana Zanco Leme da Silva..... | 248 |
| EL UNO Y LA OTRA: CONSIDERAÇÕES SOBRE A MULHER E A LITERATURA EM UM ENSAIO DE MONTSERRAT ROIG | |
| Katia Aparecida da Silva Oliveira | 250 |
| O DESTRONAMENTO NAS OBRAS ANFITRIÃO E UM DEUS DORMIU LÁ EM CASA | |
| Katia Maria Fernandes..... | 253 |
| A VIOLÊNCIA SEXUAL EM NARRATIVAS DE SÉRGIO SANT'ANNA | |
| Larissa Satico Ribeiro Higa..... | 254 |
| O CAIPIRA NAS PEÇAS DE CARLOS ALBERTO SOFFREDINI | |
| Lígia Rodrigues Balista..... | 256 |
| LAVOURAS DE UM (IN)CERTO ORIENTE: IMIGRAÇÃO E TRADIÇÃO EM MILTON HATOUM E RADUAN NASSAR | |
| Marcella Abboud | 258 |
| HUMOR, EXPERIMENTAÇÃO E EXPERIÊNCIA: O ENSAÍSMO NA OBRA DE GUIMARÃES ROSA | |
| Marcos Roberto Grassi..... | 260 |
| LITERATURA E FOTOGRAFIA DE JUAN RULFO: A ÓPTICA DA MORTE EM PEDRO PÁRAMO E OUTRAS NARRATIVAS | |
| Maria Catarina Rabelo Bozio | 262 |

| | |
|--|-----|
| LINGUAGEM E TRADIÇÃO: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DE OLIVERIO GIRONDO E NÉSTOR PERLONGHER | |
| Mariana de Oliveira Campos..... | 264 |
| SERTANÍLIAS: O PORTAL ENTRE DOIS MUNDOS DESDE TEMPOS IMEMORIAIS | |
| Marleide Santana Paes | 266 |
| REGIETHEATER: TEXTO OPERÍSTICO EM TRÊS DIMENSÕES | |
| Mateus Yuri Ribeiro da Silva Passos..... | 268 |
| HISTÓRIA E FICÇÃO – QUE PARTES DE ÁFRICA SÃO ESSAS? | |
| Nayara Meneguetti Pires | 270 |
| O NARRADOR DE HELENA, DE MACHADO DE ASSIS: ETHOS MODERNIZADOR EM MATÉRIA LITERÁRIA ACANHADA | |
| Raquel Cristina Ribeiro Pedroso | 272 |
| PROPOSTA INTERPRETATIVA DE LA VIE EN CLOSE, DE PAULO LEMINSKI | |
| Ricardo Gessner | 274 |
| OS LIMITES E DESLIMITES SEMÂNTICOS DA METÁFORA NO TEXTO NEOTESTAMENTÁRIO | |
| Rosilene Gomes Ribeiro | 276 |
| PROBLEMAS DA IDENTIFICAÇÃO EM "LOLITA" | |
| Tauan Fernandes Tinti | 278 |
| ANALOGIA E LITERATURA NAS “CRÔNICAS DA ORDEM DOS FRADES MENORES”, DE FREI MARCOS DE LISBOA | |
| Thiago Maerki | 280 |
| "THE HOMECOMING": UMA RELEITURA DA OBRA DE HAROLD PINTER | |
| Thierry Vieira dos Santos..... | 282 |
| MARCEL PROUST E JOÃO DO RIO: ESCRITORES-JORNALISTAS DA “BELLE ÉPOQUE” | |
| Vivian Yoshie Martins Morizono | 284 |

1. Divulgação Científica e Cultural

BLOGUEIRAS FEMINISTAS: CONSTRUINDO DISCURSOS E PRÁTICAS FEMINISTAS

Jaqueline Gonçalves Araujo

RESUMO: O presente trabalho tem por objeto de estudo dos discursos e das atuais práticas feministas realizadas no ciberespaço, ou os ciberfeminismos. Os ciberfeminismos surgem nas duas últimas décadas do século XX, como crítica à negação do feminino na tecnologia, e afirmando o ciberespaço como um lugar próprio de articulação feminina. Em um contexto em que as formas de comunicação, informação e tecnologias são fluidas e rizomáticas, devido a grande difusão e popularização da Internet. Na atualidade as mulheres ocupam diversos espaços ligados aos saberes tecnológicos, desenvolvendo programas, aplicativos, empregadas nas grandes empresas como a Google ou em startups, mas o principal ligação de mulheres com a tecnologia é como usuária da internet, como os weblogs individuais e coletivos, as redes sociais, como o intuito de viver os feminismos e as experiências possíveis na rede, reescrevendo seus corpos e histórias, como críticas ciberfeministas. Assim, é possível analisar essas ocupações dos feminismos e as relações construídas entre as mulheres nos ciberespaços ocupados e construídos por mulheres feministas. Para tal exploro a materialidade discursiva dos sites: weblog “Blogueiras Feministas” (<http://blogueirasfeministas.com/>), o perfil e página do blog na rede social Facebook e suas ramificações na internet. O site Blogueiras Feministas é um weblog oriundo de uma lista de e-mails de amigas, que discutiam durante o primeiro turno das eleições presidenciais de 2010, os temas levantados pela candidatura da atual presidenta do Brasil, Dilma Rousseff. O site foi criado para abrigar e divulgar a pluralidade de opiniões sobre os feminismos. O blog é aberto para mulheres e homens, que queiram escrever sobre feminismos e suas mais variadas práticas, para ter um texto publicado no portal não é preciso ser uma blogueira, qualquer pessoa pode enviar um texto a moderação que vai avaliar se o conteúdo não é sexista ou racista entre outras formas de discursos agressivas que fuljam ou desrespeitem as normas do grupo. Atualmente, o portal é moderado por dez mulheres que leem e repassam para o restante do grupo as publicações externas. E editado por dezenas mulheres feministas, de diversas cidades do país, algumas anarquistas e outras militantes em grupos como a Marcha Mundial de Mulheres, dos diferentes coletivos da Marcha das Vadias no Brasil, Cultura digital, Software livre, a ativista Lola Aronovich, do weblog Escreva Lola, escreva, entre outros movimentos sociais que atuam on ou off line. Mulheres que formam um coletivo feminista homônimo ao weblog. O grupo possui no blog centenas de posts inéditos sobre feminismos organizados por data, mas que também podem ser buscados por palavras chaves ou grandes temas como aborto, corpo, cultura, mídia, mulheres (trajetórias de mulheres que inspiram os feminismos), lei Maria da Penhas, política, saúde, sexismo, sexualidade, trabalho, violência, nos quais novos e antigos temas feministas são relidos, construídos e debatidos com os comentários dos internautas. Além de disponibilizar uma “biblioteca feminista”, uma lista de sites, que disponibilizam livros, revistas, artigos sobre os mais variados feminismos no Brasil e no mundo. E para entender como essas blogueiras ocupam e transformam os espaços exploro as pesquisas bibliográficas de Donna Haraway, teórica dos ciberfeminismos. Aqui lanço mão do conceito de ciborgue desenvolvido por Haraway em seu Manifesto ciborgue, onde o ciborgue é uma ironia e imagem possível de transgressão, construção e

reconstrução dos corpos, saberes e discursos. Onde a tecnologia pode ser explorada pelas feministas-ciborgues como uma possibilidade de mudança, um espaço de reinvenção. Entrelaçando-a com as concepções teóricas de Eni Orlandi, Gilles Deleuze e Michel de Foucault. Para analisar a materialidade discursiva desses espaços, usarei como método de trabalho Análise do Discurso (AD), disciplina que trabalha a opacidade do texto e vê nesta opacidade “a presença do político, do simbólico, do ideológico, o próprio fato do funcionamento da linguagem: a inscrição da língua na história para que ela signifique” (Orlandi, 2005, p.21). Ao explorar a materialidade discursiva dos textos, imagens-textos, produções feministas não pretendo analisar comportamentos ou ideias, mas as problematizações através das quais essas mulheres ocupam a internet, ou ainda, as práticas a partir das quais essas problematizações se formam. Nesse sentido, interessa explorar a materialidade discursiva, já que o discurso – lugar em que a língua produz sentidos por e para os sujeitos (Orlandi, 1999) – possui uma materialidade específica, e sua produção é “controlada, selecionada, organizada e redistribuída através dos procedimentos de exclusão” (Foucault, 1996) e interdição. Discurso que, enquanto prática, produz e institui “reais” e é “percebido como a principal matéria-prima do historiador” (Rago, 1998). A noção de dispositivo proposta por Foucault também será mobilizada nesse trabalho, por meio dela “instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas... o dito e o não-dito” (Foucault, 2002, p.244), entram em questão. Elementos diferentes que comportam mudanças de posição e de funções, estratégias que sustentam os saberes e são por eles sustentadas.

Palavras-chave: Discurso. Feminismos. Internet. Mulheres. Blog.

LINGUAGEM, COMPORTAMENTO ECONÔMICO E INOVAÇÃO

José Ricardo Bueno Manini

RESUMO: O objetivo do trabalho a ser exposto durante o SETA (Seminário de Teses em Andamento) 2014 é discutir as relações entre o discurso em ambientes empresariais e o processo de inovação realizado por diversas empresas. Para isso, faz-se uso do conceito de “modelo mental”, bastante explorado tanto por psicolinguistas quanto pela Nova Economia Institucional. O caráter multidisciplinar do trabalho é assim contemplado, uma vez que, para analisar processos de inovação, discute-se a influência dos discursos nos mesmos. Inicialmente, procura-se delinear o que são “modelos mentais” e como o conceito é trabalhado por alguns psicolinguistas e também por representantes da Nova Economia Institucional. Parte-se do pressuposto que, conforme afirma Phillip Johnson-Laird, modelos mentais constituem representações cognitivas que “têm um papel central e unificador para a representação de objetos, estados de coisas, sequências de eventos, o modo como o mundo é e ações psicológicas e sociais da vida cotidiana. Eles permitem que os indivíduos façam inferências e predições, entendam processos, decidam qual ação tomar, controlem a execução das ações e, acima de tudo, experimentem o mundo por aproximação”. Na sequência, explica-se que, para os teóricos da Nova Economia Institucional, processos inovativos dependem de um modelo mental compartilhado entre diferentes indivíduos sofrer um rompimento por um agente econômico (sujeito da ação). Caso o modelo mental compartilhado seja sempre seguido, não há inovação possível, visto que os agentes se mantêm atrelados a comportamentos já existentes. Tem-se como hipótese inicial que o discurso condiciona modelos mentais e que processos comunicativos ajudam a compartilhar esses modelos. A ruptura com esses modelos promove a inovação, mas essa também precisa ser comunicada, a fim de que seja produzida. No momento em que os agentes se convencem da importância da inovação, um novo modelo mental é compartilhado e substitui o antigo. Após uma primeira parte explanatória, utiliza-se o método descritivo a fim de entender como duas empresas emitem e recebem discursos ligados à inovação. A princípio, essas empresas serão Embraer e Braskem, com as quais serão realizadas entrevistas para entender como os discursos circulam em meio aos seus processos e métodos de inovação. Essas empresas foram selecionadas porque aparecem entre as empresas brasileiras mais inovadoras de acordo com o ranking da Comissão Europeia, publicado em 2013, além de também estarem listadas em outros rankings pertinentes de inovação e pertencerem a setores tradicionalmente inovadores, que são o aeronáutico e o químico. Será utilizado o arcabouço teórico dos estudos múltiplos de casos de Yin e também recursos de análise de conteúdo e análise do discurso. O material para a feitura dessa análise será especialmente as próprias entrevistas, além de informes e textos publicados nos sites e em jornais internos das empresas que falem sobre inovação e que sejam julgados pertinentes para o objetivo do trabalho. A escolha desse corpus teve como referência, além do próprio objetivo do trabalho e da importância já relatada das empresas, o entendimento de Yin de que “em geral, a conveniência, o acesso aos dados e a proximidade geográfica podem ser os principais critérios na hora de selecionar” (Yin, 2005).

Palavras-chave: Inovação. Economia. Discurso. Convenção. Comunicação.

CIÊNCIA DO CAFÉ: ESTUDO SOBRE ESTRATÉGIAS DE COMUNICAÇÃO ENTRE INSTITUIÇÕES DE PESQUISA E AGRICULTORES NO BRASIL E NA COLÔMBIA

Marcela Salazar Granada

RESUMO: A divulgação científica atualmente desempenha o papel de mediador, que visa sensibilizar à sociedade, além de capacitá-la e comprometê-la em assuntos científicos e tecnológicos, tornando ao cidadão num agente transformador, e facilitando a produção de relações e a “circulação do saber” (Payer, 2003) entre os atores envolvidos. No entanto, estudos de divulgação científica estão geralmente focados no espaço urbano, subestimando o espaço rural, igualmente importante. Este trabalho pretende observar como as instituições de pesquisa (através dos seus veículos de comunicação) transmitem as informações tecnológicas para mitigar as consequências das mudanças climáticas no campo, tendo a relevância do cultivo do café no PIB do Brasil e Colômbia em relação à produção mundial e levando em conta que a agricultura está cada vez mais imersa no desenvolvimento de ciência e tecnologia. O objetivo é analisar como é realizada a comunicação entre as instituições produtoras de conhecimento e os agricultores, que lidam diariamente com questões que envolvem o conhecimento científico e a prática tecnológica que implicam o cultivo do café. A hipótese que se coloca é que o agricultor é visto como mero receptor de informação que é voltada para melhorar a produção do café e enfrentar os efeitos das mudanças climáticas, nos moldes do modelo top-down da divulgação científica, sem levar em conta que os agricultores são atores fundamentais do processo e, portanto, devem ter acesso ao conhecimento de Ciência e Tecnologia (C&T) para terem uma participação mais engajada na construção desses conhecimentos. É preciso entender se há ou não diálogo entre as partes interessadas (institutos de pesquisa e agricultores). Para fazer isso, “uma possibilidade é a análise do modelo de comunicação que estas agências usam; a comunicação baseia-se no modelo que diz que a empresa faz a tecnologia e ela vai justificar os agricultores a adotarem a tecnologia, sem levar em consideração um feedback, uma perspectiva mais participativa, mais colaborativa. É preciso deixar claro que esse feedback é essencial inclusive para dizer que eles já têm essa tecnologia desenvolvida e olhar para essas duas perspectivas de modelo, uma mais de cima para baixo (top-down), e outra mais participativa e colaborativa” (Di Giulio; 2013). Além disso, é importante ver a percepção de risco para os trabalhadores que cultivam café, porque muitas vezes a falta de comunicação entre aquelas instituições de pesquisa e o trabalhador sobre o tratamento adequado das técnicas influencia a percepção dos trabalhadores no uso de tecnologias para aperfeiçoar os processos de produção. “A falta de informação para o agricultor se reflete na má gestão e uso indiscriminado de substâncias tóxicas pelo agricultor, que sem ter o conhecimento de produtos básicos utilizados como considerar melhor” (Bedor, 2009). E é por esta razão que para esta pesquisa é essencial mostrar a importância da divulgação científica para o agricultor, concebendo-o como um agente transformador, como uma pessoa capaz de optar melhor, escolher as melhores opções, que tem a capacidade para decidir e dizer que eu não quero isso, eu quero outra coisa. Como afirmam Moreira e Muniz (2002), no processo de geração e difusão de tecnologia torna-se grande protagonista a necessidade de uma relação efetiva entre pesquisa e extensão. Para a realização deste estudo se propõe uma

pesquisa qualitativa, que permite, entre outras coisas, abordar o contexto do problema, através de informações obtidas a partir de pesquisas anteriores e de um futuro através da realização de trabalho de campo, que proporciona maior compreensão do pesquisado. Além disso, é sugerida a realização de entrevistas semi-estruturadas com organizações de agricultores, que permitem que o entrevistado tenha mais liberdade para responder as perguntas. Assim, e tal como é sugerido por Lopez, Sandoval "embora o pesquisador, com base no problema, os objetivos e as variáveis, prepara as perguntas antes da entrevista, pode modificar o ordem, a maneira de processar as perguntas ou sua formulação para adaptá-las as diversas situações e características dos sujeitos do estudo".

Palavras-chave: Divulgação científica. Percepção pública da ciência. Mudanças climáticas. Café.

A FOTORREPORTAGEM: LIMITES E DESAFIOS DO JORNALISMO CONTEMPORÂNEO

Natasha Oliveira Mota

RESUMO: Hoje em dia nos relacionamos cada vez mais através de imagens. Essas imagens, sejam elas estáticas como a fotografia ou em movimento como o cinema e a televisão, fazem parte do cotidiano da maioria das pessoas ao redor do mundo. Porém isso não significa que as estamos interpretando e compreendendo em todo seu potencial. A ideia de que a imagem é cópia fiel da realidade e que serve como prova desta tem se modificado com a democratização e popularização dos meios de produção e difusão de imagens. As pessoas estando aptas a criar imagens passam a compreender o quão subjetivo e parcial pode ser esse processo. Contudo essa associação entre imagem e verdade ainda é uma visão predominante, principalmente no universo jornalístico. Em uma reportagem impressa é a fotografia que traz para o leitor a sensação de que o texto que a acompanha é mais do que a visão do jornalista, é fato, documento, verdade imparcial. Contraditoriamente, essas fotografias são sempre deixadas em segundo plano comprometendo as possibilidades de interação com o leitor, devido à interferência do texto. Tendo em vista essa contradição e a inserção cada vez maior das fotografias no nosso cotidiano, faz-se necessário descobrir novas potencialidades de leitura e compreensão dessas imagens. O diálogo entre a fotografia documental, relacionada com o “real”, e a fotografia artística, relacionada com a “criação” é uma dessas possíveis potências. De modo que não precisemos ficar presos a definições que limitem as leituras e o potencial de intervenção e criação das imagens na realidade. Dois fotógrafos que, de maneiras distintas, possuem em seus trabalhos essas duas faces da fotografia – a documental e a artística – são Henri Cartier-Bresson e Robert Frank. Bresson é ícone no universo do fotojornalismo. A noção de “instante decisivo” criada pelo fotógrafo se consolidou como uma fórmula a ser seguida pelos fotojornalistas. Contudo, a origem do termo e o que este representa para Bresson é, na maioria das vezes, desconhecido. O fotógrafo iniciou seus estudos como pintor, no ateliê de André Lhote, que o influencia fortemente na sua paixão pela composição. Seu mestre acreditava que para dominar a arte era preciso assimilar o ritmo, a perspectiva, o desenho e a cor. Lhote transmite à Bresson a obsessão pela geometria, pela linha e pelo ritmo internos do quadro. A ideia de “instante decisivo” reflete essa preocupação. O termo, título de um artigo publicado pelo fotógrafo, foi retirado de uma frase do cardeal de Retz, em que este dizia “Não há nada nesse mundo que não tenha seu momento decisivo e o expoente do bom procedimento é reconhecer e agarrar essa ocasião”. Esse “instante” ou “momento” seria aquele em que todos os elementos que estão em movimento diante da câmera ficariam em equilíbrio geométrico que traria à fotografia, ao mesmo tempo, forma e vida. Os escritos de Bresson nos mostram que para o fotógrafo o instante não se relaciona, necessariamente, com o momento ápice de um acontecimento, nem tampouco com a verdade do fato em questão. Eles deixam clara sua afinidade com a questão narrativa e sua defesa na utilização de uma multiplicidade de fotografias na criação de uma reportagem, em contraposição a apenas uma fotografia que pudesse condensar todas as informações necessárias para a compreensão da história a ser contada. Já o trabalho de Robert Frank está baseado no que Alfred Stieglitz chama de “momentos intermediários” (SONTAG, 1981). Esses momentos seriam uma espécie de intervalo entre os “instantes

decisivos” de Bresson. Momentos que, segundo a visão construída sobre esse conceito, não seriam dignos de se fotografar. Porém eles nos mostram que qualquer instante pode ter importância igual ou até maior que os instantes de “clímax”. Outra característica marcante do trabalho de Frank é a negação da legenda, permitindo ao espectador uma interpretação mais livre. Seu principal trabalho, “The Americans”, é considerado um retrato da sociedade norte-americana da década de 1950. Inicialmente atraído por ícones da cultura norte-americana, como cowboys, jukeboxes, bandeiras dos E.U.A., Frank posteriormente se volta para o sentimento que esses objetos e personagens transmitiam. As fotografias que compõe esse livro - e as que vieram em seguida a ele - vão de encontro ao que dita o manual da boa fotografia jornalística. Elas são, na maioria das vezes, desfocadas, com enquadramentos inusitados e as cenas retratadas nos fazem sentir que o fotógrafo perdeu o tempo da ação. Como Frank mesmo afirma, suas fotografias não são sobre o momento registrado. Para ele as fotografias são tão mais interessantes quando nos permitem imaginar o que aconteceu antes e o que virá depois. O encontro com o trabalho desses dois fotógrafos e, à primeira vista, com suas distintas maneiras de se utilizar da técnica fotográfica, é uma tentativa inicial de aproximar e de explorar as possibilidades da fotografia na interface entre seu caráter documental e artístico.

Palavras-chave: Fotografia. Fotorreportagem. Jornalismo. Henri Cartier-Bresson. Robert Frank.

O HOMOEROTISMO NA DRAMATURGIA NACIONAL - A ESCRITA OBSCENA DE NEWTON MORENO

Rodolfo Pereira de Lima

RESUMO: O presente trabalho tem o intuito de analisar um teatro no qual as relações homoeróticas dos personagens estão em evidência. Investigando a forma como essas personagens foram retratadas levando em consideração as possíveis releituras de suas particularidades expostas num texto de teatro. A ideia é analisar a dramaturgia do autor pernambucano Newton Moreno, recortando sua produção pelo viés de peças com personagens homossexuais. A contribuição que o mesmo oferta ao seu leitor/público e a reverberação de sua poética para além dos gêneros. “Agreste”, “Deus sabia de tudo e não fez nada”, “A Refeição”, “Dentro”, “A Cicatriz e a Flor” e “Ópera” são os textos selecionados para a análise. Pretendo incitar uma discussão sobre um possível teatro gay - que seus textos ressaltam sem temores e de forma bem singular - e a reverberação de tais exemplos ficcionais para um possível debate a cerca dos hábitos e subjetividades de pessoas que se relacionam sexualmente com outra do mesmo sexo. É um mapeamento inédito na obra do autor – e raro nos estudos cênicos. Visto como um dos grandes dramaturgos da atualidade. A escrita e seus textos se encontram produzidos na primeira década do século XXI, entre 2000 e 2009. Uma das primeiras tentativas de observações de um teatro homoerótico, mereceu observações consideráveis no livro de José Silvério Trevisan, *Devassos no Paraíso*, publicado em 1986, no capítulo denominado “A arte de ser ambígua”. O panorama levantado por Trevisan traça um paralelo das formas como a homossexualidade obteve visibilidade graças ao teatro, cinema e a TV e quais reflexões tais representações trouxeram para um melhor entendimento em relação aos personagens homoeróticos. Dezesete anos depois da publicação do livro de Trevisan, o autor Newton Moreno em seu trabalho de mestrado, defendeu as contribuições da cena gay para o teatro paulista, em sua tese intitulada “A Máscara Alegre: contribuições da cena gay para o teatro paulista”. O autor tornou mais complexo – e pertinente – a questão, ao não se ater a discussão da “personagem gay no teatro brasileiro” e ao levantar questionamentos importantes, que por ventura será resgatado por mim. No território ligado as questões de gêneros, Moreno – frequentemente – subverte o padrão normativo e pré estabelecido de homens e mulheres. Seus personagens burlam com a sexualidade, borrando as fronteiras que separa as divisões pré concebidas. Há - por exemplo - a mulher que trabalha travestida de homem, exercendo todas as funções de um ‘macho’ (Agreste); O garoto que desde pequeno se sente uma menina, brincando com os signos que o colocam em outra categoria que não há dos meninos (Ópera); Homens mais velhos que gostam de dominar e adentrar, de forma pouco convencional o corpo de garotos mais jovens (Dentro). Situações de uma dramaturgia politicamente incorreta que perpassa por questões incômodas ao ser humano como: escatologia, promiscuidade em cinemas pornôns, gay na terceira idade, preconceitos contra homossexuais soropositivos, sexo não convencional, homofobia, assassinato, transformismo, garotos de programa, Fist fucking, lesbianismo e sadomasoquismo. Para ficarmos em alguns exemplos de abordagem que a dramaturgia de Moreno trás. Porém qual a pertinência dessa exposição? Há um acréscimo positivo na imagem do personagem que nutre desejos e afetos por pessoas do mesmo sexo? Os estereótipos são reforçados? As caricaturas são eficientes? Os arquétipos quebram tabus e modificam um

pensamento? Como o autor Newton Moreno subverte essas questões? Eis aí o ponto nevrálgico da questão: Quais contribuições ele traz ao que podemos – numa categorização simplista – chamar de teatro gay? Existe uma arte homossexual? O escritor José Silvério Trevisan em sua coluna na revista G magazine de Março de 2008 alerta: Uma estética ou estilística homoerótica exclusiva não faz sentido na realidade, pois existem tantos homossexuais quanto modos de ser e expressar-se homossexualmente. Esse estudo não pretende rever a história do teatro brasileiro, mas ousa com o recorte na dramaturgia de Newton Moreno, iluminar a produção de um artista, questionando e analisando o legado que o mesmo deixa para a história da dramaturgia nacional e para os estudos de gêneros e como isso pode suscitar discussões e rever conceitos. Faço das palavras da travesti Claudia Wonder (1955 – 2010) as minhas, em seu artigo (“Uma visão do travestismo na cultura GLBT”) publicado em 2008 na revista G magazine, para de forma pioneira, dar continuidade aos estudos de Trevisan e Moreno – no que tange as artes cênicas: Existe uma cultura gay? O que poderíamos chamar de cultura GLBT? (...) Nossa cultura são, sim, os bares e boates, os lugares de pegação, as saunas, os dark rooms etc. Mas acredito piamente que, acima de qualquer coisa, é o travestismo que representa como um todo essa cultura. Porque ele encarna a diversidade sexual por si só. Você não concorda comigo?

Palavras-chave: Homossexualidade. Dramaturgia;. Newton Moreno. Homoerotismo. Teatro Gay.

ENTRE A VIDA E A MORTE, A ESCRITA JORNALÍSTICA – IMAGEM E TESTEMUNHO NOS QUADRINHOS DE JOE SACCO

Victor Oliveira Gulart

RESUMO: A proposta desta pesquisa é investigar as potencialidades da escrita jornalística, a partir das imagens criadas por Joe Sacco, em suas HQ's de não ficção, que buscam testemunhar situações de guerra e violência no mundo contemporâneo. A partir de uma pesquisa preliminar, selecionamos algumas obras de Sacco e de autores que têm investigado o conceito de testemunho e a questão das imagens, tais como Marcio Seligman-Silva; Jeanne-Marie Gagnebin; Eugénia Vilela; Susan Sontag e Jacques Rancière. A partir deles, o objetivo principal é problematizar as oposições entre real e ficção; verdadeiro e falso; objetividade-subjetividade; inteligível e sensível, que se colocam como desafios para a escrita quando se trata de criar visibilidade para eventos extremos, entre a vida e a morte. O que podemos, portanto, observar, nessa primeira aproximação com as obras de Joe Sacco, é o seu investimento na pesquisa de campo e na experiência vivida enquanto elementos que autorizam e legitimam os testemunhos criados através de imagens. A presença do próprio Sacco é indiscernível de sua narrativa, é a partir deste fator específico de seu trabalho que o conceito de testemunho ganha relevância e pode ser observado enquanto presente no experimentalismo jornalístico e quadrinístico de Joe Sacco. Interessa, então, problematizar alguns pressupostos que norteiam os procedimentos e a escrita jornalística de Sacco: como dar expressão a uma experiência vivida? Como contar o horror e a violência da guerra no mundo contemporâneo? O que é de fato Joe Sacco quadrinista e jornalista, quando distanciado da abordagem midiática? Essas questões também têm sido investigadas por autores que exploram o conceito de testemunho no mundo contemporâneo a partir da sua configuração política paradoxal: a impossibilidade de testemunhar eventos extremos e, ao mesmo tempo, a necessidade de dar a ver a extremidade desses eventos. Em vez de tomar os quadrinhos de Joe Sacco enquanto "objeto", buscando desvendar significações ocultas e nos deter numa análise que separa texto e desenho, o desafio do presente artigo será o de criar um movimento prospectivo (INGOLD, 2012; 2011) com as imagens de Sacco e os autores selecionados, buscando, assim, experimentar novos sentidos para o conceito de testemunho. A perspectiva teórico-metodológica será interdisciplinar na medida em que buscaremos promover aproximações entre a Comunicação, a Arte, a Filosofia e as Ciências Sociais para pensar a política paradoxal do testemunho: a impossibilidade – como contar a guerra e a violência? - e, ao mesmo tempo, a necessidade de testemunhar, esta discussão objetiva portanto estabelecer conexões iniciais para emancipar-se e buscar caminhar por um caminho não cristalizado ao se relacionar com os quadrinhos de Joe Sacco. Inicialmente o que fica claro é que testemunho e testemunho divergem ao tempo em que coincidem em diversos aspectos, uma semelhança que permeia os dois campos é a questão da impossibilidade, se o indizível está na base da língua, o sobrevivente é aquele que reencena a criação da língua. O simbólico e o real são recriados na sua relação de mútua fertilização e exclusão. (SELIGMANN-SILVA p.52) O sobrevivente reage à morte na medida em que reage ao indizível, Joe Sacco é um sobrevivente? De que modo? Ao usar da narrativa onde memória e esquecimento, ambos necessários para a existência do testemunho e sucessivamente da narração,

permeiam suas histórias, Joe Sacco é capaz então de trazer o dissenso? Emancipar esta pesquisa, é procurar observar imagens produzidas por Joe Sacco pertencentes ao mesmo regime de visibilidade que a própria realidade, imagens que rompem com as relações já dadas com o "real", imagens em relação com palavras e formas, enquadramentos e desencontros capazes de reconfigurar a experiência vivida, imagens que como Rancière traz, não se encerram na ação passiva do espetáculo. É este tipo de emancipação que a obra de Joe Sacco exige de nós, que sejamos espectadores ativos de imagens ação, ação portanto como resposta ao mal da imagem e a culpabilidade do espectador, imagens da realidade que são suspeitas, se fazem reais demais, intoleravelmente reais, inaptas a criticar a realidade por estarem no mesmo regime de visibilidade daquela realidade, imagens que deslocam portanto o intolerável na imagem para o intolerável da imagem. Sacco busca reagir ao intolerável, ao fluxo de imagens intoleráveis usadas militantemente, é um artista crítico que revela o segredo ocultado pela exibição das imagens, Rancière é crucial para esta pesquisa neste sentido, ao propor conceito de emancipação do espectador, sua perspectiva abre um campo de forças que se conecta diretamente com o trabalho de Joe Sacco e os estudos sobre testemunho, assim como as interconexões entre divulgação científica e cultural.

Palavras-chave: Joe Sacco. Imagens. Testemunho. Quadrinhos. Regime.

2. Linguística

RASURAS EM SEGMENTAÇÃO DE PALAVRAS: UM OLHAR SOBRE O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

Adelaide Maria Nunes Camilo

RESUMO: No presente trabalho, buscamos discutir as rasuras em segmentações não-convencionais de palavras como pistas, não apenas da percepção de aspectos prosódicos da língua portuguesa, mas do seu trânsito por práticas letradas/escritas e orais/faladas. Para tanto, usaremos como material base, textos produzidos por duas crianças em contexto escolar, provenientes de um banco longitudinal coletado em uma escola particular da cidade de Campinas, assim como textos de crianças do Ensino Fundamental II (sexto ao nono ano) de uma escola pública da cidade de São José do Rio Preto, obtidos em um trabalho anterior, de Iniciação Científica. A segmentação não-convencional de palavras é definida em função de haver inserção ou ausência de espaços em branco de modo que não atende à convenção ortográfica que delimita palavras. Assim, as segmentações divergentes podem ser classificadas como: (i) hipossegmentação: quando há ausência do espaço em branco entre duas palavras em locais previstos pela ortografia, como “derrepente”, “comcerteza” e “perseguido”; (ii) hipersegmentação: quando há presença do espaço em branco em locais não previstos pelas normas ortográficas, como “em bora”, “de mais” e “com migo” e (iii) mescla: quando há tanto a presença quanto a ausência de espaços em branco não esperados pelas normas, como “mão tanha”. Neste contexto, foram entendidas como rasuras as inserções de traços de rupturas, inserções de traços de ligação e inserções de riscos sobre a palavra completa com reescrita logo em seguida. Considerando, assim como Capristano (2004), as rasuras como construções mais propícias à observação das marcas do trânsito do escrevente entre práticas orais e escritas, possibilitando a identificação de características linguísticas. A descrição dos dados ocorreu de duas formas: (i) em função de quais constituintes prosódicos, propostos por Nespor e Vogel (1989), as grafias das rasuras parecem se aproximar; (ii) a partir de como os elementos rasurados podem dar pistas a respeito do trânsito do escrevente por práticas orais/faladas e letradas escritas, de acordo com a teoria da heterogeneidade da escrita de Corrêa (2004). A partir da análise de dados, foi possível verificar que as alunas nas séries iniciais, apresentavam dificuldades de segmentação com as estruturas clítico + palavra fonológica, tendo como pico de ocorrências, a segunda e terceira séries. De maneira geral, as rasuras aconteciam, especialmente, quando as palavras envolvidas na construção, diziam respeito a preposição “em”, quando parte de construções como “enfim”, “embora”, “embaixo”, “em cima”, ora juntando-a a palavra seguinte, ora, mantendo-a como unidade isolada. O trabalho epilinguístico da criança, ainda em fase de aquisição do código escrito, nos sugere que, ao unir o clítico à palavra (no caso de “em cima”), ela opera com sua percepção da cadeia sonora e, segundo ela, não haveria espaço para uma separação entre as palavras, porém, ao juntá-las, esse mesmo escrevente, explicita que já se encontra capturado pela escrita, pois, mesmo escutando a construção como um continuum fônico, ela reconhece que, no código escrito, ambas as palavras existem como formas independentes. Explicitando, portanto, sua dúvida não só quanto ao limite de palavras, mas ao funcionamento da língua, a medida que reconhece a existência de palavras que, tanto podem ser usadas como formas independentes, como partes de uma única palavra. Notamos também que, ao atingir séries mais avançadas do ensino fundamental, esse

tipo de ocorrência, praticamente, desaparece dos textos de ambos os sujeitos analisadas, fato que muito contrasta com os resultados obtidos por nós em estudos anteriores com outras crianças no ensino fundamental. Nesses estudos, verificamos que crianças do Ensino Fundamental II (sexto ao nono ano) de uma escola pública da cidade de São José do Rio Preto, apresentam um grande número de rasuras em segmentações não-convencionais. A partir da comparação entre os dados, concluímos que o tempo de escolarização da criança não é o fator mais relevante no que tange o domínio da segmentação, mas o possível contato com situações de escrita fora da escola. Considerando que nossos dois sujeitos são filhas de professoras universitárias e, conhecendo toda sua produção escrita, notamos que a presença de material escrito era constante em seu dia-a-dia. Tal contato proporcionou às crianças a observação de regras do funcionamento do código escrito, como o espaço em branco entre palavras e a direcionalidade da escrita, diferentemente dos demais alunos, que tinham a escola como fonte primária de material escrito.

Palavras-chave: Aquisição da Linguagem. Rasuras. Segmentação de palavras. Oralidade. Letramento.

O BIOGRÁFICO, O FICTÍCIO E O SAGRADO: PERSONAGENS E ALUSÕES NO POEMA “OLYMPIA”, DE GIOVANNI BOCCACCIO

Adir de Oliveira Fonseca Junior

RESUMO: Em nossa pesquisa de Mestrado (FAPESP, processo 2014/01868-7) propomos um estudo introdutório do poema “Olympia” de Giovanni Boccaccio, acompanhado de uma tradução do latim para o português, acrescida de notas explanatórias. Datada de aproximadamente 1361, e sendo a décima quarta égloga incluída na coletânea “Bucolicum carmen” (c. 1346-1367), “Olympia” apresenta-se fundamentalmente como uma égloga e, portanto, adota em sua composição certas convenções próprias do gênero pastoril consolidadas desde a Antiguidade. Não obstante, da leitura do poema é possível depreender que, apesar de se constituir como uma égloga, “Olympia” engloba também elementos de outros gêneros poéticos – quer aqueles mais característicos dos relatos de sonhos e visões, que perduraram durante o Medievo; quer, ainda, aqueles da elegia e da epopeia latinas, notáveis no legado antigo. De fato, no que concerne particularmente ao último gênero referido, observa-se uma estreita relação entre, de um lado, a descrição do paraíso celeste fornecida por Boccaccio no poema em apreço e, de outro, aquela dos Campos Elísios, presente no livro VI (v. 637 ss.) da “Eneida” de Virgílio (19 a.C.). Partindo dessa constatação, além de propor uma tradução inédita do poema para o português, em nosso projeto pretendemos explorar relações entre textos latinos de Virgílio e o poema boccacciano, enfocando possíveis associações entre o paraíso cristão de “Olympia” e a descrição virgiliana dos Campos Elísios: com isso, nosso principal interesse é apreciar o efeito de sentido que alusões podem trazer ao texto boccacciano. No atual estágio de nossa pesquisa, procuramos nos concentrar na tradução do poema de Boccaccio, bem como de trecho da “Epístola XXIII” (1372-74) em que o autor certaldense se refere a “Olympia”. Para tanto, pautamo-nos, sobretudo, nas edições do “Bucolicum carmen” de G. Lidonnici (1914) e das “Lettere edite e inedite di messer Giovanni Boccaccio” de F. Corazzini (1877) – também recorrendo, sempre que necessário, à edição bilíngue do poema “Olympia” fornecida por I. Gollancz (1936), em cotejo com a tradução poética das églogas boccaccianas proposta por D. Slavitt (2010). Vale lembrar, contudo, que os materiais sobre o poema “Olympia”, e mesmo sobre a coleção “Bucolicum carmen” como um todo, ainda são bastante escassos – algo já apontado por Lidonnici (1914, p. 7) no início do século passado, e mais recentemente pelo estudioso D. Lummus (2013, p. 155). Nesse contexto, a “Epístola XXIII” de Boccaccio, dedicada ao seu amigo e confessor Martino da Signa, revela-se um documento importante (embora, em muitos casos, não seja uma fonte indispensável) para a apreciação da produção bucólica do poeta certaldense, e mais especificamente de sua décima quarta égloga. Isto porque nessa carta, também escrita em latim – e uma das poucas que nos restaram do conjunto epistolar de Boccaccio –, o poeta comenta abertamente com seu destinatário acerca do processo de composição das églogas, lançando luzes para uma interpretação (auto)biográfica sobre o poema “Olympia”. Com efeito, esta égloga retrata um diálogo sobrenatural entre o personagem Sívio e o espírito de sua filha morta, então nomeada Olímpia. E, segundo nos indica Boccaccio na mencionada epístola, Sívio referir-se-ia a ele próprio, ao passo que Olímpia referir-se-ia a Violante, sua falecida filha. Além disso, Boccaccio oferece uma explicação etimológica para o nome de outro personagem

que aparece no início do poema, a saber, o criado de Sílvio, Camalo (nome que, em grego, remeteria o leitor a um escravo preguiçoso, torpe). Assim, poderíamos concluir, com base nas explanações que Boccaccio nos dá na carta a Martino da Signa, que o poeta teria incorporado, na composição da égloga “Olympia”, tanto referências do ‘mundo real’ – isto é, do plano biográfico do autor – quanto tipos mais estereotipados ou mesmo ‘fictícios’ – entendendo por fictício aquilo que não encontraria respaldo concreto na vida do poeta (segundo dados narrados por ele próprio), mas que seria antes resultado de um processo emulativo, criativo. Somam-se a essas referências de caráter alegadamente biográfico ou fictício outras não comentadas por Boccaccio na sua epístola, mas que aparecem no decorrer do poema como ‘fabulae’, ou seja, como “elocuç[ões] que fornece[m] exemplo ou demonstra[m] sob um fingimento” (Boccaccio, Gen. Deo., XIV 9), e que neste caso teriam o intuito de aludir a figuras sagradas do imaginário cristão (a Virgem, Jesus Cristo, Deus). Nossa comunicação, portanto, pretende apresentar nossa leitura inicial deste que é um poema pouco conhecido de Boccaccio, a partir da seleção de trechos das nossas traduções e de apontamentos, ainda que breves, a respeito dos personagens que ou atuam ou são citados na égloga “Olympia”.

Palavras-chave: Estudos Clássicos. Giovanni Boccaccio. Buccolicum carmen. "Olympia".

MODULAÇÕES DA ÉPICA HOMÉRICA NAS ODES DE HORÁCIO

Alexandre Prudente Piccolo

RESUMO: Partindo das Odes de Horácio, corpus principal de minha tese, propus investigar as composições em que se destacava a presença de elementos épicos, sobretudo homéricos, e como se articulavam nesse recorte da lírica latina. Para introduzir a investigação, foram úteis tanto a revisão da ideia de ‘alusão’, parte importante das teorias intertextuais modernas (enraizadas nos preceitos antigos de emulatio/zdêlos, porém sem a pecha da rivalidade), quanto a definição do conceito de ‘modulação poética’ em que se organizam noções de medida, apropriação, adequação e, também, inspiração e ritmo musicais. Igualmente importante foi a breve revisão dos conceitos associados aos gêneros épico e lírico (e suas interrelações) expostos pelo próprio poeta em sua “Arte Poética.” Antes de prosseguir a análises práticas do conceito de modulação, esboçou-se uma visão geral sobre as muitas menções de trechos de Homero nas outras composições de Horácio (Sátiras, Epodos e Epístolas), a fim de destacar a recorrência e a importância do aedo grego na leitura de tais obras latinas. A partir do arcabouço teórico, alguns fragmentos líricos gregos (de Safo, Alceu, Anacreonte e Íbico) vieram abrir a vereda das recusationes de Homero, em direções e sentidos múltiplos. O viés principal foi ressaltar que a lírica se vale das próprias negações da poesia épica para constituir uma res/matéria própria. Em seguida, excertos das odes de Horácio (em especial, de 4.15, 4.2, 2.16, 2.12, 2.1) permitiram compor um panorama de momentos breves e distintos que também operam recusas de “estilos elevados” (como a épica, mas não só). As recusationes horacianas quase sempre se contrastam com a afirmação de um labor poético de feições tênues e delicadas (cujo pendor estético costuma-se generalizar como helenístico). Esse contraste, entretanto, permitiu aprofundar as análises em três exemplares mais extensos (odes 4.6, 3.3 e 1.6), em que se destacam tanto a notável presença de uma elocução grandiloquente (como um simulacro em miniatura de uma epopeia) quanto a modulação de um discurso pretensamente elevado (sob a máscara da recusatio) por parte da lírica. Observadas as artimanhas desse “jogo de refutação”, que permite à lírica configurar uma tópica às suas espécies, a tese concentra-se em três vertentes principais das modulações que a lírica de Horácio promove da épica de Homero: (1) As diferentes tensões entre temáticas épicas e amorosas percorrem cinco poemas, com efeitos distintos em suas modulações: as minuciosas retomadas da Ilíada possibilitam um regressus in infinitum nas releituras da ode 1.15, de feito metapoético; em 1.17, o poeta simula um triângulo amoroso a partir de um tema para canção tomado dos quadros da Odisseia; em 2.4, heróis como Aquiles, Ajax, e Agamêmnon, domados por suas paixões, vêm ilustrar amores acima das barreiras sociais; o uso emblemático de parte da história de Belerofonte coloca em xeque as estratégias assertivas de leitura na ode 3.7; por último, a ferocidade dos símiles épicos se traveste nas perseguições homoeróticas de 3.20; (2) O retorno ao mundo dos mortos vem modulado em cordas menos sombrias que as cenas infernais das epopeias homéricas (e virgiliana): na ode 2.13, Safo e Alceu simbolizam a eternidade da poesia lírica e de seu poder encantador; na ode 2.14, Horácio leva não só seu interlocutor-destinatário (Póstumo) para um “passeio” pelas águas infernais do Cocito, mas também seu leitor à morada de Plutão, onde estão Gerião, as Danaides, Sísifo e outros seres mitológicos, viagem que impele à reflexão sobre a brevidade da vida e incita a gozar já

os frutos do *carpe diem*; (3) as engenhosas *laudationes* de nobres romanos parece, à primeira vista, uma patrocinada tarefa poética, aos moldes dos poemas de Píndaro; entretanto as inspirações que despertam os modelos épicos (de Ênio, em 4.8, e de Homero, em 4.9), podem acabar disfarçando (mas não frustrando) os louvores de feitos e glórias alheias; por fim, encontram-se sutilmente modulados nessas duas odes de Horácio os elogios ao poder imortalizador da própria poesia, bem como a apoteose do poeta lírico. Convém ressaltar que o recorte proposto e as escolhas das odes são tanto arbitrários quanto parciais – o que significa dizer que outras odes poderiam conduzir a conclusões semelhantes, ainda que ilustrando de maneira diversa as análises, bem como que o assunto não foi esgotado por completo na pesquisa. Dentre as conclusões da tese, contudo, pode-se elencar a possível expansão do conceito de ‘modulação poética’ a outras análises e gêneros outros: por exemplo, ao se notar a elegia modulando a comédia para provocar o riso, ou a comédia modulando trechos trágicos para provocar páthos e kátharsis no espectador, ou mesmo a épica modulando a lírica em dado momento (amiúde breve) de sua longa narrativa.

Palavras-chave: Horácio. Odes. Homero. Épica. Poesia latina.

“MEU ZEN, MEU BEM, MEU MAL...”: MERETRIZES E MATRONAS NAS CENAS INICIAIS DA COMÉDIA HECYRA DE TERÊNCIO

Aline da Silva Lázaro

RESUMO: O presente trabalho propõe o estudo da caracterização do feminino nas cenas iniciais transmitidas como o primeiro ato (Hec. 58-196) de Hecyra (A sogra), uma intrigante comédia de Terêncio (185-159 a.C.) que, embora pouco conhecida no Brasil, tem chamado atenção dos pesquisadores por apresentar aspectos que a tornam bastante peculiar. Dentre as idiossincrasias de Hecyra, estão a impressão de séria misoginia, muito comum numa primeira leitura de versões da peça em línguas modernas, bem como a presença de uma personagem feminina atípica na fabula palliata, uma sogra (hecyra em grego). Trata-se, mais propriamente, de uma matrona de nome Sóstrata, cujo papel de sogra de uma das personagens femininas da peça é evidenciado. Ainda nas primeiras cenas, é suscitada a temática dos conflitos, ora entre os sexos, ora decorrente de um suposto impasse entre sogra e nora (Hec. 176-180). Nesta etapa do Mestrado (CNPQ, processo 131395/2014-9), atentamos para o modo como a peça introduz conflitos centrais ao enredo: a competição entre mulheres e o conflito entre os sexos (que inclui, como topo da comédia nova greco-romana, violência sexual e misoginia). Para tanto, partindo da tradução de alguns trechos considerados relevantes, observaremos como o texto terenciano é construído. Nossa hipótese é de que uma maior atenção ao verso latino, levando em conta a linguagem poética de Terêncio, possa ajudar a revelar aspectos humorísticos pouco apreciados em Hecyra, uma comédia cuja aparente seriedade já foi objeto de reprovação. Como primeiros resultados, um contato maior com o texto – uma exigência do processo tradutório – vem ressaltando recursos poéticos normalmente não notáveis nas versões consultadas. Dessa forma, aliteração, paródia de outros gêneros poéticos, jogos de palavra, entre outros, dão caráter mais vivo e engraçado a uma obra aparentemente sisuda. Além disso, outro distanciamento provém da presença de metateatro. Por meio de confronto com outras peças do autor e com auxílio de comentadores antigos como Donato (séc. IV d. C.) e de edições comentadas modernas, em suma, nessa análise das primeiras cenas – nas quais se destaca a temática do conflito entre a meretriz (meretrix) Báquide (Bacchis) e Pânfilo (Pamphilus), o jovem enamorado (adulescens) –, a misoginia alegada por Sira (Syrá), uma cortesã mais velha, será revista e relativizada ao notarmos as brincadeiras (linguísticas e metapoéticas) no diálogo que ela trava com Filótis (Philotis), uma meretriz mais nova e inocente. Independentemente da visão mais idealista desta, para Sira todos os homens são meros exploradores de mulheres – e sua versão do modo como se dera a ruptura do casal serviria para corroborar essa tese: o rapaz, que se dizia apaixonado, simplesmente abandonara a meretriz para se casar com uma moça de família. No entanto, em seguida, novos elementos do enredo e da composição das personagens nele atuantes vão surgir na fala do escravo Parmenão (Parmeno). Esta nuance se destaca quando se percebe que, já nessas cenas, Terêncio joga continuamente com convenções (ou seja, com as expectativas da plateia) em sua caracterização de personagens e situações pertinentes ao repertório do gênero em que se inscreve, a fabula palliata (versão romana da néa, a comédia nova grega). Isso se dará tanto pela ênfase que dá ao sincero amor do adulescens e às injustiças de uma meretriz supostamente aproveitadora, quanto pela introdução de uma tensão entre duas matronae: a nora e a

sogra. O que nos dizem essas cenas sobre o modo como Terêncio, no segundo século antes de nossa era, representa o feminino? Até que ponto o desenrolar da peça vai exemplificar o julgamento que suas cenas iniciais propõem e desconstruem sobre o bom ou mau caráter das mulheres e seus tipos? Em nossa comunicação pretendemos contribuir para refletir sobre essas questões. Esperamos ter demonstrado que, para compreendê-lo, é preciso, no decorrer da leitura do restante da peça, ir além da superfície do texto, observando os jogos de língua e de poesia terencianos.

Palavras-chave: Estudos clássicos. Terêncio. Hecyra. Comédia romana. Feminino.

OS SENTIDOS ‘EVOLUÇÃO’ E EVOLUCIONISTAS NA SEXTA EDIÇÃO DE A ORIGEM DAS ESPÉCIES DE DARWIN

André Campos Mesquita

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo analisar os sentidos dos termos ‘evolução’ e ‘evolucionistas’ na obra *A Origem das Espécies por Meio da Seleção Natural* do naturalista britânico Charles Darwin. Os trechos analisados são alguns dos muitos trechos novos presentes apenas na sexta e última edição dessa obra; sendo esses praticamente os únicos trechos em que a palavra ‘evolução’ aparece nesta obra. Termos como ‘evolução’ e ‘evolucionistas’ são de fundamental importância para se entender alguns sentidos que ‘Teoria da evolução’ teriam para Darwin. A análise proposta aqui será fundamentada na Semântica do Acontecimento, tal como formulada em livro homônimo de Eduardo Guimarães (2002). Para compreender os sentidos dos termos dentro da obra, pretende-se analisar o seu funcionamento semântico-enunciativo na relação que o termo em questão estabelece com outros dentro da obra. ‘Evolução’ é possivelmente a denominação que mais se cristalizou para se referir à teoria darwinista da origem das espécies por meio da seleção natural. Não deixa de ser surpreendente que o naturalista Charles Darwin tenha demorado tanto para incorporar essa palavra – na acepção que ele tem em “teoria da evolução” – à sua obra. Desde 1839, quando publicou os seus diários de viagem conhecidos como *Voyage of the Beagle* (*A viagem do Beagle*), até o ano de 1871 no primeiro volume de *The descent of man* (*A descendência do homem*) ele se absteve de usar o termo associado à sua teoria. Não que evitasse a palavra em si. Ele evidentemente a utiliza em outros contextos – como quando, por exemplo, descreve as “evoluções” feitas pelo voo de algumas aves em seus diários de viagem (DARWIN, 1839, p. 69). Darwin não desconhecia o termo evolução ligado à ideia que as espécies podem gerar descendentes diferentes do tipo original. Ele já havia inclusive lido os trabalhos de Herbert Spencer em que esta palavra aparece (DARWIN, 2000, p. 93). É curioso notar que em sua autobiografia (publicada postumamente em 1887, porém escrita em 1876) o termo aparece ao todo quatro vezes. Apesar de esta biografia ter sido escrita após as primeiras aparições do termo em *The descent of man* em 1871, a palavra aparece em relatos de momentos da vida de Darwin que teriam ocorrido antes de 1871. Uma das passagens mais curiosas de sua autobiografia é um relato de seus anos de estudo na Universidade de Edimburgo em 1826. Nesse trecho ele menciona o termo evolução em uma conversa com um de seus professores: “Um dia, quando caminhávamos juntos, ele fez um discurso elogioso das ideias de Lamarck sobre a evolução. Ouvi-o com surpresa e em silêncio e, tanto quanto posso julgar, sem que aquilo surtisse efeito em minha mente”. O termo que aparentemente parece ter sido dito pelo professor surge ligado à obra de Lamarck – que por sua vez também nunca usou essa palavra. O que nos leva a duas hipóteses: a) ou Darwin reinterpretou aquele momento e atribuiu ao professor o uso de uma palavra que não estava em sua fala; ou b) a palavra evolução era utilizada apenas oralmente para se referir ao transformismo de Lamarck. É, de todo modo, somente pela leitura da autobiografia difícil saber com certeza se a influência do período em que escreveu sua autobiografia fez com que a palavra surgisse no relato de uma ocasião em que muito provavelmente não foi usada, ou se o termo era corrente nas conversas em universidades. Contudo é perceptível que Darwin não via a ideia de evolução como algo

restrito à sua teoria, questão que abordarei adiante. O termo “evolução” iria aparecer antes da publicação da primeira edição de A origem das espécies em uma obra de Herbert Spencer (1855) chamada The Principles of Psychology.

Palavras-chave: Semântica. Evolução. Enunciação. Darwin. Evolucionismo.

NOTAS SOBRE A LETRA: ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE TIPOGRAFIA, LINGUÍSTICA E PSICANÁLISE

Bruno Molina Turra

RESUMO: Há um discurso que constitui o campo de saber da tipografia que diz respeito ao suposto caráter invisível do tipo, de modo que este deve funcionar como continente de um sentido original. Esse discurso ganhou maior expressividade a partir da metáfora da designer Beatrice Warde, em 1932, ao estabelecer que o tipo é (ou deve ser) um “cálice de cristal” que deve acomodar a obra literária sem se fazer notar por quem a degusta. A partir desse discurso fundador da tipografia, colocamos a seguinte questão: Há lugar, no interior dos estudos da linguagem, para o estudo da tipografia como produtora de sentido? Em outras palavras, em que medida podemos considerar o tipo em sua dimensão significante? Partindo destas duas inquietações iniciais, definimos como objetivo geral de nosso projeto de doutorado a inserção da tipografia no interior dos estudos da linguagem. No projeto, intitulado “Do cálice invisível ao corpo da letra – uma articulação possível entre tipografia e os estudos da linguagem”, orientado pelo Prof. Dr. Lauro José Siqueira Baldini, sustentamos este objetivo com a hipótese de que uma compreensão fonocêntrica de língua suplantou a dimensão gráfica em função da valorização da fala e, portanto, da fonologia. Tomando a inserção da tipografia nos estudos da linguagem como objetivo mais amplo, estabelecemos como objetivo específico de nosso projeto re/unir – re/formular – re/definir elementos que justifiquem uma análise do tipo em sua dimensão significante. Assim, do corpo invisível, fundamentado numa metafísica da presença, percorreremos a obra freudiana na busca dos desdobramentos e reelaborações sofridos pelos conceitos de *Vorstellungs-Repräsentanz* (representante-representativo) e *Darstellung* (figuração ou apresentação figurativa), presentes desde seus primeiros escritos e apontados por Derrida como os embriões da formulação de sua gramatologia, até desembocarmos nos conceitos lacanianos de letra, corpo e gozo, a fim de criarmos um referencial teórico para questionar a invisibilidade desse corpo do corpo da letra. Em RESUMO, nosso objetivo específico é investigar a relação ler \times ver na produção de sentido a partir dos conceitos psicanalíticos acima mencionados. O referencial teórico que dará sustentação ao projeto será construído em um ponto fronteiro entre linguística, psicanálise, filosofia e tipografia. Fundamentalmente, as discussões serão construídas a partir da gramatologia derridiana articulada à psicanálise freudo-laciana, sobretudo no que diz respeito à construção subjetiva da/na linguagem e à releitura que vem sendo realizada dos textos saussurianos que redefinem o papel do conceito de valor. Neste momento da pesquisa, após um semestre de desenvolvimento, buscamos construir uma entrada para o tema no campo da Linguística a partir das críticas feitas por S. Aurox (“A filosofia da linguagem”, 1998) à proposta gramatológica de Derrida (“Gramatologia”, “A escritura e a diferença” e “A farmácia de Platão”), a qual considera uma pseudociência, construída de pseudoconceitos. Nesse sentido, resgatamos, a partir de Aurox, os autores que, segundo ele, contribuíram significativamente para o estudo da letra/da escrita. Nossas leituras, portanto, compreenderam autores da Antropologia, da História da escrita e áreas afins, como I. J. Gelb (*A study of writing*, 1952), J. Goody (*The domestication of the savage mind*, 1977; *The power of written tradition*, 2000), J. Vachek (*Written language – general problems and problems of English*, 1973), McIntosh e Halliday

(Graphology and meaning, 1961) e R. Harris (Signs of writing, 1995). Destes, destacamos Gelb que propõe, em 1952, uma gramatologia fundada na pesquisa de fontes históricas, traçando um percurso ontológico da letra; e Goody, que ao analisar diferentes formas textuais (lista, fórmula, receita, tabela) propõe o que chama de razão gráfica, aquilo que é intrínseco à escrita e impossível à fala e que diz respeito à bidimensionalidade e à capacidade de retomada. Para esse autor, é esse traço da escrita que possibilitou ao ser humano uma nova forma de organização cognitiva capaz de dotar o ser humano de habilidades intelectuais mais refinadas. Em nosso trabalho, entretanto, nos aproximamos das reflexões de Derrida em detrimento daquelas defendidas por S. Auroux no que diz respeito a uma teoria da letra produzida a partir de uma perspectiva ontológica/cognitiva.

Palavras-chave: Psicanálise. Análise do discurso. Letra. Escritura. Vorstellungs-Repräsentanz.

CAMINHOS E LIMITES DA INOVAÇÃO LEXICAL NA FALA DE UMA CRIANÇA

Camila Rossetti Vieira

RESUMO: A criatividade lexical é um fenômeno muito encontrado na fala de crianças em processo de aquisição da linguagem. Elas criam palavras compostas como ‘doutor de bichos’ para ‘veterinário’; criam palavras novas para nomes de agente como ‘consertador’ para ‘mecânico de automóveis’; formam adjetivos como ‘chapeuzudo’ para ‘usuário de chapéu grande’; criam verbos como ‘deborrachar’ para ‘apagar’ e dão novos sentidos a palavras já conhecidas como ‘setembro’ para se referir a um número. As inovações lexicais que se apresentam na fala da criança recobrem, portanto, os mais diferentes processos de formação de palavras em português e levam ao aparecimento de unidades e expressões que não são encontradas no léxico do adulto. Para uma perspectiva teórica interacionista, tal fenômeno determina de um modo fundamental a descrição desse processo, uma vez que as inovações lexicais são evidências de um momento em que a criança, estando em processo de captura pelas malhas do funcionamento da língua e se afastando da fala do outro, apresenta em sua fala produtos que remetem a relações de regularidade entre formas e estruturas linguísticas, o que pressupõe a análise e a categorização de itens antes não analisados. Além disso, de acordo com essa perspectiva teórica, pode-se dizer que a criança está numa posição em que a língua e seu modo de funcionamento são o pólo dominante, ou seja, a denominada segunda posição. A fim de analisar dados desse tipo na fala do adulto, vários linguistas, a partir de arcabouços teóricos diferentes, abordaram os processos de formação de palavras em português buscando formular suas regras. Tais pesquisas tiveram em vista que é da natureza das regras terem limitações, ou seja, há casos em que elas se aplicam e outros em que não se aplicam. Quando o que ocorre é a não aplicação, pode-se conferir a essa regra determinadas restrições. Dessa forma as regras de formação de palavras não são produtivas em termos absolutos, existem determinadas restrições que fazem delas produtivas ou não. Ao observar regras e suas limitações em dados da fala da criança como os já apresentados, levantamos três questões centrais: (1) Qual as regras mobilizadas na formação dessas palavras? (2) Quais restrições elas impõem? (3) As inovações lexicais da criança estão de acordo com as restrições impostas por essas regras? - Tendo essas questões em vista, estabelecemos como objetivo principal da pesquisa a análise das inovações lexicais na fala da criança, buscando discutir seus caminhos e limites. Como já mencionado, a pesquisa se desenvolveu a partir de um quadro teórico interacionista que, ao apoiar-se na psicanálise e no estruturalismo linguístico (Saussure e Jakobson), trata da aquisição de linguagem como um fenômeno marcado por mudanças na trajetória em que o infans se transforma em sujeito falante. Para tanto, coloca seu foco sobre uma estrutura onde a criança, entendida como sujeito falante, o outro, entendido como instância de funcionamento da língua, e a própria língua estão em relação. Nesse contexto, o diálogo é visto como fato primordial de análise. É relevante adicionar, que a pesquisa se beneficiou, principalmente, dos dados do sujeito RA. Trata-se da transcrição de gravações que vão dos 2 aos 4 anos, à disposição no CEDAE (Centro de Documentação Alexandre Eulálio - IEL/UNICAMP). Tal material advém acompanhamento longitudinal observacional da criança em interação com o adulto e faz parte do Projeto de Aquisição da Linguagem Oral. O

método utilizado para a coleta desses dados, constou de gravações de, em média, 30 minutos a cada quinze dias durante, aproximadamente, 5 anos. A criança foi gravada em seu contexto natural (em sua casa) e sempre estava acompanhada por algum adulto como, por exemplo, a mãe. Pudemos concluir, até o presente momento, que esses dados revelam uma criança que está sempre em um jogo de possível e impossível linguístico, mostrando no seu processo de captura pela língua, um momento em que “a língua faz nó com a língua” (FILIPETO, 2008, p.15-16). Nesse momento que as inovações lexicais da fala da criança ressoam um fenômeno da língua, mas empurram seus limites e desviam seus caminhos, transvariando (FIGUEIRA, 2010).

Palavras-chave: Aquisição de Linguagem. Inovação Lexical. Regras. Restrições.

PAI É QUEM CRIA: UMA ANÁLISE SEMIOLINGUÍSTICA DO SENSACIONAL SENSACIONALISTA

Camilla Ramalho Duarte

RESUMO: O presente trabalho tem por objetivo a análise de uma notícia do jornal virtual Sensacionalista, intitulada “Mulher engravidou vendo filme pornô 3D”, baseando-se, para que tal análise ocorra, na Teoria Semi linguística de Análise do Discurso, criada por Patrick Charaudeau. Para o teórico em questão, o texto inscreve-se em dois circuitos: um que lhe é externo e outro que lhe é, por outro lado, interno. Por circuito externo, entende-se o fato de que todo texto pertence ao mundo extralinguístico, onde os sujeitos sociais vivem e onde, conseqüentemente, localiza-se a situação de comunicação em que esses textos figuram, levando-se em conta, ainda, a incursão sócio-histórica de tais textos. Por outro lado, o circuito interno faz menção ao aspecto puramente linguístico daqueles, limitando-se, deste modo, à superfície dos textos, sem inscrevê-los, contudo, em uma situação de comunicação e em um lugar sócio-histórico, o que cabe, como dito, ao circuito externo do texto. Charaudeau também postula a existência de quatro sujeitos existentes no que concerne à atividade linguageira: dois deles responsáveis pelo circuito externo ao texto, a saber, o eu comunicante e o tu interpretante, que são seres sociais, de carne e osso, que ocupam um lugar no mundo real. Os outros dois, por outro lado, são as personificações desses sujeitos sociais dentro do texto, ou seja, são seres que só existem dentro do discurso: o eu enunciador e o tu destinatário. Torna-se necessário ainda lembrar que o eu enunciador idealiza um tu destinatário que pode ou não ser simétrico com o tu interpretante, ao passo que esse mesmo tu interpretante idealiza um eu enunciador que pode ou não ser igual ao eu comunicante. A recepção da notícia acima parece, então, estar inscrita dentro dessa assimetria que pode vir a existir entre o tu interpretante e o tu destinatário, uma vez que o Jornal Sensacionalista se autointitula isento de verdade, embora se utilize de estratégias para, na realidade, parecer isento de mentira. Explica-se: o perfil de leitor, idealizado pelo eu comunicante do jornal em questão, precisa coincidir com o tu interpretante para que o discurso sensacionalista seja entendido como fictício, criando, assim, o efeito de humor pretendido pelo eu enunciador e até mesmo pelo eu comunicante de tal jornal. Entretanto, a notícia mencionada acima foi reproduzida em diversos veículos de comunicação como sendo real, já que informa um fato do cotidiano ao leitor. Desta forma, é possível perceber que nem sempre eu enunciador e tu destinatário compartilham conhecimentos de mundo suficientes para que estes sujeitos discursivos se tornem cúmplices na produção do efeito de sentido visado, o que provoca, no exemplo aqui analisado, uma oposição entre o referido efeito de sentido visado e o efeito de sentido produzido, visto que o efeito de sentido visado pelo Jornal Sensacionalista é, justamente, a produção do riso, mas o que, de fato, ocorre é o entendimento das notícias desse jornal como sendo as notícias veiculadas por quaisquer outros jornais, já que o Jornal Sensacionalista imita o jargão jornalístico, comum em nosso dia a dia, e se utiliza de estratégias discursivas que tornam os acontecimentos que ele narra críveis e verossímeis para olhos menos atentos ou, conforme a Teoria Semi linguística de Análise do Discurso, para sujeitos interpretantes que não correspondam aos sujeitos destinatários idealizados por um sujeito enunciador. A não coincidência entre sujeito interpretante e sujeito destinatário acaba por promover uma

espécie de disjunção entre o que propõe o jornal, que é o riso, e o que, de fato, ocorre: o choque por parte daqueles que encaram o veículo de comunicação como sendo um jornal respeitado e respeitável que só fala a verdade, nada mais que a verdade. A relevância de tal questão parece estar, desta forma, nas discussões que o jornal propõe – e por que não dizer impõe –: existem mesmo jornais isentos de mentiras? O que é um discurso sensacionalista? Por que o jargão jornalístico carrega em si um status de verdade incontestável? É a partir desses deslizamentos de sentido que todo o presente trabalho se debruça, posto que é essencial pensar no quanto verdades podem parecer mentiras, dependendo de quem as produza e de quem as receba. Os sujeitos discursivos são, então, ativos no processo da co-construção do sentido, não sendo assujeitados às pressões sociais ou às ideologias dominantes, afinal, aceitam que se comunicar é mesmo uma aventura – no dizer de Charaudeau – e aí daquele que não se aventurar: ficará sempre vivendo na obviedade do literal e nunca conseguirá acompanhar as escorregadelas do sentido, que, aqui, tornam risível aquilo que está sendo dito.

Palavras-chave: Análise do Discurso. Semiologia. Sujeitos sociais e discursivos. Riso. Circuitos do texto.

ORDEM V2 E COLOCAÇÃO DE CLÍTICOS NA HISTÓRIA DO PORTUGUÊS: DO PORTUGUÊS ANTIGO AO PORTUGUÊS MÉDIO

Carolina Salgado Lacerda Medeiros

RESUMO: Os estudos que se ocupam da história do Português mostram que a fronteira entre os séculos 14 e 15 é definidora de dois estados distintos na língua, especialmente no que se refere à fonologia e à morfologia (cf. CARDEIRA 2005). Com o objetivo de investigar as mudanças sintáticas ocorridas neste período e tomando como objeto principal de estudo a posição do verbo e a colocação dos pronomes clíticos, esta pesquisa propõe um estudo sincrônico e diacrônico que analise a sintaxe do Português Antigo (PA) e do Português Médio (PM), com base no quadro de Galves, Namiuti e Paixão de Sousa (2005). Ainda em estágio inicial, a pesquisa vale-se de uma base empírica de dados oriundos do Corpus Tycho Brahe (GALVES & FARIA 2010) e da coletânea de textos utilizada por Cardeira (2005), utilizando como base teórica a noção de gramática que corresponde ao que Chomsky (1985) chama de Língua-I, em oposição à Língua-E. A concepção de mudança utilizada é aquela proposta por Lightfoot (1979, 1991), segundo a qual a mudança se dá de forma abrupta durante o processo de aquisição da linguagem, sendo seu caráter aparentemente gradual devido à competição de gramáticas (KROCH 1994, 2001). A questão da ordenação dos constituintes frásicos em Português, tópico abordado com frequência no âmbito dos estudos gerativistas sobre as línguas românicas, põe em discussão se, em estágios anteriores, essas línguas eram de natureza V2 ou não. No que respeita o Português, Ribeiro (1995) argumenta que esta língua constitui um sistema V2, uma vez que apresenta movimento do verbo para C°. Em argumentação contrária à sua análise, Fiéis (2002) afirma que o PA não apresenta uma gramática de tipo V2, devido à grande ocorrência de sentenças com ordem V1 e V3 e ao fato de a maioria dos contextos de sintaxe V2 ocorrerem com verbos inacusativos. Em relação à sintaxe da ordem no que se chama tradicionalmente Português Clássico (PCI, de 1550 a 1800, cf. MATTOS E SILVA 2006) muitos estudos argumentam que este período seria marcado também por uma ordem V2 (cf. PAIXÃO DE SOUSA 2004; GALVES, BRITTO E PAIXÃO DE SOUSA 2005; GIBRAIL 2010; ANTONELLI 2010). Eide (2006), no entanto, argumenta que a gramática do dito PCI não se caracteriza como uma gramática tipicamente V2. Considerando que o comportamento dos clíticos pode auxiliar na compreensão e na caracterização da estrutura da sentença, além de ser um dos aspectos sintáticos mais salientes que evoluíram ao longo dos séculos na história do português, procuro observar também como se deu a mudança destes elementos do PA para o PM. Neste âmbito, Martins (1994) observa que as diferenças mais profundas na gramática dos clíticos encontram-se nas orações com verbos finitos, mostrando que nas orações não dependentes afirmativas (e não introduzidas por quantificadores, advérbios, sintagmas *qu-* ou focalizadores), os clíticos podiam antepor-se ou pospor-se ao verbo, no Português dos séculos 13 ao 16, enquanto no Português de a partir do século 16 necessariamente se pospõem. Segundo a autora, a antiga possibilidade de variação na colocação dos clíticos permitiu usos diferenciados ao logo do tempo, de modo que há preferência pela ênclise no século 13, que se desenvolve para a preferência pela próclise no século 14. Também no âmbito da colocação clítica, o trabalho de Galves, Britto e Paixão de Sousa (2005) traz uma amostra da variação ênclise/próclise nas orações com verbo precedido de sujeito,

advérbio ou sintagma preposicional após o século 16, mostrando que até 1700 a próclise é altamente dominante. Paixão de Sousa (2004), com base no estudo da posição do sujeito, traz também evidências de que é na virada do século 18 que a língua muda em Portugal. Seu estudo mostra que o aumento da frequência da ênclise em orações com a ordem sujeito-verbo coincide com a diminuição da frequência dos sujeitos pospostos ao verbo. Tendo exposto brevemente a problemática que envolve o escopo desta pesquisa, coloco a questão: que gramáticas prevaleciam nas duas sincronias do Português e em que medida eram as gramáticas do PA e do PM de tipo V2? Com o intuito de responder esta e outras questões, foram traçados os seguintes objetivos: (i) comparar a sintaxe do verbo no PA e no PM; (ii) comparar a colocação clítica do PA e do PM, procurando compreender sua relação com a sintaxe do verbo; (iii) comparar as possíveis ordens V2 do PA e do PM com a ordem V2 das outras línguas românicas antigas e das línguas germânicas; e (iv) estudar a dinâmica da mudança do PA para o PM, comparando com os resultados obtidos em trabalhos anteriores para a morfologia e a fonologia (Cardeira 2005). O trabalho, ainda em estágio inicial, visa responder tais questões por meio de uma análise qualitativa e quantitativa baseada em um corpus extenso.

Palavras-chave: Linguística histórica. Clíticos. Sintaxe v2. Mudança linguística. Sintaxe gerativa.

DISCURSO E IDEOLOGIA EM PRIDE AND PREJUDICE: UMA ANÁLISE DIALÓGICA DO FILME E DO LIVRO

Catharine Piai de Mattos

RESUMO: Alguns filmes e minisséries foram produzidos, em sua maioria, no século XXI, a partir da obra da escritora Jane Austen, “Pride and Prejudice” (1813). Partindo dessa retomada constante de uma obra escrita há 200 anos, propõe-se uma pesquisa cuja finalidade é, a partir da perspectiva bakhtiniana, analisar discursos presentes em cenas do filme “Pride and Prejudice”, dirigido por Joe Wright e baseado na obra da escritora inglesa. Esta proposta de pesquisa parte de estudos desenvolvidos por esta pesquisadora em sua monografia de final de curso, em que se analisaram os valores presentes em dois áudios-visuais de propaganda do biscoito Trakinas, em dois momentos diferentes (década de 1980 e de 2010). Os resultados da pesquisa em questão mostraram a necessidade de investigar como a perspectiva bakhtiniana de análise do discurso pode contribuir com o estudo da refração ideológica em gêneros do discurso que se produzem na relação entre diversas linguagens: musical, visual, verbal. Quer-se, a partir do estudo de “Pride and Prejudice”, analisar se a diferença sócio-histórica e, portanto, diferenças ideológicas refratadas em cada obra modificam a representação da mulher. Para isso, deve-se considerar que qualquer obra é uma nova obra, assim como todo discurso é a junção dos discursos anteriores, mas ainda um discurso único. Parte-se do pressuposto de que a obra de Jane Austen foi desenvolvida a partir de seus valores (em oposição aos valores predominantes na época), a partir de sua ancoragem sócio-histórica, a partir de sua própria bagagem cultural e para o tipo de leitor de sua época, enquanto que o filme dirigido por Joe Wright é produzido sob outras condições. Tendo em vista que esses discursos são refrações da realidade, é necessário o estudo do contexto das obras. Com este estudo, pretende-se contribuir para a compreensão da relação entre ideologia e a linguagem, assim como aprofundar a pesquisa acerca de transcrições cinematográficas, em que o autor-criador mantém uma estreita relação com a obra base, mas produz uma nova obra, para outros destinatários e a partir de outro contexto sócio-histórico. Deve-se considerar, ainda, que as obras de arte, como a literatura (ou o cinema), são formas privilegiadas de refração de ideologias (MEDVIÉDEV, 2012). A hipótese dessa pesquisa é de que tanto o destinatário quanto o contexto sócio-histórico de cada autor faz com que as obras refratem ideologias diversas, representando a mulher de formas diferentes. Para a análise proposta, alguns conceitos do Círculo de Bakhtin são mobilizados, como dialogismo, gêneros do discurso, ideologia, destinatário, alteridade, autor-criador, exotopia, etc. É importante destacar o conceito de dialogismo, a (inter)relação entre os enunciados, onde constrói-se o eu, a partir do outro. Assim, o outro tem papel fundamental na construção do eu como Ser (alteridade). Cada discurso é uma refração de todos os discursos anteriores – uma resposta valorada a estes discursos, a partir de sua bagagem e contexto sócio-histórico até este momento. Isso destaca o estudo do corpus aqui proposto: se cada discurso é uma resposta valorada por um sujeito, os discursos de cada obra não podem ser idênticos, tanto por serem sujeitos diferentes, quanto por serem em momentos sócio-histórico diversos e para outros destinatários. A ideologia é essa refração (valoração) expressa no discurso, portanto, se o discurso muda, a ideologia também pode mudar. Sendo especificamente isso que pretende-se destacar: as mudanças ideológicas. Assim, parte-se do estudo de obras do

Círculo e de seus estudiosos, seguido de um estudo do contexto de cada uma das obras e uma análise dialógica de cenas selecionadas do livro em inglês e do filme. Analisando-se as cenas presentes entre os 10min13s e 10min50s e 12min24s e 13min25s do filme, cotejando-as com a cena “equivalente” no romance (AUSTEN, 1986, p. 59), nota-se que há algumas mudanças entre o primeiro trecho citado e a cena escrita por Jane Austen, que já mostram diferenças ideológicas, mas o acréscimo do segundo trecho, por parte de Joe Wright, destaca bastante tais diferenças: o diretor cria uma oportunidade de a mulher (a protagonista Elizabeth) enfrentar o homem (o protagonista Sr. Darcy), firmando sua posição como mulher que não se abala pela rejeição daquele homem. Joe Wright quis destacar o poder feminino, refratando a ideologia do século XXI, enquanto Jane Austen teve o mesmo objetivo, porém refratando a ideologia do século XIX, onde seria inimaginável uma discussão pública entre um homem e uma mulher, mas as mulheres expressam suas opiniões entre elas. Assim, entende-se que enquanto Jane Austen propõe um empoderamento feminino no universo privado, Joe Wright propõe-no no universo público. Observa-se, então, que a mudança na representação feminina é de cunho ideológico, em que ambas as obras, a mulher é representada como aquela que não se submete, porém em proporções diversas, de acordo com o contexto e ideologia de cada época.

Palavras-chave: Teoria Bakhtiniana. Ideologia. *Pride and Prejudice*. Dialogismo.

A LEITURA NO DIGITAL: SUJEITO-LEITOR E MEMÓRIA

Cidarley Grecco Fernandes Coelho

RESUMO: Os discursos sobre leitura trazem sentidos estabilizados para o que sejam a leitura e o leitor. Por meio de narrativas sobre a História da Leitura e de documentos de políticas de incentivo à leitura, ambos considerados enquanto discursos sobre a leitura, a pesquisa de mestrado que desenvolvemos busca compreender o modo como os sentidos que configuram estes discursos se constroem de forma transparente. Para tanto, empreendemos uma análise discursiva, pensando aqui as práticas de leitura como historicidade e não cronologia, recortando, especificamente, os processos de significação envolvidos na relação destas práticas com as novas tecnologias. Na contemporaneidade, com o advento da internet e os usos das novas tecnologias na sociedade, o trabalho busca compreender sentidos produzidos para as práticas de leitura e para o sujeito-leitor, considerando-se a transição da forma-sujeito histórica religiosa à forma-sujeito histórica jurídica, conforme nos propõe Haroche (1992). A discussão sobre a constituição, formulação e circulação (ORLANDI, 2001) destes discursos e sobre as condições de produção específicas na “cultura do digital” (DIAS, 2011) poderá nos fazer compreender o funcionamento de práticas de leitura configuradas pelas novas tecnologias, perguntando-nos se há ressignificação de sentidos de leitura, perguntando-nos pela filiação a uma memória discursiva (PÊCHEUX, 1999) de leitura dos sujeitos envolvidos neste processo, levando-se em conta as condições de produção da leitura no Brasil no que se refere às políticas públicas de promoção social da leitura e de promoção da leitura na escola, os processos de institucionalização da leitura e o próprio funcionamento da leitura no digital. Ao se pensar na relação entre novas tecnologias e leitura e, mais especificamente, sobre os sentidos de leitura que circulam mediados pelo uso de diferentes tecnologias para a leitura, a pesquisa propõe uma reflexão sobre a formação do sujeito-leitor na relação estabelecida entre Estado, sociedade e conhecimento. Nesta relação entre leitura e novas tecnologias busca-se compreender se o sujeito-leitor no digital produz deslocamentos e rupturas nos discursos sobre a leitura determinados por uma memória da escola estabelecida histórica, política e socialmente. Deste modo, nossa pesquisa estabelecerá, discursivamente, uma relação entre leitura, escola, “sujeito urbano escolarizado” (PFEIFFER, 2000), e tecnologia. Isso porque levamos em consideração a relação entre a escolarização e a urbanização, lembrando que a escola é significada, nessa relação, como urbana e ser escolarizado é significado como forma possível de se tornar, vir a ser urbanizado, civilizado. (PFEIFFER, op. cit.). Assim como também levamos em consideração que, hoje, o sujeito significado enquanto civilizado está atrelado, no discurso de uma “cultura do digital” (DIAS, op. cit.), às possibilidades de acesso à internet, às filiações de redes e comunidades no digital, aos recursos midiáticos utilizados ou não em casa, na escola, na cidade, pensando, como afirma Dias (op. cit.), no “digital como modo de elaboração e não como suporte”. A relação produzida pelos usos das novas tecnologias no espaço escolar nos faz questionar os sentidos de leitura já consagrados e os deslocamentos que podem ser provocados por esta injunção, e para analisar como se dá a leitura no digital, é necessário levar em consideração as condições de produção da leitura afetadas pelo próprio discurso sobre a leitura. Neste sentido, este “sujeito urbano escolarizado” está afetado por práticas dessa cultura da tecnologia, e, numa relação de mão-dupla, produz

rupturas e deslocamentos dos sentidos na escola e, por pressuposto, as leituras na internet são afetadas pela memória de leitura da escola. A perspectiva teórica da Análise do Discurso traz a este trabalho uma possibilidade de se discutir a memória histórica e social da leitura, os conflitos e polêmicas e o jogo de força que se estabelecem nas condições de produção escolar, pois como afirma Eni Orlandi, “A análise de discurso, tal como a trabalhamos, acolhe o jogo entre o estabilizado e o sujeito a equívoco, espaço de deslimites e indistinções.” (ORLANDI, 2001, p. 60). A propósito disso, a leitura, como afirma Nunes, é considerada como uma espécie de discurso proposto por Pêcheux na condição de “discurso-monólogo”, e que, considerando as relações aí estabelecidas “(...) torna-se marcante a relação com a leitura como atividade constitutiva de análise, e, além disso, como um objeto mesmo de reflexão.” (NUNES, 1994, p. 35). Assim, a pesquisa busca fazer uma análise dos discursos sobre a leitura, aliada à análise das condições de produção de práticas de leitura afetadas pelo digital. Preocupamo-nos, particularmente, com o desenvolvimento de políticas públicas de incentivo à leitura que considerem o sujeito-leitor na sua constituição de sujeito dentro/fora da escola, na relação com a sociedade. Portanto, o desafio é pensar o sujeito-leitor na relação com o digital, que, nessa relação, produz sentidos e é afetado por eles. E ao ser afetado, afeta também a escola, o professor, o aluno, a sociedade. E essa injunção, que produz contradições e tensões, deslocamentos, possibilita a construção dos sentidos da leitura no digital.

Palavras-chave: Análise de Discurso. Leitura. Digital. Escola.

MOVIMENTO DOS ADJETIVOS E ESPECIFICIDADE

Cristina de Souza Prim

RESUMO: Este trabalho buscará responder a pergunta “por que alguns adjetivos não têm posicionamento fixo nos DPs do Português Brasileiro (doravante PB)?”. Argumentaremos que os adjetivos que intercambiam de posição são gerados no campo pós-nominal, onde estabelecem relação com o nome, e se movem para a posição pré-nominal se puderem estabelecer uma relação estrita com o determinante que o antecede. Apresentamos como evidência para a asserção de que os adjetivos são gerados no campo pós-nominal a possibilidade de ocorrência de adjetivos pós-nominais em NPs do PB e a impossibilidade de pré-nominais nos mesmos contextos. A distinção DP/NP em PB é apresentada por Cyrino e Espinal (2013), que defendem que NPs, que não podem ser argumentos, seriam nomes contáveis nus não especificados para número e definitude, ocorrem em estruturas ter + NP, e têm leitura de propriedade. Não saturam, só modificam o predicado, ou seja, não ocorrem em posição argumental; por isso não se pode substituí-los por um pronome. Em (1), temos “vestido de festa” como um NP que está modificando um predicado do mesmo tipo de “ter” e que não pode ser retomado por um pronome discursivo. Já DPs são expressões do tipo existenciais que podem ser retomadas por pronome (exemplos (2-3)). Os NPs do português apresentam evidência de que os adjetivos exclusivamente pós nominais (como “amarelo” em (4)) e os que intercambiam de posição (como “bonito” em (5)) não podem ser gerados no campo pré-nominal, pois se esperaria que não encontrássemos nenhum tipo de adjetivo presente em NPs, mas (4-5) nos mostram que na posição pós-nominal em NPs encontramos os mesmos adjetivos que são possíveis em DPs. Já na posição pré-nominal não podem ocorrer em NPs nem adjetivos exclusivamente pré-nominais (como “provável” em (6)) nem adjetivos que têm posicionamento variável (como “bonito”, em (5b)). Em (5b) e (6) podemos ter adjetivos pré-nominais porque o sintagma é um DP, e a possibilidade de retomada pelo pronome comprova que não se trata de uma propriedade. Alguns destes adjetivos gerados na posição pós-nominal (os qualificativos) poderão subir para uma posição entre o determinante e o nome se houver compatibilidade de traços com o determinante. Dois trabalhos que se atentam a esta relação determinante-adjetivo são os de Bosque (2001) e Picallo (1994), que esclarecem que os adjetivos que podem intercambiar de posição forçam a leitura específica de DPs indefinidos – que podem ter leitura específica ou não específica quando não precedem adjetivo – quando ocupam a posição pré-nominal. No exemplo (7a), o DP indefinido pode estar referindo-se a um certo livro, que tem leitura específica, ou um livro não-específico. Já em (7b), com a presença do adjetivo pré-nominal “interessante”, o indefinido obrigatoriamente deve ter leitura específica. Em um contexto em que o indefinido não possa ter leitura específica, como ocorre em sentenças imperativas (ver (8a)), não é possível encontrar adjetivos movidos, como é esperado (cf (8b)). Esta proposta pode ser estendida a outros determinantes. O DP definido também pode ter leitura específica ou não-específica. Com a não-específica, não são encontrados adjetivos movidos. Em (9b) exemplifica-se o impedimento de um adjetivo específico de mover-se para a posição pré-nominal com determinante não-específico e (10b) mostra que o movimento ocorre se o definido é específico. Assim como nos exemplos anteriores, nominais singulares nus com leitura não-específica também não permitem o movimento do adjetivo para uma posição mais

alta (cf (11b)), mas apenas se a leitura do determinante também for específica, assim como o adjetivo (cf (12b)). Todos estes casos apresentam boas evidências de que o movimento do adjetivo é motivado pelo traço [+específico] contido no determinante.

- (1) Maria usa [NP vestido de festa] só se suas amigas compram *ele/Ø de presente.
- (2) O João tem [DP maçã verde] na cesta. Comprou ela/elas/Ø ontem.
- (3) Maria usa [DP vestido novo] só quando suas amigas compram ele/Ø de presente.
- (4) Maria usa vestido amarelo só quando suas amigas compram *ele/*eles para ela.
- (5) a. Maria usa vestido de festa bonito só se suas amigas compram *ele/*eles para ela.
b. Maria usa bonito vestido de festa só quando suas amigas compram ele para ela.
- (6) Maria usa provável vestido de noiva *(da sua irmã) no Expo Noivas porque ele combina com ela também.
- (7) a. João pegou um livro na estante.
b. João pegou um interessante livro na estante.
- (8) a. Leia um livro! Te fará bem...
b. *Leia um certo livro! Não te fará mal algum...
- (9) a. O professor mais votado vai ganhar um prêmio.
b. *O adorado professor mais votado ganhará um prêmio.
- (10) a. O professor de camisa amarela ganhou o prêmio.
b. O queridíssimo professor de camisa amarela...
- (11) a. Escreva romance! Costuma vender mais que conto.
b. *Escreva maravilhoso romance! Costuma vender mais...
- (12) a. Professor salva família da Tijuca.
b. Maravilhoso professor salva família da Tijuca.

Palavras-chave: Sintaxe. Movimento. Adjetivo. Determinante. Especificidade.

FORMAÇÃO E ATUAÇÃO DAS JUNTAS MISSIONÁRIAS BATISTAS NO BRASIL: SOBRE O FUNCIONAMENTO DO DISCURSO MISSIONÁRIO

Daiane Rodrigues de Oliveira Bitencourt

RESUMO: O elemento religioso não se restringe ao individual, mas aparece integrado aos aspectos sociais. Pode ser uma ferramenta política e militar. Muitas conquistas políticas ocasionaram a assimilação da religião dos vencedores. A colonização brasileira foi sustentada pela assimilação/imposição não só da língua e do sistema político, mas também da religião dos portugueses. A evangelização dos índios foi um dos pilares da ação portuguesa no Brasil. Tendo isto em vista, este trabalho apresenta resultados parciais do projeto de doutorado intitulado “A salvação do mundo na igreja Batista: sobre o funcionamento do discurso missionário no final do século XX e início do século XXI”. O corpus de análise é formado pelos materiais de campanhas evangelísticas das juntas missionárias da igreja Batista. Esta igreja foi organizada no Brasil por missionários norte-americanos em 1881. As juntas missionárias foram criadas em 1907 pela Convenção Batista Brasileira. Para essa Convenção, a missão batista é a evangelização do mundo, visando à “reconciliação” do homem com Deus. Com esse fim, as juntas missionárias são responsáveis pelo gerenciamento do trabalho missionário. A Junta de Missões Mundiais (JMM) tem como objetivo atuar na expansão da igreja batista além das fronteiras do Brasil, enquanto a Junta de Missões Nacionais (JMN) visa à expansão nacional da igreja Batista. Anualmente essas juntas desenvolvem campanhas evangelísticas, com o fim de arrecadar fundos para o trabalho missionário. Além de um alvo em dinheiro estabelecido, cada campanha tem um tema e uma divisa (um versículo bíblico). Para tais campanhas, as juntas missionárias preparam materiais (revistas, cartazes, vídeos) que são distribuídos para as igrejas locais. Estes materiais trazem informações sobre o trabalho missionário que tem sido realizado e as metas que deverão ser cumpridas. A função principal destas campanhas é conscientizar os membros da igreja de que eles precisam evangelizar e contribuir com o sustento dos missionários em lugares distantes. Posto isto, o objetivo deste trabalho é analisar a formação e atuação das juntas missionárias batistas a partir da noção de discurso constituinte proposta por Maingueneau. Segundo o autor, há um grupo de discursos que tem um estatuto particular: os discursos constituintes. Tais discursos não reconhecem nenhuma autoridade acima de si mesmos. Propõem-se como Origem e apresentam-se como ligados a uma Fonte legitimadora que lhes concede acesso à verdade e lhes atribui superioridade sobre os demais. Eles são, ao mesmo tempo, auto e heteroconstituintes. Autoconstituintes, porque fundam, mas não são fundados por outros discursos, e heteroconstituintes, porque desempenham um papel constituinte em relação aos outros. Esses discursos legitimam as práticas discursivas de uma coletividade e funcionam como fiadores (como lugar de autoridade, norma e garantia) de múltiplos gêneros do discurso. Para o autor, o discurso religioso faz parte desse grupo. No campo religioso, cada posicionamento pretende nascer de um retorno à Verdade divina, que os demais teriam esquecido ou subvertido. Neste campo, o discurso cristão, em suas variadas vertentes, apresenta-se como responsável por alcançar a salvação da humanidade por meio da evangelização. Os resultados iniciais da pesquisa mostram que nas campanhas evangelísticas, o discurso missionário batista se apresenta sempre como defensor da “verdade universal” e responsável pela “conversão do mundo”, ao mesmo tempo em

que constrói uma imagem negativa do seu outro (“o mundo”) como aquele que precisa ser convertido, transformado e salvo. O discurso missionário tem um caráter universalista. Seu objetivo é alcançar a conversar de “todos os povos”. Sustenta-se em uma demanda criada por ele mesmo: de que as pessoas necessitam ser salvas. Os resultados da análise mostram que, embora tenham um caráter universalista, as campanhas das juntas circulam apenas na comunidade restrita da própria igreja. Essas campanhas funcionam na construção/ manutenção de uma memória de que o mundo precisa ser salvo, sendo os batistas responsáveis por esta conversão.

Palavras-chave: Análise do Discurso. Discursos constituintes. Discurso missionário. Evangelização. Protestantismo.

NEUROLINGUÍSTICA DISCURSIVA: ESTUDOS SOBRE AFASIA

Danilo Brandão de Lima

RESUMO: Este texto tem como intuito apresentar pontos relevantes que estão sendo e serão discutidos em meu trabalho de dissertação durante o curso de Mestrado, que se iniciou em março deste ano, em Neurolinguística, pelo IEL, Instituto de Estudos da Linguagem, da UNICAMP. Minhas pesquisas têm como campo de estudo casos de afasia - linguagem e pensamento - especialmente no que diz respeito às afasias sensorial, semântica, transcortical e parafasia, tal como - ao que parece, e essas são hipóteses a serem estudadas - se dá na situação de AM, 41 anos, médico veterinário, que se tornou afásico após sofrer um acidente de moto e ficar em coma por quinze dias. AM é integrante do grupo que se reúne no CCA (Centro de Convivência de afásicos), às sextas-feiras, na Universidade mencionada, sob a supervisão da Profa. Dra. Maria Irma Hadler Coudry, idealizadora desse centro e também orientadora deste projeto, o qual se baseia em conceitos das seguintes obras: "O olhar da mente" (2010) e "O homem que confundiu sua mulher com um chapéu" (2003), ambas de Oliver Sacks, nas quais ele descreve sujeitos cérebro-lesados que recorreram à linguagem interna, suas experiências e significações, para superarem seus quadros clínicos e a ausência da fala, já "De profundis: valsa lenta" (1997), de José Cardoso Pires, relata sua própria história clínica frente a uma afasia grave, em que ele não podia formar palavras que explicassem as imagens de seu pensamento, o que nos oferece um maior entendimento sobre o sujeito afásico e seus enfrentamentos. Em "Les troubles de la parole" (1884), de Adolf Kussmaul, além de diferentes casos de distúrbios de compreensão auditiva e visual, o autor enumera tipos de afasia, apresenta uma forte exposição localizacionista sobre as áreas do cérebro e faz suposições, como outros autores, de um centro de fala, ideia que seria melhor definida e exposta por Freud em "Las afasias" (1891), livro no qual ele se baseia, sobretudo, nas pesquisas de Lichtheim e Hughlings Jackson para desfazer muitos termos clínicos e classificações da época referentes às afasias, a fim de reorganizar o quadro descritivo dessa patologia. Ademais, cito ainda "As formas do silêncio" (2013), de Eni Orlandi, que esclarece sobre a materialidade simbólica e discursiva do silêncio, este que está sempre presente no diálogo de pacientes afásicos, e outros dois livros importantíssimos que são "O diário de narciso" (1988), de M. I. Hadler Coudry, divisor de águas da Neurolinguística brasileira, e "Enunciação e discurso" (2003), de Fernanda Freire, obras que trazem um amplo aparato técnico-teórico sobre afasia e linguagem, distúrbios de fala e a recuperação desta por parte de diferentes pacientes que são auxiliados por pesquisas desenvolvidas pela Neurolinguística discursiva do CCA, a qual enaltece a importância de os sujeitos afásicos vivenciarem situações múltiplas de uso social e cultural da linguagem em suas muitas formas de emprego, cognitivo e enunciativo trabalhados com a alternância de interlocutores, conforme mostra Fernanda Freire (2003). Desse modo, sendo meu trabalho destinado a auxiliar na recuperação da fala por pessoas afetadas pela afasia, como se dá o caso de AM, acompanhado por mim, busco entender, durante as sessões do CCA, quais são os problemas que afetam sua linguagem e seu pensamento, para ajudá-lo a reorganizar sua fala de acordo com o que é considerado ideal em nossas comunicações cotidianas. Vale ainda destacar que, entre os dados encontrados até o momento, percebe-se que ele perdeu, principalmente, a capacidade de recontar em uma

sequência coordenada acontecimentos passados, assim como, em certas ocasiões, sofre de anomia, confunde-se na hora de encontrar a palavra certa para a ocasião, necessitando que lhe seja dado um "prompting", um indício da palavra a ser dita. Em sua fala, notam-se também traços de parafasia, em que ele usa palavra diferente da que seria adequada ou usa apenas parte desta, por similaridade fonêmica, morfológica ou semântica, conforme explicado por Freire (2003). AM não tem dificuldade com polifonia, isto é, a presença de outras vozes no discurso, ele se situa muito bem em relação à fala dos outros, no entanto, quando precisa recorrer a suas memórias e contá-las, acaba sobrepondo fatos. Ainda que detalhes do passado estejam vivos em sua mente, a linearidade de sua narração mostra-se prejudicada. Porém, dialogando sobre suas dificuldades e explicando a ele como posicionar-se diante de seus pensamentos, tal como se vê, por exemplo, nas obras de Cardoso Pires e Oliver Sacks, citadas acima, sua fala descritiva começa a apresentar os primeiros passos para que os elementos do discurso tornem-se presentes e bem identificados, tanto por ele quanto por seus interlocutores.

Palavras-chave: Neurolinguística. Afasia. Linguagem interna.

A ORDEM SV NAS ORAÇÕES INTERROGATIVAS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO E EUROPEU: UM ESTUDO HISTÓRICO E COMPARATIVO

Domitila Maria Danielius de Oliveira David

RESUMO: Este projeto tem como objetivo principal estudar as mudanças na ordem sujeito-verbo que ocorreram nas orações interrogativas do português brasileiro e do português europeu (doravante PB e PE), já que o PE difere do português do Brasil devido à obrigatoriedade da inversão sujeito-verbo nas orações interrogativas diretas, quando estas não apresentam o pronome interrogativo acompanhado pelo expletivo “-é que” ou por um nome foneticamente realizado. Em relação ao PE, este trabalho partirá do estudo sincrônico realizado por Ambar (1992), no qual é possível concluir que a inversão sujeito-verbo é obrigatória no PE moderno apenas nas interrogativas diretas, desde que o elemento *qu-* não seja acompanhado de um nome foneticamente realizado. Além disso, a ordem SV torna-se possível, e obrigatória, se o elemento “-é que” for introduzida. Já nas orações interrogativas indiretas, a inversão sujeito-verbo passa a ser facultativa (exceto no uso dos pronomes “que” ou de “porque”). O uso de “-é que” também é possível, sendo a agramaticalidade que ocorre com o uso dos pronomes “que” e “porque” resolvida. Ademais, assim como nas orações diretas, os constituintes com nome foneticamente realizado também não exigem a inversão nas orações encaixadas de interrogativas indiretas. Já no PB, Duarte (1992) apresenta em seu estudo o aumento das orações interrogativas de ordem SV ao longo do tempo nessa variante. A autora observa em uma peça teatral escrita em 1734 que todas as interrogativas diretas exibem a ordem VS. Já em peças de 1882 e 1918, é possível perceber um sensível aumento no uso da ordem SV (20% em 1882 e 19% em 1918), entretanto, a ordem VS ainda predomina. Alguns anos depois, a ordem SV supera a anteposição do verbo: de 63% em 1937, o aumento chega aos 94% em dois textos de novela escritos em 1989. Nas interrogativas indiretas, a autora percebe que a ordem SV sempre teve preferência sobre a inversão, mantendo-se numa média de 68% até a primeira metade do século XX. A partir de 1955, os índices superam a marca dos 90% de ocorrências, e mais tarde, dos 100% em 1989. Percebemos assim uma grande diferença na ordem entre as duas variantes do português. O estudo se baseará em textos sintaticamente anotados, com o uso da ferramenta de busca Corpus Search. A busca será realizada nos textos portugueses e brasileiros do Corpus Tycho Brahe que apresenta atualmente 16 textos anotados sintaticamente de autores portugueses, nascidos entre os séculos XVI e XIX, e deverá incluir até o final do ano vários textos brasileiros sintaticamente anotados, de gêneros vários, como cartas e jornais, escritos ao longo do século XIX e na primeira metade do século XX. A questão da ordem das interrogativas no PB já foi objeto de estudo de vários pesquisadores, pois ocorreu, de fato, uma mudança sintática destas construções entre os séculos XIX e XX. Em textos escritos na primeira metade do século XIX ainda é visível a obrigatoriedade da inversão sujeito-verbo nas interrogativas *qu-*. Entretanto, tal fato não é mais observado em textos do PB moderno. O trabalho de Duarte tem como objetivo buscar os fatores que mais fortemente teriam condicionado a mudança da ordem VS nas orações interrogativas *qu-* do PB, sob a hipótese de que ela coincide com o aparecimento do expletivo “-é que”. Lopes-Rossi (1993) apresenta outra explicação sintática para a mudança de ordem das palavras nas orações interrogativas do PB. Para a autora, o enfraquecimento da concordância verbal e

o surgimento do pronome interrogativo não-clítico “O que” foram os principais motivos para o aumento da ordem SV nas orações interrogativas do português do Brasil. Outros estudos mais recentes também mostram as diferenças que existem atualmente na ordem dos constituintes das orações interrogativas do PE e PB. Kato e Mioto (2005) afirmam que o PE é mais restritivo que o PB na formulação de interrogativas qu- matrizes, pois só são gramaticais as sentenças em que existe adjacência entre o elemento qu- e um verbo finito. Assim, os autores procuram uma resposta a essa diferença a partir do critério Q de Rizzi (1996). A partir dessa discussão, pretende-se nesse estudo comparar a estrutura sintática das orações interrogativas nas duas variantes do português e observar por que houve uma mudança mais acentuada na ordem das orações interrogativas do PB, não vista no PE. Além disso, será observado se houve ao longo do tempo, assim como no PB, um aumento de orações interrogativas com a ordem SV no PE, provando assim uma mudança em andamento. Em um primeiro momento, foi possível observar a partir de buscas no corpus um aumento de orações interrogativas encaixadas de ordem SV no PE a partir de textos do século XVIII, sendo no século XIX o número de orações interrogativas encaixadas de ordem SV maior que o número de orações interrogativas VS.

Palavras-chave: Linguística Histórica. Inversão sujeito-verbo. Mudança sintática. Orações interrogativas.

PERCEPÇÃO AUDITIVA, METÁFORAS E O INTÉRPRETE MUSICAL: INTERSECCÕES ENTRE LINGUAGEM E APRENDIZAGEM MUSICAL

Emanuela Francisca Ferreira Silva

RESUMO: Ler e interpretar um texto como forma de produzir sentido perpassa três categorias tradicionais na aquisição do conhecimento: a sensação, a atenção e a percepção. Elas podem ser categorizadas como processos de cognição. Neste trabalho a leitura e a interpretação textual serão investigadas pelo prisma da fenomenologia. Considera-se que o corpo é um princípio constitutivo ou transcendental, precisamente porque ele está envolvido nas muitas possibilidades de experiência. Tudo está imbricado na produção de sentido. O sentido é produzido com o corpo, isto é, a mente é corporificada. Com isso afirma-se que ao ativar os universais musicais – ritmo e melodia – que são inatos ao sujeito linguístico, o processo de leitura e interpretação textual é otimizado, isto é, tem-se como hipótese que pessoas que utilizam os universais em música – ritmo e altura (SLOBODA, 2008) como ferramentas no ato da interpretação textual são capazes de compreender metáforas presentes em textos verbais e não-verbais com muito mais propriedade e profundidade do que pessoas que não utilizam dos universais na momento de interpretação. Para tanto, adota-se como pressupostos a Teoria de Damásio (1996) que hibridiza razão e emoção. Para essa pesquisa teve-se como objeto empírico 20 interpretações textuais realizadas por um grupo de controle composto por intérpretes musicais – cantores e instrumentistas e por não intérpretes. Esse grupo foi dividido em dois sendo que: o subgrupo A interpretou os textos sem utilizar os universais musicais, isto é, fez leitura silenciosa e, o subgrupo B, utilizou dos universais, fazendo leitura em voz alta, ritmando e utilizando de prosódica no ato de ler. Utilizou-se também como objeto empírico a situação de interlocução entre os sujeitos empíricos que foi realizada após o trabalho de interpretação textual feito por eles e a autoconfrontação de dois intérpretes musicais - que falaram sobre as relações entre corpo, sentimento e razão no ato de performance. Para corroborar com a hipótese acima citada adota-se como suporte teórico a Teoria dos Espaços Mentais (FAUCONNIER, 1985; e outros) e da Teoria da Integração Conceptual (FAUCONNIER; TURNER, 2002; e outros), bem como Modelo da Arquitetura Mental e Integração Conceptual proposto pelo grupo de Semiótica Cognitiva da Universidade de Aarhus (especialmente Brandt, 2004, 2005, 2010, 2012) com o objetivo de compreender a interpretação textual de metáforas como um processo cognitivo dentro do fenômeno da linguagem que é para nós um Sistema Adaptativo Complexo – SAC. O processo de leitura e interpretação textual acontece pela operação de duplo-escopo e a produção de sentido pode ser otimizada se os sujeitos linguísticos utilizarem dos universais musicais no ato da leitura. Nessa perspectiva, considera-se que é pelo ato enunciativo que a língua é colocada em funcionamento, movimento, isto é, através da língua os sujeitos linguísticos se encontram, seja por um laço de sentimento, social ou de outro tipo. Neste sentido, a língua é percebida em uma visão sociointeracionista, como um conjunto de práticas enunciativas. A enunciação é compreendida como a unidade base da língua (tanto no discurso interior quanto no discurso exterior). Todo locutor possui um horizonte social e tem um alocutário, mesmo que seja em potencial. A interpretação textual, como previsão e planejamento de ação, envolve razão e emoção e é realizada pela operação de duplo-escopo, que acontece na e

pela enunciação. Esta pesquisa tenta destacar o ato de leitura e interpretação textual com a otimização do mesmo pelo uso dos universais musicais. Assume-se como premissa que os sujeitos linguísticos recrutam no momento da leitura e interpretação textual uma série de operações linguístico-cognitivas que se materializam em construções linguísticas na busca pela produção de sentido. Nessa perspectiva, afirma-se que o tempo-espaço enunciativo é eixo a partir do qual os sujeitos empíricos no ato da leitura e interpretação textual se referenciam como enunciadores – sujeitos linguísticos e correferenciam outros espaços semióticos. Esses outros espaços semióticos correferenciados podem ser projeções de instâncias de discurso a partir do tempo-espaço enunciativo instâncias presentes, retrospectivas, prospectivas ou a combinação das três possibilidades. Tais correferenciações podem também ser relativas às instâncias de discurso instauradas pelo próprio enunciador ou por outros sujeitos.

Palavras-chave: Leitura e interpretação textual. Mente corporificada. Razão e emoção. Universais musicais. Sujeitos.

"CONSCIÊNCIA NEGRA": UMA FÓRMULA DISCURSIVA

Helio de Oliveira

RESUMO: Esta comunicação apresenta uma pesquisa em fase inicial de desenvolvimento cujo objetivo é analisar as ocorrências do sintagma “consciência negra” e suas variantes – paráfrases, retomadas, reformulações – no universo discursivo brasileiro contemporâneo, tomando, como recorte, o campo jornalístico-informacional. O embasamento teórico vem da Análise do Discurso de vertente francesa, mobilizando, particularmente, a noção de fórmula discursiva proposta por Krieg-Planque (2003, 2010, 2011). Pretende-se analisar em que medida “consciência negra” funciona como um “lugar” privilegiado para “compreender a forma como os diversos atores sociais organizam, por meio dos discursos, as relações de poder e de opinião” (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 09). Circunscrever, descrever e analisar uma fórmula discursiva significa aplicar conceitos que se apresentam simultaneamente como abstração teórica que embasa a análise e como prática metodológica que restringe e direciona a coleta e o tratamento dos dados. Krieg-Planque (2010, p.61), ao propor a noção de fórmula, elenca propriedades constitutivas que “determinam certas tomadas de posição no método de apreensão do objeto, tanto do ponto de vista da construção do corpus (...), quanto no que diz respeito às orientações metodológicas”, assim como “restrições que pesam sobre o estudo de uma fórmula”. Conhecer e aplicar cada uma dessas propriedades implica seguir o traçado requerido pelo método, sob pena de se perder o objeto. É nesse sentido que a noção de percurso proposta por Maingueneau (2008) contribui para a aplicação da teoria: por discretizar as unidades de análise e evitar a dispersão exacerbada. Os percursos são definidos como “unidades de diversas ordens (lexicais, proposicionais, fragmentos de textos) extraídos do interdiscurso, sem procurar construir espaços de coerência ou constituir totalidades” (MAINGUENEAU, 2008, p. 22). Segundo o autor, o que se pretende, ao contrário, é desestruturar as unidades instituídas. Considerar a fórmula como um percurso significa justamente explorar a heterogeneidade dos discursos, ultrapassar os limites dos posicionamentos e dos campos discursivos (embora, para efeito de análise, algumas restrições possam ser efetuadas). A propósito das ocorrências do sintagma, discutem-se temas como pobreza, violência contra minorias, política de cotas universitárias, estereotipia e, principalmente, práticas racistas. O fato de um sintagma/termo candidato ao estatuto de fórmula participar dos interesses políticos, culturais e sociais numa determinada época dá mostras de sua dimensão discursiva, uma vez que “as fórmulas são objetos de debates e estão carregadas de questões: nesse sentido, elas têm história, elas fazem parte da história” (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 101). No Brasil, comemora-se oficialmente o “dia da consciência negra”, também chamado de “dia do orgulho negro”, há concursos de “beleza negra”, prêmios de “Arte e Cultura Negra” (por exemplo, o Prêmio FUNARTE de arte negra), uma Secretaria Federal para Política de Promoção da Igualdade Racial, além de diversas associações que se declaram inseridas no “Movimento Negro”. Existe uma universidade que se autodenomina “negra”, a primeira da América Latina e uma das únicas no mundo idealizada, gerida e voltada ao público negro (a UNIPALMARES), localizada na cidade de São Paulo. Há o Estatuto da Igualdade Racial promulgado em 2010, a Lei 7.437/1985 que criminaliza atos resultantes de preconceito/racismo e a Lei 12.519/2011 que institui o Dia Nacional da Consciência

Negra. Em contraste com a ampla discursivização da importância de melhores condições de vida para o negro no país, há posicionamentos segundo os quais simplesmente não existe racismo no Brasil e, assim, as discussões sobre a instauração/desenvolvimento de uma suposta “consciência negra” não fariam o menor sentido. Uma obra representativa dessa polêmica é o livro “Não somos racistas”, do jornalista Ali Kamel (2006) que, por sua vez, recorre a historiadores e à ciência (geneticistas, antropólogos, sociólogos) em busca de argumentos. Existem, ainda, posicionamentos pretensamente “neutros” detectáveis a partir de enunciados em que “toleramos” e “tratamos muito bem” os negros em nosso país – o que faz circular a expressão “racismo gentil”. Pesquisas como esta em epígrafe vêm suprir a carência de estudos discursivos sobre o racismo. Segundo Van Dijk (2008), a maioria dos estudos sobre o racismo na América Latina centrou-se nas características étnicas e culturais (“folclóricas”) ou em uma “análise impressionista de palavras tendenciosas”. Para este autor, “muitas práticas de racismo cotidiano (...) precisam ser explicadas discursivamente, tendo em vista o papel do discurso na reprodução dessas práticas” (2008, p. 17). Assim, ao final da trajetória que este trabalho começa a traçar, o ganho principal não será simplesmente concluir se “consciência negra” é ou não uma fórmula discursiva, mas analisar a dimensão discursiva em que uma palavra ou sintagma se torna uma espécie de ponto convergente dos problemas sociais de sua época, tornando-se portadora de questões históricas.

Palavras-chave: Análise do Discurso. Fórmula discursiva. Polêmica. Consciência negra.

OS FRAMES DE DOENÇA DE ALZHEIMER

Josie Helen Siman

RESUMO: Há muitas maneiras de se conceber a doença de Alzheimer (DA). A DA pode ser concebida através de um “modelo espiritual”, que a define como um carma, ou como uma possessão (maligna ou benigna, a depender da cultura), ou através do “modelo do envelhecimento natural”, que a reconhece como consequência natural do envelhecer: assim como há o decaimento físico, é esperado que a mente se deteriore e que com o avançar da idade, as pessoas fiquem “caducas”. A DA pode, ainda, ser concebida através de um “modelo biomédico” (COFFEY e CUMMINGS, 2000), que a trata como uma doença neurodegenerativa, ou através do “modelo biopsicossocial” (DOWNS et al. 2006, p. 244), que a vê como uma doença resultante da interação dialética entre os danos neurológicos (ou doenças do cérebro) e os fatores psicossociais – saúde, psicologia individual, ambiente (principalmente o contexto social) –, entre outros. No que diz respeito aos modelos em que se pautam os pesquisadores, nota-se que desde a década de 1980 muitas críticas passaram a ser lançadas ao entendimento da DA como uma doença cerebral, por ser reducionista, e, principalmente, por gerar uma atitude de distanciamento frente ao paciente, que é visto como um corpo sem um self, um novo tipo de ser. Só recentemente é que essa percepção está mudando, e, os profissionais, com uma visão integrada sobre a doença, começam a explorar, por exemplo, tratamentos terapêuticos voltados para o interesse do doente, reconhecendo sua fugaz personalidade. Com o fácil acesso a diversas informações e com o avanço significativo do saber científico nas últimas décadas, é possível dizer que estamos hoje num período de mudança de visão da DA. Aparentemente, os modelos de compreensão da DA estritamente biomédicos, entre outros, estão aos poucos se alterando em função da complexidade dos fenômenos relacionados a causas, tratamentos e consequências legais e morais dessa doença. Consideramos que este período em que estamos – de aquisição de novos conhecimentos e alteração ou banimento de conhecimentos obsoletos sobre a DA – forma um contexto interessante para se estudar frames/framings e fenômenos relacionados. Sendo assim, buscando entender como está, hoje, a compreensão científica e a recepção social sobre DA, esta pesquisa se propõe a identificar e analisar frames, reframes e disputas de frames que aparecem no discurso da população envolvida mais diretamente com essa doença, como clínicos, pesquisadores e cuidadores (profissionais e familiares). Para isso, será feita uma entrevista semidirigida com uma pequena amostra da população, que não será abrangente, mas qualificada. Essa entrevista será gravada em vídeo e transcrita, formando um corpus verbal e não verbal. Os frames nesta pesquisa serão compreendidos como “conjuntos ou ‘blocos’ de conhecimento inter-relacionáveis que, incorporados por meio de práticas sociais nas quais emergem e por meio das quais se reconstróem, atuam na organização de nossas experiências e são reciprocamente por elas organizados” (MORATO, 2010, p. 98), em outras palavras, como estruturas de conhecimento evidenciados pela linguagem em uso. Para identificarmos as informações que contribuem para a formação dos frames, observaremos os sintagmas utilizados para categorizar (ou, situar um fenômeno num conjunto de relações com contorno identificável sócio-culturalmente) a doença (e.g. “doença da memória”, “doença desgraçada”, etc.), as informações implícitas (pressupostos e subentendidos), as operações de referenciação (isto é, a maneira como

os locutores concebem sua referência a uma exterioridade), as operações de textualização (e.g. os elementos comentadores), etc. A análise dos dados será qualitativa, uma vez que serão descritos os frames dos entrevistados que refletem os modelos de compreensão da DA, os quais serão comparados entre si, para evidenciar como diferentes pessoas ou grupo de pessoas compreendem e lidam com a doença e com o doente. Espera-se que a pesquisa evidencie o estágio de transição dos modelos de concepção da DA em que nossa população qualificada se encontra (pressupondo que esta transição esteja ocorrendo ou mesmo já tenha ocorrido). Com uma análise de frames de DA na produção dos sujeitos, será possível verificar se estamos em direção, finalmente, a uma concepção integrada dessa doença. Nossa hipótese principal é que encontraremos muitos frames entrelaçados, porque o conhecimento sobre a DA está mudando, e novas ideias mesclam-se às antigas antes que qualquer frame mais sólido se forme. Não acreditamos que vamos encontrar uma falta de conhecimento, ou uma falta de precisão, mas ênfases diferentes, porque a doença é complexa e multifatorial. Além disso, esperamos contribuir para o avanço das discussões sobre frames e sobre doença de Alzheimer no contexto da Linguística Cognitiva de base Sociocognitiva e da Neurolinguística. Esta pesquisa está atualmente em estágio inicial, portanto, ainda não há conclusões.

Palavras-chave: Neurolinguística. Frames. Doença de Alzheimer. Modelo Biomédico. Modelo Biopsicossocial.

A COOCORRÊNCIA DE PROCESSOS DE SIGNIFICAÇÃO VERBAL E NÃO VERBAL NO TRABALHO DE EXPRESSÃO TEATRAL COM AFÁSICOS

Juliana Pablos Calligaris

RESUMO: Este projeto investiga a coocorrência de semioses (fala, gesto, expressão corporal, etc.) no Programa de Expressão Teatral (PET) com afásicos desenvolvido no Centro de Convivência de Afásicos (CCA), pela via da observação da interação de processos semióticos distintos, porém solidários de significação, com a finalidade de descrever e analisar o papel da atividade teatral na (re)organização das possibilidades comunicativas e expressivas de pessoas afásicas. Este projeto tem como motivação inicial o trabalho por nós desenvolvido, de 2004 a 2007, junto a um dos grupos do CCA, intitulado “Programa de Expressão Teatral com Afásicos”. Naquele período desenvolvemos uma pesquisa de iniciação científica (IC), financiada pelo CNPq, na qual, com conhecimentos provindos das Artes Cênicas, da Linguística e da Semiótica, objetivamos identificar o recurso dos sujeitos a estratégias verbais e não verbais próprias de diferentes sistemas semióticos, motivadas pela experiência com a arte teatral. O objetivo deste projeto compreende o aprofundamento dos interesses teóricos e metodológicos já assinalados na IC, de modo: i) a adensar e sistematizar a compreensão do caráter sociocognitivo do PET e suas implicações na comunicação de indivíduos afásicos; ii) compreender o caráter multissemiótico da comunicação no decurso das interações; iii) examinar a questão da coexistência de semioses envolvidas nos processos de interação face a face da comunicação e da significação típicas do fazer teatral. Conforme assinala MORATO, a propósito (et alli, 2002, p. 34-35): “a julgar pela mudança positiva de humor dos integrantes do CCA, e a julgar pelo aumento da disposição para o enfrentamento das limitações impostas pelas sequelas motoras e verbais, o trabalho de teatro tem se mostrado imprescindível para a recuperação das possibilidades comunicativas das pessoas afásicas”. Para a pesquisa atual estabelecemos algumas indagações norteadoras: i) como se articulam os processos de significação verbais e não verbais que os sujeitos empreendem na interação do fazer teatral para ajustar as condições de produção do sentido?; ii) o que a afasia, como perturbação da metalinguagem, que pode estar acompanhada de comprometimento motor e prático, implica para a geração e emergência de semioses coocorrentes?; iii) se a emergência de semioses coocorrentes implica uma tomada de consciência sobre a multimodalidade das ações ativadas pelo afásico durante o PET, o que a observação da emergência de semioses coocorrentes e reflexividade linguística pode revelar sobre as relações entre linguagem e cognição nas afasias? A hipótese da pesquisa partiu de um questionamento da concepção tradicional de afasia, que a toma como perda da capacidade de realizar operações prático-motoras e metalinguísticas (decorrente de lesões cerebrais que se seguem, principalmente, a acidentes vasculares cerebrais e traumatismos cranioencefálicos), o que subtrairia do afásico uma competência relativa a um domínio tido na tradição estruturalista como essencialmente mental, interno, psicológico. Nossa hipótese, em consonância com Morato (2010), é que, considerando-se a competência relativa à linguagem e a outras semioses a partir de uma perspectiva sociocognitiva, não redutível a uma capacidade metalinguística ou metacognitiva *stricto sensu*, não se pode dizer absolutamente que ela se perde ou se destrói nas afasias. Pelo contrário, está presente de algum modo; mostra-se nos processos de reorganização e nos processos

alternativos de significação. A Neurolinguística é uma disciplina inerente ao domínio da Linguística – e não apenas da Neurociência – como pondera Morato (2010, p.18): “da tradição dos estudos da ciência da linguagem, a Neurolinguística preserva o foco e o interesse na descrição e na análise da estrutura, organização e funcionamento da linguagem”. Marcuschi (2007) e Koch (2004) investem forças para evidenciar a integração entre verbal e não verbal, numa perspectiva sociocognitiva. No PET, pela natureza linguística, sociocognitiva e multimodal do teatro, verificaremos como o sujeito afásico reorganiza e se utiliza das múltiplas semioses coocorrentes enquanto estratégias compensatórias em cada ato comunicativo. A pesquisa estará fundamentada em uma perspectiva interacionista, sociocognitivista de filiação interacional (e, portanto, multimodal) da linguagem e da cognição (TOMASELLO, 1999/2003; MARCUSCHI 2007; NORRIS, 2006; KOCH, 2004; SALOMÃO, 1999; MORATO, 2010; GOODWIN, 2003). No que tange às Artes Cênicas, tal perspectiva ressalta que a construção de sentido é um processo que envolve dinâmicas, jogos teatrais e interação de várias ordens (linguagem e cognição, linguagem, processos de significação). É o que propõe Augusto Boal afirmando que “a linguagem teatral é a linguagem humana por excelência. Sobre o palco, atores fazem exatamente aquilo que fazemos na vida cotidiana, de uma maneira artificializada, reconduzida teatralmente” (BOAL, 2002, p.6). Após a retomada do PET, registrado em audiovisual, desenvolver-se-á uma estrutura que dividirá as sessões da seguinte maneira: i) instalação da proposta de trabalho: aquecimento vocal, corporal e emocional; ii) exercícios de expressão corporal, socialização e interação; iii) exercícios de sensibilização sensorial e mnemônicos, criação de cenas; iv) jogos improvisacionais que visam estimular reestruturações psicomotoras por meio da interação social. Em relação ao empreendimento analítico, pretendemos proceder à análise do caráter intersemiótico da atividade teatral, levantando e organizando descritivamente as semioses coocorrentes nas atividades propostas.

Palavras-chave: Neurolinguística. Sociocognição. Significação. Teatro. Afasia.

A TEXTUALIZAÇÃO DO POLÍTICO NOS DISCURSOS SOBRE A PROSTITUIÇÃO NA LITERATURA CARIOCA OITOCENTISTA

Karine de Medeiros Ribeiro

RESUMO: Neste trabalho, estudamos processos de textualização discursiva do político na literatura carioca do século XIX, particularmente nos romances “Lucíola”, de José de Alencar; “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, de Machado de Assis; “O cortiço”, de Aluísio Azevedo; e “Bom-Crioulo”, de Adolfo Caminha. Consideramos os textos literários como objetos discursivos para refletirmos como, nessa textualização literária oitocentista, é significada a posição-sujeito prostituta. Em nosso arquivo de leitura, observamos que a posição-sujeito prostituta é relacionada a um discurso sobre a organização do espaço urbano, neste caso, a cidade do Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX. Nas sequências discursivas recortadas em nosso trabalho, objetivamos compreender de que forma se configuram sentidos, ao mesmo tempo, sobre a prostituta e sobre a cidade. Nessa orientação, analisamos: a) como sentidos de prostituta são textualizados no corpus, produzindo um efeito de interdiscurso no fio discursivo; b) e, especificamente, como a sexualidade e o corpo dessa posição-sujeito prostituta são ditos e silenciados no espaço urbano. Problematizamos como o imaginário social, os processos de subjetivação, os efeitos de pré-construído e as formas de silenciamento do corpo e do dizer, enformam e determinam um discurso sobre a prostituição, dando visibilidade e significação a uma determinada posição-sujeito prostituta no espaço urbano. Empreendemos gestos de leitura em que é possível descrever e interpretar o processo de significação da prostituição inscrito pelo político e pelo social. A partir de uma perspectiva materialista da língua e da história, fundamentamo-nos em dispositivos teóricos e analíticos da Análise de Discurso (COURTINE, 2009; FUCHS, 1997; ORLANDI, 1994; 1997; 2002; PÊCHEUX, 1990, 1997, 1999, 2008), tais como interdiscurso, memória discursiva, pré-construído, paráfrase e polissemia. Buscaremos compreender se, nas sequências selecionadas, há uma relação entre a inscrição discursiva da sexualidade, da mulher e da prostituição e o processo de higienização do espaço urbano no século XIX. Para tanto, refletiremos sobre a construção de uma abordagem discursiva dos processos ideológicos que constituem as relações entre o poder, os saberes, o corpo e o conhecimento. Com essa fundamentação, procuramos compreender, por meio da Análise de Discurso, a regionalização do político no texto, no entremeio de uma filiação histórica na rede da memória e de uma rede atual de significações, de sentidos (PÊCHEUX, 2008). Segundo Orlandi (1994), é por causa da relação entre imaginário social e formação ideológica que há um efeito de evidência, de “transparência” dos sentidos, como uma forma de apagamento das tensões sociais e da história no processo de leitura e interpretação. Para a autora, o papel da Análise de Discurso é o de restituir a opacidade ao texto para poder interpretá-lo, o que implica em compreender a história como acontecimento que reclama sentidos, apreensíveis pelo e no discurso. Conjuntamente, busca-se também a compreensão das formas de apagamento, silenciamento, cristalização e engendramento do “não-sentido”. No tocante ao apagamento dos sujeitos e dos sentidos, põe-se a questão do silêncio em relação ao lugar do dizer, processo por meio do qual o outro é reduzido ao mesmo. Levaremos também em consideração, reflexões de outros campos teóricos que nos parecem produtivos para nossa pesquisa. A questão do silêncio, por

exemplo, de modo distinto, atravessa também o campo de interesse da História das Mentalidades ao pensarmos que “há muito que as mulheres são esquecidas, as sem-voz da História. O silêncio que as envolve é impressionante. Pesa primeiramente sobre o corpo, assimilado à função anônima e impessoal da reprodução” (PERROT, 2003, p. 13). Podemos relacionar essa função anônima não só ao campo biológico, mas a uma série de proposições de diferentes campos do saber que, a partir do século XIX, mudam as formas de interdição e de exclusão (FOUCAULT, 1999a, 1999b). Ainda no século XIX, o apagamento do corpo e do dizer dos “anormais” se relaciona estritamente com o projeto de higienização do espaço urbano (FOUCAULT, 1999b). No caso específico da prostituta, o discurso positivista que a associa a efeitos de degenerescência física e moral, como a sífilis, é hegemônico (RAGO, 2008). É, portanto, por meio deste quadro complexo teórico-epistemológico que procuraremos empreender nossos gestos analíticos, tendo, como justificativa para esta pesquisa, a proposta de relacionarmos sujeito e sentido em gestos de leitura por meio dos quais se questiona a transparência da língua, do sujeito e da história e se compreenda a literatura como discurso e, portanto, como constitutivamente ideológica. Iniciada no primeiro semestre de 2014 e orientada pela Profa. Dra. Claudia Regina Castellanos Pfeiffer, a dissertação está em estágio de desenvolvimento. Atualmente, apropriamo-nos do quadro teórico da Análise de Discurso, no qual se busca compreender a opacidade e a materialidade da língua e da história.

Palavras-chave: Análise de Discurso. Literatura brasileira oitocentista. Espaço urbano. Posição-sujeito prostituta.

SOBRE NORMA E PREPOSIÇÕES: UM ESTUDO DIACRÔNICO DA COMPLEMENTAÇÃO SENTENCIAL (DES)PREPOSICIONADA EM PORTUGUÊS

Kelly Cristina Tannihão

RESUMO: No presente trabalho, pretende-se fazer um quadro descritivo-interpretativo do uso das preposições essenciais “a”, “de”, “em”, “para”, “por” e “com” em contextos de complementação sentencial verbal e nominal preposicionada. Em uma abordagem diacrônica, tais usos serão correlacionados às normas linguísticas vigentes em diferentes períodos da história da língua portuguesa. Para isso, são estudados os contextos introduzidos pelo conectivo subordinante “que”. As construções completivas oracionais preposicionadas já foram estudadas em vários trabalhos, mas sempre se parte da estrutura PREP + QUE como forma padrão para se estudar a variação no emprego da preposição. Em sentido contrário ao que tem sido feito, aqui a hipótese investigada é de que a estrutura completiva preposicionada PREP + QUE tenha sido imposta por cânones gramaticais, ou seja, tenha sido implementada artificialmente na história da língua. A partir dessa hipótese, investiga-se, diacronicamente, o comportamento das sentenças completivas sentenciais e do emprego das preposições nessa estrutura, sempre tendo em vista sua relação com a normatização da língua. Assim, este estudo se diferencia de estudos anteriores, partindo da hipótese de que a forma PREP + QUE tenha sido artificialmente introduzida, enquanto a estrutura 0 + QUE seja a forma vernácula desde remotos tempos da língua e que, com a normatização linguística, tenha havido um aumento no uso de preposições nesse contexto. Sobre a oração completiva, de acordo com Bourciez (1930 apud MOLLICA, 1989), esse tipo de estrutura surge no latim vulgar, a partir de um emprego particular do relativo neutro, e são 3 tipos de verbos que dão origem a tal formação: intelectivos, afetivos e volitivos. Ainda segundo o autor, no latim clássico, esses verbos podiam ser acompanhados de um infinitivo. Diacronicamente houve então uma substituição da sentença infinitiva, como era feito em latim clássico, por uma completiva introduzida por partícula relativa, que passou a ser o “quid”, no latim vulgar. Mollica (1989) afirma que, já no período arcaico das línguas românicas, as completivas eram construídas de 2 maneiras: introduzidas por “que” e introduzidas por infinitivo preposicionado; para Bourciez (1930 apud MOLLICA, 1989), a substituição do infinitivo preposicionado pela integrante com “que” em sentenças se propagou mais nas línguas de Península Ibérica – espanhol e português. Diante das duas possibilidades de construção das completivas sentenciais, analisa-se então a presença/ausência de preposição introduzindo complementação indireta com o conectivo “que”. Silva (1989), em seu minucioso trabalho de descrição da gramática do português arcaico, analisa os “Diálogos de São Gregório” e afirma que as completivas iniciadas por “que” nunca são precedidas das preposições exigidas pelos verbos que as acompanham, ao contrário do que acontece com as completivas de infinitivo. Nesse mesmo sentido, Mollica (1989) afirma que o uso da preposição “de” antes do subordinante “que” é inovação e que apenas o português e o espanhol, das línguas românicas, admitem tal estrutura - línguas nas quais é possível verificar a variação presença/ausência de preposição antes do subordinante “que”. Bogard e Company (1986) apontam o séc. XVII como o período em que a estrutura PREP + QUE se introduziu no espanhol e teria sido uma analogia com a estrutura N+DE+Infinitivo.

No português, essa implementação ainda não foi criteriosamente estudada, lacuna que se pretende preencher com o presente estudo. Objetivando-se descrever diacronicamente tal construção, tem-se como hipótese que a implementação da preposição antecedendo o “que” subordinante é o que inicialmente ocasionou variação na língua, e não sua omissão, como vários estudos apontam. Assim, a construção preposicionada teria se implementado artificialmente nos textos eruditos, assumindo o estatuto de norma, forma preconizada pela gramática normativa até os dias de hoje. Para estudo da complementação preposicionada em português e de sua relação com as normas linguísticas estabelecidas, propõe-se então uma descrição da complementação sentencial preposicionada do português arcaico; análise e descrição dos mesmos contextos no português clássico e no moderno. Com a análise dos períodos linguísticos mencionados, será possível fazer uma ampla descrição da complementação sentencial preposicionada em português, sempre relacionando seu uso à normatização – direta ou indireta. Assim, o trabalho propõe: fazer um levantamento de estruturas completivas sentenciais preposicionadas iniciadas pelo complementador “que” em diferentes períodos linguísticos; traçar um panorama das construções (des)preposicionadas ao longo do período proposto; investigar, nas gramáticas do português, o tratamento dado às construções completivas; correlacionar os resultados encontrados nos levantamentos de dados às formulações encontradas nas gramáticas; construir um quadro descritivo-explicativo para as construções completivas preposicionadas, à luz da norma linguística. Como fundamentação teórica para a análise, adota-se o aparato funcionalista da linguagem, de forma a estudar funcionalmente a estrutura linguística. Dessa maneira, será construído um quadro diacrônico descritivo-interpretativo do uso de preposições em construções sentenciais completivas nominais e verbais introduzidas pelo conectivo “que”, correlacionando o uso à norma linguística vigente.

Palavras-chave: Linguística Histórica. Complementação Sentencial. Preposição. Norma.

"TRISTES" DE OVÍDIO: ASPECTOS DA ELEGIA AMOROSA NA ELEGIA LAMENTOSA DO EXÍLIO

Laís Scodeler dos Santos

RESUMO: Públio Ovídio Naso (43 a.C. - 17 ou 18 d.C.) nasceu em Sulmona e teria pertencido a ordem equestre em Roma, sendo o segundo filho de uma família abastada e, diferentemente do irmão, teria optado por escrever poesia em vez de dedicar seu tempo à retórica e à política. Hoje, Ovídio é considerado não apenas o último poeta elegíaco, como define Luck (2008: 446) mas, segundo Conte (1994), é o último dos grandes poetas augustanos. Tal caracterização se deve, muito provavelmente, não apenas ao fato de a maior parte de sua obra ter sido composta por elegias (excetuamos, aqui, o épico “Metamorfoses” e a tragédia “Medea”), mas à relação peculiar existente entre o poeta e o gênero elegíaco. Segundo Farrel (2009: 371) Ovídio insiste, do início ao fim de sua carreira, ser um poeta elegíaco, ressaltando, ainda, a dificuldade em se argumentar com ele, de modo que ser um elegíaco faz parte da identidade do poeta. Assim sendo, ao deparar-se com as elegias ovidianas, o leitor é exposto à temática característica do modelo seguido e à enormidade da sua produção, bem com a uma variedade de gêneros poéticos com os quais ele trabalha. Em sua tese, Prata (2007) demonstra a presença do gênero épico nos “Tristia” a partir de uma leitura dos elementos épicos virgilianos ali presentes. Posteriormente, Bem (2011) analisa o que se denominou “confluência genérica” nos “Amores”, tratando não apenas da presença do “epos”, mas da existência de outros gêneros, como a comédia, nas elegias amorosas do livro. Ovídio inicia sua produção poética com os “Amores”, obra composta por três livros de elegias amorosas, cuja temática principal é o amor, mas, curiosamente, não é a única que perpassa seus versos. O poeta compõe, no período do exílio, elegias lamentosas cuja principal função seria, dentre outras coisas, lamentar sua triste condição, como nos versos, em tradução de Prata (2007) “Inuenies toto carmine dulce nihil./Flebilis ut noster status est, ita flebile carmen,/Materiae scripto conueniente suae”. “Não encontrarás em toda poesia nenhuma amenidade./Como é lamentosa minha situação, também é lamentosa a poesia./Adapta-se a forma ao conteúdo.” Então, se utiliza da produção de versos que deveriam espelhar a má sorte que fez com que o “tenerorum lusor amorem” desse lugar ao “poeta relegatus”. Este, por ter sido condenado ao exílio, deveria produzir uma poesia que fosse tal qual a sua situação. Sobre isso, alguns estudiosos costumam dizer que o poeta rompe com a produção anterior e, por isso, dividem a obra ovidiana em antes e durante o exílio. Mas, será mesmo que Ovídio rompe com a sua produção amorosa e que, de fato, não existem aspectos da elegia amorosa na lamentosa? Considerando a importância dos estudos da filologia dos últimos anos, na esteira de teóricos como Mario Labate (1987) percebemos que Ovídio teria, portanto, através do esgotamento de aspectos como a inserção de elementos de outros gêneros (como o épico) na composição de suas elegias, alargado os limites do gênero. Dizemos isso porque tanto Tibulo quanto Propércio também utilizaram alguns elementos comuns a Ovídio, que teria sido o responsável por esgotar o que os outros fizeram de forma mais sutil, o que o caracterizaria, então, sua postura perante a composição elegíaca. Harrison (2006) ainda define a elegia ovidiana como um lugar de contínua reflexão metagenérica e debate. Após as considerações acima, nosso trabalho propõe analisar a sobrevivência de aspectos da elegia amorosa na lamentosa

através da construção da imagem de “poeta relegatus” que se dá, também, pela “recusatio” da elegia amorosa nos “Tristia”. Para tanto, levaremos em conta a presença da “Arte de Amar” nas elegias programáticas da obra, das quais trataremos.

Palavras-chave: Linguística. Estudos clássicos. Ovídio. Elegia. Gênero.

PATOLOGIZAÇÃO E FRACASSO ESCOLAR PELO OLHAR DA NEUROLINGUÍSTICA DISCURSIVA

Laura Maria Mingotti Muller

RESUMO: A Neurolinguística Discursiva (abreviada como ND) vem desde o fim da década de 80 (Coudry, 1987) analisando criticamente a crescente patologização do processo de aquisição da leitura e escrita de crianças e jovens. Essa crítica tem sido intensificada com a criação em 2004 do Centro de Convivência de Linguagens (CCazinho), um espaço em que alunos e pesquisadores buscam intervir nas dificuldades de leitura e escrita apresentadas por crianças e jovens que são acompanhadas longitudinalmente em encontros semanais. A grande maioria das crianças/jovens chegam ao CCazinho com algum tipo de diagnóstico relativo à aprendizagem da leitura e da escrita (Dislexia, Distúrbio de Aprendizagem, Déficit do Processamento Auditivo, Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade – TDAH) que ao longo do trabalho de intervenção nos acompanhamentos longitudinais individuais e coletivos não se confirmam e acabam por revelar um conjunto de problemas sociais, políticos e psico-afetivos antes encobertos pela patologia. Muitas pesquisas de mestrado e doutorado, além de artigos, capítulos de livros e trabalhos apresentados em eventos nacionais e internacionais tiveram como tema central a crítica a esse crescente processo de patologização de crianças e jovens normais. Há, portanto, uma crítica consolidada dentro do campo teórico e metodológico da ND e é desse ponto que parte essa pesquisa de doutorado. Tendo a ND descaracterizado o que foi tido como sintoma de patologia na leitura e na escrita de crianças e jovens, criticado as concepções de leitura e escrita, sujeito e cérebro presentes nas teorias médicas que sustentam a realização do diagnóstico e denunciado os problemas sociais que ele encobre, ainda se faz presente um fato: muitas crianças e jovens apresentam de fato dificuldades de leitura e escrita que já deveriam ter sido superadas em sua escolaridade. Dessa forma, esta pesquisa se propõe a responder a pergunta: Se não é uma patologia, quais fatores explicariam as dificuldades escolares e de leitura e escrita que crianças e jovens apresentam? Desse modo, delineiam-se os seguintes objetivos da pesquisa: Investigar os problemas sociais, políticos e psico-afetivos que estrategicamente o diagnóstico recebido por crianças e jovens que frequentam o CCazinho encobre, buscando analisar os fatores, localizados principalmente na escola, responsáveis pelas dificuldades escolares e de leitura e escrita que, de fato, esses sujeitos apresentam. Diante da ineficiência da escola, hoje, de ensinar a leitura e a escrita e os conteúdos formais/disciplinares, revelada pelos altos índices de fracasso escolar da educação brasileira, procuraremos investigar, através do acompanhamento longitudinal de pelo menos duas crianças e/ou jovens que estejam tendo sucesso escolar, as razões que os fazem “ir bem” na escola, em contraste com as crianças e jovens do CCazinho. Esta investigação será feita por meio do acompanhamento longitudinal individual e coletivo de crianças e jovens que frequentam o CCazinho, apresentam dificuldades escolares, com ênfase na leitura e na escrita e receberam um diagnóstico equivocado relativo a aprendizagem. Do trabalho a ser realizado com essas crianças e jovens, serão observados e analisados: os materiais escolares (cadernos, livros didáticos/apostilas e provas) que indicam a maneira como a escola tem encaminhado e avaliado a aprendizagem dos conteúdos escolares e da leitura e escrita pela criança/jovem; o que falam a família e o sujeito sobre a escola e sobre a

história das dificuldades escolares e de leitura e escrita que a criança/jovem apresenta; o que fala a escola sobre as dificuldades do sujeito e o modo como intervém (ou não) nelas; as atitudes e ações das crianças/jovens diante das barreiras impostas pelas dificuldades que apresentam. Essa investigação tem como pressupostos teóricos e metodológicos a Neurolinguística Discursiva que se sustenta em 4 pilares: uma concepção de linguagem abrangente/pública e uma concepção de sujeito histórico, não idealizado, constituído na e pela linguagem, baseadas em Franchi (1977) e em uma concepção histórica e funcional de cérebro formulada por Vygotsky (1926; 1934), Luria (1979) e Freud (1891). Sinteticamente, para a ND, sujeito, língua e mente/cérebro são construídos historicamente na relação com o Outro. A concepção de linguagem assumida pela ND tem como premissa que o processo de aquisição e uso da leitura e escrita se dá na interlocução e no decorrer de um tempo que é próprio de cada sujeito envolvido em sua história, sobretudo familiar. O caráter longitudinal das pesquisas realizadas no âmbito da ND possibilita acompanhar e analisar as idas e vindas do processo de aquisição da escrita, que se dá por meio de evoluções e revoluções (VYGOTSKY, 1926) do sujeito às voltas com o mundo das letras.

Palavras-chave: Neurolinguística. Patologização. Fracasso escolar. Processo de aquisição da leitura e escrita.

CORPO CIDADINO, CORPO TATUADO: PROCESSOS DE IDENTIFICAÇÃO DO SUJEITO NA RELAÇÃO ENTRE CORPO E CIDADE

Leonardo Paiva Fernandes

RESUMO: Em nossa dissertação, analisamos processos de identificação do sujeito com a cidade por meio da inscrição do espaço no corpo tatuado. Para tanto, o arquivo de leitura é constituído por fotografias de corpos tatuados selecionadas a partir de portfólios de tatuadores brasileiros. Apesar de o arquivo se encontrar em fase de construção, estudamos particularmente os trabalhos do tatuador brasileiro Taiom. Em suas tatuagens, há uma sedimentação de sentidos sobre as capitais Brasília e São Paulo. Considerando um batimento entre descrição e interpretação (PÊCHEUX, 2008), objetivamos compreender, por meio das relações metafóricas e metonímicas, como os sujeitos contemporâneos são identificados ao espaço traçado em seus corpos. Os aparelhos de Estado e as relações de forças heterogêneas, móveis e táticas, regulam as condições materiais de possibilidade de existência dos discursos, atravessados pelo equívoco e pela falha. O corpo tatuado, tratado por nós como um lugar tenso e contraditório de movimento de sentidos e de falha no ritual de interpelação ideológica, territorializa determinado espaço, como as cidades de São Paulo e Brasília, movimentando sentidos e limites da cidade. Como problema de nossa pesquisa, interrogamos como a cidade identifica o sujeito ao se espacializar em traços no corpo. A partir de dispositivos teórico-analíticos da Análise do discurso (COURTINE, 2009; LAGAZZI, 2010, 2014; PÊCHEUX, 1997, 2011; PÊCHEUX; FUCHS, 1997), tais como o interdiscurso, a memória discursiva, as materialidades significantes e as relações metafóricas e metonímicas, em articulação com conceitos da filosofia da diferença (DELEUZE; GUATTARI, 1995; FOUCAULT, 1987, 1999, 2006), entendemos que o espaço não é delimitado apenas pelas políticas públicas do Estado-Nação (HAESBERT, 2005, 2010): o político e as relações de poder permeiam os discursos, os sujeitos e as cidades, constituindo-os reciprocamente e produzindo múltiplos territórios, territorialidades e desterritorializações. Segundo Eni Orlandi (2009), mesmo que tenha havido um deslocamento nas formas como o capitalismo vem sendo praticado e vem estabelecendo suas relações de poder, ainda assim permanecemos no domínio ideológico do capitalismo. Para Orlandi (2009, p. 15), há uma “formação ideológica capitalista dominante e que se pratica através da projeção de inúmeras formações discursivas que formam um complexo a dominante. [...] Esse complexo de formações discursivas é a manifestação, na linguagem, do fato de que o capitalismo mantém-se em sua dominância, praticando-se, para não ser deslocado, por diferentes falas da mundialização”. Ao cruzar o conceito de deslocamento de Michel Pêcheux (1990) com a desterritorialização de Félix Guattari e Gilles Deleuze (1995), Pedro de Souza (1998, p. 12) afirma que é possível “falar na emergência da cidade como problemática de transição não linear e não-cronológica”. Para Orlandi (2004), no que diz respeito ao território urbano, o corpo do sujeito e o corpo da cidade estão atados de tal maneira que o destino de um não se separa do destino do outro, mesmo nas suas mais variadas dimensões (material, cultural, econômica, histórica). O sujeito (se) significa (n)a cidade. O espaço urbano enquadra fenômenos e práticas que acontecem na cidade. Forma-se um acontecimento discursivo urbano em que sujeito e sentido se constituem mutuamente. Dessa maneira, pensamos que o enquadramento determina o

espaço de significação. Segundo Orlandi (2012), o corpo, dentro da história e da sociedade, em um espaço de interpretação atravessado pelo simbólico e pelo político, determina sentidos, funcionando como condição de produção, ao mesmo tempo em que é determinado pela memória discursiva e por outras condições de produção. Como sugere Marie-Anne Paveau (2010), as tatuagens são escrituras corporais que constituem simultaneamente um discurso do corpo e um discurso sobre o corpo. As escrituras corporais correspondem a uma marcação social, cultural, religiosa, política e pessoal do corpo (PAVEAU, 2010). Enfatizamos a relação constitutiva do sujeito com a história e com a ideologia, especificamente no que tange aos processos de identificação do sujeito no conjunto das práticas discursivas de uma determinada sociedade. Como justificativa, pensamos que o corpo é inscrito pelo político. Dessa forma, podemos compreender os modos de identificação dos sujeitos com a cidade, assim como os efeitos discursivos do e sobre o corpo tatuado engendrados pela história. Atualmente, trabalhamos na construção do arquivo de leitura e na discussão teórica acerca das articulações entre o conceito de deslocamento e o de desterritorialização.

Palavras-chave: Análise do discurso. Processo de identificação. Sujeito. Corpo tatuado. Cidade.

O PROCESSO DE “BOOTSTRAPPING” NA AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM

Letícia Schiavon Kolberg

RESUMO: O papel do “input” na aquisição tem sido amplamente discutido na literatura inatista dentro das chamadas teorias de “bootstrapping”, que postulam que certas pistas (“cues”) da língua materna seriam responsáveis pelo disparo dos mecanismos inatos de aquisição. Embora não se acredite que apenas um tipo de pista (sintático, prosódico ou semântico) seja responsável pela parametrização, segmentação linguística e mapeamento semântico por si só, a maioria dos autores postula uma hierarquia de acesso a esses subsistemas linguísticos. Pinker (1989) afirma que a informação semântica é a responsável pelo início da aquisição, sendo a estrutura argumental a base para a estrutura sintática, o que tornaria a informação sintática menos importante inicialmente. Já Mazuka (1996) postula que antes do início da segmentação, mapeamento e parametrização de características sintáticas complexas é necessário adquirir certos parâmetros básicos a partir do ritmo da língua, como os parâmetros de direcionamento de núcleo e de recursividade, sendo estes os responsáveis lógicos pelo disparo dos mecanismos inatos de aquisição, não necessitando da semântica para este fim. A aparente dificuldade em se chegar a um consenso sobre qual tipo de pista seria usado inicialmente gera o chamado “bootstrapping problem” (PINKER, 1989), que salienta a circularidade desta discussão: como se chega à estrutura sintática pela semântica sem compreender a correlação entre a estrutura sintática e a argumental desde o princípio? Da mesma forma, como se pode usar pistas prosódicas sem a transposição do nível fonético/fonológico para o nível de representação formal? A fim de resolver estas questões, Hirsh-Pasek & Golinkoff (1996) criam um modelo de “coalisão” onde pistas sintáticas, semânticas, prosódicas e contextuais estão presentes e são usadas em conjunto desde o início, embora assumam pesos diferentes conforme a aquisição procede. Para isso, ressaltam três fases principais da aquisição, baseadas no tipo de informação mais saliente: a fase prosódica, que vai aproximadamente até os 09 meses, na qual a criança realiza a segmentação inicial da fala e a delimitação de eventos a partir desta; a semântica, dos 09 aos 24 meses, na qual ocorre o mapeamento semântico das unidades linguísticas e a determinação de parâmetros sintáticos básicos a partir de pistas redundantes do contexto; e a sintática, dos 24 aos 36 meses, na qual os parâmetros sintáticos mais complexos são finalmente determinados. Cada uma das fases é corroborada por evidências empíricas coletadas em testes de compreensão com crianças adquirindo o inglês, mas os resultados obtidos são considerados universais. A fim de corroborar esta universalidade, o objetivo principal desta dissertação é a reprodução de um dos testes realizados pelas autoras com crianças adquirindo o português brasileiro (PB). O teste escolhido pretende investigar a compreensão de ordem de palavras e sua correlação com os papéis temáticos de agente e paciente por crianças na segunda fase. Com isso, comprovaria-se a capacidade infantil de correlacionar pistas sintáticas, semânticas e contextuais redundantes no “input”, indo contra a previsão de autores como Pinker (1989) e Mazuka (1996) de que as crianças usariam apenas um tipo (ou um subgrupo) de pistas por vez no processo de aquisição. A metodologia de testagem segue o Paradigma de Olhar Preferencial Intermodal (SPELKE, 1979), onde dois estímulos visuais são apresentados simultaneamente, acompanhados de um estímulo auditivo, e o que se observa é o tempo de fixação do olhar para o estímulo visual correspondente

contra o não-correspondente ao auditivo. Dois monitores posicionados lado a lado mostravam vídeos dos personagens batizados de Ju e Nino realizando ações transitivas, sendo que em um monitor Ju era a agente, e no outro, paciente. O estímulo auditivo, tocado por um alto falante oculto entre os monitores, expõe sentenças como “A Ju está coçando o Nino”, correspondentes a apenas um dos estímulos mostrados, enquanto uma câmera também oculta grava o movimento do olhar da criança, contabilizado “off-line”. Ao todo, 20 crianças entre 1;01 e 2;04 anos (idade média de 01;08 anos) foram testadas, em uma sala de aula de uma creche em Curitiba-PR. Apesar da observação de certos problemas na realização do experimento, tais como pouco tempo para familiarização com os nomes dos personagens e preferências individuais por uma das telas, os resultados em geral mostram uma preferência pelo estímulo correspondente à narração, com um tempo médio de fixação do olhar significativamente maior para este em três dos quatro estímulos testados, alcançando um tempo de fixação global 12% maior para os vídeos correspondentes em relação aos não-correspondentes (apesar de esta diferença parecer pequena, leva-se em conta o fato de que ambos os estímulos são extremamente semelhantes, mudando apenas os papéis de agente e paciente). A partir disso, podemos prever a universalidade da segunda fase da aquisição proposta por Hirsh-Pasek & Golinkoff, e também corroborar a hipótese de que as crianças são capazes de correlacionar diferentes tipos de pista para o processo de aquisição a partir dos mecanismos inatos.

Palavras-chave: Psicolinguística. Aquisição. Bootstrapping. Olhar preferencial.

COMPETÊNCIAS BÁSICAS DO PORTUGUÊS: UM GESTO FUNDADOR DE AUTORIA BRASILEIRA EM SOCIOLINGUÍSTICA

Lívia Helena Moreira e Silva

RESUMO: O presente trabalho é parte de um estudo em desenvolvimento no Mestrado no qual busco, no interior do programa História das Ideias Linguísticas, apontar sentidos possíveis para uma história da sociolinguística no Brasil a partir da década de 1970, quando se constituíram as condições de seu início institucional no país no conjunto da história das ciências da linguagem (consideradas na diversidade em que se apresentam no tempo e no espaço) e, de modo mais abrangente, no conjunto da história das ciências. Partindo de uma posição materialista filiada à Análise do Discurso e à Semântica Histórica da Enunciação (Semântica do Acontecimento), trabalho com a história vista enquanto produção de sentidos na/pela língua, visando à reconstrução do processo pelo qual a história da sociolinguística se conta nos primeiros trabalhos acadêmicos publicados no país concernentes a essa, então, nova forma de abordagem da variação linguística brasileira, atenta ao processo conjuntural e político que constitui o espaço no qual a história se produz. Pela análise da designação de “sociolinguística” no conjunto de textos que compõem o arquivo levantado, pude perceber como o desenvolvimento da disciplina se justifica em função de um passado enunciativo muito específico, ligado a seu florescimento nos Estados Unidos, mas é sobretudo pelo argumento do ensino, ligado a uma urgente demanda social relativamente ao ensino da língua portuguesa (em sua unidade imaginária), que os autores orientam sua argumentação ao justificar a instituição da sociolinguística no Brasil, o que não é sem consequências para o seu depois, ao contrário, é um modo de significar a disciplina que projeta seu futuro no país. Minha hipótese é de que a pesquisa que Anthony Naro e Miriam Lemle desenvolvem sobre o corpus do Mobral, que dá origem, em 1977, à publicação do livro *Competências Básicas do Português*, se qualifica, na história da instituição da sociolinguística no Brasil, como um lugar de referência privilegiado, aquele que cria as condições para que se abra uma série de autores e uma série de trabalhos sociolinguísticos brasileiros, no sentido de promover um alargamento e sistematização da produção na área. Trata-se de um projeto que atende a uma demanda governamental relativamente a um problema que afeta todo o país, qual seja, o do fracasso escolar, o que proporciona condições materiais para o primeiro levantamento brasileiro de corpus nos parâmetros da metodologia sociolinguística, configurando uma prática sociolinguística efetivamente brasileira. Trata-se também de um projeto financiado pelas fundações Mobral e Ford, o que contribui para que sua circulação seja mais ampla que a de qualquer outro trabalho da área no mesmo período, dando-lhe a visibilidade de que precisa para constituir-se na referência primeira para os demais trabalhos de sociolinguística que quisessem estabelecer uma filiação de sociolinguística brasileira. Essa reflexão, que é sensível ao fato de que existem várias discursividades no interior do quadro da sociolinguística brasileira, onde algumas ganham mais espaço que outras nas relações de força em que estão em jogo as teorias, as instituições e o Estado com suas políticas de língua e de ensino, nos abre para uma série de questões em que tem lugar privilegiado o trabalho com a contradição, a começar pelo fato de o projeto de Naro e Lemle ser um estudo descritivo que visa a sistematizar a diversidade da língua a fim de criar condições para melhor ensinar o padrão considerado o mais próximo

daquele que configura a unidade da língua nacional. De modo mais amplo, permite-nos pensar, na impossibilidade de uma síntese entre a posição historicista que assumo em meu trabalho e o humanismo que caracteriza o texto que analiso, a “função” da linguística e os efeitos das teorias que ela abriga sobre os sentidos dos objetos que produz. De modo mais específico, permite-nos pensar os efeitos do lugar teórico-científico a partir do qual a sociolinguística formula um saber sobre a(s) língua(s) e os dialetos sociais e regionais no livro *Competências Básicas do Português e suas consequências para as pedagogias da língua*, que afetam as formas institucionais de nossa relação com a língua e, logo, com o Estado brasileiro.

Palavras-chave: História das Ideias Linguísticas. Sociolinguística. Ensino. Autoria. Língua portuguesa.

ASSIMETRIA NA RELAÇÃO ALVO-GATILHO NA HARMONIA VOCÁLICA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Magnum Rochel Madruga

RESUMO: O sistema vocálico do português é sensível à posição acentual, organizando-se decrescentemente de sete vogais na posição tônica para cinco vogais nas posições pretônica e postônica não-final, e para três vogais em posição postônica final de palavra. Tem-se: /i, e, E, a, O, o, u/ > /i, e, a, o, u/ > /i, a, u/ (cf. CAMARA JR., 1970). A natureza dessa organização envolve a abertura das vogais em consequência da neutralização de contrastes fonológicos. É um sistema que tende a dispensar contrastes intermediários, como o de ATR, em favor do contraste de altura. No processo de Harmonia Vocálica (HV), o traço [+alto] é o traço harmonizante, responsável por tornar as vogais médias altas /e, o/ em altas [i, u]. Entretanto, a HV apresenta uma assimetria que envolve as vogais alvo e gatilho. Enquanto a pretônica /o/ torna-se [u], tendo como gatilhos ambas vogais altas /i/ e /u/ na sílaba seguinte (e.g. m[i]nino, c[u]ruja), /e/ tende a tornar-se [i] apenas quando é seguida por /i/. Isso significa que a alta /u/ não exerce função de gatilho suficiente para alçar /e/ (e.g. *p[i]ludo). Segundo a literatura, esse comportamento é explicado de duas maneiras: a) pela altura da vogal [u] no espaço acústico das vogais, em que [u] estaria mais baixa que [i], não sendo uma vogal alta o suficiente para desencadear a alternância; b) pelo papel das consoantes precedentes e seguintes, que seriam facilitadoras ou desfavorecedoras de HV (BISOL, 1981). Neste trabalho, objetiva-se discutir o papel das vogais gatilho e das consoantes precedentes e seguintes à vogal alvo de HV no português do Brasil. Para isso, reanalisa-se o corpus utilizado por Bisol (1981). A análise parcial apresentada conta com 2076 tipos e 5786 ocorrências. Os tipos foram classificados conforme a vogal alvo, contando /e/ com 812 tipos e 2171 ocorrências e /o/ com 1250 tipos e 3615 ocorrências. Os dados foram analisados através do teste de qui-quadrado, cuja interpretação foi associada ao valor do V de Cramer e um alfa fixado em 0,05. A razão observada/esperada também foi utilizada para expressar a frequência relativa de alçamento das vogais médias pretônicas /e, o/ (cf. PIERREHUMBERT 1993; ALBANO, 2001). Os resultados indicam que a alternância das vogais médias para as altas é desencadeada primariamente pelas vogais adjacentes da sílaba seguinte. A tendência de elevação da pretônica /e/ apresenta distribuição decrescente no eixo antero-posterior, exercendo /i/ uma supremacia como vogal gatilho. Para /o/, entretanto, a tendência de elevação decresce com o aumento do grau de abertura da vogal gatilho. Em relação ao papel das consoantes, verificou-se que as [+altas] exercem papel de favorecedoras nas posições precedente e seguinte, porém as velares são preferidas na posição precedente enquanto as palatais favorecem HV em posição seguinte. Esses dois pontos de articulação foram os únicos que se mostraram consistentes na frequência de tipos e ocorrências. Além disso, constatou-se que as coronais /t/ e /d/ bloqueiam HV em posição precedente quando /e/ é a vogal alvo (e.g. [te]mido, mas não *[ti]mido e *[tSi]mido). Os achados são interpretados à luz da Teoria da Otimidade (MCCARTHY & PRINCE, 1993; PRINCE & SMOLENSKY, 1993). A proposta de análise utiliza restrições de marcação sequencial para expressar de forma conjunta o papel das consoantes e das vogais. Esse tipo de restrição fornece informação de direcionalidade, permitindo formalizar tanto o comportamento assimétrico das vogais envolvidas na HV quanto das consoantes adjacentes. Outra possibilidade de análise que

envolve uma hierarquia de sonoridade das vogais é cotejada. Nessa hipótese, a vogal mais sonora assimila-se para a menos sonora (cf. MINAS, 2002). De forma geral, este trabalho procura compreender a organização das vogais envolvidas na HV em virtude de a vogal /i/ mostrar-se como a principal vogal gatilho. Essa questão tem sido constatada na literatura da área, porém não há análises que a tratem como assimetria e tampouco que formalizem a relação alvo-gatilho.

Palavras-chave: Harmonia Vocálica. Vogais Pretônicas. Assimetria alvo-gatilho. Teoria da Otimidade.

APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS ENTRE OS ENUNCIADOS DE SUJEITOS PARKINSONIANOS TRATADOS MEDICAMENTOSAMENTE E SUJEITOS PARKINSONIANOS SUBMETIDOS A CIRURGIA: UM ESTUDO LINGUÍSTICO-COMPARATIVO

Maira Camillo

RESUMO: Neste presente estudo, propomos estudar as aproximações e os distanciamentos dos momentos hesitativos na ruptura da amarração dos significantes entre os enunciados de três sujeitos parkinsonianos submetidos à cirurgia e três parkinsonianos tratados medicamentosamente (SP1, SP2 e SP3). No entanto, até onde a nossa pesquisa avançou, realizamos a gravação e a transcrição de sessões de conversação espontânea apenas do grupo não submetido a cirurgia. Esses sujeitos apresentam grau de escolaridade, procedência geográfica, idade e profissão distintas e, serão pareados com sujeitos submetidos à cirurgia com as mesmas características. Na análise dos dados, nos atentaremos aos momentos hesitativos de ruptura da amarração dos significantes que indiciam os conflitos nos eixos sintagmático e associativo no enunciado e simbolizam os efeitos motores da doença como a produção dos sentidos. Para tanto, tomaremos as hesitações a partir de Authier-Revuz (1990), em que são vistas como fenômenos do plano que a autora define como da heterogeneidade mostrada, pontos em que, na superfície discursiva, a negociação do sujeito com os outros constitutivos do (seu) discurso se mostraria como problemática. Na análise do material, tomamos como critério, ainda para a ruptura no enlace dos significantes, a ocorrência do controle ou o não controle da deriva. A partir disso, encontramos e caracterizamos funcionamentos hesitativos de controle da deriva, como: Reformulação Antecipada, Reformulação Paralelismo Explícito, Contextualização e Retomada. Já para os momentos de ruptura com o não controle da deriva, encontramos e caracterizamos o funcionamento hesitativo Reformulação Não Materializada. Feito este trabalho, passamos para a contabilização dos tipos de marcas hesitativas e dos funcionamentos envolvidos para cada sujeito. Como resultados, vimos: que dois sujeitos (SP2 e SP3) aproximam-se no tipo de marcas hesitativas pausa silenciosa como a de maior ocorrência 37,50% e 45%, respectivamente; há nos enunciados dos três sujeitos maior percentual de controle da deriva (SP1 e SP2 com 96% e SP3 com 74%); o funcionamento Reformulação Antecipada é o de maior ocorrência para os três sujeitos (SP1 78,50%, SP2 57,50% e SP3 65%); o funcionamento Retomada é o de menor ocorrência para SP1 e SP2 (0,50% e 0,0%, respectivamente) e em SP3 o funcionamento Reformulação com Paralelismo Explícito com 1% de ocorrências. Outra observação diz respeito a temática Doença de Parkinson (etiologia, diagnóstico, sintomas, prognóstico, reação da sociedade e da família, medicamentos, entre outros) estar fortemente envolvida nos momentos de ruptura da amarração dos significantes e, portanto, causas motoras parecem não serem exclusivas para a emergência das hesitações. Embora os sujeitos apresentem percentuais semelhantes quanto ao controle da deriva e ao tipo de funcionamento de maior ocorrência, os percentuais dos outros funcionamentos ocorrem diferentemente e, portanto, a forma com que hesitam é distinta entre os sujeitos de mesmo diagnóstico neurológico. Para tanto, a teoria neurolinguística de base enunciativo-discursiva contribuiu para o entendimento de que os sujeitos parkinsonianos com Lesão Frontal não enunciam de forma generalizada e que os

déficits frontais como atenção, memória operacional, concentração, processamento de informação) parecem não ocorrer predominantemente para esses sujeitos que mais reformulam o seu dizer a deixarem a dispersão vigorar. Assim, sendo a singularidade de cada sujeito marcada expressivamente na forma como hesitam e representam a Doença de Parkinson, o entendimento neurolinguístico de que é por meio da natureza subjetiva e social da linguagem que podemos afirmar que o cérebro é um órgão moldado pelas experiências externas que, por sua vez, transformam o funcionamento cognitivo. Ainda, Damasceno, (1995, pg. 149) nos explicita que “o modelo luriano de funcionamento neuropsicológico pressupõe um sistema dinâmico, plástico, produto de evolução sócio-histórica e da experiência social do indivíduo, internalizada, sedimentada no cérebro”. Reflexões acerca desses primeiros resultados, nos levam a repensar práticas fonoaudiológicas que priorizam o trabalho motor e, assim, como proposta terapêutica, sugerimos conciliar exercícios motores com trabalho de (re)significação da Doença de Parkinson e da nova posição que os sujeitos passaram a ocupar, já que essa temática esteve fortemente envolvida nos momentos de ruptura da amarração dos significantes nos enunciados dos três sujeitos.

Palavras-chave: Hesitações. Neurolinguística. Enunciação. Doença de Parkinson. Metodologia.

DO ACONTECIMENTO HISTÓRICO ÀS NARRATIVAS DO ACONTECIMENTO: UM ESTUDO DISCURSIVO DO ACONTECIMENTO SAUSSURE NA LINGUÍSTICA BRASILEIRA

Marco Antonio Almeida Ruiz

RESUMO: Podemos considerar a década de 40 como o momento mesmo de irrupção da Linguística Brasileira. Embora houvesse antes desse período inúmeros trabalhos que buscavam compreender a língua portuguesa, especialmente, a partir dos mirantes gramatical, histórico-dialetológico e da crítica textual, é com a publicação do livro “Princípios de Linguística de Geral” de Mattoso Câmara Jr. em 1941 que efetivamente irrompe a ciência linguística no Brasil. Mattoso Câmara Junior é considerado por muitas gerações de linguistas como o iniciador da linguística de língua portuguesa. Nesses últimos setenta e poucos anos, a linguística brasileira cresceu muito: saiu do completo anonimato com os trabalhos pioneiros de Joaquim Mattoso Câmara Jr. e chegou em 2014 como uma das ciências brasileiras mais fecundas, haja vista o grande número de apresentações e publicações de trabalhos relevantes em eventos e revistas da área tanto no Brasil quanto no exterior. No entanto, embora extremamente profícua, a linguística brasileira ainda conta com poucas pesquisas, sobretudo no âmbito dos estudos discursivos, que procuram explicitar a sua história. Nesta dissertação de mestrado, objetivamos realizar um estudo discursivo acerca da recepção do pensamento de Ferdinand de Saussure no Brasil. Sua doutrina teve repercussões extraordinárias, imprevisíveis à época da publicação do “Curso de Linguística Geral” (CLG), proporcionando para si a consagração póstuma e o grande reconhecimento no meio acadêmico, que hoje o considera, sem dúvida, como o fundador da linguística moderna. A ele é comumente atribuído o mérito por ter efetivamente inaugurado um novo modo de contemplar os estudos em torno da linguagem, baseado em um caráter científico. Diante das novas instâncias de estudos em torno de sua obra e de seu pensamento, não podemos mais (re)lê-lo e pensá-lo somente a partir do CLG. A partir da descoberta de seus manuscritos originais, podemos encontrar diferentes interpretações ou leituras críticas que se contrapõem com o texto de 1916 e que proporcionam (re)interpretar o pensamento do mestre genebrino de uma outra maneira, mais crítica quanto aos principais pressupostos teóricos. Dada a pertinência dos postulados de Saussure para a compreensão de um estudo científico sobre a linguagem e com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Análise do Discurso de orientação francesa, mas especificamente a partir das categorias analíticas de acontecimento discursivo e narrativa do acontecimento, propostas por Jacques Guilhaumou (2009), pretendemos com a presente pesquisa verificar em que medida os manuais de linguística brasileiros, publicados a partir dos anos quarenta do século passado, que buscam explicar e/ou didatizar o pensamento saussuriano presente no CLG, contribuíram (e ainda contribuem) para a recepção desse pensamento em solo brasileiro. Além disso, como escopo de trabalho, buscamos compreender como algumas leituras críticas do CLG, dadas a circular sobretudo em traduções brasileiras de textos e obras francesas mais recentes também contribuem para a recepção do pensamento saussuriano no Brasil. Essas leituras críticas do CLG poderiam gerar uma nova recepção do pensamento saussuriano no Brasil? Para isso, buscamos investigar o papel que tais manuais e leituras críticas assumem a partir da interpretação da leitura do Curso de Saussure,

contribuindo dessa forma para uma elucidação discursiva dos percursos históricos pelos quais passou(a) a linguística praticada no Brasil. Nossa análise está embasada no movimento metodológico que compreende a descrição e a interpretação não como etapas estanques, mas como um batimento. Frequentamos um corpus constituído por manuais de linguística publicados no Brasil a partir dos anos quarenta do século passado, que buscam explicar e/ou didatizar o Curso de Linguística Geral, bem como algumas traduções brasileiras, sobretudo, de textos e obras francesas, que realizam uma leitura crítica da obra fundante de Saussure. Esses materiais tomados como objeto de reflexão são, a nosso ver, um recurso que contribui para a institucionalização do pensamento saussuriano por um lado, e, por outro, para a difusão das ideias críticas sobre Saussure em solo brasileiro. Destarte, são importantes porque revisitam a obra de 1916 e constroem novos discursos a fim de uma visão crítica, para um Saussure além do CLG. Em uma breve incursão, podemos observar que as exposições teóricas têm como principal função mobilizar o que o texto de 1916, expôs, mas a partir disso, questioná-lo com base em novas fontes manuscritas, que permite visitar o pensamento saussuriano. cremos que a nossa pesquisa possa contribuir para esclarecer alguns dos percursos históricos pelos quais a linguística brasileira passou(a) desde a sua irrupção no século passado.

Palavras-chave: Análise do Discurso. Epistemologia. Pensamento saussuriano. Manuais de linguística. CLG.

**A LÍNGUA NA FRONTEIRA DIONÍSIO CERQUEIRA-BRASIL/
“BARRACÓN” - ARGENTINA EM 1929: UMA MISTURA DE
“PORTUGUESA” E CASTELHANO**

Marilene Aparecida Lemos

RESUMO: Este trabalho propõe mostrar o andamento de minha pesquisa de doutorado, iniciada em 2014, no IEL; Unicamp, cujo título provisório é: “Barracão-PR, Dionísio Cerqueira-SC (Brasil); Bernardo de Irigoyen (Misiones-Argentina): fronteiras, línguas e história”. Assim, pretendo trazer à discussão um dos objetivos do projeto de pesquisa, o qual visa analisar traços de memória das línguas dos imigrantes e de outras línguas que constituíam esse espaço de fronteira quando da demarcação dos limites, nas línguas enunciadas cotidianamente nesse “espaço fronteiriço” (STURZA, 2006). Tal pesquisa busca sua originalidade ao propor preencher uma lacuna no campo dos estudos sobre as fronteiras, no sentido de dar visibilidade ao processo de produção histórica de certas evidências, e aos seus produtos como produtos históricos, e não meramente naturais. Neste trabalho, retomo uma das hipóteses do projeto de pesquisa, a qual considera que havia várias línguas na época do estabelecimento dos limites de fronteira Brasil/Argentina; ou seja, línguas autóctones e línguas trazidas por colonizadores e imigrantes. Desse modo, considero relevante retomar uma obra que pontua aspectos importantes sobre a região fronteiriça em estudo: “A viagem de 1929: Oeste de Santa Catarina: documentos e leituras”, organizada pelo Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina. Essa obra contém a reimpressão de escritos do início do século XX, que relatam a viagem do então governador Adolfo Konder ao Oeste do estado de Santa Catarina. Assim, a partir de um fragmento da obra, apresento uma breve análise tentando compreender aquelas condições de produção (CP), bem como o funcionamento das línguas enunciadas na fronteira e sua relação com a história: “Aquella zona estava se desnacionalizando. A moeda que ali corre é a argentina. A língua que se fala é uma mistura de portuguez e castelhano, predominando o último elemento. Não havia escola, nem justiça, nem administração, nem organização política”. Cabe salientar que não pretendo, neste trabalho, discutir amplamente a noção de condições de produção no interior da análise de discurso, mas sim trazer aspectos que considero fundamentais para a proposta de análise. Assim, parto da explicação de Pêcheux (1969, p.77) de que “um discurso é sempre pronunciado a partir de condições de produção dadas”. Em seguida, apresento a redefinição da noção de CP a partir de Courtine (1981); e, ainda, como relaciono a linguagem à sua exterioridade, nas condições em que os discursos são produzidos, retomo alguns estudos de Orlandi (2005) e Guimarães (2005). Da análise, destaco que tanto a Argentina como o Brasil, na época da viagem do governador Adolfo Konder a Dionísio Cerqueira (1929), vivenciavam um período de efetivação de políticas de nacionalização; contudo, tais políticas apresentavam suas particularidades: a Argentina concebia o imigrante (principalmente o europeu) como o representante da “civilização” e como a solução do “problema cultural” e o Brasil, na Era Vargas, via o imigrante como ameaça à segurança nacional, principalmente nas zonas de fronteira. Em ambos os países, a educação funcionava como um dos meios para concretizar o objetivo de nacionalização. E o discurso da educação se impunha juntamente com uma política linguística a favor da dominância da língua de respectiva nação. No caso do Brasil, Vargas defendia seu projeto nacionalista o qual visava unificar o país,

independente da pluralidade de grupos e de culturas. Contudo, o fragmento mostra que: “Aquella zona estava se desnacionalizando”, e tal discurso produz efeitos de sentido de uma não-hegemonia da língua portuguesa na região. Agregado a isso está o fato de “a língua que se fala é uma mistura de português e castelhano” que tampouco era positivo para a Argentina, tendo em vista que “nacionalizar” para aquele país reforçava a ideia de uma fronteira definitivamente castelhana.

Nas regiões de fronteira o fato de determinar aos sujeitos que ali enunciavam a identificação como nação, implicava, obrigatoriamente, identificação pela língua da nação. E a ideia de “conquistar” esses sujeitos para o projeto de “brasilidade”, visando a compor um país homogêneo, sugere desprezar as condições de produção, pois “a língua que se fala é uma mistura de português e castelhano” e aqueles sujeitos se constituíam em um espaço heterogêneo entre portugueses, indígenas, caboclos e descendentes de italianos e alemães, principalmente.

Embora tanto a Argentina como o Brasil apresentassem uma visão excludente da mistura de povos, da heterogeneidade, aquém de uma política linguística que contemplasse a interculturalidade; e se colocasse a favor de uma imagem idealizada de homogeneidade, de acordo com os interesses das classes dominantes dos respectivos países, os sentidos escapam às determinações, dado que as línguas se dividem, se misturam, entram uma no espaço de enunciação da outra.

Palavras-chave: Discurso. Fronteiras. Língua. História.

A POLÊMICA EM TORNO DA DISLEXIA – UMA ANÁLISE DISCURSIVA

Patrícia Aparecida de Aquino

RESUMO: O objetivo deste trabalho é analisar, do ponto de vista da Análise do Discurso, a polêmica em torno da “dislexia”. Consideramos, para isso, um campo discursivo em que dois posicionamentos estão em conflito: o discurso aqui nomeado “E” (constituído predominantemente por enunciados de educadores, linguistas e psicólogos) e o discurso aqui nomeado “M” (constituído predominantemente por enunciados de médicos, fonoaudiólogos e psicopedagogos). Nossa pesquisa estuda o tema “dislexia” sob a luz da análise do discurso polêmico (Maingueneau, 1984) e pretende depreender a “semântica global” dos discursos E e M. Até o momento, observamos que, enquanto o discurso M se sustenta nos semas /Tratamento/ e /Padrão/, o discurso E os nega, frequentemente nomeando-os de “medicalização” e “patologização”. Em contraparte, enquanto o discurso E se sustenta nos semas /Ensino/ e /Heterogeneidade/, o discurso M os ignora ou os nega, reduzindo-os a “blá-blá-blá” e “acientificidade”. Não se trata de uma mera substituição de palavras. De acordo com Maingueneau, cada discurso é constituído por semas positivos – reivindicados – e por semas negativos – recusados – por seus sujeitos. O pertencimento a um dos discursos funciona como um filtro que impede a compreensão – e o uso – da palavra do Outro. No caso específico, observamos que a “querela” “tratamento” versus “medicalização”, “padrão” versus “patologização”, “heterogeneidade” versus “acientificidade”, ou “ensino” versus “blá-blá-blá” decorre de uma divergência constitutiva em relação à existência da “dislexia específica de evolução” como um distúrbio. O discurso E assume que não há evidências científicas da existência da dislexia, e o fato de não haver provas empíricas de uma lesão que a provocaria é garantia de que as dificuldades de leitura e de escrita são decorrentes de problemas pedagógicos, de “ensinagem”. A grande crítica ao discurso M refere-se ao fato de que todo o discurso que assume a existência da dislexia fundamenta-se na aplicação do raciocínio clínico tradicional (se A causa B, B só pode ser causado por A) a problemas sociais. Estaria havendo um “reducionismo biológico”. Segundo os autores de E, por exemplo, Moysés e Collares (1992, p. 33), “os ‘distúrbios de aprendizagem’ são uma construção do pensamento médico”, e a hipótese da existência da dislexia é decorrente do já questionável “raciocínio clínico tradicional”. Em nossa análise, constatamos que termos como “medicalização”, “postura medicalizante”, “reducionismo biológico” são formas de simulacro para aquilo que corresponde a um dos semas da semântica global do discurso M. São palavras e expressões jamais usadas por sujeitos de M, não reconhecidas por eles e traduzidas pelos seus oponentes (sujeitos de E) a cada vez que se enuncia /Tratamento/ do interior de M. De forma equivalente, os argumentos decorrentes do sema /Ensino/–reivindicações de formação adequada de professores e de condições adequadas para alfabetização– do discurso E não são devidamente traduzidos pelos sujeitos de M, segundo os quais, os enunciados de E evidenciaríamos uma espécie de cegueira que impede seus enunciadores de reconhecer evidências da dislexia (cuja existência seria inquestionável), o que, conseqüentemente, dificulta a recuperação dos disléxicos, conforme podemos observar no seguinte trecho de uma matéria jornalística: “Os professores precisam saber da existência do distúrbio e sobre as principais características para que possam identificar as crianças com dificuldades e conversar

com os pais, para que elas sejam encaminhadas para avaliação’, diz a psicóloga Maria Inez Ocanã De Luca, também da ABD. De acordo com a psicóloga, quando o diagnóstico não é feito no início do processo de alfabetização, pode acontecer de a criança desenvolver sintomas relacionados à ansiedade e depressão, principalmente se não houver apoio da família e da escola. ‘Em casos em que a criança sofre humilhação por conta desta dificuldade, pode ainda acontecer o contato com drogas e criminalidade como uma medida desesperada e nada efetiva de se autoafirmar e provar que é inteligente e útil’ explica.” (Sinais de dislexia, Amazônia, Edição Ano XIII, de 10/04/2011). Nesse trecho, encontramos expressões características da área médica: “distúrbio”, “encaminhamento para avaliação”, “diagnóstico”, “sintomas”, sem nenhuma tomada de distância, afinal se relacionam ao sema positivo de M (e negativo de E) /Tratamento/. A análise dos dados, além de nos ter levado à descrição parcial da semântica global dos dois discursos, aponta para uma questão a ser estudada: a imagem do professor alfabetizador. Esse profissional tem sido criticado como mal formado em ambos os posicionamentos discursivos: em E, trata-se daquele que não teve a formação necessária para compreender as relações grafema/fonema e fone/fonema; em M, trata-se daquele incapaz de diagnosticar adequadamente os alunos disléxicos. Na próxima etapa da pesquisa, pretendemos analisar como essa crítica é enunciada do interior de cada um dos dois posicionamentos em confronto; nossa hipótese é a de que há uma diferença, decorrente do sistema de restrições específico de cada posicionamento.

Palavras-chave: Análise do discurso. Polêmica. Dislexia. Simulacro.

**IDEOLOGIA E DISCURSO NA CONTEMPORANEIDADE: UM ESTUDO
SOBRE OS EMBATES KYNIKOS-CÍNICOS NA DISPUTA DOS SENTIDOS**

Patricia Leal Di Nizo

RESUMO: Neste estudo, propomos uma reflexão acerca de “uma possível modificação na identificação dos sujeitos com a ideologia tal como ela se dá hoje, no chamado capitalismo pós-industrial” (BALDINI, 2011). Acreditamos que, na sociedade contemporânea, o funcionamento ideológico e, por extensão, o funcionamento discursivo estão marcados sob a forma do cinismo. Conforme apontado por estudos recentes (BALDINI, 2009, 2011; SAFATLE, 2008; ŽIŽEK, 1989, 1992; SLOTERDIJK, 1983), o cinismo aparece como característica essencial à compreensão do funcionamento da contemporaneidade. Trata-se, em nossa compreensão, de uma nova forma de subjetivação que se revela nas mais variadas dimensões da vida social e que “parece seguir sistemas de normas e valores que se invertem no momento mesmo de sua aplicação, sistemas em que lei e transgressão são enunciadas, ao mesmo tempo, como imperativos” (SAFATLE, 2008, p. 15). Pretendemos observar o cinismo no funcionamento discursivo da contemporaneidade por intermédio de um batimento entre descrição e interpretação, tomando por base os aportes teóricos da Análise de Discurso compreendida na filiação teórica de Pêcheux e Orlandi. Nosso objetivo é analisar essa possível nova forma de subjetivação através dos embates kynikos-cínicos na disputa dos sentidos, um par antitético que, segundo Sloterdijk (1983, p. 294), “corresponde significativamente ao par resistência e repressão”. O filósofo sustenta que “kynikos” se refere ao “kynismos”, ou seja, ao cinismo antigo – que remete histórica e filosoficamente à doutrina e ao modo de vida dos fundadores e seguidores da Escola Cínica, representando a rejeição popular à ideologia dominante, por meio da ironia e do sarcasmo –, ao passo que “cínico” diz respeito ao cinismo moderno, ou seja, à “razão cínica”, e se trata da resposta da cultura dominante à subversão “kynika”. O autor explica que é a partir do kynismos romano tardio que “a crítica troca de lado”, deslocando-se do desprezo popular da cultura oficial e assumindo a lógica do poder, mediante vozes cultivadas e conservadoras que desprezam os desprezadores. Sloterdijk ainda esclarece que, com o advento da sociedade burguesa e da incorporação do saber popular ao erudito, e vice-versa, os extremos se fundem um no outro e, em consequência, a ironia e o sarcasmo, atributos das massas, passam igualmente a caracterizar líderes de instituições responsáveis pela produção ideológica da sociedade. Interessa-nos, sobretudo, analisar a ambiguidade do par antitético kynismos-cinismo coabitando um mesmo discurso, ou seja, entendemos que o embate pode se dar também por intermédio de “diferentes movimentos de sentidos no mesmo objeto simbólico” (ORLANDI, 2012). O personagem Mefisto no “Fausto” de Goethe é tomado como exemplo por Sloterdijk (1983, p. 248) dessa ambiguidade kynika-cínica: “com seu lado de grande senhor, bem como com sua inclinação pela grande teoria, ele [Mefisto] é um cínico; com seu lado plebeu, realista e sensualmente alegre, orienta-se em direção ao kynismos”. Nosso corpus de pesquisa está sendo constituído por recortes do Petit Journal, programa transmitido no Canal+ francês, cuja proposta é misturar informação, humor e entretenimento por meio de uma prática de desmontagem e montagem da notícia, aliada a sketches e crônicas satíricas, parodiando assuntos e personalidades em

evidência. Pretendemos conduzir nossa análise entrecruzando o acontecimento discursivo, a estrutura e a tensão entre descrição e interpretação no interior da análise de discurso, a qual é concebida por Pêcheux (1983, p. 42) como sendo, da mesma maneira que a história, “uma disciplina de interpretação e não uma física de tipo novo”. Lançando mão de nosso dispositivo teórico-analítico, buscaremos observar, na relação entre língua e discursividade, a possibilidade do sujeito de jogar com o sentido, provocando distorções, desvios, rupturas e deslocamentos em materialidades carregadas de historicidade. Iniciada no primeiro semestre de 2014, sob a orientação do Prof. Dr. Lauro José Siqueira Baldini, a pesquisa está em estágio de desenvolvimento. Atualmente, estamos analisando o enunciado “On est chez nous” (Estamos em nossa casa), considerando-o como um “acontecimento, no ponto de encontro de uma atualidade e uma memória” (PÊCHEUX, 1983, p. 17), a partir da contraposição de dois “lugares de enunciação” (ZOPPI-FONTANA, 2003): do Petit Journal e do Front National, partido político francês. Cantado com o mesmo ritmo de “On a gagné” (on-a-ga-gné) – alusão ao enunciado analisado por Pêcheux (1983) na ocasião da vitória da esquerda na França, com a eleição de François Mitterrand à presidência da República – “On est chez nous” (on-est-chez-nous) constitui a retomada direta, no espaço do acontecimento político, do grito coletivo dos torcedores de uma partida esportiva e nos confirma que “as palavras, expressões, proposições etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam”, conforme sustenta Pêcheux (1975). Isto é, “o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição etc., não existe ‘em si mesmo’ [...] mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas”.

Palavras-chave: Análise de Discurso. Psicanálise. Ideologia. Cinismo.

A ORALIDADE NAS NARRATIVAS INDÍGENAS EM PORTUGUÊS E EM NHEENGATU

Patrícia Regina Vannetti Veiga

RESUMO: Essa pesquisa pretende confrontar narrativas indígenas em sua forma oral e escrita, na língua materna nheengatu e no português, refletindo sobre as características linguísticas e comunicativas desses dois meios. A escrita das estórias tradicionais vem se tornando uma prática comum entre os povos indígenas brasileiros, relacionada à necessidade de criação de uma escola diferenciada indígena. Esse processo gera muitos debates a respeito dos impactos dessa nova tecnologia nas formas orais de comunicação. Portanto, essa pesquisa propõe realizar oficinas com educadores falantes de nheengatu ou Língua Geral Amazônica na região do Alto Rio Negro – AM, da etnia Baré e Baniwa. A proposta desses encontros, parcialmente concretizados, é realizar narrações de estórias e depois construir formas de escrita que considerem em seu texto as características da oralidade, buscando um estilo próprio de autoria, refletindo sobre os limites/possibilidades e continuidades/descontinuidades entre esses diferentes signos linguísticos. Nesta apresentação, analisaremos três das narrativas orais coletadas durante trabalho de campo, em um primeiro encontro realizado com seis educadores na cidade de São Gabriel da Cachoeira. As estórias selecionadas foram: “Sobre os matis” e a “Origem do fogo”, ambas têm versão narrada em português e em nheengatu e a estória “A origem da noite”, narrada em português, mas com uma versão em nheengatu transcrita por Couto Magalhães no século XIX. Para iniciarmos o debate faremos uma contextualização das principais características da tradição oral e o papel das narrativas nessas culturas, a partir do referencial teórico de Vanisa (1982), Bruner (1991), Calvet (2011), entre outros, que compreendem a narração de estórias como um meio de transmissão da memória coletiva, como também, das normas, valores e éticas fundamentais para a regulação de uma sociedade. Existem técnicas de memorização, recursos organizacionais, cognitivos e estilísticos na linguagem das mensagens orais a serem circuladas por meio da verbalização, que serão identificados e analisados nessa pesquisa. Para isso, usaremos como referencial teórico dois campos da linguística, a análise de conversação, com autores como Fávero; Andrade; Aquino (2012), Preti (1999) e Marcuschi (2010), com eles analisaremos a coerência e coesão textual da fala, o uso de repetições, paráfrases e conectivos, a organização narrativa em tópicos e turnos e os marcadores discursivos linguísticos verbais (lexicalizados ou não), a prosódia, entonação, pausas e tom de voz, e os paralinguísticos; olhares, gestos, risos, etc. Embora esses aspectos da oralidade nos auxiliem na compreensão do texto oral, estamos tratando de estórias indígenas, que envolvem formas de conhecimento e pensamento particulares, além da poética narrativa própria do narrador e do grupo cultural que ele está inserido. Para analisarmos essas características, usaremos como referencial as análises de Franchetto (2011) e Ferreira Netto (2008), que se debruçam, respectivamente, nas características da estrutura narrativa indígena, no estilo do narrador e em sua versificação, e nas relações entre linguagem, tradição oral e narrativas. A análise das narrativas nos permite compreender algumas das formas orais, por exemplo, os usos de marcadores linguísticos atuam na organização tópica e possibilitam a coerência narrativa, exercendo funções comunicativo-interacionais; finalizam uma ideia e dão início à outra, permitem a transição do foco narrativo de um

personagem a outro, de uma ação a outra. As repetições e paráfrases compõem uma poética oral, que auxiliam o narrador, dão ritmo à narrativa e envolvem o ouvinte. A entonação, pausa e prosódia funcionam como uma espécie de pontuação oral. A análise comparativa entre as narrativas em português - língua na qual os educadores se alfabetizaram - e em nheengatu, língua materna, mostra traços de uma organização textual comum às formas escritas no texto oral em português, tais como, ênfase na ação complicadora e resolução da estória, mais ações planejadas pelos personagens e um narrador que orienta as falas, enquanto no nheengatu elas aparecem, majoritariamente, em diálogos diretos. A referencialidade também compõe as formas de narrar conforme o universo cultural do ouvinte, por exemplo, em nheengatu há referência a tempos míticos e a elementos tradicionais. Para isso, diferentes recursos gramaticais são empregados; o nheengatu faz uso do adjetivo “kuera” (“o que foi”) e da partícula que expressa finalidade “arã” ou “arama”; já os conectivos são usados em português, mesmo quando o narrador fala em nheengatu, o que evidencia o uso cotidiano dessa língua. A compreensão do estilo oral, das estruturas narrativas e dos recursos linguísticos empregados serão a base para a organização do próximo passo da pesquisa, em que realizaremos produção de texto escrito dessas mesmas narrativas, com os mesmos educadores. Analisaremos as transformações do texto em ambos os códigos e tentaremos concluir sobre quais são os impactos ou transformações da escrita nas formas orais de comunicação, bem como, refletir sobre a possibilidade de uma escrita característica dos povos de tradição oral.

Palavras-chave: Linguística. Línguas Indígenas. Tradição Oral. Narrativas. Análise de textos orais.

MARCAÇÃO DE POSSE NOMINAL EM PANO: UM ESTUDO COMPARATIVO

Paulo Henrique da Silva Pereira

RESUMO: Não é novidade para os linguistas, no que tange à análise e descrição de línguas, a elevada importância do estudo das línguas indígenas para a pesquisa científica, uma vez que se trata de um campo de estudos ainda muito pouco explorado. Some-se isso o fato de que, provavelmente, muitas línguas desaparecerão no território brasileiro sem que antes sejam catalogadas e descritas por algum pesquisador. A esse respeito, Aryon Rodrigues (1993) ressalta que, 500 anos pós-colonização do Brasil, o número de línguas indígenas diminuiu drasticamente: o número que antes se aproximava de 1200, hoje se reduz a cerca de 180. Tal fato, segundo o autor, é resultado direto do genocídio a qual foram submetidos esses povos durante o processo de colonização e que ainda perdura. Nesse ínterim, o Brasil carece não apenas de mais estudos na área de descrição de línguas indígenas, como também de estudos tipológicos, tais como o que aqui é proposto, desenvolvidos a partir do diálogo com outras teorias (funcionalistas, formais etc), e com dados secundários. Tomando como pressuposto teórico o funcionalismo linguístico, esse trabalho propõe, portanto, uma análise tipológico-funcional da categoria linguística de posse/posse nominal num conjunto de línguas indígenas da família Pano, faladas no território brasileiro. De acordo com Schachter (1985, p.3), as partes do discurso podem ser classificadas de acordo com suas propriedades gramaticais. Nessa perspectiva, a classe dos nomes, conforme aponta Richards (1973), pode ser dividida em três subtipos principais, no que se refere à posse, a saber: (i) obrigatoriamente possuídos; (ii) obrigatoriamente não-possuídos e (iii) opcionalmente possuídos. Os nomes pertencentes à classe (i) e (ii) são conhecidos também como alienáveis e inalienáveis, respectivamente. Em nomes com significado possessivo, ou seja, naqueles em que há construções especificamente possessivas, Nichols (1988) defende que tais estruturas possuem uma única forma estrutural, translinguisticamente, que, por seu turno, é endocêntrica, (o núcleo tem a mesma distribuição que a construção integral), e envolve um nome possuído como núcleo e um possuidor, que pode ser nome ou pronome, como modificador ou dependente desse núcleo. No que tange à estrutura, a autora entende que a identificação do lugar ocupado pelo marcador de posse constitui um parâmetro suficiente para que se determine a distribuição das oposições entre alienável/inalienável. Assim sendo, Nichols (1988) analisa o modo/a posição em que o marcador de posse nominal irá emergir na sentença. De acordo com ela, partindo do critério formal (morfossintático, portanto), há apenas dois lugares em que se pode situar o marcador de posse: no núcleo (possuído), que geralmente ocorre em forma de afixo possessivo e constitui o padrão “núcleo-marcado”, ou no nome ou pronome dependente (possuidor), caso em que, tipicamente, ocorre em forma de um caso chamado genitivo ou possessivo e constitui o padrão “dependente-marcado”. Situar-se somente nesses critérios, no entanto, parece não ser suficiente para exemplificar a complexidade linguística da categoria de posse nas línguas do mundo, já que, além desses dois padrões anteriormente mencionados, as línguas podem exibir mais outros, como, por exemplo: a dupla-marcação, em que ambos os membros da construção portam marcadores; a ausência de marcação, em que nenhum dos membros é marcado, ou ainda o sistema cindido, que exibe tanto o padrão núcleo-marcado, quanto

o padrão dependente-marcado. Ainda de acordo com Nichols, é provável que nenhuma língua desenvolva apenas um dos tipos de marcação de posse nominal. Todavia, segundo ela, há algumas características que favorecem mais um tipo em detrimento de outros. Assim, no que se refere à ordem dos constituintes da oração, a posição do verbo será um forte indicador do tipo de posse à qual as línguas disporão. Por exemplo, as línguas cuja ordem é o verbo inicial (incluindo SVO como uma de suas variantes possíveis), tendem a favorecer o padrão núcleo-marcado; ao passo que as línguas em que o verbo é final na oração, tendem a favorecer outros tipos de marcação de posse (dependente-marcado, cindido, dupla-marcação). Isso posto, o objetivo geral deste trabalho é descrever a categoria de posse nominal num conjunto de línguas indígenas da família Pano (Matis, Shanenawa, Matsés, Shawã, Katukina, Yawanawá etc), no intuito de verificar de que modo essas línguas se comportam, em termos da categoria aqui descrita, bem como traçar possíveis generalizações. Para tanto, utilizamos como corpus de pesquisa as gramáticas descritivas das línguas indígenas listadas acima (disponíveis em PDF).

Palavras-chave: Línguas Indígenas. Posse Nominal. Tipologia Linguística.

A AVALIATIVIDADE NO DISCURSO DE CORRESPONDÊNCIAS OFICIAIS DO GOVERNO DO MORGADO DE MATEUS

Renata Ferreira Munhoz

RESUMO: Esta comunicação baseia-se na apresentação dos resultados por ora obtidos da tese em andamento, intitulada “A avaliatividade no discurso de correspondências oficiais do governo do Morgado de Mateus”. Inicialmente, torna-se necessário mencionar que a vinculação do trabalho à área da Linguística, especificamente à subárea da Análise Crítica do Discurso, ocorreu em etapa posterior da pesquisa, como busca de metodologia capaz de atender às necessidades de análise dos dados inicialmente estudados pela Filologia Portuguesa. Essa ciência, segundo Ivo Castro (1992: 124), estuda a gênese e a escrita dos textos, observando a difusão e transformação desses textos no decurso de sua transmissão, bem como suas características materiais, a fim de realizar uma edição fidedigna às intenções manifestas pelo autor intelectual. Emprega-se a função substantiva da Filologia como ponto de partida, ao se apresentar a transcrição semidiplomática de um “corpus” formado por documentos manuscritos setecentistas referentes à administração política do Brasil colonial ainda não publicados. De acordo com Segismundo Spina (1977: 75-77), a aplicação da Filologia resume-se a três funções: a “substantiva”, que se concentra no próprio texto para explicá-lo e restituí-lo à sua forma genuína; a “adjetiva”, pela qual se deduzem os aspectos de autoria, biografia desse autor e datação do texto; a função “transcendente”, por sua vez, permite ao filólogo reconstruir a vida espiritual da comunidade e da época por meio dos registros do texto. O “corpus” estudado inicialmente a partir das três funções descritas é composto por correspondências oficiais oriundas do período de governo de Dom Luís Antônio de Sousa Botelho Mourão, o Morgado de Mateus, que atuou como Governador e Capitão-General da capitania de São Paulo no período de 1765 a 1775. Esse conjunto de textos manuscritos divide-se em dois grupos. Os “ativos ascendentes”, atualmente catalogados pelo “Projeto Resgate Barão do Rio Branco” e ainda não publicados. Foram enviados da capitania de São Paulo sob a autoria intelectual do governador a seus superiores em Portugal: o Rei Dom José, o Conde de Oeiras (posteriormente, o Marquês de Pombal) e dois Secretários do Reino, Francisco Xavier de Mendonça Furtado e Martinho de Melo e Castro. Esses quatro destinatários da Coroa Portuguesa responderam às missivas, enviadas do Reino à colônia do Brasil e essa parcela de “documentos passivos descendentes” compõe a segunda metade transcrita do “corpus”. Encontram-se arquivados no “Arquivo Público do Estado de São Paulo” e foram catalogados por verbetes descritivos em minha dissertação de mestrado (MUNHOZ, 2009). Totalizam-se, entre ativos e passivos, duzentos manuscritos de tipologias textuais diversas, dos quais se destacam os avisos, as cartas, as cartas régias e os ofícios. Com base na função filológica transcendente, analisam-se os dados linguísticos e históricos que constituem o discurso político veiculado no “corpus”. Tendo em vista a compreensão de como se construía a ideologia que legitimava o poder e a hegemonia no governo monárquico, empregaram-se referenciais teóricos atuais da Análise Crítica do Discurso, ao se conceber o discurso “enquanto prática social” (FAIRCLOUGH, 1997), e, mais especificamente a “Teoria do Sistema da Avaliatividade” (the Appraisal System), desenvolvida por Martin e White (2005). Essa teoria concebe a existência de três campos de interação: a “atitude”,

relacionada a reações emocionais, julgamentos e apreciação; o “engajamento”, que verifica as vozes integrantes do discurso; e a “gradação”, que se refere à intensificação ou atenuação dos campos anteriores. Por meio das três esferas elencadas, trabalha-se a hipótese de que a avaliatividade tenha marcado as construções linguísticas do discurso pombalino com a subjetividade iluminista portuguesa. Dentre as diversas características do discurso do período, foram estudados, até o presente momento, aspectos como o da “vassalagem” enquanto prática de rebaixamento e menosprezo da própria “persona”, tendo em vista a manutenção do prestígio do “ethos”. Estudou-se também a veiculação dos dizeres de cunho religioso. Tais referências ao universo da ideologia coeva não apenas permeiam a comunicação oficial entre o governo da capitania de São Paulo e sua metrópole portuguesa, mas representam o alicerce das relações interpessoais entre os governantes e o pano de fundo de grande parte das questões políticas tratadas. Desse modo, pretende-se identificar no discurso setecentista preservado nos testemunhos manuscritos as marcas da ideologia legitimada no período em suas diversas frentes, bem como as esferas contextuais, a fim de se delinear uma melhor compreensão do imaginário que nos fundamentou socialmente.

Palavras-chave: Análise Crítica do Discurso. Filologia. Morgado de Mateus. Avaliatividade. Século XVIII.

DESVIANDO DA PRÓPRIA FALA: IMPLICAÇÕES PARA A VERIFICAÇÃO DE LOCUTOR NO CANAL TELEFÔNICO

Renata Regina Passetti

RESUMO: A tarefa de reconhecimento de locutor envolve a comparação entre uma gravação questionada, associada a um crime, cuja única evidência trata-se da amostra da voz de um locutor desconhecido; e uma gravação de referência, contendo amostras de fala de indivíduos suspeitos, obtidas por meio de investigação policial. Em casos como este, é preciso investigar quais os efeitos causados pelas transmissões telefônicas ao sinal da fala. Rose (2003, §99.870) explica que a distorção envolvida na transmissão telefônica pode ser manifestada como resultado do filtro de passa-faixa que passa a energia em uma determinada frequência de banda que varia entre 300 Hz a 3500 Hz. Segundo o autor, toda energia acima e abaixo dessas frequências de corte serão atenuadas e as informações próximas a esses limiares podem ser severamente comprometidas. Outro efeito da transmissão telefônica está relacionado com a “distorção espectral”, que é capaz de aumentar as frequências que se encontram ligeiramente acima do filtro passa-baixa e diminuir as frequências que se encontram ligeiramente abaixo do filtro passa-alta. Diversas pesquisas em Fonética Forense estão relacionadas aos efeitos de transmissões telefônicas ao sinal da fala. Em um estudo de Künzel (2001), cujo objetivo era investigar a influência de transmissões telefônicas sobre os formantes, mediu as frequências centrais de formantes de treze vogais diferentes pertencentes ao sistema sonoro do alemão padrão em gravações realizadas simultaneamente no contexto face a face e através de uma linha de telefone fixo. Os resultados mostraram alterações significativas nos valores de F1 entre os dois contextos de análise para todas as vogais estudadas, com valores maiores para as gravações telefônicas. Ao analisarem os efeitos da transmissão de telefones móveis na frequência dos três primeiros formantes, Byrne e Foulkes (2004) encontraram alterações nos valores de F1 para as gravações via celular maiores do que as atestadas por Künzel (2001). Os autores atribuíram tais diferenças às características do tipo de linha, neste caso, móvel ao invés de fixa, e à diferenças da distância física entre a boca e o receptor telefônico. Além disso, modificações nas frequências de F3 também foram atestadas para indivíduos que apresentavam valores maiores para este formante. A pesquisa aqui apresentada tem como objetivo avaliar os efeitos causados pela transmissão telefônica ao sinal da fala e compreender quais parâmetros acústicos e prosódicos da fala são afetados pela transmissão telefônica, através do estudo de celulares. Pretende-se determinar o grau de modificação intra-locutor causado pelo filtro de banda do canal telefônico à voz habitual pela análise das características fonético-acústicas que são modificadas e das que permanecem na fala de indivíduos diante da utilização de telefones celulares quando comparadas a gravações diretas. Estão sendo estudadas técnicas de análise acústica envolvendo a análise dos três primeiros formantes (F1, F2 e F3), mediana da frequência fundamental (F0), ênfase espectral, frequência baseline (LINDH e ERIKSSON, 2007) e duração interpícos de F0 presentes no discurso. O corpus utilizado neste trabalho é composto por gravações de 10 locutores do sexo masculino, pertencentes à faixa etária de 20-25 anos, exibindo sotaque do interior do estado de São Paulo. As gravações de fala espontânea basearam-se na “tarefa de mapa”. Foi sugerido aos sujeitos que descrevessem o trajeto da Arcádia, no Instituto de Estudos

da Linguagem da Unicamp, até o supermercado Pão de Açúcar, no centro de Barão Geraldo, Campinas. Os locutores deveriam elaborar suas descrições baseadas em imagens do trajeto e instruções sobre como chegar ao destino final, apresentadas a eles através de slides. As gravações foram realizadas simultaneamente, posicionando um microfone em frente aos sujeitos, enquanto falavam ao telefone. O programa PRAAT foi utilizado para a transcrição e segmentação das vogais orais do português brasileiro e, posteriormente, para a extração dos parâmetros por meio de scripts específicos. A significância dos parâmetros acústicos foi avaliada através de um Teste t de Student de variáveis dependentes, com nível de significância de 5%, cuja finalidade era testar a hipótese nula de que não há diferenças significativas entre valores de parâmetros acústicos entre a gravação telefônica e a direta. Também foi conduzida uma análise de variância (ANOVA), com o intuito de verificar se, para cada parâmetro analisado, as diferenças entre os valores de cada tipo de gravação diferem significativamente entre os sujeitos. O programa R (The R Project for Statistical Computing) está sendo utilizado para condução dos testes estatísticos. Os resultados obtidos para as análises comparativas mostraram, até o momento, que as frequências dos três primeiros formantes, assim como a frequência fundamental e a ênfase espectral foram afetadas pela frequência de corte do canal telefônico. A frequência baseline e a duração interpícos de F0 mostraram-se robustos à distorção provocada pela transmissão telefônica. Pretende-se investigar, ainda, quais as implicações dessas modificações, especificadamente, sobre as vogais orais do Português Brasileiro.

Palavras-chave: Fonética Acústica. Verificação de locutor. Fonética Forense. Canal telefônico. Distorção de sinal.

(D)ENUNCIAR: TEXTUALIZAR CONFLITOS

Rogério Luid Modesto dos Santos

RESUMO: Neste trabalho, pretendo apresentar as primeiras considerações e reflexões de cunho teórico-analítico em torno do funcionamento discursivo da denúncia, funcionamento este que consiste no objeto de minha pesquisa de doutorado em andamento no Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Estadual de Campinas. A partir do escopo teórico da Análise de Discurso de vertente materialista, busco analisar discursivamente o funcionamento da denúncia enquanto discurso tomado como prática de resistência. Assim, insiro-me num campo teórico de discussão que se inicia com o filósofo francês, Michel Pêcheux, na França no decorrer da década de 1960, e se desenvolve, no Brasil, a partir de Eni Orlandi e demais pesquisadores. Na análise de discurso a que me refiro, a resistência é entendida diferentemente do que pode ser contemplado no discurso do senso comum: trata-se da possibilidade do deslocamento estabelecido num complexo processo contraditório que envolve língua-sujeito-história em que a resistência não pode ser pensada como um projeto intencional do sujeito. Desse modo, os sentidos de resistência não podem estar colados imediatamente aos sentidos de oposição ou antagonismo. Assim, a resistência não se constitui em um enfrentamento de ideologias diferentes (as ideologias dominadas enfrentam a ideologia dominante, por exemplo), mas ao contrário, constitui-se num contexto sócio-político (e, conseqüentemente, discursivo) controverso em que a possibilidade do deslocamento tem que lidar com o atravessamento da ideologia dominante nas ideologias dominadas e vice-versa. Tendo por base essa perspectiva teórica da resistência, desenvolvi, no decorrer de minha pesquisa de mestrado, a ideia de “efeito de resistência”, a partir da análise do funcionamento discursivo de movimentos sociais. Por esta noção, busco delimitar o funcionamento discursivo que se dá entre a busca pelo novo (a partir do antagonismo marcado) e a ratificação do mesmo (pela afirmação dos aparelhos que mantém as estruturas sociais vigentes), funcionamento este que, a meu ver, é próprio dos movimentos sociais contemporâneos e de sua resistência possível. Dito de forma diferente, a partir da análise do discurso de movimentos sociais, cheguei à conclusão de que tais movimentos, ao quererem instituir um discurso antagonista pela busca de algo novo, acabam por ratificar o que já está amplamente posto através dos discursos daqueles que tais movimentos pretendiam antagonizar. Sendo assim, a noção de efeito de resistência buscaria dar conta de um contexto discursivo em que o antagonismo explícito estaria funcionando e apagando uma contradição constitutiva. Para tentar desenvolver esta noção, busco, agora no doutorado, analisar o funcionamento discursivo da denúncia visto que nela uma realidade antagonista parece está posta: há um saber/acontecimento em torno de algo/alguém que passa a ser conhecido (isto é, denunciado) pelo outro, o antagonista. Em nossa formação social capitalista contemporânea, denunciar é resistir, justamente porque o que se entende por resistência é o estabelecimento de uma oposição em que a denúncia se enquadraria. Não é à toa que contemporaneamente, o ato de denunciar passa a ser uma evidência, de modo que denunciar integra uma das obrigações do cidadão quando este estiver diante de um contexto arbitrário passível de denúncia. Ao tomar os movimentos sociais (organizados ou não) como referência, é possível perceber que, para além de denunciar contextos arbitrários, é necessário instituir um canal para a instituição da

denúncia. Isso porque, ainda segundo os movimentos, muitos destes contextos não chegam à grande mídia e, sendo assim, acabam não sendo denunciados. Internet, redes sociais, documentários e filmes passam, então, a constituir esse arsenal representado como um bom canal para a denúncia. Neste trabalho, tomando como base o que foi dito, além de apresentar algumas considerações teóricas em relação ao funcionamento discursivo da denúncia, quero compreender os sentidos de denúncia (como prática de resistência) que se estabelecem em um documentário (Menino Joel, produzido e dirigido por Max Gaggino) e em um filme (Ó paí, ó!, dirigido por Monique Gardenberg), com o objetivo de compreender a textualização da denúncia nessas duas materialidades.

Palavras-chave: Análise do discurso. Resistência. Denúncia. Materialidades significantes. Discurso.

TENSÕES ENTRE AS LÍNGUAS DE TIMOR-LESTE EM PRÓLOGOS DO DICIONÁRIO PORTUGUÊS-TÉTUM E NO DO CATECISMO DA DOCTRINA CRISTÃ EM TÉTUM

Simone Michelle Silvestre

RESUMO: Sob a filiação da Análise de Discurso Francesa, de perspectiva materialista histórica, a pesquisa de doutorado “Políticas de Línguas para Timor-Leste: passado, presente e futuro na constituição do Estado-Nação” visa a análise das políticas de línguas im(postas) em diferentes momentos na história de Timor-Leste. Mais, especificamente, investigar, em um conjunto de sequências discursivas diversas produzido em três momentos distintos na história do país, o período da colonização portuguesa (1515 a 1975), o da resistência timorense (1975 a 1999) e o momento que antecede o pós-independência (2000 a 2002), os discursos em circulação nas relações de contato entre a língua portuguesa, o tétum, as línguas locais, a “bahasa” indonésia e a língua inglesa que marcaram diferentes posições no processo de (des)colonização linguística do país. É relevante destacar que o conceito de Política de Línguas, a partir do que propõe Orlandi (2007), é entendido enquanto processo capaz de conferir à língua um sentido político, ou seja, essa passa a ser compreendida como uma questão política. Não há a possibilidade de uma língua já não vir afetada desde sempre pelo político. De acordo com o que defende a analista de discurso (2007, p.8), “uma língua é um corpo simbólico-político que faz parte das relações entre sujeitos na sua vida social e histórica”. Para esta comunicação, pretende-se apresentar e analisar, do ponto de vista discursivo, sequências de prólogos de dois dispositivos discursivos, um dicionário português-tétum e um catecismo em tétum, produzidos no final do século XIX, que apontam para as tensões ligadas às línguas do país e para uma variedade de português e para a produção de sentidos de uma Política de Línguas, inicialmente, proposta pelos missionários católicos atuantes em Timor-Leste, desde o século XVII, estabilizando uma tomada de posição da Igreja Católica, que desde 1659, por meio da “Propaganda Fide”, obrigava todos os missionários a aprender as línguas nativas para onde eram enviados à missão. Desta forma, o “Catecismo da Doutrina Cristã em Tétum” e o “Diccionario de Portuguez-Tétum”, ambos da autoria do missionário português Sebastião Maria Apparicio da Silva, foram elaborados, em um primeiro momento, com o propósito de facilitar a aprendizagem da língua tétum pelos futuros missionários, para que estes pudessem dispor do primeiro como instrumento de inculcação de dogmas e das tradições cristãs da época na língua do nativo e o segundo tivesse o propósito de civilizar os timorenses através do “dialecto” que, segundo os missionários da época, era a língua falada por parcela significativa da população. Já na análise discursiva, de filiação pechêutiana, adotam-se os conceitos de discurso, este compreendido enquanto objeto que é atingido ao mesmo tempo pela língua e pela ideologia e irredutível a uma ou a outra (PÊCHEUX, 1969); de posição sujeito sendo que este não é a origem e fonte do dizer, não é o dono absoluto que controla de maneira estratégica e intencional o sentido daquilo que enuncia como se fosse “seu”, pois, “assume-se a determinação ideológica do sujeito pelas formações discursivas que o precedem e excedem, dentro das quais se constituem as diferentes posições de sujeito que permitem ao sujeito sua enunciação” (ZOPPI FONTANA, 1997, p.35); de ideologia/formação ideológica que não deve ser compreendida “como conjunto de representações, como visão de mundo

ou como ocultação da realidade. Enquanto prática significante, a ideologia aparece como efeito da relação necessária do sujeito com a língua e com a história para que haja sentido. Por outro lado, como dissemos, é também a ideologia que faz com que haja sujeitos. O efeito ideológico elementar é a constituição do sujeito. Pela interpelação ideológica do indivíduo em sujeito inaugura-se a discursividade. Por seu lado, a interpelação do indivíduo em sujeito pela ideologia traz necessariamente o apagamento da inscrição da língua na história para que ela signifique produzindo o efeito de evidência do sentido (o sentido lá) e a impressão do sujeito ser a origem do que diz” (ORLANDI, 2009, p. 48); e de formação discursiva enquanto aquilo que, numa formação ideológica, isto é, a partir de uma posição dada em uma conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito pelo sujeito (PÊCHEUX, 2009, p. 147). Em um primeiro gesto de análise, propõe-se que há uma situação de tensão entre o tétum da capital do país (a cidade) e o tétum do interior (o campo), na relação destes com os outros “dialectos” de Timor-Leste, e que há um embate entre o tétum e a língua portuguesa praticada em Portugal e a que é falada na ilha de Timor-Leste. Além disto, a partir das relações de conflito e tensão, é possível compreender como uma Política de Língua configurou-se para Timor-Leste e os sentidos produzidos, sendo que estes vão e voltam no processo socio-histórico e ideológico da institucionalização das línguas de Timor e na relação entre elas e os sujeitos que as praticam.

Palavras-chave: Análise de Discurso Francesa. Políticas de Línguas. Línguas. Dispositivos Discursivos. Timor-Leste.

FERDINAND DE SAUSSURE E AS LENDAS GERMÂNICAS: RELAÇÕES COM O SISTEMA LINGUÍSTICO

Stefania Montes Henriques

RESUMO: Ferdinand de Saussure é considerado o fundador da Linguística Moderna devido às suas considerações sobre o sistema linguístico presentes no Curso de Linguística Geral, obra editada por Charles Bally e Albert Sechehaye. Essa obra baseou-se nas anotações dos alunos que participaram dos três cursos ministrados por Saussure entre 1907 e 1911 na Universidade de Genebra. É de conhecimentos dos estudiosos da teoria saussuriana que, enquanto Saussure se detinha nos estudos sobre linguística geral, ele também trabalhou com outros temas, tais como os Anagramas e as Lendas Germânicas. No caso dessa última pesquisa, sabe-se que ela foi desenvolvida por Saussure durante sete anos, entre 1903 e 1910. Além disso, os manuscritos saussurianos sobre as lendas germânicas compreendem, segundo Starobinski (1974), 18 cadernos, arquivados sob os números Ms. Fr. 3952, Ms. Fr. 3958 e Ms. Fr. 3959. Pode-se afirmar que o objetivo inicial de Saussure ao estudar as lendas germânicas consistia em estabelecer uma relação entre os personagens lendários e os personagens históricos. Entretanto, a partir do momento em que o linguista se depara com o funcionamento do sistema lendário e seu mecanismo de transmissão, ele percebe que não é possível estabelecer essa relação, tendo em vista que as características dos personagens lendários não são fixas: elas passam por modificações a partir do momento em que são contadas e recontadas durante os séculos. Considerando, então, que esse estudo abarcou o período em que Saussure ministrou as aulas de linguística geral na Universidade de Genebra (1907-1911), pretendemos, nesse trabalho, estabelecer relações entre as considerações saussurianas presentes no Curso de Linguística Geral – principalmente no que diz respeito ao arbitrário, à linearidade e ao valor – e o conteúdo dos manuscritos sobre as lendas germânicas, evidenciando as suas semelhanças e diferenças. A hipótese que norteou esse trabalho consiste em afirmar que a lenda se constitui enquanto um sistema semiológico, da mesma forma que a língua. Isso implica dizer que ela está submetida ao mesmo funcionamento e aos mesmos princípios, fazendo parte da Ciência Geral dos Signos, a Semiologia. No entanto, pode-se afirmar que a lenda possui certas particularidades em relação à língua, tendo em vista o seu caráter ficcional. Esse trabalho se justifica a partir do momento em que consideramos que o estatuto do estudo saussuriano sobre as lendas germânicas foi um tema bastante discutido nas décadas 70 e 80. Dentre os estudiosos da teoria saussuriana que participaram desse debate estão Rudolf Engler, Aldo Prosdocimi e D’Arco Silva Avalle. Ao analisarmos as posições desses estudiosos percebemos que o estatuto das lendas germânicas é considerado de duas maneiras distintas: i. como uma pesquisa estranha aos estudos linguísticos e ii. como uma pesquisa que se relaciona com esses estudos. Há, ainda, autores como Zilberbergue (1997) segundo o qual o estudo sobre as lendas seria uma “pesquisa bizarra”. (ZILBERBERG, 1997, p. 165). Além disso, é pertinente afirmar também que foram poucos os estudiosos que se empenharam em analisar os manuscritos saussurianos sobre as lendas germânicas, constituindo-se enquanto um corpus pouco explorado. Quanto ao nosso material de análise, disponibilizamos da cópia do manuscrito Ms. Fr. 3958/4, referente ao caderno intitulado “Nibelungen”; entretanto, também utilizaremos os excertos editados por Anna Marinetti e Marcelo Melli e

publicados na obra “Ferdinand de Saussure: Le leggende germaniche”. A escolha pela obra de Marinetti e Meli justifica-se pelo fato de que ela é considerada a edição mais completa dos manuscritos sobre as lendas germânicas, contendo excertos de todos os arquivos supracitados. Com o objetivo de comprovar a nossa hipótese, selecionamos, dentre os manuscritos trabalhados, os trechos em que Saussure faz considerações sobre a natureza das lendas. A partir dessa seleção, tentamos estabelecer uma comparação com o conteúdo presente no Curso de Linguística Geral, especificamente o que diz respeito à natureza da língua, sua forma de funcionamento, a arbitrariedade, a linearidade e o valor linguístico. Como resultado parcial da pesquisa desenvolvida, é possível afirmar que o estudo saussuriano sobre as lendas germânicas possui uma estreita relação com o conteúdo explicitado no Curso de Linguística Geral, principalmente no que diz respeito aos princípios da arbitrariedade e da linearidade e também à teoria do valor.

Palavras-chave: Estudos Saussurianos. Saussure. Lendas germânicas. Manuscritos.

ANÁLISE DO CONCEITO DE JOGO NO PERCURSO TEÓRICO DE MICHEL PÊCHEUX

Thales de Medeiros Ribeiro

RESUMO: Segundo Gilles Deleuze (1973), o lugar ou a posição constitui um critério formal de reconhecimento de autores de diferentes domínios no movimento intelectual designado como estruturalismo. Para o filósofo, uma das consequências do critério local ou posicional é a predileção dos “estruturalistas” por espaços de jogos. Nessa orientação, é possível pensar que, no estruturalismo, as metáforas de jogos estão relacionadas à formação de conceitos. Em acréscimo à perspectiva deleuziana, compreende-se que o estruturalismo francês da década de 1960 regeu hegemonicamente domínios distintos das Ciências Humanas e Sociais, especialmente as Ciências da Linguagem. Trata-se de um movimento filosófico, político e cultural contraditório, e não de uma mera topologia fictícia do saber contemporâneo (WAHL, 1970). Segundo Michel Pêcheux (2008), o estruturalismo é uma tentativa antipositivista de considerar o real próprio às disciplinas de interpretação, constitutivamente avesso à univocidade lógica. Por outro lado, o movimento cede a um narcisismo teórico, aparentando ser uma nova “ciência régia da estrutura do real” (PÊCHEUX, 2008, p. 44). A partir da reflexão sobre as condições gerais e específicas de produção da Análise de Discurso francesa em relação às suas bases epistemológicas, objetiva-se interpretar efeitos de sentido que a palavra, o conceito e a metáfora de jogo produzem no horizonte de retrospectão, na rede de memória e no trajeto teórico da Análise de Discurso, particularmente nos textos publicados pelo seu fundador, Michel Pêcheux (1997a, 1997b, 1981, 1982, 2004, 2008, 2011). O arquivo de leitura ainda está em fase de construção. Entretanto, observa-se que diferentes perspectivas acerca da noção de jogo atravessam todo o percurso teórico do autor. Como problema, questiona-se a relação entre a textualização do significante “jogo” e a formação de dispositivos teóricos e analíticos no percurso teórico de Michel Pêcheux, considerando as variadas formas gramaticais (verbo ou substantivo) que o léxico assume em seus textos. Por extensão, investiga-se qual é o papel das metáforas de jogos na configuração teórica da Análise de Discurso na França nas décadas de 1960 a 1980. Apesar de não se inserir nesse movimento intelectual, ressalta-se que a Análise de Discurso tem seus prolegômenos em problemáticas de interesse comum às teorias e às práticas estruturalistas (ORLANDI, 2009). Dessa forma, questiona-se como os efeitos de sentido a serem analisados afirmam, deslocam, invertem, delimitam ou negam os conceitos de jogo que são produzidos e circulam no interior do estruturalismo francês. Acredita-se que as regulações de jogo (forma, valor e materialidade), transferidas de outros campos disciplinares, são singularizadas na obra de Michel Pêcheux, mantendo uma ligação estrita com as concepções de língua da Análise de Discurso. Como justificativa, pode-se ampliar o horizonte de retrospectão do estruturalismo ao problematizar as escolhas, as organizações e as mobilizações dos aportes teórico-analíticos da Análise de Discurso em relação às suas bases epistemológicas, especialmente a Linguística, o Materialismo Histórico e a Psicanálise. Como quadro teórico, articulam-se dispositivos da Análise de Discurso (HENRY, 2000; GADET; PÊCHEUX, 2010, 2012; PÊCHEUX, 1997a, 1997b, 2008, 2011; ORLANDI, 2013) com fundamentos da História das Ideias Linguísticas (AUROUX, 2008, 2009; COLOMBAT; FOURNIER; PUECH, 2010; NUNES, 2008; ORLANDI, 2002) para

refletir sobre o papel da Análise de Discurso em relação à especificidade da história do estruturalismo (CHISS; PUECH, 1987, 2001; DELEUZE, 1973; DOSSE, 1998; LÉON, 2013). Iniciado no primeiro semestre de 2014, sob a orientação do Prof. Dr. Lauro José Siqueira Baldini, o trabalho está em estágio de desenvolvimento. Atualmente, constroem-se os tópicos teóricos nos quais busca-se refletir sobre a constituição e transmissão dos saberes e dos conceitos, assim como a estruturação desses saberes em horizontes de retrospectão, segundo o quadro teórico supracitado (articulação entre a História das Ideias Linguísticas, a Filosofia da Linguística e a Análise de Discurso), questionando aspectos pontuais, tais como a noção de corte epistemológico e de autoria.

Palavras-chave: História das Ideias Linguísticas. História do estruturalismo. Conceito de jogo. Michel Pêcheux.

O \ "NÓS-VADIA\ " NA REDE DE SENTIDOS

Tyara Veriato Chaves

RESUMO: A Marcha das Vadias é um movimento social e político internacional constituído por uma onda de protestos iniciada em 2011 no Canadá. A primeira edição da Marcha se realizou em Toronto, com a denominação SlutWalk, e como efeito de um discurso de origem, têm-se as palavras do policial Canadense Michel Sanguinetti durante uma palestra proferida na Universidade de Toronto devido ao aumento nas ocorrências de abuso sexual no campus, onde aconselhou \ "que as mulheres evitassem se vestir como vadias (sluts, no inglês original), para não serem vítimas\ ". Este enunciado, que considero como um acontecimento, por se localizar "[...] no ponto de encontro de uma atualidade e uma memória" (PÊCHEUX, 1983, p.17), serviu de estopim para que manifestantes criassem um movimento político que levou cerca de três mil pessoas às ruas de Toronto e rapidamente se espalhou pelo mundo com diferentes denominações: Marcha das Vadias/Marcha das Vagabundas no Brasil, Marcha das Galdérias/Marcha das Ordinárias em Portugal, Marche des Salopes na França, SlutWalk em países de língua inglesa, Marcha de las Putas na Espanha e nos países de língua espanhola na América Latina – Equador, Argentina, Colômbia, Peru, dentre outros. Neste trabalho, volto o olhar para a Marcha das Vadias no Brasil, em particular, a edição do Rio de Janeiro especificamente no que se refere a sua presença na rede digital Facebook. A intenção é desenvolver uma reflexão sobre a prática política no ciberespaço, este tomado não apenas como uma plataforma/suporte dos coletivos de militância, mas como constitutivo dos processos de significação gerando uma série de discursividades que envolvem elementos próprios da militância imbricados ao digital, onde protesto, divulgação e convocação se atravessam. Para tanto, serão analisados flyers publicados na linha do tempo da Marcha das Vadias do Rio de Janeiro no Facebook e em um gesto de descrição/interpretação buscarei analisar o funcionamento do \ "nós-vadias\ " em rede. A perspectiva na qual esta pesquisa se filia é a Análise Materialista do Discurso e, a partir de uma leitura não-subjetiva que leva em conta a História nos termos da dominação Ideológica (PÊCHEUX, 1975), tento compreender a relação dos dizeres e imagens que circulam nas Marchas das Vadias com a sua exterioridade, a saber: as outras vozes que os atravessam, a presença de um discurso dito machista-patriarcal, o atravessamento do discurso moral/religioso, o uso de materialidades próprias do digital, pensando este conjunto como um processo "[...] contraditório, no qual se tramam as relações entre língua e história." (PÊCHEUX, 1982, p. 9). Na busca por tais processos de significação, busco pensar a questão das resistências sob a contradição ideológica, levando em conta a interpelação desses sujeitos da militância em sujeitos do discurso – chamar-se de vadias em busca de (re)significação –, refletindo, desse modo, como o \ "nós-vadias\ " funciona na relação com o \ "eu\ ", tendo em vista a própria heterogeneidade sobre a categoria 'mulheres' e suas interseções com classe, etnia, raça, opção sexual e identidade de gênero, dentre outros. No percurso analítico, proponho pensar a partir de Zoppi-Fontana (2000), os lugares de enunciação como "[...] a divisão social do direito de enunciar e a eficácia dessa divisão e da linguagem em termos da produção de efeitos de legitimidade, verdade, credibilidade, autoria, circulação, identificação, na sociedade." (Idem p. 200). Outra questão a ser abordada é o funcionamento da memória nos processos de

identificação, o ‘ser vadia’ do coletivo: se e de que modo a materialidade dos discursos dos coletivos Marcha das Vadias produz na memória uma ruptura-acontecimento (PECHÊUX, 1983). O interesse é compreender o funcionamento dos efeitos de inclusão/exclusão, segregação e silenciamento no processo de construção e legitimação do sujeito vadia social e politicamente através de sua filiação em redes de memória e as possibilidades de deslocamentos nesses novos trajetos de sentidos articulados no fio do dizer.

Palavras-chave: Marcha das Vadias. Ciberespaço. Política. Discurso. Acontecimento.

O POÉTICO E SEUS (E-)FEITOS NO PROJETO TEÓRICO DE MICHEL PÊCHEUX

Valeria Regina Ayres Motta

RESUMO: A Análise do Discurso de filiação pecheutiana foi constituída sob as referências teóricas inscritas no espaço do estruturalismo dos anos 1960. Do estruturalismo, os aspectos mais caros a Pêcheux eram os que se opunham às ideias dominantes da época sobre a ciência da linguagem como “ciência da expressão e ciência dos meios desta expressão” (PÊCHEUX, 2010, p.60). Criticando a concepção hermenêutica de leitura, a análise de conteúdo e o projeto de tratamento de textos como “população de palavras” (PÊCHEUX, 2010, p.252), Pêcheux, apoiou-se estrategicamente no movimento estruturalista e partiu em duelo contra “essas diversas formas (espontâneas ou científicas) de evidência empírica da leitura” (PÊCHEUX, 2010, p.252). Entretanto, quando Pêcheux trabalhou a noção de acontecimento discursivo, ele fez críticas pontuais ao estruturalismo, sendo que uma delas toca na posição teórico poética do movimento estruturalista (PÊCHEUX, [1983] 2006, p.53). Partindo dessas premissas teóricas, propomos desenvolver esta pesquisa com o objetivo mais geral de investigar o lugar do poético no projeto teórico de Michel Pêcheux. Nossa hipótese é a de que Pêcheux singulariza uma noção de poético em seu trabalho no campo do Discurso e essa noção produz (e-)feitos em seu projeto teórico. Para sustentar essa hipótese, propomos compreender, em seu percurso teórico, marcado por retomadas e retificações, os modos como Pêcheux institui uma noção de poético. Interessa-nos, também, refletir sobre os efeitos dessa noção para seus estudos sobre o Discurso. Este trabalho parte da constituição de um arquivo (PÊCHEUX, 2010) e, para tanto, toda a obra de Pêcheux será percorrida. Este arquivo está em fase de construção e a metodologia usada para essa montagem se baseia no conceito de Sylvain Auroux (2008), de “horizonte de retrospectão” e “horizonte de projeção”, no campo da Histórias das Ideias Linguísticas. Conforme Auroux, horizonte de retrospectão é o conjunto de conhecimentos antecedentes à atividade cognitiva sobre a qual o cientista se debruça, e horizonte de projeção tem a ver com o futuro que se constrói: “Sem memória e sem projeto, simplesmente não há saber” (AUROUX, 2009, p.12). Para conduzir essas reflexões, proponho mobilizar distinções do poético dentro dos estudos linguísticos e psicanalíticos. De entrada, apresento um primeiro recorte de leitura que parte de três textos de Pêcheux, a saber: “A Língua Inatingível” ([1981] 2004); “Discurso: Estrutura ou Acontecimento” ([1983] 2006) e “Sobre a (DES-)Construção das Teorias Linguísticas” (1982). Nesses trabalhos, Pêcheux foi a fundo com suas reflexões sobre o poético, trouxe questões sobre a língua como funcionamento, o que já é um deslocamento fundamental da linguística saussuriana, e tratou a poesia como um funcionamento da língua. A concepção de língua, que passou por deslocamentos ao longo de seu percurso, abriu-se, nesses trabalhos, para a noção de equívoco, para alíngua, e para a poesia, como “uma propriedade da própria língua” (GADET; PÊCHEUX, [1981] 2004, p.58). “Nada da poesia é estranho à língua” e “nenhuma língua pode ser pensada completamente, se aí não se integra a possibilidade de sua poesia” (PÊCHEUX, [1983] 2006, p. 51). Dizeres que Pêcheux retomou de Milner para afirmar que a língua possui seu real próprio. E, em crítica severa a Milner, Pêcheux enfatizou que há também o real da história. Continuando nesse diálogo, Pêcheux se

mostrou irreduzível em seu posicionamento contrário ao daquele autor, de que haja um ponto de poesia localizável na língua: talvez “não haja poesia” porque a poesia é “literalmente coextensiva à língua” (GADET; PÊCHEUX, [1981] 2004, p.64). O autor tratou a poesia em relação ao equívoco e também em relação à loucura, e pontuou que, tanto a poesia quanto a loucura fazem um “certo uso” da língua e isso toca o real (GADET; PÊCHEUX, [1981] 2004, p. 63). A língua é outro ponto em que toca o autor e nos interessa compreender de que modo ela pode estar relacionada à poesia na teorização de Pêcheux. Até o momento, o que se dá a ver a partir dessas primeiras reflexões é que, o que perpassa essas relações refere-se a uma concepção de língua como um complexo afetado pelo inconsciente e pela história, portanto, língua como um sistema que não é fechado e do qual não se pode compreender todos os mecanismos. Interessa-nos compreender, ainda, os modos como o poético é referenciado por Pêcheux: linguagem poética, traço poético, deslizamento poético, efeito poético, metáfora poética, poesia. Todos esses modos de dizer sobre o poético nos instigam à reflexão, haja vista que se trata de um percurso teórico em que a noção de poético vem sendo construída, portanto, há que adiantar que as diferenças terminológicas para a noção de poético podem apontar para diferentes sentidos, embora entrevemos uma certa regularidade, que marca essa noção como funcionamento da própria língua.

Palavras-chave: Análise do discurso. Língua. Poético. História. Sujeito.

3. Linguística Aplicada

OS HOLANDESES EM ARAPOTI: UMA HISTÓRIA DE RENEGOCIAÇÕES

Ályda Henrietta Zomer

RESUMO: Arapoti, uma cidadezinha com pouco mais de 25 mil habitantes, situada na região norte do Paraná. Ao caminhar pela cidade com um olhar mais atento é possível localizar carros portando adesivos com moinhos, tamancos e típicos casaizinhos holandeses, assim como as bandeiras brasileira e holandesa. Ao se distanciar um pouquinho do centro da cidade, avista-se uma pequena vila denominada “Vila Evangélica” na qual se localizam uma igreja (Igreja Reformada Evangélica), uma escola (Escola Colônia Holandesa), com grandes chances de encontrar pessoas altas, pele e olhos claros e cabelos louros caminhando pelas ruas. À frente, mais distante da cidade, é muito comum avistar grandes pastos com vacas pretas e brancas, grandes extensões de inúmeras plantações, e, novamente, há uma enorme possibilidade de se deparar com pessoas altas, pele e olhos claros e cabelos louros. Afinal, quem são essas pessoas? Por que se encontram a um relativo distanciamento da cidade? Por que possuem sua própria igreja? Uma escola? Falam português? Talvez esses sejam questionamentos feitos por muitos que pela cidade passam e se deparam com os descendentes de holandeses que residem em Arapoti. Na década de 60, 10 famílias de imigrantes holandeses chegaram à Arapoti em busca de uma melhor situação socioeconômica. Saliento que olho para essa “busca por uma melhor situação econômica” como o “início” da colônia a que pertencço, uma vez que a Holanda, na década de 60, passava pelo momento de pós 2ª Guerra Mundial, ou seja, um momento em que famílias de diferentes províncias buscavam se refugiar em outros países. Afinal, o medo de um novo período como o da 2ª Guerra Mundial tomava conta das ruas, assim como a situação econômica do país, que se tornou bastante complicada após a guerra se encontrava em crise. Não se pode esquecer também da propaganda [enganosa] feita pelo governo brasileiro acerca de melhores condições de vida aqui, prometidas pelo governo brasileiro, como por exemplo: a doação de terras produtivas a esses imigrantes. Porém, ao chegar em terras brasileiras, as famílias de holandeses de diferentes províncias, depararam-se com terras que ainda precisavam ser preparadas para o cultivo. Diante dessas terras, essas famílias deram início a sua história em Arapoti, diante de um “mundo” novo, ao qual foram se adaptando e vice-versa, ao longo dos anos. Dessa maneira, ano a ano, brasileiros e holandeses se vinham em meio às renegociações diante das culturais, linguísticas, etc. Sendo assim, diante desse processo [histórico], assim como da renegociação cultural entre brasileiros e [descendentes de]holandeses é que se dá esse trabalho de pesquisa, afinal, buscamos observar como se deu/se dá a história dessa comunidade de imigrantes desde a sua fundação na década de 60 até os dias de hoje. Como brasileiros e [descendentes de] holandeses se relacionavam/relacionam em meio às diferenças culturais-linguísticas? Como o ideal de uma cultura isolada, muito forte entre esses imigrantes foi se desmanchando em consequência do contato com a cultura brasileira? Para tanto, atentamos para a memória como um instrumento de grande relevância para a materialização da pesquisa. Nessa direção, por meio da inserção nessa comunidade de imigrantes é que optamos por passear junto à memória dos integrantes da comunidade. Dessa maneira, buscamos as três primeiras gerações na da comunidade, dentre estas, a geração que fundou a colônia de imigrantes holandeses relatando os motivos que os fizeram vir ao Brasil em busca de uma “nova vida”, o difícil recomeço em meio a uma

cultura diferente. Optamos por trabalhar com as três gerações, a fim de não excluirmos o processo histórico pelo qual a comunidade passou e passa, uma vez que olhamos para a reconstrução identitária da comunidade, assim como dos seus integrantes como um produto histórico\\social. É nesse sentido, em meio às narrativas orais dessas gerações, inserindo-nos na colônia de imigrantes e a partir dessa familiaridade ao contexto, passear junto à memória dos integrantes da comunidade, tal como a memória da própria pesquisadora enquanto integrante da comunidade também, é que a pesquisa se dá.

Palavras-chave: Multiculturalismo. Renegociação cultural. Identidade. Memória.

AS FIDELIDADES DO TRADUTOR DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Adriano Clayton da Silva

RESUMO: Quando este trabalho se iniciou, no começo do ano de 2013, pesquisando traduções de histórias em quadrinhos (HQs) do personagem francês Asterix e usando uma metodologia qualitativa, observacional, descritiva e interpretativa, a pergunta inicial era se a imagem influenciava as escolhas do tradutor e como influenciava. Até então, uma vez que na tradução de quadrinhos não seria possível alterar nenhuma imagem ou mesmo o espaço de texto (balões, rodapés...), a hipótese era a de que as escolhas do tradutor sempre se restringiriam ao sentido ou à forma do texto escrito. Ou seja, o tradutor sempre podia escolher entre ser mais fiel às ideias transmitidas pelo texto verbal que traduzia, auxiliando seu leitor final, ou ser mais fiel à forma, ao modo como o texto foi escrito e às escolhas lexicais do autor, aproximando-se do texto original. A ideia de que o tradutor tinha apenas essas duas opções de fidelidade (domesticar ou estrangeirizar) surgiu das leituras de vários autores importantes nos estudos de Tradução, como Lawrence Venuti, Antoine Berman, Friedrich Schleiermacher, entre outros. Mas o que eu não percebi de início é que a grande maioria desses autores falava de tradução literária e por isso polarizavam as escolhas entre as línguas de partida e de chegada, entre as culturas, entre autor e leitor. Assim, a hipótese inicial era de que a imagem seria mera ferramenta, ou obstáculo, para a continuidade do trabalho tradutório. As leituras, discussões e pesquisas durante três semestres, levaram-me a rever essa questão da fidelidade, e justamente por causa da imagem, que não apenas determina como a tradução acontecerá como precisa ela mesma ser modificada, em certos momentos, para continuar permitindo alguma compreensão no texto/imagem de chegada. A observação e a compreensão da imagem exigem do tradutor conhecimentos de mundo (ou mundos), de língua, de cultura e de semioses, tanto na língua de partida como na de chegada, muito mais amplos. Somente assim ele pode ampliar seu leque de escolhas no momento de traduzir. Consequentemente, o tradutor deve trabalhar não apenas com o verbal de um texto, e por texto entenda-se aqui também a história em quadrinhos, já que seus elementos e esquema de funcionamento, consagrados nas diversas culturas ocidentais, permitem a transmissão de informação e impressões da mesma forma (em alguns casos até melhor) que um texto puramente verbal. Para a efetiva transformação da imagem em novo objeto de fidelidade do autor foi preciso rever sua natureza. Entram aqui conceitos novos, como o de multimodalidade, e a revisão de conceitos já naturalizados, como o de linguagem, por exemplo. A noção de imagem atualmente considerada para a pesquisa é a de que ela pode comportar diversos sistemas semióticos, ou modos, ao mesmo tempo, e cada modo traz informações diferentes ao tradutor da HQ. Dado o exposto, nova direção foi dada à pesquisa, embora a metodologia e o material analisado continuem os mesmos. O objetivo atual é analisar as traduções de HQs, buscando entender o processo tradutório envolvido e como o tradutor efetuou tal processo, verificando se ele usou as informações de todos os modos possíveis para fazer suas escolhas, ou se aparentemente ignorou algum deles. A pesquisa se justifica pela pouca quantidade de estudos semelhantes, tanto em língua portuguesa como em outras línguas, além de que a venda de HQs estrangeiras e traduzidas aumenta a cada ano no Brasil, o que demonstra maior interesse pela população, e isso exige que a academia também volte mais seus olhos

para esse gênero. A hipótese defendida atualmente é que o tradutor somente consegue realizar uma “boa” tradução de HQ quando enxerga este objeto da forma abrangente aqui proposta. Novos autores são evocados para corroborar este novo olhar, como José Yuste Frías, Claus Clüver e Klaus Kaindl, que trabalham, respectivamente, com conceitos de paratradução, tradução multimodal e écfrases, ou seja, outros aspectos da tradução muito mais relacionados com imagens e paratextos. A nova direção já demonstra resultados, como a nova concepção de imagem anteriormente mencionada. Como conclusão de momento, é possível afirmar que a nova hipótese formulada está se confirmando, mas novos pares de vinhetas (original e tradução) estão sendo analisadas para continuar confirmando (ou não) a pesquisa.

Palavras-chave: Linguística Aplicada. Tradução. História em Quadrinhos. Asterix.

MULHERES DO CAMPO: ANÁLISES DE REPRESENTAÇÕES DO FEMININO EM CANÇÕES SERTANEJAS

Amanda Ágata Contieri

RESUMO: O objetivo específico desta comunicação é apresentar resultados parciais da pesquisa que estou conduzindo para compor minha dissertação de mestrado apresentada. Nesta pesquisa proponho-me a fazer a análise de representações acerca de identidades femininas em canções popularmente conhecidas como “sertanejas”. O corpus analisado compreende canções cujas letras foram escritas por homens de três diferentes gerações. A pesquisa em pauta objetivou procurar entender, não apenas como são construídas as representações de feminilidade nas composições examinadas, mas também verificar se elas vêm, ou não, acompanhando as mudanças do papel da mulher na sociedade ao longo do tempo. Desse modo, determinou-se que a análise de dados seria norteada pelas seguintes perguntas: 1) Como o gênero feminino é representado nas canções sertanejas analisadas? 2) O exame dessas representações indicam uma mudança no modo como as identidades femininas são constituídas nesse gênero musical? 3) Em caso de mudanças, elas acompanham as transformações do papel da mulher na sociedade tal como são descritas na literatura especializada? A expectativa é que os resultados dessa pesquisa possam fornecer subsídios para professores de língua portuguesa interessados em trabalharem de uma perspectiva interdisciplinar e intercultural de educação, o que implica atentar para questões voltadas para as identidades de grupos minoritários no país (MOITA LOPES, 2008; FLEURY, 2003; MAHER, 2007). Mais especificamente, espera-se poder contribuir para que esses professores possam utilizar as letras analisadas como base para construir materiais de trabalho alternativos àqueles comumente presentes em livros didáticos. Espera-se que os docentes possam, assim, promover discussões em sala de aula, com vistas à promoção de maior conhecimento de dois grupos sociais marginalizados historicamente: as mulheres, entendidas aqui como um grupo minoritarizado e os provenientes do universo caipira/sertanejo, ou a ele afeiçoados, já que manifestações culturais regionais são também frequentemente vistas de forma estereotipada e marginal. Esse é o motivo, como destaca Chaves (2006), pelo qual letras de canções sertanejas não figuraram no ambiente escolar, embora representem papel significativo no mercado fonográfico brasileiro. Entendo, assim, que a pesquisa em questão se justifica principalmente pela atual demanda por um ensino de língua materna crítico e interdisciplinar (MOITA LOPES, 2008), que seja capaz de contemplar uma variedade de gêneros linguísticos e de formas de utilização da linguagem. Assume-se aqui uma abordagem transdisciplinar da Linguística Aplicada, relacionando-a a aspectos teórico-metodológicos de outros campos como a Sociologia, a Antropologia, a História e Sociolinguística, por exemplo. Além disso, é importante destacar que, neste trabalho, filio-me a uma vertente da Linguística Aplicada que se caracteriza como um fazer comprometido politicamente: trata-se de um fazer investigativo que se propõe a “tentar enfrentar e modificar a precariedade da existência em sociedade ou a privação sofrida por sujeitos, comunidades, instituições.” (ROJO, 2006, p. 254). Assim sendo, optou-se por conduzir a pesquisa por um viés qualitativo, que permite maior riqueza de descrições e também uma maior proximidade das limitações do mundo real cotidiano, não descartando a subjetividade do pesquisador no processo da análise interpretativa (DENZIN &

LINCOLN, 2006). Para a composição do corpus dessa pesquisa, procurou-se, inicialmente, agrupar o conjunto de canções pertencentes ao gênero musical focalizado de acordo com a década de suas composições, de modo a possibilitar que o trabalho de análise fosse pensado a partir de uma comparação cronológica, tendo as mudanças históricas das representações de identidades femininas mulheres como foco (FAIRCLOUGH, 1992). As décadas foram agrupadas da seguinte forma: anos 1950/1960; 1980/1990 e os 2000. Alguns conceitos-chave são utilizados para a realização da análise. A noção de representação proposta por HALL (1997) foi adotada para guiar a análise dos modos como o gênero feminino são construídos nas canções. O autor enfatiza que o significado não está nas coisas, nos objetos ou nas pessoas: somos nós que os fazemos significar, utilizando sistemas representacionais, isto é, conceitos e signos. Em síntese, representação é um conceito tomado aqui como a produção de significado através da linguagem. Optou-se também por utilizar alguns elementos da Análise do Discurso Crítica, desenvolvida por Fairclough, na década de 1990, visto que a análise de dados proposta não pode descartar aspectos sociológicos, políticos, linguísticos. Em consonância com o que apregoam Chouliaraki & Fairclough (1999, p.16), a linguagem é tratada, na pesquisa em questão, como uma prática social e dinâmica em sua essência. Também serviram de esteio teórico os conceitos de Cultura e Identidade tal como propostos por Cuhe (2006), Laraia (2006) e Woodward (2000) e o conceito de Identidade de Gênero encontrados em Louro (1997) e Scott (1995). Nesta comunicação, pretendo abordar alguns dos resultados parciais da pesquisa conduzida. Procurarei demonstrar que, embora em algumas canções a mulher já seja retratada de forma não sexista, em várias outras elas aparecem como estando ligadas exclusivamente às tarefas domésticas e irremediavelmente associadas à ingratidão, ou, como é o caso de várias canções mais recentes, ela é objetificada como um bem que permite ostentação.

Palavras-chave: Multiculturalismo. Identidades femininas. Cultura. Gênero. Educação. Linguística crítica.

DISCURSOS SOBRE BILINGUISTO E EDUCAÇÃO BILÍNGUE NO BRASIL: A PERSPECTIVA DAS ESCOLAS

André Coutinho Storto

RESUMO: Desde por volta do início do milênio, tem ocorrido um boom no crescimento de escolas bilíngues no Brasil. Como consequência imediata, inaugurou-se um vasto campo de pesquisa no qual uma série de questões devem ser problematizadas para que possamos aprofundar nossos conhecimentos a respeito da expansão da educação bilíngue em nosso país. O surgimento de inúmeros trabalhos pioneiros que tratam de questões relacionadas ao bilinguismo e à educação bilíngue, através de diferentes enfoques e abordagens teóricas, evidencia não só o crescente interesse da academia pelo tema, como representa um avanço oportuno dos estudos a ele relacionados. Entretanto, o crescimento do número de escolas bilíngues não é fenômeno isolado e restrito ao território nacional. Ele se insere em um contexto histórico e social mais amplo e suas implicações extrapolam os limites da escola e do ensino de línguas. As profundas transformações econômicas, sociais, políticas e culturais pelas quais a humanidade vem passando ao longo do último quarto de século; a intensificação dos fluxos de capital, produtos, serviços e, em menor escala, de pessoas através das fronteiras nacionais; o desenvolvimento das tecnologias, em especial da tecnologia da informação, a qual torna possíveis novas formas de organização social através de uma rede global de produção e distribuição de informação, serviços e conhecimento, enfim, a “terceira grande onda de globalização” (ROBERTSON, 2003, apud KUMARAVADIVELU, 2008, p.130) não deixou de afetar o domínio das línguas. Pelo contrário, em um mundo onde cada vez mais as fronteiras (nacionais, culturais, sociais) tendem a se tornarem indistintas em face ao surgimento de uma rede global de conexões e interdependências, a questão do bilinguismo, entendido como fenômeno sociolinguístico de línguas em contato, nunca foi tão urgente. Neste contexto, o Inglês se apresenta como ‘a língua da globalização’, a língua franca utilizada em inúmeros domínios das atividades humanas. Diversos são os autores e áreas de estudo que se debruçam sobre questões relacionadas à expansão do Inglês como língua hegemônica da globalização, não cabendo aqui elencá-los. Optamos por orientar nosso trabalho seguindo a linha teórica desenvolvida por sociolinguistas e linguistas aplicados como Blommaert (2005, 2010), Pennycook (2007) e Canagarajah (2007, 2013). De forma bastante resumida, rompendo com conceitos tradicionais herdados da linguística sincrônica de Saussure como “falante nativo”, “comunidade de falantes”, “aquisição de línguas” e “língua materna”, esta linha teórica e de pesquisa busca a criação de um novo instrumental de análise, de novos conceitos e metáforas mais aptos a lidarem com a complexa relação entre línguas e sociedade na modernidade tardia. Conceitos como “recursos (linguísticos, comunicativos, semióticos) móveis”, “poli-centrismo”, “repertório”, “escalas sociais”, “indexicalidade”, “translíngua”, são alguns exemplos de como esta nova agenda de estudos pode nos auxiliar a enxergar o papel do Inglês no cenário global para além da ótica do imperialismo linguístico (PHILIPSON, 1992) ou da normatividade prescritiva dos grandes centros. Utilizando-nos também de alguns elementos de análise textual provenientes da Análise do Discurso e tendo como corpus os textos constantes nos “websites” de trinta e uma escolas bilíngues em Inglês da cidade de São Paulo, propomo-nos investigar as representações feitas pelas escolas a respeito do bilinguismo, da educação bilíngue (em língua inglesa)

e, como consequência, delas próprias dentro do atual contexto global. No atual estágio da pesquisa, após uma varredura prévia do corpus, identificamos três focos de análise inter-relacionados que nos auxiliarão a elucidar as questões postas acima. Primeiramente, bilinguismo e educação bilíngue são representados em vários excertos do corpus de maneira ambígua, como termos de sentido intercambiável, estabelecendo-se quase que uma relação de sinonímia entre eles. Isto leva a distorções conceituais como, por exemplo, quando as escolas se referem aos “benefícios do bilinguismo” mencionando supostas vantagens que na verdade estariam relacionadas a uma modalidade de educação bilíngue. Um segundo recorte de análise, focado na representação da metodologia de ensino das escolas, revela a presença de modelos metodológicos importados do ensino de Inglês como segunda língua (ESL) e uma concepção de letramento fortemente pautada no desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita, pouco ou nada mencionando sobre a multimodalidade e o papel das novas tecnologias na educação bilíngue. Finalmente, ao definirem seu papel no contexto global atual, as escolas se apresentam como o meio que possibilita a “inserção” do aluno no “mundo globalizado”, em uma transposição do antigo esquema argumentativo “educar para o mercado de trabalho” para os dias de hoje. A alta ocorrência da nominalização “mundo globalizado” no corpus, em oposição à “globalização” (entendida como processo), parece apontar para uma concepção estática, fechada e excludente do mundo atual, ao qual só os bilíngues (falantes de Inglês, é claro) têm acesso. Dado o atual estágio de andamento da pesquisa (análise dos dados) e as restrições de espaço deste documento, este é um panorama conciso de seu status quo.

Palavras-chave: Linguagem e Educação. Bilinguismo. Educação Bilíngue. Globalização.

A CONSTITUIÇÃO DOS DISCURSOS ESCRITOS EM PRÁTICAS DE LETRAMENTO ACADÊMICO-CIENTÍFICAS

Angela Francine Fuza

RESUMO: Esta pesquisa, situada na área da Linguística Aplicada (linha de pesquisa: Linguagem e ensino), é desenvolvida como forma de reação ao discurso que postula a escrita acadêmica como sendo homogênea, não considerando as práticas acadêmico-científicas de letramento envolvidas no processo de constituição do discurso, assim como as comunidades acadêmicas de escrita. Por conseguinte, como forma de não reproduzir esse tipo de discurso e tentar compreender de forma mais situada e contextual essa situação, a seguinte questão motivou o desenvolvimento da pesquisa: como se constituem os discursos escritos nas práticas de letramento acadêmico-científicas. Nesse caso, destacam-se os objetos de pesquisa e não apenas um objeto, pois, a fim de compreender justamente os discursos acadêmicos presentes nas práticas de letramento acadêmico, no âmbito da produção científica, é preciso lançar o olhar para os discursos que permeiam as práticas de letramento que envolvem a produção escrita acadêmica, como: os discursos oficiais - presentes na Constituição, nas Diretrizes de Leis e Bases da Educação – LDB, nas agências e órgãos governamentais do Ensino Superior, como o Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq), a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e nas Fundações de Amparo à Pesquisa do Brasil; as normas de submissão destinadas aos autores e as normas de avaliação usadas pelos avaliadores para análise dos artigos a serem publicados em revistas; os cursos de escrita acadêmica; os artigos científicos das revistas das diferentes áreas de conhecimento. Dessa forma, o objetivo geral desta pesquisa é compreender como se constituem os discursos escritos nas práticas de letramento acadêmico-científicas, a partir da análise de: (1) discursos oficiais; (2) cursos de escrita acadêmica; (3) normas para publicação e avaliação das revistas; (4) artigos publicados em revistas científicas brasileiras A1 das diferentes áreas do conhecimento, conforme divisão realizada pelo CNPq e pelo WebQualis em: Ciências da Saúde, Ciências Exatas e da Terra, Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas, Engenharias, Linguística, Letras e Artes. O enfoque desta tese não recai apenas na análise do gênero discursivo artigo científico, mas sim, nas práticas de letramento que envolvem a produção escrita em âmbito acadêmico. Fundamentando-se em discussões recentes sobre o letramento acadêmico feitas por estudiosos dos Novos Estudos do Letramento e na concepção dialógica de linguagem de Bakhtin, segundo os princípios teóricos da Linguística Aplicada, a posição deste estudo é que se a escrita acadêmica for concebida com base nos múltiplos letramentos (STREET, 1984), as noções de escrita e de ciência homogêneas, padronizadas poderão ser repensadas, desmistificando a ideia de que todos os participantes das comunidades acadêmicas escrevem da mesma forma, desconsiderando o contexto que os circundam. Assim, propõe-se a diversidade ou heterogeneidade em detrimento da unidade ou homogeneidade da escrita, considerando que as formas de realizar, de participar de práticas de letramento, incluindo a escrita acadêmica, são modos culturais de utilização da linguagem e nelas estão implícitas relações de poder (FISCHER, 2007). A natureza metodológica do trabalho está centrada no quadro epistemológico qualitativo-interpretativista. Por meio dele, predominam procedimentos investigativos de base documental, tendo em vista o diálogo tecido com

um conjunto de documentos citados anteriormente. Do ponto de vista teórico-metodológico, assume-se a perspectiva da Análise Dialógica do Discurso, fundamentada em Bakhtin e seu Círculo, que apresenta o método sociológico de estudo da língua. Os procedimentos desse método serão contemplados, principalmente, na fase de análise do gênero discursivo artigo científico presente nos periódicos nacionais das diversas áreas do conhecimento. Diante do exposto foram estabelecidos alguns eixos de análise para a pesquisa. Em primeiro momento para o estudo dos documentos oficiais e dos periódicos selecionados: (1) a escrita científica nos documentos oficiais; (2) a escrita científica nas práticas de produção escrita; (3) diálogo entre os periódicos selecionados e os discursos oficiais e as práticas científicas de escrita. Em segundo momento, para a análise dos artigos científicos das diferentes áreas: (1) forma composicional, temática e estilo dos artigos científicos; (2) relações dialógicas estabelecidas no interior dos artigos; (3) a heterogeneidade discursiva dos artigos das diferentes áreas nos âmbitos textual e discursivo; (4) diálogo entre os artigos analisados, os discursos oficiais, os cursos de escrita, as normas de submissão e normas de avaliação dos periódicos. A partir da análise dos artigos científicos de diversas áreas do conhecimento será possível identificar as configurações do discurso acadêmico-científico. Embora a parte analítica do trabalho ainda esteja em desenvolvimento, é possível afirmar que há a heterogeneidade da escrita em uma constituição homogênea, tendo em vista que se busca a diferença, mas a configuração do discurso, ou seja, sua forma composicional, tende à homogeneidade.

Palavras-chave: Ensino. Discurso Escrito. Letramento Acadêmico. Artigo Científico.

A INTERFACE ENTRE A CIÊNCIA DA LINGUAGEM E A HERMENÊUTICA JURÍDICA CONTRIBUINDO PARA A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE RESPONSABILIDADE CIVIL POR DANO MORAL PELA PERDA DE UMA CHANCE NA JUSTIÇA DO TRABALHO

Bárbara Bedin

RESUMO: O objetivo do trabalho é analisar o conceito de responsabilidade civil por dano moral pela perda de uma chance nos acórdãos de processos indenizatórios movidos na Justiça do Trabalho. Pesquisa, ainda, a formação do discurso jurídico no contexto dos processos e os argumentos considerados ostensivos para formar o conceito de dano moral pela perda de uma chance a partir da lei, da doutrina, da analogia e dos costumes. O corpus é composto por acórdãos do Tribunal Regional do Trabalho da 4ª Região (TRT4) que tenham julgado pedidos de reparação de danos pela perda de uma chance. O dano moral é de difícil conceituação, sendo um “conceito em construção”, nas palavras de Oliveira: “O amplo território do dano moral, as sutilezas de seu conteúdo e a progressividade de sua abrangência dificultam a formulação de um conceito que possa englobar todas as hipóteses que o caracterizam.” (2009, p. 213). A perda de uma chance originou-se de teorias italianas e foi recepcionada pelos Tribunais Trabalhistas recentemente, sendo que a doutrina encontra maior resistência para sua aceitação, uma vez que entende que há confusão entre perdas e danos e perda de uma chance. A perda de uma chance “é categoria de dano cuja reparação recai sobre a oportunidade sonogada, a qual obstaculizou a vítima de auferir uma posição jurídica mais vantajosa ou de evitar um prejuízo. Portanto, o bem jurídico a ser reparado não é o valor patrimonial total da chance, mas a probabilidade real e séria de alguém, com aquela chance, obter um lucro ou evitar prejuízo.” (Proc. n. 0001330-04.2012.504.0122 RO 5T TRT4, Rel. Des. Clóvis F. S. Santos, julgado 23/10/13). A vagueza desses entendimentos que apontam divergências entre os julgadores e entre o que é escrito sobre o tema assegura-nos um espaço de investigação para contribuir com a construção desses conceitos através da interface entre a Ciência da Linguagem e a Hermenêutica Jurídica. Existem divergências na caracterização do ato indenizatório e conceituação de dano moral, bem como na conceituação de perda de uma chance e seu limiar com as perdas e danos nas diversas Turmas que compõem o TRT4, demonstrando que conhecer a formação discursiva, suas condições de formação e os argumentos dos desembargadores apresentados nos acórdãos é fundamental para o sucesso de uma demanda. Focaremos, então, na leitura que os desembargadores fazem acerca dos conceitos de dano moral e perda de uma chance, já que a norma observa o texto legal como detentor de significado, mas também, faz sua relação com a realidade dos fatos. A pragmática exerce importante papel neste trabalho, uma vez que o entendimento dos desembargadores será coletado a partir da aplicação da norma ao caso particular, relacionando a quais argumentos os julgadores tem maior adesão. A teoria da argumentação utilizada como referencial para a análise dos acórdãos é a dos autores Chaim Perelman e Lucie Olbrechts Tyteca, com a Nova Retórica. A tese já foi qualificada e o resultado disso foi um recorte maior no que diz respeito à seleção do tópico perda de uma chance, uma vez que a ideia inicial era tratar somente da conceituação de dano moral. Como ele é um gênero que abrange diversas situações, decidiu-se por fazer um afinilamento naquele sentido. Já foi escrito sobre dano moral e

seu entendimento na justiça laborar brasileira, necessitando de um refinamento e do aprofundamento no recorte da perda de uma chance. Tratou-se, também, de explicar a estrutura de um acórdão e indicar a parte que será trabalhada nas decisões escolhidas. Sobre a teoria da argumentação de Chaim Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca, grande parte dos argumentos já foram selecionados e organizados restando, somente, trabalhar os argumentos fundados no real. Trabalhou-se o conceito de auditório universal desses autores que sofre críticas de outros que alegam sua inconsistência. Iniciou-se a leitura sobre hermenêutica e pragmática, mas de forma muito singela. O Direito socorre-se das Ciências da Linguagem para resolver os problemas mais complexos demonstrando a importância do estudo interdisciplinar na medida em que auxilia na resolução, segundo Paviani (2008, p. 19), de “problemas pedagógicos e científicos novos e complexos, dentro de uma determinada concepção de realidade, de conhecimento e de linguagem”. Ademais, a lei não tem um único sentido e ter o entendimento de que uma única leitura é considerada a correta e as demais interpretações consideradas arbitrárias, ideológicas ou criações alternativas do intérprete não pode prosperar em um Estado Democrático de Direito, que, para ser universal e participativo, deve ser tolerante e incorporar as convicções políticas, éticas e religiosas dos indivíduos, incluindo a dos julgadores. Silva (2005) explica que os conceitos jurídicos são, basicamente, hermenêuticos, e encontram-se em um paradoxo permanente entre a abstração da norma e o caso concreto, nessa esteira, o sentido dos fatos não está no texto, mas é dado, necessariamente, pelo intérprete, o que justifica o trabalho apresentado.

Palavras-chave: Leitura. Interpretação. Hermenêutica Jurídica. Perda de Uma Chance. Dano.

CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DAS UNIDADES LEXICAIS DISCUTIR E DISCUTERE EM PORTUGUÊS BRASILEIRO E ITALIANO

Bruna Maria Rocha Aflalo

RESUMO: Esta proposta de comunicação oral se insere no âmbito dos estudos interculturais e tem como objetivo apresentar os resultados parciais da tese de doutorado “Aspectos interculturais entre Brasil e Itália: considerações a respeito das unidades lexicais discutir e discutere e suas implicações comunicativas para brasileiros e italianos”, a qual se encontra em andamento. O estudo desenvolvido é motivado pela observação de que geralmente o verbo discutir em português brasileiro parece assumir uma conotação negativa em seu uso cotidiano, enquanto o verbo discutere em italiano tende mais frequentemente a um uso neutro ou positivo. Dessa forma, os objetivos desse trabalho são: verificar os significados atribuídos cotidianamente a discutir e discutere por brasileiros e italianos e refletir sobre as implicações comunicativas de tais significados. Os resultados deste trabalho podem ser importantes para áreas como os estudos interculturais, a lexicografia (sobretudo a lexicografia pedagógica), a tradução e o ensino de língua estrangeira. No caso específico do ensino de língua estrangeira, os resultados deste estudo podem auxiliar professores de italiano a preparar seus alunos para uma comunicação mais eficaz em língua italiana, tornando-os cientes dos possíveis obstáculos à interação. Partindo da ideia de que o léxico de uma língua é o aspecto linguístico que mais reflete a cultura de uma sociedade, acredita-se neste trabalho que o emprego do verbo em sentido negativo ou neutro/positivo está intrinsecamente relacionado a como brasileiros e italianos lidam com discussões e situações em que opiniões (divergentes ou convergentes) são expostas. Nesse sentido, a ideia deste trabalho é partir de elementos semânticos para então abordar uma questão pragmático-cultural, ou seja, partir dos significados atribuídos por brasileiros e italianos aos verbos discutir e discutere para em seguida refletir sobre as implicações desses significados nas duas culturas. Discutir e discutere seriam usados no mesmo sentido por brasileiros e italianos? Seria a discussão algo valorizado nas duas culturas ou a harmonia entre os participantes da interação deve ser priorizada em detrimento da defesa do ponto de vista? Em conversas informais com estudantes brasileiros de italiano, observou-se que a questão da discussão gera frequentemente mal-entendidos. Italianos afirmam que brasileiros são “melindrosos” e se ofendem facilmente quando opiniões diferentes são colocadas em confronto, enquanto brasileiros que têm contato com italianos costumam se lamentar da “grosseira” dos italianos ao expressarem seus pontos de vista. Seguindo a proposta da linguista Anna Wierzbicka de que a língua de um povo pode revelar peculiaridades de sua cultura, acredita-se neste trabalho que julgamentos de valor como os citados acima podem estar relacionados aos significados que brasileiros e italianos dão para discutir e discutere. De acordo com Wierzbicka, o uso de uma metalinguagem semântica criada a partir de primitivos semânticos favorece o estudo dos conceitos codificados pelos verbos de uma cultura, levando em consideração sua natureza livre de conceitos ligados a uma cultura específica, o que evita o chamado “etnocentrismo terminológico”. Após a realização de um estudo piloto, a metodologia proposta por Wierzbicka foi aplicada a uma amostra maior de informantes. Entretanto, os novos resultados apontaram que tal metodologia, além de não ser facilmente compreendida pelos informantes brasileiros e italianos que participaram do estudo, se mostrava

insuficiente para a delimitação clara dos significados atribuídos cotidianamente aos verbos aqui analisados. Dessa forma, decidiu-se continuar a busca pelos significados de discutir e discutere por meio de outra metodologia: as ocorrências de tais verbos por usuários do microblogging Twitter. A escolha do Twitter para a coleta das ocorrências dos verbos se deu devido à tendência de uso informal dos tweets (mensagens postadas no Twitter), ao uso massivo feito por brasileiros e italianos e à facilidade de obtenção em grande escala de mensagens publicadas, já que a maioria dos tweets é pública. Em sua fase atual, a pesquisa prevê a análise dos limites da metodologia inicialmente empregada e o estudo aprofundado da nova metodologia escolhida. Para a comunicação oral no XX Seminário de Teses em Andamento, a proposta é apresentar os objetivos da tese de doutorado, os limites da primeira metodologia empregada e os próximos passos da pesquisa.

Palavras-chave: Estudos interculturais. Discutir. Discutere. Discussão. Metalinguagem semântica.

“SENHORA” NO ENSINO FUNDAMENTAL II: BUSCANDO NOVOS CAMINHOS PARA O ENSINO DE LITERATURA

Bruno Cuter Albanese

RESUMO: Nas Orientações Curriculares do Ensino Médio (BRASIL, 2006), encontro como justificativa da inserção da Literatura no currículo do Ensino Médio a capacidade que ela teria, sendo uma forma de arte, de humanizar os alunos, tornando-os leitores mais críticos para enfrentarem o mundo fora da escola. Já se olhando para o Currículo do Estado de São Paulo (SÃO PAULO, 2012), encontro semelhante visão sobre Literatura, e uma preocupação de que os alunos tenham acesso ao texto literário e não somente a história literária. Dessa forma, posso perceber uma concordância entre o governo nacional e o estadual sobre o que se é Literatura, porque ensiná-la e como fazê-la: Literatura é arte, sua importância é a formação de leitores e seu ensino deve ser pautado no contato dos alunos com os textos literários. Como pesquisador e professor de Literatura para o ensino fundamental II e médio, percebo que apesar de concordar com os direcionamentos dados pelos órgãos governamentais de educação, pouco eles sugerem de que maneira esse contato possa ocorrer de maneira a realmente significar algo para o aluno. Afinal, os documentos também apontam a necessidade de que os alunos não só conheçam a Literatura brasileira, mas que ela faça sentido para eles. Em outras palavras, como fazer obras de séculos passados tenham sentidos para jovens do século XXI, nascidos em um mundo conectado e digital? Esta pergunta surgiu na minha prática como professor e também se tornou minha pergunta motivadora da pesquisa de mestrado. A partir dela, tive contato com a teoria francesa da Formação do Sujeito Leitor (DUFAY, 2007; LANCELLE & LANGLASE, 2007) que traz uma nova visão sobre como ensinar Literatura. Para os autores, a ideia básica que sustenta a formação do aluno como sujeito leitor é a de que ele é o produtor de significados do texto literário. O aluno deve estar livre para manifestar suas interpretações sobre a obra e não ser apresentado com as interpretações canônicas que ela possui. Surge então o conceito de interleitura, que diferente do conceito de intertextualidade visa que o aluno traga seu repertório particular para o jogo de interpretação, signifique o texto não com as relações que o texto faz com outros textos, mas com a sua bagagem cultural. Ou seja, almeja-se o ensino de Literatura em que o aluno reconte a obra, seja através de um desenho, de um diário de leitura ou de uma música. Portanto, através de narrativas transmídias. Aqui pude encontrar um ponto de contato entre a teoria da Formação do Sujeito Leitor e a Pedagogia dos Multiletramentos (NEW LONDON GROUP, 1996), que traz a importância do trabalho com as múltiplas formas de linguagem no ensino de Línguas. Sendo assim, meu objetivo é repensar o ensino de Literatura a partir da teoria francesa para a formação do leitor juntamente com os Multiletramentos ao analisar de que maneira os alunos ressignificam a obra “Senhora” de José de Alencar em uma adaptação para um curta-metragem. Para isso, ministrei oficinas sobre a linguagem cinematográfica e sobre a produção de um roteiro. Sendo assim, esta pesquisa configura-se como uma pesquisa Ação, em que assumo o posto de professor e pesquisador que intervém no trabalho dos alunos ao longo da execução do projeto (LANKSHEAR AND KNOBEL, 2008). A pesquisa está sendo desenvolvida em uma escola bilíngue no interior do Estado de São Paulo, com uma turma de 16 alunos do nono ano do ensino fundamental II. O objeto de análise dessa pesquisa será o curta-

metragem produzido pelos alunos, em que buscaremos compreender quais elementos da obra literária foram ressignificados pelos alunos através da linguagem cinematográfica. Todas as oficinas estão sendo vídeo-gravadas para que o processo de produção do curta ajude a analisá-lo. Como resultado parcial, pude apontar um processo de interleitura dos alunos. Na obra *Senhora*, a personagem Aurélia ao enriquecer passa a ser acompanhada por Dona Firmina, uma parenta distante. No curta, a personagem Dona Firmina se transformou em Firmino, um mordomo gay. O motivo da transformação é a influência do personagem Crô da novela *Fina Estampa*, um mordomo gay fiel a sua rica patroa. Aqui fica claro o processo participativo dos alunos na construção de sentidos na obra, afastando-se de um aprendizado puramente passivo de história literária ou de apresentação de leituras canônicas.

Palavras-chave: Ensino de Língua Materna. Literatura. Multiletramentos. Formação do Sujeito Leitor. *Senhora*.

PEDAGOGIA DOS MULTILETRAMENTOS: DOS PRINCÍPIOS GERAIS ÀS COMPETÊNCIAS E HABILIDADES

Camila Dalla Pozza Pereira

RESUMO: Publicações acadêmicas no âmbito da Linguística Aplicada (LA), como Rojo (2012 e 2013) e Souza et. al (2012), têm apontado a possibilidade de desenvolvermos e adotarmos no Brasil a Pedagogia dos Multiletramentos (New London Group). Neste contexto, esta pesquisa de mestrado estuda a Pedagogia dos Multiletramentos atrelada à teoria dos Gêneros do Discurso (Bakhtin e seu Círculo) a fim de verificar-se a educação brasileira - em relação à leitura em língua materna - tem realmente condições de desenvolver os multiletramentos e, em caso de resposta afirmativa, como se dá a passagem dos princípios gerais da referida pedagogia para as competências e habilidades de fato. Partimos do aprofundamento teórico dos Gêneros do Discurso e da Pedagogia dos Multiletramentos que, por sua vez, também abarca uma pesquisa (por meio de sites como o New Learning, dos autores Cope & Kalantzis) cujo objetivo é saber como esta se dá na prática nos Estados Unidos (país no qual esta teoria já é aplicada em algumas escolas), passando por questões curriculares como o Common Core (debate sobre um currículo norte-americano unificado). Em seguida, analisaremos referenciais do Ensino Fundamental II brasileiro- especificamente no que concerne ao ensino da leitura em Língua Portuguesa - como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), o Plano Nacional de Educação 2011-2020 (PNE) e as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Básica 2013 a fim de verificar se estes dão margem para o desenvolvimento, na prática, da Pedagogia dos Multiletramentos no Brasil, respeitando as características da educação brasileira. Assim, trata-se de uma pesquisa documental. A contemporaneidade tem como uma de suas principais características os avanços tecnológicos, sobretudo nas áreas da informação e da comunicação que demandam novas competências de todas as esferas da sociedade, inclusive da escola, que tem um papel fundamental na formação de cidadãos críticos e protagonistas. Assim, professores de todas as disciplinas deparam-se com novos desafios praticamente impostos pelas atuais necessidades cotidianas. No caso do ensino de língua materna (LM), especificamente em relação à leitura, o docente precisa atuar cada vez mais como um verdadeiro “*designer* de significação de novas tecnologias” (ROJO, 2011) devido às diversas linguagens, semioses e culturas contemporâneas. Sendo a leitura parte importantíssima do processo de ensino-aprendizagem de LM, este cenário exige que personagens escolares como os referenciais, discentes e docentes trabalhem de forma integrada a fim de desenvolverem práticas situadas de multiletramentos que atendam as atuais demandas que as tecnologias de informação e comunicação (TICs) exigem para formar alunos que sejam “analistas críticos” (ROJO, 2012, p. 28) que respondam ativamente e apreciem valorativamente o que leem, o que escrevem e o que veem não apenas em termos de linguagem verbal, mas sim e também em termos de multimodalidade, multissêmico, multimídia e hipermídia. O New London Group, em uma análise conjuntural por meio da semiótica social, em 1996, publicou um manifesto no qual afirmou, pela primeira vez, a Pedagogia dos Multiletramentos que referem-se à multiplicidade e variedade das práticas letradas, valorizadas ou não pela esfera escolar e apontam para a multiplicidade cultural e semiótica de constituição de textos na contemporaneidade, principalmente na sociedade urbana. Para o New London Group,

não existe uma ou a cultura e sim culturas que devem ser valorizadas e que devem passar a circular pela escola, ou seja, os multiletramentos abrem os braços para o que é considerado marginal, local, desvalorizado pelas instituições e, assim, valoriza letramentos de culturas locais e seus agentes. Já a multiplicidade semiótica é o que Rojo chama de “letramentos multissemióticos” (ROJO, 2009, p. 107), que são aqueles “exigidos pelos textos contemporâneos, ampliando a noção de letramentos para o campo da imagem, da música, das outras semioses que não somente a escrita” (*idem*) e os letramentos críticos que são necessários para se debater criticamente as várias estéticas dos novos textos e a ética e, assim, desenvolver critérios de apreciação diversos e uma atitude responsiva ativa (BAKHTIN, 1997 [1979]) e formar alunos que sejam “analistas críticos” (ROJO, 2012, p. 28 *In* ROJO & MOURA, 2012). A Pedagogia dos Multiletramentos visa formar alunos conscientes, protagonistas, críticos e que relacionem linguagem, história, sujeito e ideologia e, para esta finalidade, podemos associá-la à teoria dos Gêneros do Discurso de Bakhtin, pois através da articulação de conceitos como condições de produção, tema e apreciação de valor com os movimentos didáticos do New London Group, abordamos os gêneros do discurso de uma forma situada e enunciativa e desenvolvemos os multiletramentos e os letramentos críticos com os quais os alunos possam responder ativamente o que recebem através da “atitude responsiva ativa”(BAKHTIN, 1997 [1979], p. 290). É importante frisar que esta pesquisa está em sua fase de aprofundamento teórico, já que foi iniciada há menos de um ano.

Palavras-chave: Multiletramentos. Gêneros do discurso. Ensino de língua materna e referenciais.

(RE)PENSANDO A APTIDÃO PARA LÍNGUA ESTRANGEIRA: A VISÃO DO ALUNO UNIVERSITÁRIO

César Eduardo Duarte Elizi

RESUMO: A aquisição de uma língua estrangeira exibe ampla variação, tanto no nível de competência comunicativa final atingido como na velocidade de aquisição exibida pelos aprendizes. Um dos parâmetros que nos ajudam a explicar esta variação envolve o conceito de Aptidão para Língua estrangeira (AL2). O objetivo deste estudo é investigar o conceito de AL2 de um grupo de estudantes universitários a partir do ponto de vista subjetivo dos próprios alunos. Em um estudo com nove alunos universitários, os autores concluem que uma visão de AL2 como crescimento (em contraste com a visão fixa/inata) é mais benéfica apenas se o aluno possuir estratégias que permitam o controle do seu comportamento em sintonia com o monitoramento dos próprios processos cognitivos. Contudo, ao proporem o desenvolvimento de estratégias metacognitivas em sala de aula, os autores evidenciam um entendimento de metacognição externo ao conceito de AL2. Nossa hipótese de trabalho é que a metacognição deve ser entendida como parte efetiva do conceito que o aluno tem de AL2 e não como um conceito à parte. Vários estudos apontam para a importância da visão que o aluno possui sobre a própria AL2, especificamente afetando seu senso de agência, sua tendência de encarar a aprendizagem da língua estrangeira como um processo em que tem um papel ativo, podendo fazer escolhas de comportamentos mais ou menos eficazes. Em outras palavras, na busca de modelos que expliquem os diferentes níveis de aprendizagem observados, a visão de aptidão do aluno é mais útil que a tentativa de mensurar tal aptidão. Assim, é importante conhecer como os alunos entendem a AL2, mas não partindo exclusivamente da visão do pesquisador, com sua agenda e seus construtos, mas também e mais fundamentalmente, a partir da visão de AL2 dos alunos, através dos construtos trazidos pelos próprios alunos. Entendemos AL2 hoje como uma DI (diferença individual) envolvendo complexos de habilidade em diferentes níveis de hierarquia e afetando diferentes etapas do processo de aquisição. Sabemos também que o componente fonológico da memória de trabalho desempenha um papel central por intermediar a transferência de matéria fônica para a memória de longo prazo. Utilizamos a Metodologia Q, o que envolveu primeiramente a produção de um conjunto de afirmações sobre AL2 a partir tanto da fala dos alunos universitários entrevistados como também a partir das teorias recentes sobre AL2 e metacognição. A seguir, os alunos entrevistados ordenaram as afirmações em uma grade, de acordo com seu grau de concordância com as mesmas. Um pacote estatístico realizou a análise fatorial que agrupou os sujeitos em perfis sintéticos em função do compartilhamento da visão de AL2. Os perfis foram então analisados e interpretados. Os resultados obtidos com 57 sujeitos, provenientes de uma faculdade particular e uma estadual, revelaram quatro perfis distintos. A partir da análise destes perfis, procedemos a uma interpretação do(s) elemento(s) que melhor os definem. O perfil 1 reuniu vinte e oito sujeitos que afirmam valorizar o esforço e utilizar estratégias metacognitivas de forma eficaz. O perfil 2 reúne sete estudantes para quem a AL2 está mais ligada a habilidades analíticas limitadas, inclusive em L1. O perfil 3 reuniu quatro sujeitos que entendem AL2 mais ligada à memória de trabalho (limitada) e o perfil 4 reuniu onze sujeitos para quem AL2 está ligada a uma habilidade analítica suficiente, que também

vinculam a sua L1. Sete sujeitos não foram incluídos nos quatro perfis por exibirem correlação estatisticamente significativa com mais de um perfil de forma não unívoca. O ponto de vista sobre AL2 do perfil 1 deixa claro que estes alunos, o grupo mais numeroso, compreendem aptidão mais como resultado do esforço do que de um dom inato. Afirmam ainda utilizarem efetivamente estratégias metacognitivas de acordo com as necessidades que percebem durante o processo de aprendizagem. Os perfis 2 e 3, totalizando 11 alunos, descrevem aptidão como qualidades que não possuem em um grau desenvolvido o suficiente e afirmam não se utilizarem de estratégias para abordar estas limitações. A habilidade analítica é percebida como parte da aptidão para os perfis 2 (como insuficiente) e 3 (como suficiente) e ambos a relacionam com a L1. Temas clássicos no debate sobre AL2 aparecem nos resultados: inatismo, esforço, memória de trabalho, etc. Também aparecem elementos que, apesar de não fazerem parte do conceito de aptidão dos teóricos, compõem a maneira como alunos entrevistados pensam a aptidão. Por fim, nossos resultados nos levam a pensar que o conceito de metacognição é parte integrante da visão de aptidão do aluno por estabelecer um elo com seu senso de agência, o que sabemos influenciar a aquisição da L2 de maneira decisiva.

Palavras-chave: Língua estrangeira. Aptidão. Percepção. Metacognição. Agência.

UMA PREPARAÇÃO PARA O FUTURO: DE OLHO NA FORMAÇÃO DOS PROFESSORES DE ITALIANO

Cristiane de Souza

RESUMO: Tenho observado, em muitos casos, em alguns ambientes de ensino/aprendizagem de idiomas, o professor apresentar a língua apenas como um conjunto de estruturas estáveis e vista em amostras descontextualizadas. Além disso, muitos professores continuam reproduzindo um imaginário estereotipado da língua que ensinam, dando prosseguimento a um ciclo no qual o aluno assimila esse imaginário e, por conseguinte, rotula a língua que está aprendendo. Mas, se esse ciclo é algo comum em um sistema de ensino e aprendizagem, mais grave é quando isso ocorre em nível de formação de professores. Diante dessa realidade, de acordo com Sturm (2008), a formação de professores passou a ser interesse de estudiosos de diferentes áreas, deixando de ser apenas uma preocupação dos estudiosos da área da educação e da filosofia. Desse modo, pesquisadores da área da Linguística Aplicada, “[...] uma disciplina que compreende as linguagens em uso e que está atenta às diferenças e às semelhanças que nos constituem como sujeitos complexos e contraditórios [...]” (PARAQUETT, 2012, p.238), desde a década de 90, têm se empenhado em pesquisar a formação dos professores de língua estrangeira (doravante LE). Contudo, conforme adverte Leffa (2001, p.3), é necessário estabelecer, primeiramente, a diferença entre treinar e formar o professor. Para o referido autor, formar é muito mais do que treinar. O treinamento é a preparação para executar uma tarefa que produza resultados imediatos. Já a formação, por outro lado, é vista como uma preparação para o futuro. Minha proposta de comunicação parte dessa premissa, e é parte da pesquisa, em andamento, que estou realizando no doutorado, cujo objetivo é averiguar como funciona a formação de professores de italiano nas universidades públicas brasileiras. Visto que, considero de extrema importância ter conhecimento de como os professores de LE e, nesse caso, de língua italiana (LI) estão sendo formados, levando-me a verificar se os documentos, tais como ementas, projetos políticos pedagógicos, conteúdos, etc., indicam uma formação profissional crítica, reflexiva e intercultural; bem como se as propostas pedagógicas contemplam a pluralidade linguística e cultural do italiano. Pois, compreendo que o papel do professor de línguas vai além da transmissão de conteúdos linguísticos, “a sua função é de educar, ensinar, instruir, mas, fundamentalmente, de formar” (ORTIZ ALVAREZ, 2012, p. 501), seja na escola primária, em um curso de línguas ou na universidade. Para a concretização desse trabalho, está sendo realizada, inicialmente, uma pesquisa bibliográfica nos documentos de algumas das universidades públicas que ofertam o curso de Letras com licenciatura em Italiano. Em outra etapa da pesquisa, serão aplicados questionários e realizadas entrevistas com os professores formadores e em formação das universidades selecionadas, além de observações de aulas. Como pretendo me debruçar profundamente sobre uma situação que considero especial a fim de poder descrevê-la, a metodologia de investigação para essa pesquisa é o Estudo de Caso. Portanto, nessa comunicação apresentarei dados parciais que já apontam mudanças na práxis. Visto que, alguns formadores de professores estão conscientes da importância da formação que possibilite ao educador de línguas se tornar um profissional comprometido com a educação, agindo em seu ambiente de trabalho de modo crítico e reflexivo, e sendo capaz de criar as suas próprias teorias de ensino que

contemplam a pluralidade linguística e cultural do italiano. Minha base teórica está fundamentada, principalmente, em: Freire (1970, 1981, 1987, 1996, 1997, 2008); Hengemuhle (2007); Gil, Gloria & Vieira-Abraão (2008); Silva (1995); Almeida Filho (1999, 2000) e Celani, (2001, 2004); Ortiz Alvarez (2008, 2010,2012); Muller (2010); Kramersch (1993); Byram (2000); Leffa (2001, 2008,2012) Balboni (2000, 2003, 2004, 2008, 2010) Bennet (2002); Cantoni, (2003); Aguado (2003); Mendes (2004, 2007, 2008); Caon F.(2008, 2009); Siqueira (2008); Paraquett (2007, 2009, 2010,) Mota (2010, 2012) e Barros (2012).

Palavras-chave: Linguística aplicada. Interculturalidade. Ensino de Italiano. Formação de professores.

A CONSTITUIÇÃO DO DISCURSO ECOLÓGICO E OS PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO DA *MADRE TIERRA* NO TEXTO DE LEI

Cristiane Zanella Rodrigues

RESUMO: Os Estados propõem e instituem leis que regulamentam a relação humana com a natureza, buscando atender à necessidade de agir para preservá-la. Diante da quantidade de leis sobre as questões ecológicas, esta tese pretende circunscrever-se na análise de dois textos: *Ley nº 071 - Ley de los Derechos de La Madre Tierra*, publicada no dia 22 dezembro de 2010 na *Gaceta Oficial do Estado Plurinacional de Bolívia*; e a *Ley nº300 - Ley Marco de La Madre Tierra y Desarrollo Integral para Vivir Bien*, publicada no dia 15 de outubro de 2012. A aprovação dessas duas leis serve para complementar o disposto na nova Constituição aprovada na Bolívia em 2009, e tratam de prescrever sobre os direitos da *Madre Tierra*. A maneira como a Terra é linguisticamente materializada nos artigos das *Leys* provoca um deslocamento que permite colocar o planeta não mais como um objeto/coisa a ser protegido, mas como um sujeito de direito (dever-ser), trazendo algo que aí falha na ordem do discurso. Este primeiro passo no trabalho de tese, sob a perspectiva da Análise do Discurso de vertente pêcheuxtiana, procura apresentar uma proposta inicial de análise dos artigos dessas leis que tratam da descrição normativa de *La Madre Tierra* (artigo três, da *ley 71* e artigos cinco e seis da *ley 300*). Na descrição proposta nos artigos das duas leis, é possível perceber o funcionamento interdiscursivo que resgata saberes historicamente constituídos acerca da questão ecológica e a relação com a cosmovisão dos povos nativos, fazendo emergir diferentes efeitos discursivos. Esses textos inovam, ao considerar a *Madre Terra* como sujeito de direitos, incorporando uma concepção originária ancestral de natureza aos preceitos legais. Pergunta-se então: o sintagma nominal *Madre Tierra*, no texto de lei, vem designar o quê? Quais os processos de referencialidade estão em jogo, agitando as redes de memória relativas aos saberes do discurso ecológico e do discurso dos povos originários? Como a expressão *Madre Tierra* perpassa o espaço legal de um texto que impõe condutas, prescreve aquilo que além de ser, deve ser? Como, levando em consideração o processo de co-designação, o nome *Madre* funciona aliado ao *Tierra*? Quais seriam os direitos da *Madre Tierra*? Em última instância, como a Terra é dita através do texto de lei? Num primeiro momento, pensa-se o texto de lei como materialidade do discurso jurídico, cuja estrutura encontra-se a serviço da descrição e prescrição de normas dotado de legitimidade [dado seu percurso de aprovação em determinado sistema político, no caso boliviano, presidencialista, porém plurinacional – ao considerar as 36 nações que participaram da redação da nova Constituição], vigência [sua data de nascimento é marcada como acontecimento histórico] e eficácia [as estratégias, na prática, para garantir os direitos da *Madre Tierra*]. O processo de constituição da subjetividade de *Madre Tierra* através do texto de lei dá-se no movimento de descrição e prescrição, onde nasce o sujeito de direito. A escolha dessas leis para a constituição do corpus de pesquisa é sustentada no entendimento de que, nesses dois textos legais, pode-se ver como se dá o funcionamento da relação entre o jurídico, ecológico e o discurso dos povos originários, considerando este último como princípio ainda ausente na maioria da legislação ambiental do mundo ocidental. A lei, enquanto materialidade do discurso jurídico, considerada *língua de madeira* por Pêcheux ([1981] 2010) e que representa os ímpetus da burguesia, é

atravessada pelos saberes dos povos nativos, o que parece desestabilizar a concepção consumista, através de uma nova concepção a do *Vivir Bien*. A partir dessas considerações, juntam-se às questões anteriores as seguintes: o sintagma *Vivir Bien*, nessas condições, designa o quê? Quais os processos de referencialidade estão em jogo aí, considerando os elementos do interdiscurso ecológico e dos povos originários. Que significa *prescrever* o *Vivir Bien* às pessoas? Há uma subjetividade, nunca estudada, que permeia a lei e que irrompe com um funcionamento peculiar ao ser analisado. O objetivo é teorizar como se constituem os processos de subjetivação do planeta Terra nos textos legais e os deslocamentos aí produzidos. Neste momento do percurso da pesquisa referente ao primeiro ano do doutorado, apresenta-se o recorte que trata da análise do sintagma nominal *Madre Tierra* nos textos das leis, ficando o *Vivir Bien* para os desdobramentos futuros.

Palavras-chave: Discurso ecológico. Lei. Povos originários. Designação. Memória.

A FORMAÇÃO DOS PROFESSORES DE LÍNGUA INGLESA: AGÊNCIA E AGÊNCIA MAXIMIZADA

Denise Akemi Hibarino

RESUMO: O presente trabalho tem como propósito apresentar e discutir o embasamento teórico do projeto de pesquisa intitulado provisoriamente “(Des) Construções de práticas locais: conflitos da agência docente nas aulas de língua inglesa”, ainda em fase inicial. Orientado primeiramente por uma visão pós-estruturalista que concebe a língua enquanto discurso (Foucault, 2001), este projeto objetiva investigar a agência docente nas aulas de língua inglesa (LI) em contexto ainda a ser definido. Enquanto formadora de professores atuante em cursos de Letras e em cursos de capacitação e de formação continuada, faz parte do meu interesse compreender e analisar como o professor, uma vez licenciado e em atuação, questiona seu próprio papel, assim como intervém no “(...) processo discursivo de construção de sentidos e representações do mundo.” (JORDÃO, 2010, p.432). Em outras palavras, o que justifica esta pesquisa são as formas pelas quais os docentes, sujeitos em constante transformação, questionam, refutam e transformam as práticas sociais do seu contexto ao lidar com os conflitos, vistos aqui como elementos propulsores de mudanças e desestabilizadores de visões tradicionais. Para tal, uso como aporte teórico as pesquisas sobre a formação inicial e continuada de professores de LI presentes no âmbito da Linguística Aplicada, principalmente no que diz respeito ao contexto brasileiro (Moita Lopes, 1996; Celani, 2002; 2007; Gimenez, 2002; 2011; Jordão, 2010, entre outros). Além disto, também articulo este aporte com a perspectiva bakhtniana (Bakhtin, 1986; Landay, 2014; Rocha, 2010; 2012) para expandir o conceito de agência. Como ponto de partida, considero o termo preliminarmente como “(...) um processo de construção contínua de identidades, que se constituem na interação com outros sujeitos em diferentes situações, não sendo fixas, já que cada contexto poderá determinar o uso de uma - ou mais - identidade(s) do sujeito.”, de acordo com ALMEIDA (2011, p. 66). A partir dele, amplio o conceito para “agência maximizada”, conforme proposto por Bazerman (2004). Esta noção, formulada pelo autor à luz dos estudos de Bakhtin e seu Círculo, se dá quando os sujeitos, enquanto leitores, estabelecem relações de intertextualidade que os permitem transitar pelos mais variados textos, “(...) modificando-os de acordo com propósitos e necessidades próprios.” (ROCHA, 2010, p. 50). Apesar de não ter como foco o processo de escrita e a apropriação dos variados gêneros textuais por parte de alunos e professores por ele analisados, esta definição torna-se relevante para identificar e valorizar a agência maximizada dos professores de LI pois, ao meu ver, os percebo enquanto agentes de seu próprio saber que também modificam suas práticas locais ao transitarem em diferentes espaços que não somente o escolar. Tais espaços configuram-se em comunidades de prática que, ao serem permeadas por diferentes vozes conflitantes, provocam mudanças nos discursos destes professores e, conseqüentemente, mudanças em suas práticas sociais, sempre localizadas. Dentro desta reflexão, as noções bakhtnianas de discurso autoritário e discurso internamente persuasivo vêm à tona: defendo que nos discursos autoritários dos professores de LI há a reprodução de discursos tradicionais, oficiais, muitas vezes reforçados em seus cursos de graduação e cursos de capacitação. No entanto, estes mesmos discursos não podem ser vistos como imutáveis, podendo dar lugar aos

internamente persuasivos que, segundo Landay (2004), revelam “[...] crenças pessoais, ideias que nos movem, nos moldam e criam histórias que contamos a nós mesmos sobre o mundo e sobre quem nós somos.” (p.109). Desta forma, levanto como hipótese norteadora a possibilidade de repensar como professores passam de meros consumidores reprodutores de discursos autoritários ou consumidores do saber (Kumaravadivelu, 2001) para agentes maximizados/maximizadores de seus contextos e como se dá este processo. Sem desvalorizar um discurso em detrimento do outro, compartilho da percepção de Landay (idem) que ambos proporcionam novos horizontes a serem explorados a fim de analisar os contextos, programas e estruturas organizacionais de ensino e aprendizagem entendidos em suas práticas locais. A fim de atingir meu objetivo, serão utilizados, dentro da pesquisa qualitativa (BORTONIRICARDO, 2008), a entrevista e as sessões de grupo focal como métodos de investigação (BARBOUR & SCHOSTAK, 2005), os quais serão gravados e analisados para posterior geração de dados. Pela entrevista, poderei conhecer e traçar um perfil dos sujeitos da presente pesquisa (em número a ser definido), ao passo que pelas sessões de grupo focal mediadas por mim poderão configurar-se em um espaço de construção de sentidos, ou seja, “(...) um processo dinâmico e socialmente construído” (GIL, 2005, p.11) no qual tais sujeitos poderão mudar de posicionamento, rever suas concepções sobre o que é ensinar e aprender uma língua, assim como terão a possibilidade de reformular suas observações/percepções fornecidas anteriormente. Espero, a partir desta discussão, compreender os processos de construção de agência e agência maximizada, assim como trazer contribuições que auxiliem na formação continuada dos professores de LI.

Palavras-chave: Formação de professores. Formação continuada. Língua inglesa. Agência. Agência maximizada.

IDEOLOGIA LINGUÍSTICA E REPRESENTAÇÕES SOBRE O HIBRIDISMO LINGUÍSTICO-CULTURAL NO CONTEXTO DA FRONTEIRA BRASIL/PARAGUAI

Eli Gomes Castanho

RESUMO: O objeto de estudo desta tese em andamento são as representações, bem como a apreensão das consequentes ideologias linguísticas que as sustentam, construídas por sujeitos universitários, moradores das cidades fronteiriças, gêmeas: Ponta Porã/MS (Brasil) e Pedro Juan Caballero (Paraguai), a partir do que eles enunciam sobre a diversidade das línguas ali faladas, a saber: o português, o espanhol, o guarani e as línguas de imigrantes. O hibridismo linguístico tem se intensificado na comunicação pós-moderna em contextos gerais, dada a facilidade de interação propiciada pelo uso da tecnologia e do rompimento com fronteiras físicas e virtuais. No contexto de fronteira física, em especial, essa característica é inerente a sua constituição; logo, torna-se interessante perceber como os sujeitos situados nesse contexto sociolinguisticamente complexo (CAVALCANTI, 1999) constroem determinada representação sobre as línguas ali faladas e que ideologia linguística pode ser apreendida a partir dessas representações. Para isso, é viável situar-se no terreno da Linguística Aplicada Indisciplinar apregoada por Moita Lopes (2006), a qual busca dialogar com outras áreas do conhecimento, principalmente as ciências sociais e humanas, para dar conta da complexidade dos acontecimentos atravessados por questões de linguagem. Faz sentido, portanto, estreitar diálogos, sobretudo, com Kroskrity (2004) e sua proposta de estudo a partir da ideologia linguística; com a noção de representação cultural preconizada por Hall (1997); e com as teorizações de Garcia-Canclini (2009) que vê a cultura contemporânea, em especial no contexto latino-americano, pelo viés da hibridização, da interculturalidade. O *corpus*, em fase de coleta, deve ser constituído por entrevistas semiestruturadas, a serem realizadas com universitários de três instituições públicas brasileiras (duas federais e uma estadual) e uma universidade pública paraguaia. A hipótese formulada é que as representações possam evidenciar ideologias decorrentes de atitudes e políticas linguísticas, tais como: (i) da gramatização do guarani, o que lhe confere um *status* de língua virtual, diferindo bastante da língua real, hibridizada, rotulada como *jopará*; (ii) do mito do monolinguismo do português no Brasil (pelos brasileiros) e na relação de poder vislumbrada na aprendizagem do português (pelos paraguaios); (iii) do não-reconhecimento do espanhol como língua nacional do Paraguai, que se difere do espanhol ibérico, sendo outra língua, rotulada como castelhano. Além dessas asserções, os discursos podem ser atravessados por dois movimentos postulados por Hall (2005), o de tradição e o de tradução. O primeiro implica resistência e afirmação das identidades e línguas dos países em questão, negando a miscigenação em nome de um ideal de estado-nação; o segundo compreende a aceitação da mescla intercultural e a ressignificação positiva do contato com o outro, capaz de mobilizar o surgimento de novas identidades, enviesadas pela mistura e seu reconhecimento. O movimento de análise visará a entretecer a fala dos sujeitos da pesquisa com o estudo das políticas linguísticas dos países. Para isso, o dispositivo teórico-analítico que parece ser adequado é baseado na Análise do Discurso, na perspectiva de Maingueneau (2007) que, em seu modelo que prima pelo interdiscurso, contempla o fenômeno da polêmica

da interincompreensão. Tal fenômeno sugere que ao referir-se ao outro, no caso do brasileiro em referência ao paraguaio (ou vice-versa), instaura-se um simulacro que pode sugerir, por meio de semas, posicionamentos contrários ou não em relação às identidades e à língua em jogo no contexto da fronteira. A expectativa da tese é que se crie condições, a partir da apreensão dessas ideologias, para pensar políticas linguísticas voltadas às línguas de fronteira, especialmente no contexto da educação superior, de modo a auxiliar a minimizar estigmas e dar reconhecimento positivo à superdiversidade (VERTOVEC, 2007) do contexto fronteiriço do ponto de vista das línguas e culturas que ali se presentificam, se mesclam e se ressignificam.

Palavras-chave: Interculturalidade. Fronteira. Representação. Ideologia linguística.

OBJETOS DE APRENDIZAGEM: NOVAS PERSPECTIVAS DE LEITURA

Esther Ribeiro Lino de Souza

RESUMO: Ensinar a língua materna tem se tornado um desafio a cada dia, já que o uso da tecnologia tem influenciado cada vez mais no modo de ler e escrever dos alunos. Se as maneiras de aprender têm se modificado, é mister que as formas de ensinar também sejam revistas, a fim de que o ensino da língua seja algo que se conecte efetivamente às situações de produção dos alunos que são afetados pelas novas mídias diariamente. Isso nos levou a estudar os novos gestos de leitura que podem ocorrer a partir do aproveitamento de alguns objetos de aprendizagem – OAs. Assim, o nosso trabalho objetiva verificar se a leitura de um texto literário a partir de um OA pode ressignificar os níveis de compreensão no momento pós-leitura, gerando uma melhora nas formas de compreensão textual. Nossa hipótese, a priori, é que a multimodalidade presente no OA engendra um aumento do nível de compreensão textual, já que o OA abarca elementos semióticos, que possibilitam ao discente uma melhor interação visual e auditiva, aumentando a sua capacidade cognitiva e metacognitiva de compreensão. A pesquisa se fundamenta nas perspectivas de leitura sob uma ótica sociointerativa (KOCH; ELIAS, 2011), (KLEIMAN, 2013), levando-se em conta os aspectos cognitivos e interativos relativos à construção de sentido, já que a leitura é considerada produtiva apenas se houver produção/construção de sentido. A partir dessas questões teóricas, escolhemos uma sala de 8º ano do EF da rede municipal de Campinas para participar de nossa pesquisa, e, então, avaliamos quantitativa e qualitativamente o nível de compreensão após a leitura do texto O Corvo, de Edgar Allan Poe. Metodologicamente, dividimos a aplicação da pesquisa em dois momentos de leitura: no primeiro, os alunos leram o texto a partir do material impresso em folha de sulfite; e, no segundo momento, os discentes leram a partir de um OA, que foi projetado com o auxílio de um projetor. Assim, é possível comparar a resposta dos alunos em relação ao primeiro e segundo momento de leitura. É importante frisarmos que cada momento é considerado único, já que entendemos a leitura como um evento discursivo sociointerativo e, assim, não consideramos as influências da primeira leitura sobre a segunda. Pelo contrário, nosso objetivo é mostrar que a cada leitura, os sentidos são construídos, levando-se em consideração a interação autor-texto-leitor e não meramente a interação leitor-texto. Portanto, o movimento interativo é nosso principal foco de análise, pois é na interação que os sentidos são construídos e, então, o leitor pode se tornar sujeito agente e não somente receptor das informações lidas. Ao obtermos os resultados da aplicação da atividade, foi possível chegar às primeiras conclusões acerca da leitura com utilização de um objeto de aprendizagem. Em todas as questões lançadas aos alunos, houve uma melhora do nível de compreensão após utilização do objeto de aprendizagem. Assim, entendemos que os gestos de leitura vivenciados pelos alunos utilizando papel ou utilizando objeto de aprendizagem geram diferentes interesses e, por conseguinte, diferentes interpretações. Se a tecnologia é mais interessante para eles, logo terão mais interesse para o texto lido a partir do OA. Afinal, é necessário que haja um compromisso do leitor com o texto e com o autor, a fim de que a compreensão seja satisfatória. Outro ponto importante é que os elementos do objeto de aprendizagem que fazem dele um texto multimodal, gerando uma intersecção de designs (sonoro, espacial, gestual e linguístico), proporcionam uma possibilidade maior de significação a partir da

análise textual, já que direciona o aluno para uma interpretação mais coerente do texto, o que contribui para que haja uma visão holística mais produtiva e assim, os sentidos são produzidos/construídos, de modo adequado. Dessa forma, confirmamos nossas hipóteses iniciais de que o uso da tecnologia, enquanto ferramenta disponível para as aulas de leitura pode aumentar o interesse do discente pelo texto e, por conseguinte, levá-lo a níveis de compreensão mais produtivos. Não pretendemos fazer apologia da leitura a partir de plataformas digitais. Apenas queremos demonstrar os novos gestos de leitura que as ferramentas educacionais podem proporcionar ao ensino de língua materna.

Palavras-chave: Linguagem e tecnologia. Leitura. Objeto de aprendizagem.

A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO ENSINO DE PLE: A PROPOSTA DO LIVRO DIDÁTICO E SEU USO PELO PROFESSOR

Fernanda Ricardo Campos

RESUMO: O tema a ser trabalhado neste projeto de pesquisa é a variação linguística (VL) no ensino de português como língua estrangeira (PLE). Este tema está ligado à área de conhecimento intitulada Linguística Aplicada ao Ensino de Língua, à linha III, Linguagens, Ensino e Mediações Tecnológicas. No estado da arte foram encontrados trabalhos que confirmam o livro didático de PLE como relevante e enriquecedor objeto de pesquisa na área de Linguística Aplicada (LA), mas ainda existe uma carência de pesquisas voltadas para a questão da variação linguística, não apenas no livro didático de PLE, mas no ensino de língua estrangeira em geral. Há uma necessidade de pesquisas relacionadas ao tema sem desconsiderar os vários trabalhos produzidos no Brasil. O professor precisa se manter informado acerca das pesquisas linguísticas, ele deve ir além do material didático Carvalho (2002), pois a responsabilidade dessa carência acaba recaindo sobre o próprio professor que mesmo tendo formação não sabe lidar com algumas questões. É importante destacar que neste sentido, esta pesquisa pode subsidiar uma prática mais docente mais embasada no pensamento científico e auxiliar, de alguma maneira, os docentes na avaliação do LD. Esta pesquisa tem por objetivo analisar como os livros didáticos desta área tratam a variação linguística. Para os propósitos da pesquisa, será utilizado, como instrumento metodológico, um roteiro de análise pelo qual serão descritos três livros didáticos de português como língua estrangeira e possibilitará averiguar como esses livros permitem um trabalho voltado à conscientização da variação linguística; investigar de que maneira os livros didáticos exploram a variação linguística nos textos, nas atividades de leitura, no trabalho com o vocabulário, na explanação de questões gramaticais e nas habilidades auditivas; e examinar como o professor trata o tema quando abordado por seus alunos em sala de aula. Labov (1972) tem, em sua proposta, um ponto fundamental na presença do componente social na análise linguística. Na visão do autor, a sociolinguística vai se ocupar da relação entre língua e sociedade e do estudo da estrutura e da evolução da linguagem dentro do contexto social da comunidade de fala. Suas reflexões são válidas não só para o ensino de português como língua materna, mas também como língua estrangeira. Por que não chamar a atenção do aluno estrangeiro para a enorme e rica diversidade linguística brasileira, longe da visão estrutural da língua adotando-se uma outra visão de língua em que tal diversidade seja considerada? E é nessa definição laboviana da língua, heterogênea e plural, com variações devido a fatores sociais, que embasarei minha pesquisa, com o objetivo de investigar os livros didáticos de português para estrangeiros. As universidades estrangeiras vêm observando uma demanda cada vez mais alta por alunos interessados em estudar português, para fazer uma graduação ou pós-graduação – caso dos estudantes hispanofalantes - ou trabalhar em empresas brasileiras ou estrangeiras que têm filiais no país, além do grande interesse na cultura brasileira. Em geral, o Brasil revela-se, portanto como um mercado promissor, o que resulta num vasto número de cursos livres ou de extensão universitária da língua portuguesa falada no Brasil para estrangeiros, confirmando assim um crescente interesse na produção de materiais e livros didáticos por parte dos elaboradores responsáveis, inclusive existe um mercado editorial que tem publicado materiais didáticos voltados

para o público estrangeiro que se dedica a aprender a nossa variante (Tosatti, 2009). Pesquisas confirmam que a maioria dos professores, seja de língua materna, seja de língua estrangeira, recorrem ao tradicional livro didático para organizar e dar suporte ao seu trabalho em sala de aula (ALMEIDA FILHO, 2002; CORACINI, 1999). Isso faz com que o que livro didático ocupe a posição de protagonista no contexto ensino-aprendizagem. A pesquisa é de caráter descritivo, de cunho qualitativo. Espera-se com esta pesquisa que os dados sejam diferentes dos outros trabalhos realizados sobre o tema variação linguística e livros didáticos de línguas, e que se consiga verificar como o livro didático, um instrumento importante para o desenvolvimento das aulas de língua estrangeira, pode contribuir para o tratamento do tema proposto. Pretende-se também ter dados sobre o uso que os docentes fazem do material didático adotado no que se refere ao tratamento da variação linguística no ensino de PLE.

Palavras-chave: Sociolinguística. Variação linguística. Livro didático. Português como língua estrangeira.

A COMPETÊNCIA SOCIOLINGÜÍSTICA NO ENSINO DA LÍNGUA ITALIANA: OS EFEITOS DA INSTRUÇÃO EXPLÍCITA E IMPLÍCITA

Graziele Altino Frangiotti

RESUMO: Em pesquisa de mestrado intitulada "As variedades linguísticas no ensino de línguas: análise de dois livros didáticos de italiano para estrangeiros", concluída em janeiro de 2014, refletimos sobre o papel ocupado pelas variedades sociolinguísticas da língua italiana nos livros didáticos *Linea diretta* e *Rete*. Naquela ocasião, com base em bibliografia pertinente (BERRUTO, 1987; COVERI et alii, 1998; SOBRERO e MIGLIETTA, 2007), selecionamos 67 fenômenos sociolinguísticos italianos concernentes a variedades diatópicas, diamésicas, diastráticas e diafásicas e procuramos identificar se eles eram considerados nos livros didáticos. De forma prática, verificamos se as atividades de áudio inseridas ao longo das duas séries apresentavam diferentes falantes e, por conseguinte, diferentes registros e variedades linguísticas e se, nos manuais do professor e nos livros do aluno, tais traços da língua eram focalizados a fim de que o aprendiz pudesse entender, desde o princípio de seu percurso de aprendizagem, que a língua a qual se dispõe a aprender não é, de modo algum, estática e monolítica. Ao fim da análise, foi-nos possível constatar que ambas as séries didáticas não tratam todos os 67 fenômenos selecionados, tampouco tratam na mesma medida as variedades linguísticas estudadas, levando-nos a concluir que não estimulam suficientemente o desenvolvimento da chamada competência sociolinguística do aprendiz (BACHMAN, 1990), na medida em que exploram apenas em poucos momentos e bastante superficialmente os diferentes registros e variedades da língua italiana. Com base na lacuna apresentada pelos livros didáticos estudados e acreditando que as séries didáticas *Linea diretta* e *Rete!* constituam apenas dois dos diversos exemplos de livros didáticos que não mostram preocupação com relação ao desenvolvimento da competência sociolinguística, pareceu-nos que pudesse ser relevante para os estudos relativos à aquisição e à aprendizagem de línguas estrangeiras e, em especial, para os estudos do ensino do italiano no Brasil propor uma pesquisa empírica que procurasse evidenciar as consequências da instrução explícita e da instrução implícita para o desenvolvimento de tal competência. É exatamente nessa direção que a pesquisa de doutorado em andamento pretende responder ao seguinte questionamento: "quais os efeitos da instrução implícita e da instrução explícita para o desenvolvimento da competência sociolinguística?". A fim de respondermos essa questão de fundo e diante da impossibilidade de estudarmos um grande número de variedades linguísticas, nos concentraremos na elaboração de atividades de cunho implícito e explícito que coloquem em evidência traços relacionados à dimensão diafásica e diamésica. A opção em nos limitarmos a apenas essas duas dimensões se justifica na medida em que, a nosso ver, a falta de instrução quanto a elas pode produzir lacunas no aprendizado que podem prejudicar a interação aprendiz-falante nativo, pois, em situações reais de uso da língua, o aprendiz pode não ser capaz de identificar quando os falantes nativos estão sendo mais ou menos formais ou de adaptar sua competência linguística ao contexto no qual se encontra, correndo o risco de ser informal quando o contexto é formal e vice-versa, o que pode gerar confusões, inadequações e constrangimentos tanto para ele próprio, que desconhece a conotação atribuída pelos falantes nativos à sua construção, quanto para o falante nativo, que pode se sentir ofendido e interpretar o "erro" como

formulação inapropriada ou, em última instância, como sinal de má educação. No que se refere aos procedimentos metodológicos da pesquisa, seguiremos as seguintes etapas: 1. selecionaremos as marcas diafásicas e diamésicas a serem consideradas na pesquisa, com isso delimitaremos os fenômenos que serão posteriormente apresentados aos aprendizes; 2. formularemos atividades didáticas, tendo por base a abordagem implícita e explícita; 3. selecionaremos três grupos de aprendizes, cada um dos quais desempenhará uma função específica na pesquisa, isto é, o primeiro será o grupo controle; o segundo receberá instruções implícitas; e o terceiro receberá instruções explícitas; 4. elaboraremos e aplicaremos pré-teste cuja função será indicar o nível de competência sociolinguística dos aprendizes selecionados antes da aplicação das atividades; 5. executaremos as atividades nos três grupos, de acordo com o tipo de instrução pré-definido para cada grupo de aprendizes; 6. formularemos e aplicaremos o teste final que terá como objetivo mensurar a competência sociolinguística dos aprendizes após a realização das atividades. Finalmente, concretizadas as etapas descritas acima, interpretaremos os dados obtidos pela comparação do desempenho dos aprendizes no pré-teste e no teste final, tanto quantitativa quanto qualitativamente, para respondermos aos nossos questionamentos de pesquisa e verificarmos se será possível dizer qual das diferentes formas de instrução permitiu obter melhores resultados no desenvolvimento da competência sociolinguística.

Palavras-chave: Linguística Aplicada. Ensino italiano. Instrução implícita/explicita. Competência sociolinguística.

OS REFLEXOS DA POLÍTICA LINGUÍSTICA EM UM AMBIENTE ESCOLAR MULTILÍNGUE DE TIMOR-LESTE

Helena Karla Isoppo Schmid

RESUMO: Timor-Leste é um dos mais jovens países do século XXI, com apenas doze anos de formação do seu Estado-nação. A pequena e montanhosa ilha localiza-se no sudeste asiático – entre a Indonésia e a Austrália - em uma região onde as influências ambientais e culturais dos blocos continentais da Oceania e da Ásia se encontram. O país fica na ilha do Timor, no arquipélago da Pequena Sonda, dividindo seu território com a província Indonésia de Nusa Tenggara Timur. A porção terrestre oriental do país foi colônia portuguesa desde o século XVI até 1975, quando declarou independência no contexto da Revolução dos Cravos portuguesa. Pouco tempo depois foi invadida pelo país vizinho, a Indonésia, que o anexou como a província de Timor Timur. Após 25 anos de dominação, um plebiscito foi realizado e a população escolheu pela libertação do regime opressor de Suharto. O período de transição foi marcado pela brutal retirada do poder indonésio do local, com pilhagens, vandalismo, e a destruição das infraestruturas governamentais, escolas e, sobretudo, mortes. Nesse momento, as Nações Unidas entram no país, para um governo provisório e para organizar a futura eleição presidencial direta. No ano de 2002, foi instalado o primeiro governo da República Democrática de Timor-Leste sob o regime de república parlamentarista, sendo a língua portuguesa e a língua tétum, oficializadas como línguas nacionais. Por consequência das relações políticas e econômicas com os países vizinhos, ao inglês e a língua indonésia foi atribuído o status de línguas de trabalho. O país, outrora formado por pequenos reinos que, de alguma forma, se distinguiram cultural e linguisticamente, atualmente possui pouco mais de um milhão de habitantes distribuídos em treze distritos e um quadro linguístico com mais de 16 idiomas nativos. No percurso desse contexto histórico-social, Timor-Leste desenvolveu um cenário linguístico extremamente complexo na tentativa de se adequar às diferentes situações sociais desencadeadas durante o processo de formação do Estado. Nesse cenário multilíngue, a língua portuguesa passou a ser ensinada nas escolas e instituições públicas. Como a primeira nação do século XXI, Timor-Leste apresenta diversos aspectos interessantes à investigação científica, dentre eles, e especialmente para os estudos da linguística aplicada, destaca-se o seu complexo quadro multilíngue e o reflexo das políticas linguísticas no ambiente escolar. O ponto inicial desse estudo sobre política linguística leste-timorense deu-se pela realização de um estágio docente através do Programa de Qualificação Docente e Ensino de Língua Portuguesa em Timor-Leste – PQLP/CAPES no ano de 2013, oriundo de um acordo de cooperação internacional entre Brasil e Timor-Leste. Parte dos dados para este estudo foi coletado durante a realização desse estágio docente, atuando como professora de língua portuguesa não materna para funcionários do governo e com formação de professores em uma escola pública entre março e agosto daquele ano. Para desenvolver este estudo será adotada uma metodologia de pesquisa de campo e documental de base qualitativa. Os dados da pesquisa de campo foram coletados com o auxílio de instrumentos do tipo: observação no local, diário de anotações, questionários, textos e fotos. Também serão analisados documentos governamentais (como por exemplo, a Constituição e o Plano de Desenvolvimento do Governo, a Lei de Bases para a Educação e o Programa

curricular), relatórios de instituições não governamentais (relatórios do Banco Mundial). O objetivo deste estudo de cunho etnográfico é, além de analisar o modelo de política linguística que está sendo seguido pelo Estado leste-timorense, analisar também a relação do multilinguismo no ambiente escolar e os reflexos desse mecanismo de poder, a língua legitimada, na conflituosa formação identitária resultante de tal escolha. O presente estudo pretende se basear teoricamente em estudos de multilinguismo e política linguística crítica em consonância com a literatura interpretativa das interações multilíngues em sala de aula. A situação-problema visualizada encontra-se na delicada relação entre os docentes e o ensino com o uso dos diversos idiomas presentes no ambiente escolar, respectivamente o português, o tétum, a língua indonésia e os desdobramentos sociais que seriam decorrentes disso, pois o ambiente escolar está intrinsecamente ligado às práticas sociais e às tensões que delas se originam. Da mesma forma, a paisagem linguística de Timor mostra-se muito peculiar evidenciando a relação das várias línguas em contato também no dia a dia com suas diversas formas de negociar e produzir sentido. Por conta disso, os reflexos das políticas linguísticas do Estado podem ser observados a todo o momento, nas ruas, nos mercados e, principalmente, na escola, que se mostra como lugar de tensão entre essas escolhas de produzir sentido, um ambiente de ensino onde a língua legitimada pelo Estado – que não é a língua falada pela maioria – divide seu espaço com outros idiomas, produzindo assim um lugar de tensões político-linguísticas.

Palavras-chave: Multilinguismo. Políticas linguísticas. Português (LE). Timor-Leste.

CONTEXTUALIZADO E COLABORATIVO: UMA PROPOSTA DE ENSINO DE ESPANHOL POR MOBILE LEARNING

Izabel de Moraes Sarmiento Rego

RESUMO: Atualmente grande parte da população brasileira tem acesso a dispositivos móveis, tais como tablets e smartphones. Este acesso às ferramentas de tecnologia da informação provoca mudanças na forma como as pessoas acessam informações e produzem sentido em textos construídos de forma rápida e com a integração de diversos recursos. Além disso, permitem acessar materiais educacionais em qualquer lugar e a qualquer tempo, levando a aprendizagem para além das fronteiras físicas e geográficas da sala de aula. Essas características contextualizam o tema central da pesquisa a ser apresentada, qual seja, aprendizagem com mobilidade ou mobile learning. Considerando tal cenário, o presente trabalho pretende apresentar e discutir um recorte da pesquisa de doutorado em andamento, com título provisório “Aprendizagem com mobilidade: uma contribuição para o ensino de línguas estrangeiras”, que tem como objetivo principal analisar de que maneiras a modalidade de ensino mobile learning pode favorecer a aprendizagem de línguas estrangeiras. Para alcançar esse objetivo, estamos desenvolvendo um curso piloto para ensino de espanhol na modalidade mobile learning, buscando identificar atividades que podem ser desenvolvidas para promover o aprendizado de línguas estrangeiras em situação de mobilidade. Com o curso piloto, buscaremos apontar os fatores críticos dos objetos de aprendizagem desenvolvidos para dispositivos móveis que favorecem o ensino de línguas estrangeiras. De acordo com alguns teóricos, o termo mobile learning é relacionado à mobilidade da experiência de aprendizagem (TRAXLER, 2009). Acreditamos que esta vertente contempla a situação que desejamos investigar, no entanto, para que a modalidade mobile learning seja um elemento agregador de qualidade na educação, é necessário considerar de que maneira esta situação de mobilidade dos alunos, agregada aos dispositivos móveis podem ser utilizados para fins educacionais. Nesse sentido, pensamos que a mobile learning não será efetiva se reproduzir estratégias do ensino presencial ou mesmo do ensino online convencional, uma vez que as suas características são diferentes, as suas possibilidades e limitações também o são. Portanto, buscaremos desenvolver atividades de ensino em ambientes colaborativo, contextual e construtivista. Acreditamos que, em um público jovem, as novas ferramentas tecnológicas podem provocar encantamento e motivação para se engajar em atividades educacionais viabilizadas por estes dispositivos móveis. No entanto, consideramos que tal motivação, por vezes, é passageira e o esforço de se repensar as práticas pedagógicas frente a estas novas tecnologias é fundamental para provocar mudanças significativas no ensino e na aprendizagem de línguas estrangeiras. O aporte teórico utilizado para a compreensão do fenômeno tem como referências o sociointeracionismo, a multimodalidade, a modalidade de ensino mobile learning e a gamificação. A pesquisa desenvolvida é qualitativa e tem um foco multiparadigmático. O fenômeno a ser estudado ocorre especificamente por conta do contexto contemporâneo de inserção de novas tecnologias no cotidiano da população, não podendo, assim, ser estudado de forma isolada. Nesse sentido, acreditamos que a metodologia de pesquisa qualitativa que melhor atende às características da situação descrita é o estudo de caso. Para validar as estratégias pedagógicas identificadas, estamos desenvolvendo atualmente o projeto piloto, que trata de um curso de formação

continuada, com o objetivo de ensinar espanhol como língua estrangeira, considerando características da aquisição de línguas estrangeiras (tais como o colaborativismo, o sociointeracionismo e o contexto em que o aluno se insere) e dos dispositivos móveis (tais como a sua capacidade de conexão à internet, dispositivo de gravação de áudio e vídeo, tamanho pequeno de tela, entre outros). Com o experimento proposto pretendemos descrever, propor e avaliar a aplicação de objetos de aprendizagem para o ensino de língua estrangeira em dispositivos móveis. Acreditamos que a pesquisa desenvolvida é relevante para o contexto contemporâneo, onde novas tecnologias se inserem no cotidiano da população, integrando suas atividades cotidianas tanto no âmbito profissional como pessoal. Refletir criticamente sobre o uso de tais tecnologias, buscando formas de integrá-las ao processo educacional, pode dar a oportunidade para que mais pessoas tenham acesso à educação.

Palavras-chave: Linguagem e educação. Mobile learning. Aprendizagem com mobilidade. Ensino de línguas estrangeiras.

LÍNGUA INGLESA, CULTURA E TRANSDISCIPLINARIDADE NO ENSINO FUNDAMENTAL I: PERCURSOS E REPRESENTAÇÕES DOCENTES

Joana de São Pedro

RESUMO: O presente trabalho, meu projeto de doutorado em desenvolvimento, será um estudo de caso que tem por objetivo observar a prática docente de uma professora de inglês do fundamental I e suas representações de língua e cultura e de transdisciplinaridade. Pretendo dirigir um olhar aprofundado para a pluralidade de saberes heterogêneos (ROCHA, 2012), a interculturalidade (KOSTOGRIZ, 2005; KRAMSCH, 2009; MAHER, 2007) e a transdisciplinaridade (LIBÂNEO, 2009; SANTOS, 2009; FAZENDA, 2008) que podem se fazer presentes na sala de aula. Adoto uma visão bakhtiniana de língua e cultura (BAKHTIN/ VOLOCHINOV, 1988), privilegiando os conceitos de dialogismo e de enunciação por apontarem caminhos para a produção de significados em meio às diferenças culturais no aprendizado de uma língua estrangeira, olhando para a língua enquanto discurso dentro das práticas sociais. Entendo, juntamente com Rocha (2012), que movimentos de fusão em uma sala de aula de culturas diversas não implicam homogeneização, mas transformações múltiplas. Do mesmo modo, partilho da visão de Kostogriz (2005), para quem, na vivência da fronteira entre o eu e o outro, na experiência com uma outra cultura, não se perde a individualidade, mas se reconstrói a si mesmo e se articula novos significados, não de forma dicotômica ou excludente de uma ou outra experiência, mas complementando-se mutuamente, o que pode nascer tanto do conflito quanto da cooperação. É a ideia do espaço intercultural ou terceiro espaço (BHABA, 1994; KOSTOGRIZ, 2005) que traz à baila o papel da língua materna no aprendizado de uma outra língua (TERRA, 2009; ROCHA, 2012), partindo da premissa apontada por Terra (2009) de que os letramentos na língua materna podem servir de apoio no processo de aprendizagem de língua estrangeira. Além disso, adoto a visão da Prática Translúngua (CANAGARAJAH, 2013) que permite, juntamente com a perspectiva bakhtiniana, pensar na língua inglesa fora dos parâmetros monolíngues para refletir sobre o que ocorre nas chamadas zonas de contato global, nas quais culturas diferentes interagem usando o inglês. Volto também meu olhar para os Letramentos Críticos (MENEZES DE SOUZA, 2011; MONTE MÓR, 2009) e para a Pedagogia dos Multiletramentos (COPE; KALANTZIS, 2000; ROJO, 2009), tendo em vista o ensino formador de bases críticas e voltado para a cidadania da criança. Ou seja, incentivar a busca da escola por desenvolver nos alunos a habilidade de expressar e representar identidades multifacetadas apropriadas a diferentes modos de vida, espaços cívicos e contextos de trabalho, nos quais cidadãos se encontram, de modo a haver a ampliação de repertórios adequados a contextos em que as diferenças devem ser negociadas em relações de complementaridade (ROJO, 2013). Baseio-me em Vygotsky (1978) para pensar a aprendizagem da língua estrangeira na interação social e na colaboração entre os pares e McKay (2002) para pensar as necessidades específicas dentro do contexto de aprendizado das crianças. Tendo como pressuposto que meu foco de estudo é o professor e sua atuação, enfatizo que pretendo destacar o seu papel no ensino e aprendizagem como um sujeito ativo que reflete sobre sua prática, construindo conhecimentos como autônomo. E, portanto, nessa trajetória, esse professor instiga seus alunos no movimento de olhar para si mesmos e para a alteridade. Finalmente, penso na transdisciplinaridade como a possibilidade de se

ultrapassar a fronteira das disciplinas em um amplo contexto de aprendizagem no qual existe uma integração entre as diferentes vertentes epistemológicas (SANTOS, 2009; LIBÂNEO; FAZENDA, 2008). Espero, pois, ter subsídios que auxiliem a formação dos professores de língua inglesa do Fundamental I, segmento em que há uma lacuna pela carência de formação oficial para os professores e pelo fato de o inglês não ser obrigatório e ainda estar sendo implementado para essa idade na escolar regular (ROCHA, 2006; MELLO, 2012; ORNELLAS, 2010, GIMENEZ, 2013, entre outros). Em termos metodológicos, é uma pesquisa de natureza qualitativa interpretativa-subjetivista de teor crítico, sendo um estudo de caso, em que haverá observações de aulas e entrevistas com a professora-participante (LÜDKE; ANDRÉ, 1986; GONSALVES, 2001; FREITAS, 2007, YIN, 2010).

Palavras-chave: Língua inglesa. Cultura. Visão bakhtiniana. Transdisciplinaridade. Ensino fundamental I.

ANÁLISE DO DISCURSO DE PROFESSORES ACERCA DA DESISTÊNCIA DA PROFISSÃO

Joelma do Nascimento Pereira Dutra

RESUMO: Embora sejam tomadas medidas que objetivam a melhoria no sistema educacional, são notórios os problemas enfrentados pela educação na atualidade e, inevitavelmente, a sociedade de maneira geral lança um olhar para uma figura central nesse sistema: o professor. As mídias revelam o aumento nos casos de exoneração de professores e a diminuição na procura pelas Licenciaturas no Brasil. Nesse contexto, passaram a ser recorrentes queixas dos profissionais ligados à educação, mais especificamente dos professores. O problema que motivou a pesquisa foi a recorrência de casos de adoecimento e deserção dos docentes, inclusive entre aqueles que iniciaram na profissão há pouco tempo. A hipótese seria a de que, em virtude das transformações das relações humanas advindas com a pós-modernidade, os modelos na relação professor-aluno já não funcionam com tanta eficiência; diante dessa ausência de garantias, o professor passou a viver cercado de incertezas e alguns optam por desistir da docência. O objetivo deste trabalho é analisar depoimentos de professores acerca da desistência da docência, veiculados no ambiente virtual e coletados via entrevistas, e rastrear na materialidade linguística os discursos que integram esses depoimentos. O estudo justifica-se pela atualidade do tema e espera contribuir com futuras pesquisas. A análise será feita de acordo com os procedimentos metodológicos na Análise do Discurso de perspectiva francesa; essa constituída pela relação entre a Linguística, o Marxismo e a Psicanálise, considera o texto como uma manifestação do discurso e considera na análise o sujeito e o contexto sócio-histórico. Ao analisar os discursos dos professores considera-se que o sujeito profere seu discurso a partir de um determinado lugar social, uma vez que esse sujeito está inserido em um contexto sócio-histórico, e suas palavras adquirem significado de acordo com a força da sua posição; assim, o sujeito, sob a ilusão ou esquecimento interdiscursivo, enuncia julgando que é dono, fonte, do dizer quando seu dizer é determinado pelo momento sócio-histórico em que vive e pelo lugar que ocupa nas relações sociais. O estudo apoiar-se à também nos estudos de Foucault acerca da escrita de si. Para a composição do corpus de pesquisa selecionou-se alguns depoimentos de professores que veicularam na internet a desistência da profissão, por meio de cartas-abertas e os depoimentos de professores que tiveram acesso a essas cartas. Para efeito de análise transcreve-se a seguir um desses depoimentos “Sou um desistente Escrevo esta carta-bilhete para dizer que sou um desistente. Estou desistindo de ser professor do ensino fundamental. Parabéns, sistema, você conseguiu. Acho (pois não tenho certeza) que sempre pensarei, discutirei, escreverei sobre educação, na vã esperança de vê-la um dia se tornar, no País dos Absurdos, coisa séria. E enquanto isso ocorrer, nos encontraremos por aqui. Mas hoje, lutando mais uma vez para tentar dar aula e após ser mandado calar a boca por uma aluna, tomo a decisão de parar de lecionar para o público a quem me dedico há 12 anos. Cheguei ao meu limite com alunos, responsáveis, colegas, diretores, gestores e todos mais. Ainda não tenho a opção, mas correrei atrás. Abraços. Professor Desistente de Ensino Fundamental” O relato do PA inicia já com a afirmação categórica da desistência “sou um desistente”; nessa escolha pelo verbo de estado, que varia, desde seu sentido mais transitório, estar, ao permanente e pela do tempo verbal presente do

indicativo cujo efeito de sentido também é o da perenidade, cujo efeito é o de uma autoanálise final: não se trata de “estou pensando em desistir”, nem de “vou desistir” ou “estou desistindo”, mas de “minha condição é a de um desistente”, cujo efeito é o de produto. Entretanto, logo em seguida, modaliza o discurso, no qual a desistência aparece com efeito de processo “Estou desistindo de ser professor do ensino fundamental”. Essa pequena dissonância pode ser um indício da não concretização dessa desistência. A pesquisa permitiu chegar a alguns resultados preliminares. O depoimento dos professores “desistentes” parece causar efeitos diversos nos professores-internautas cujos discursos revelaram uma gradação. No primeiro momento, tornou-se mais recorrente o discurso médico-assistencialista; entretanto, a cada depoimento os professores deixaram de manter um distanciamento e passaram a se deslocar da posição assistencialista, daquele que tem a resposta para a cura, para também render-se às queixas. Os discursos parecem revelar um sofrimento dos docentes que parecem ter saído da posição de mestres e detentores do conhecimento para assumir um papel de vítima do “sistema”. As queixas parecem indicar pesar pelo não reconhecimento da profissão pela sociedade e, o trocar de profissão parece ser a alternativa mais viável. Há uma dissonância nos discursos do Professor autor do blogue, pois, embora ele pareça deixar clara sua desistência na carta, verificou-se que o abandono da profissão, de fato, não ocorreu, e ele confessa não pretender desistir da docência.

Palavras-chave: Análise do Discurso. Professores. Desistência. Docência.

AS TIC'S E AS (NOVAS?) PRÁTICAS DE ENSINO

Joice Mensato

RESUMO: Seguindo a perspectiva teórica da Análise de Discurso francesa que trabalha com a noção de sujeito que, atravessado pela ideologia, lança mão da língua para significar(-se), a presente pesquisa analisa os discursos de professores das redes pública e privada de ensino da região de Campinas a respeito do uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's) tais como tablets, smartphones e notebooks em sala de aula. Em paralelo, são feitas reflexões em torno da prática docente da pesquisadora, observando os deslocamentos que as TIC's empreenderam nesta prática. Considerando que a mudança de materialidade do texto corresponde a diferentes gestos de interpretação e compromissos com diferentes posições do sujeito, analisaremos tais mudanças, bem como os deslocamentos nas posições sujeito professor e aluno, com a inserção das TIC's em de sala de aula. Tomando como pressuposto que tais mudanças exigem novas práticas de ensino, buscamos observar se as práticas adotadas seguem esse novo modelo, ou se os discursos que constituem a memória institucional a respeito do que seria escola e ensino interferem nesse processo. Para isso, trabalharemos com questões relativas às relações de poder exercidas dentro da instituição escolar, considerada um dos aparelhos ideológicos do estado (Althusser, 1969), a qual tem como função não apenas transmitir informações aos alunos, mas também como forma de disciplinação dos corpos e do tempo, naturalizando a noção de hierarquia (Foucault, 1975). Trabalharemos também com as regularidades presentes nos discursos dos professores, as quais darão indícios ao analista dos interdiscursos nos quais os professores estão inscritos. Discutir o uso das TIC's em sala de aula mostra-se importante, visto que vivemos um processo de digitalização das relações pessoais e profissionais de modo que o modelo educacional até então em vigor, baseado em antigas tecnologias como lousas e cadernos, tornou-se, segundo Gee (1996), obsoleto diante das necessidades do chamado capitalismo rápido. Estas novas exigências do mercado – em que os trabalhadores seriam convidados a investir seus corações, mentes e corpos em seu trabalho e a pensar de forma crítica, criativa e reflexiva para, colaborativamente, executar o seu trabalho – segundo Gee (1996:54), estariam relacionadas com as reformas sofridas pela escola que estão no processo de alinhar-se mais e mais aos temas de interesse do novo capitalismo. A partir disso, muito se tem falado a respeito das necessárias reformas no ensino, tendo como base o uso das TIC's. Buckingham (2010:39-40) faz um breve panorama histórico, mostrando de que forma tecnologias como o cinema, o rádio e a televisão foram vistos como objetos com grande potencial educacional, mas que, com o passar do tempo, foram incluídos nas escolas, mas não empreenderam nenhuma revolução no ensino. O autor mostra que com o computador, o entusiasmo não foi diferente. Segundo ele, reformistas e profissionais de marketing ligados à tecnologia “repetidas vezes alegam que a nova mídia traria novas formas de aprendizado à sala de aula, tornando redundantes velhas mídias como os livros e, em muitos casos, também os professores.” (BUCKINGHAM, 2010: 40). Entretanto, o que temos visto é o uso das TIC's como uma extensão das antigas práticas de ensino. Apesar da presença das TIC's em sala, continuamos tendo o mesmo espaço de significação (ORLANDI 2010: 13), pois a lousa digital passou a ocupar o lugar do antigo quadro negro e a configuração da sala permaneceu a mesma, com o professor à

frente das fileiras de alunos, os quais, sentados em suas carteiras, são disciplinados para interferir apenas nos pequenos momentos permitidos. Podemos pensar que não houve mudanças no espaço escolar e nem nas práticas discursivas, pois, de acordo com Buckingham (2010: 40), a maioria dos professores é cética “em relação aos benefícios educacionais da tecnologia computacional” pois não acreditam que tal investimento traga resultados positivos nas provas. Segundo o autor, este problema deriva do mal direcionamento dos investimentos – uma vez que a maior parte dos financiamentos é direcionada para a aquisição de hardware, restando uma mínima parte para o investimento em softwares educacionais e para o treinamento de professores. Apesar da falta de treinamento, alguns professores têm usado as TIC’s em sala de aula, mas ainda como extensão de antigas práticas de ensino. Não vemos este uso como inadequado, visto que a mudança de materialidade segundo Conti et al (2014) (da lousa para o projetor, por exemplo) produz efeitos de sentido que podem facilitar o processo de ensino/aprendizagem, mas consideramos importante que o professor saiba que as TIC’s exigem novas práticas e possibilitam deslocamentos nas posições sujeito e nas relações de poder em sala de aula. Utilizando os referenciais teóricos explicitados, buscamos: compreender os deslocamentos nas posições sujeito professor e aluno, com a inserção das TIC’s em de sala de aula; observar se as práticas pedagógicas adotadas seguem esse novo modelo, ou se os discursos que constituem a memória institucional a respeito do que seria escola e ensino interferem nesse processo.

Palavras-chave: Linguagem e sociedade. Tecnologia. Educação. Análise de discurso.

O INFOTENIMENTO E A INTERNET COMO ESTRATÉGIAS PARA O JORNALISMO IMPRESSO

José Alves Trigo

RESUMO: A pesquisa baseia-se inicialmente no conceito da sociedade do espetáculo, de Guy Debord, e mostra que a partir dos anos 1990 os jornais impressos começam a perder leitores e as empresas jornalísticas, principalmente nos EUA, para superar essas barreiras, desenvolvem novas estratégias. Tem como objetivo mostrar a relação entre entretenimento e o jornalismo impresso. A ascensão do jornalismo colaborativo e participação do leitor como um colaborador, um crítico, podem ser também as razões que levaram o jornalismo a entrar no século XXI com uma nova configuração. Há ainda a possibilidade de que estratégias empresariais privilegiaram o entretenimento e o design como opções mais atraentes de apresentação de seus produtos para os consumidores (leitores), em detrimento do conteúdo. A proximidade entre o jornalismo e o entretenimento permite o surgimento de uma nova espécie de jornalismo, que une informação e entretenimento (infotainment). Este jornalismo procura tornar a informação “mais leve”, palatável, de fácil consumo. Porém com uma qualidade em muitos casos discutível. Torna-se uma saída para recuperar a audiência, mas que pode comprometer um dos pilares básicos do jornalismo: a credibilidade. A evolução da internet, no fim do século XX é um outro fator que pode colaborar para haja uma nova alteração no ecossistema do jornalismo. Há um novo conceito, que é a informação gratuita, um dos pilares da internet. O modelo tradicional baseado na publicidade-circulação é profundamente alterado. Surge também um novo tipo de leitor, que deixa de agir apenas passivamente. O leitor-internauta faz questão de participar do jornalismo. A Internet, como uma nova plataforma também pode oferecer novas opções de jornalismo próximas do entretenimento, como os newsgames (jogos em que fatos reais são abordados e o leitor-internauta tem a possibilidade de participar da notícia). Inovações como esta aproximam ainda mais o jornalismo do entretenimento, mesclando-o e confundindo em algumas oportunidades. A pesquisa mostra que embora seja aparentemente irreversível, esse jornalismo contemporâneo envolve questões profissionais, éticas e epistemológicas que precisam ser melhor analisadas. O jornalismo, com estas nuances, gradativamente vai deixando de apresentar-se como guardião da sociedade, sua proposta original, para assumir um novo papel, menos nobre, mas rentável para a sobrevivência das organizações empresariais de comunicação. Aborda a transformação a que estiveram sujeitos os jornais impressos desde o começo do século XX até atingirem os anos 1960. Discute os conceitos de pós-modernismo e a influência da sociedade espetáculo nos jornais. Mostra o cenário dos jornais impressos e suas diferentes estratégias diante das novas tecnologias, sobretudo da Internet. Mostra quais as estratégias as organizações de comunicação usaram para tentar superar as dificuldades com queda no número de leitores e necessidade de alteração no seu discurso. Tem como objeto de estudo o Jornal Super Notícia, de Belo Horizonte, que atualmente é o segundo jornal mais vendido em todo o país e que há dez anos vem se destacando com um noticiário baseado em informações populares e regionais. Despreza os assuntos que tradicionalmente são abordados pela grande imprensa e considerados de relevância nacional. Baseados nos conceitos da semiótica francesa busca detalhar os elementos discursivos presentes nas capas do jornal Super Notícia. Relaciona os

elementos discursivos com os enunciadores e enunciatários e suas percepções. Analisa elementos do discurso gráfico. Tem como base teórica os conceitos de pós-modernidade de Zygmunt Bauman, de dialogia de Bakhtin, do discurso das mídias de Patrick Charaudeau, das “astúcias da enunciação” de José Luiz Fiorin e da espetacularização da sociedade por Debord. A conclusão parcial dos estudos é de que há uma relação muito próxima entre o discurso do jornal analisado e as características que permeiam a sociedade do espetáculo e o que se convencionou a chamar-se de pós-modernismo.

Palavras-chave: Linguística aplicada. Jornalismo colaborativo. Entretenimento. Sociedade do espetáculo. Discurso.

A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO EM LIVROS DIDÁTICOS DE LÍNGUA ESPANHOLA

Joseane Silva Souza

RESUMO: A educação sempre foi muito importante na sustentação dos pilares da sociedade, negligenciar seu papel é caminhar irremediavelmente para o insucesso das classes sociais, em especial das emergentes. É no sentido de buscar soluções para a inserção do sujeito negro de forma positiva na sociedade que uma educação pensada e planejada fará toda diferença. A construção dessa pesquisa é resultado das reflexões feitas a partir da compreensão do papel da Linguística Aplicada, especialmente no ambiente escolar e na análise dos livros didáticos, por entender que a linguagem utilizada no processo de ensino/aprendizagem é carregada de múltiplos conceitos e preconceitos. A principal função do material didático, além da troca de informação, é passar adiante tradições, moldes sociais e culturais e ao mesmo tempo em que pode postergar ações positivas, também procria as ações negativas, como o preconceito, o racismo e a discriminação dentro da escola. Além de questões do conhecimento, essa pesquisa descendeu também de motivações pessoais, uma vez que, durante toda a vivência do ensino básico escolar, em escola pública, não foi possível perceber a existência da contribuição étnica da população negra de origem africana, bem como me identificar com as culturas eurocêntricas impressas nos materiais didáticos, nas literaturas e nas manifestações culturais e educacionais, às quais tive acesso. Portanto essa pesquisa tem como objetivo identificar a representação que as identidades de negros recebem nos livros didáticos de língua espanhola, recomendados pelo MEC, e verificar se esses livros atendem as exigências das leis 10.639/03 e 11.161/05 e do PCN de Língua. Para a realização dessa pesquisa, que será explanatória-explicativa, serão recolhidas duas coleções (Enlaces e Cercanía Joven) para o ensino de espanhol no Ensino Médio, as quais foram recomendadas pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) para serem utilizadas durante os anos de 2015 a 2018. Nelas será identificado como o negro é representado nas atividades em contexto verbais, não verbais, multimodais, sejam eles escritos ou imagéticos. Após esse resultado preliminar, se verificará de que maneira essa representação, quando houver, pode ser nociva ou positiva. Ao instaurar a Lei 10.639/03, a qual foi modificada em 2008 pela Lei 11.645/08, o (MEC), através das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN), indica que o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africanas se dará especialmente através das disciplinas de Arte, História e Literatura, no entanto pressupõe que todas as disciplinas deverão trabalhar de maneira interdisciplinar para a consolidação dos objetivos que a lei empreende. A partir disso, entende-se que o ensino da disciplina de Língua Espanhola, cuja oferta se tornou obrigatória a partir da Lei 11.161/05, tem o compromisso de abarcar todas essas questões de forma intercultural. Logo, no intuito de sanar as desigualdades provocadas pela exploração do homem branco contra o homem negro, foi a sanção da Lei 10.639/03 tem como objetivo corrigir injustiças, eliminar discriminações e promover a inclusão social e a cidadania para todo o sistema educacional brasileiro. Essa lei tem como advento outorgar aos cidadãos negros o direito de conhecer e reconhecer sua cultura suas identidades, pois o Brasil estabelece um modelo educacional excludente, fazendo com que alunos negros de escolas públicas, e até mesmo de escolas privadas, neguem sua identidade étnica, por

faltar conhecimento acerca de suas culturas e meios que os façam ter acesso a uma formação crítica. O DCN (BRASIL, 2004, p. 7) afirma que a educação se constitui um dos principais ativos e mecanismos de transformação de um povo e é papel da escola, de forma democrática e comprometida com a promoção do ser humano na sua integralidade, estimular a formação de valores, hábitos e comportamentos que respeitem as diferenças e as características próprias de grupos e minorias. Assim, a educação é essencial no processo de formação de qualquer sociedade e abre caminhos para a ampliação da cidadania de um povo. A formação da cultura brasileira é moldada com base nas diversas identidades que permearam o Brasil no decorrer dos anos, e essas contribuições em muitos momentos são consideradas como algo positivo, pois colocam distintas etnias em contato com a diversidade. As questões políticas e sociais que se referem a identidades étnicas, também ocupam um espaço de constante mudança, e seu processo tem sido antagônico e imprevisível, como aponta (HALL, 2006, p. 75) que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida. Ela tornou-se politizada. Esse processo é, às vezes, descrito como constituindo uma mudança de uma política de identidade (de classe) para uma política de diferença.

Palavras-chave: Identidade. Negro. Ensino. Espanhol. Livro didático.

OBJETOS EDUCACIONAIS DIGITAIS NO PNLD 2014: UMA ANÁLISE SOBRE O ENSINO DOS NOVOS LETRAMENTOS

Juliana Vegas Chinaglia

RESUMO: A última edição do Plano Nacional do Livro Didático, PNLD 2014, contou com uma novidade: a possibilidade da inscrição de obras acompanhadas de conteúdos multimídia, que são apresentados em um DVD junto a coleção impressa e também podem ser disponibilizados em portais autorizados pelo MEC, como os próprios portais das editoras. Estas coleções são, a saber: “Para Viver Juntos Português”, de Greta Marchetti, Cibele Lopresti Costa, Jairo J. Batista Soares e Márcia Takeuchi, da Edições SM; “Português Linguagens”, de Thereza Anália Cochar Magalhães e William Roberto Cereja, da Saraiva Livres Editores; e “Universos Língua Portuguesa”, de Rogério de Araújo Ramos e Márcia Takeuchi (organizadora do DVD), também da Edições SM. Esses conteúdos multimídia que as acompanham são os chamados Objetos Educacionais Digitais (OEDs), que surgem como iniciativa do MEC como forma de oferecer um material didático digital, na mesma linha de outras políticas públicas educacionais, como a da utilização dos tablets na escola e a criação de portais e repositórios de aprendizagem. Eles são categorizados segundo o próprio edital de convocação do PNLD como audiovisual, jogo eletrônico educativo, simulador e infográfico animado. Uma das discussões pertinentes a esta pesquisa é discutir se os OEDs são realmente “objetos digitais de aprendizagem” que operam segundo os princípios da “granularidade”, “reusabilidade”, “interoperabilidade” e “recuperabilidade”, isto é, se são pequenos objetos de ensino independentes, flexíveis, adaptáveis uns aos outros e passíveis de reuso e recombinação, ou se são apenas transposições do impresso. Além disso, outros conceitos que ajudam a definir o que são estes objetos são os de “novas mídias” e “remediação”, de maneira a refletir em que medida estes OEDs se relacionam com os livros didáticos impressos e se inovam ou não em relação a estes. Portanto, esta pesquisa tem como objetivo geral, através de uma análise documental, de abordagem qualitativo-interpretativista, primeiramente mapear o que são e do que se tratam estes OEDs pertencentes a estas coleções do PNLD 2014, para posteriormente escolher alguns para análise mais aprofundada, refletindo sobre o que são e o que deveriam ser Objetos Educacionais Digitais para o ensino de língua portuguesa, como materiais que deveriam ampliar a experiência do aluno com relação ao impresso, em busca de um ensino dos novos letramentos. O surgimento de novas práticas de letramento e de uma nova cultura digital, mediadas por novas tecnologias, aumentou a necessidade de discussão sobre quais os impactos disto no ensino de língua portuguesa, pensando o que é um ensino de novos letramentos, bem como que materiais didáticos digitais devem ser feitos e oferecidos para suprir essas demandas. No entanto, é preciso considerar e discutir as diferenças entre a cultura digital e a cultura escolar (especialmente a que se refere às práticas do uso de livros didáticos), tendo em vista que os OEDs podem se aproximar objetos da cultura digital, porém nunca deixarão de ser primeiramente objetos da cultura escolar. Os novos letramentos são definidos principalmente pelo surgimento de “novas técnicas” e de um “novo ethos”. Enquanto as novas técnicas tratam-se de novas manipulações da linguagem (edição de fotos, músicas e vídeos, remixe, mashup e criação de enunciados multimodais, em geral), o novo ethos trata-se do surgimento de uma nova mentalidade cyberespacial e pós-industrial, em

transição de uma antiga mentalidade físico-industrial. Nesta nova mentalidade, em RESUMO, valoriza-se a produção customizada e personalizada, o foco da autoridade e da inteligência são distribuídos, coletivos e horizontais, quebrando antigas hierarquias, além da mudança de um paradigma dominante do impresso para o paradigma do ambiente digital, o que acarreta em mudanças também (hiper)textuais e a criação de novos espaços, como o cyberspaço. Estas novas práticas, regidas por princípios como o da “cultura participativa” criam a chamada cultura digital. Nesta lógica, em “espaços de afinidade”, há maior expressão coletiva, cooperação e colaboração entre os indivíduos. Enquanto isso, na cultura escolar valoriza-se a hierarquia professor/aluno, a expressão individual e um currículo fixo e pré-determinado, que se reflete também na organização dos livros didáticos. Em uma análise preliminar é possível perceber que há um choque entre as práticas valorizadas de letramento escolar e as práticas dos novos letramentos, bem como entre a cultura escolar e a cultura digital. Este conflito se reflete também nos OEDs que tentam se encaixar nestas culturas e acabam por privilegiar conteúdos digitalizados (como .pdfs e vídeo-aulas em animação flash, chamadas de “conteúdo audiovisual”) a conteúdos digitais (que privilegiem práticas dos novos letramentos como colaboração e participação), devido à necessidade de atender práticas escolares e a dificuldade de romper com estas na direção de novas práticas.

Palavras-chave: Novos Letramentos. Cultura Digital. Cultura Escolar. Objetos Digitais.

SOU DO CANDYALL GUETHO SQUARE, SOU DO MUNDO E TENHO UMA HISTÓRIA PARA LHE CONTAR: A CONTAÇÃO DE NARRATIVAS COMO UMA AÇÃO SOCIAL DAS AULAS DE INGLÊS COMO LÍNGUA FRANCA (ILF) NO CANDEAL

Kelly Barros Santos

RESUMO: Antunes (2009) atesta que a língua é uma atividade social para fins de interação, mas que, além disso, deve ser encarada como um elemento que favorece a participação crítica e consciente dos usuários. Subjacente a essa teoria, a autora provém este que parece ser o argumento que fundamenta a nossa pesquisa: “O que é o saber se disso a comunidade não se aproveita?” (ANTUNES, 2009, p. 65). Diante disso, afirmamos que o presente trabalho, a partir das premissas da Linguística Aplicada, que defende um ensino de língua estrangeira crítico e reflexivo, justifica-se por intencionar estabelecer um compromisso social entre os alunos da ONG Pracatum-Inglês e a comunidade do Candéal em Salvador-Ba, uma vez que através do professor, no seu papel de mediador cultural, os aprendizes serão incentivados a engajarem-se como voluntários, na atividade intercultural de contar histórias que farão parte da construção identitária dos interlocutores. Em se tratando do caráter intercultural da atividade e a relação com o status do inglês como língua franca (doravante ILF), estes parecem favorecer esse indivíduo local a negociar valores linguísticos e culturais a partir de uma consciência política que percebe a necessidade de um movimento de acessibilidade e de democratização da língua (SIQUEIRA, 2011), porque afinal, conceber o ILF não se trata somente de poder se sentir usuários ativos e contribuintes da língua (MCKAY, 2002), mas essa concepção traz também implicações sociais e posicionamentos, como atesta Rajagopalan (2011). Segundo o autor, este é o momento em que os falantes de inglês como LE podem usar a língua para exercer cidadania. De posse dessa bagagem histórica, entendemos que, para podermos viajar pelas ruas da comunidade do Candéal teremos que nos deparar com a problemática de tentarmos mobilizar os alunos favorecidos pelas iniciativas da ONG Pracatum-Inglês a dividir seu aprendizado em ILF com as crianças das creches e escolas de ensino infantil da comunidade, através de um projeto de contação de histórias traduzidas e adaptadas para o cotidiano desses pequenos ouvintes. Para tanto, acreditamos ser essa pesquisa de natureza qualitativa e de cunho etnográfico, amparada pelas premissas da Linguística Aplicada e baseada nos termos da modalidade da pesquisa-ação, como atesta Telles (2002), o caráter da pesquisa ação permite “uma determinada intervenção pedagógica, ou ainda buscar possíveis soluções para um determinado problema ou respostas de um grupo (de professores ou alunos, por exemplo) a uma determinada ação pedagógica dentro da sala de aula ou da escola” (TELLES, 2002, p.104). Entre essas ações, nós escolhemos alguns passos iniciais para esse projeto, entre eles: a) a seleção de seis participantes que irão se voluntariar como contadores e tradutores das histórias que serão contadas; b) haverá a escolha de textos que tratam das questões sociais e políticas envolvidas no aprendizado de ILF para serem discutidos com esses voluntários; c) serão marcados encontros entre o professor-pesquisador e o grupo para a realização da tradução/versão em inglês das histórias selecionadas; d) serão coletados elementos que virão construir a história: bonecas (os), bichinhos, perucas, músicas, maquiagem e etc.; e) haverá um arranjo de datas para que os voluntários contem as histórias entre si, antes destas serem narradas dentro dos

espaços propostos; f) as datas para a contação de histórias serão negociadas com as instituições (as creches e as escolas de ensino infantil) e com os participantes; g) através de um diário de pesquisa, será feito um registro etnográfico de todos os encontros para discutir os textos e dos ‘dias de contação’. Através desses procedimentos, objetivamos implicar os alunos favorecidos por uma ação privada a dar sua contribuição e retorno social para a própria comunidade, através de uma atividade intercultural que os mobiliza a exercer cidadania linguística e cultural.

Palavras-chave: Intercultural. Inglês como língua franca (ILF). Contação de histórias. Crítico-reflexivo. Social de Aprendizagem.

O USO DO SOFTWARE SCRATCH NA ESCOLA PÚBLICA: AUTORIA E REMIXAGEM NA CONTEMPORANEIDADE

Lidiany Teotonio Ricarte

RESUMO: As discussões atuais sobre letramentos evidenciaram que as práticas de leitura e produção textual contemporâneas dos alunos permeiam o uso das novas Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs) (LANKHEARS; KNOBEL, 2010; COPE; KALANTZIS, 2008 e 2011). A Escola Municipal de Ensino Fundamental de Campinas, Estado de São Paulo, em que foi realizada a pesquisa, trabalha com as novas TICs, “laptops” distribuídos pelo Governo Federal por meio do Projeto Um Computador por Aluno (UCA), em sala de aula. Acompanhamos uma sala do 5º ano que tem o Projeto de Robótica Pedagógica em seu currículo. Este visa apresentar dispositivos robóticos aos alunos e ensiná-los a programarem. Para a realização das atividades do projeto a sala é dividida em 5 grupos e todos os alunos dispõem do laptop do UCA, do software livre “Scratch”, plataforma criada no “Media Lab” do MIT (Instituto de Tecnologia de Massachusetts) que possibilita a criação de animação e programação do robô, 5 kits de robótica (um para cada grupo) e de internet de banda larga. O projeto foi realizado no período de março a agosto de 2013 e participamos dele com o objetivo de analisar a apropriação da ferramenta “Scratch” pelos alunos na produção de animações e para compreender como os alunos lidam com a questão dos multiletramentos, da multimodalidade, da autoria e do “remix” que ela propicia. As perguntas que surgiram durante a inserção no campo e que direcionaram a pesquisa foram as seguintes: i) Como os alunos fazem uso da multimodalidade e quais são os efeitos de suas escolhas na composição da animação? ii) Como as propiciações da ferramenta “Scratch” possibilitam repensar a questão da autoria, do “remix” e, de forma mais ampla, os letramentos e a produção textual no contexto escolar? O trabalho se insere dentro da Linguística Aplicada e é um estudo de caso que se utiliza das seguintes ferramentas de pesquisa para geração de dados: a observação participante, diário de campo, vídeo-gravação das aulas e entrevista semiestruturada. Nosso embasamento teórico é a pedagogia dos multiletramentos (NLG, 1996; COPE E KALANTZIS, 2000; COPE E KALANTZIS, 2008) que enfatiza o uso das TICs na escola, trabalha com uma concepção de produção textual multimodal e tem como metodologia o design (“available design – design disponível; design e redesign”), pois argumenta que o significado da produção textual é historicamente e socialmente produzido, portanto, é dinâmico e pede um retrabalho. Trazemos também o conceito de “Web 2.0”, que segundo Pinheiro (2012), possibilitou uma internet mais aberta e menos controlada possibilitando ao usuário divulgar informações e se tornar um produtor de conteúdo, diferente do momento da “Web 1.0”, onde a produção estava mais vinculada a grandes sites ou instituições. Portanto, com as propiciações da “Web 2.0” questões como autoria e “remix” também entram em discussão. A autoria romântica que defende um único autor original (BARTHES, 1984) é trocada pela autoria colaborativa na rede (VAN HOECK E HOFFMAN, 2013) e o “remix”, a prática de selecionar, cortar, colar e combinar diversos recursos semióticos (ERSTAD, GILJE, E DE LANGE, 2007, MANOVICH, 2002) propicia a criação de novos textos digitais e multimodais. Por fim, discutiu-se que estas novas possibilidades de produção de mídia, vídeo, animação, expressam novas práticas culturais de leitura e escrita, de autoria, de produção textual e

de “remix”, que nos fazem pensar como será compreendido e trabalhado o letramento dentro destas configurações. É com este olhar que nos adentramos no dispositivo teórico-analítico do trabalho, no qual mobilizaremos três conceitos trazidos por Bárbara Rogoff (1995) para entender o processo de aprendizagem do aluno com estes novos letramentos: aprendizagem, participação guiada e apropriação participativa, que ela considera como conceitos inseparáveis que refletem diferentes planos de foco na atividade sociocultural: comunidade / institucional, interpessoal e pessoal. Frente a isso, a questão central para a seleção deste dispositivo teórico-analítico é que ele inquire como as pessoas participam de atividade sociocultural e como suas mudanças de participação, de relativamente periférica, observando e realizando papéis secundários por ainda não disporem de um conhecimento mais aprofundado, para as de algumas vezes serem responsáveis por tais atividades. Percebemos no final do trabalho com o “Scratch”, que os alunos já utilizavam diversas propiciações da ferramenta em sua animação, estas eram multimodais e remixadas, auxiliavam os demais colegas na programação e iam além do explicado em sala de aula, produziam jogos na plataforma. Como resultados parciais, podemos dizer que foi percebido uma grande motivação dos alunos em trabalhar com as novas tecnologias na escola e o “Scratch”, ambiente da Web 2.0, utilizado em sala de aula possibilitou a criação de animações multimodais, remixadas e colaborativas no contexto escolar, portanto, uma produção textual mais vinculada com a contemporaneidade e uma situação autêntica de aprendizagem, relacionada com o Projeto de Robótica e o aprendizado de programação.

Palavras-chave: Multiletramentos. Scratch. Web 2.0. Autoria. Remix.

A INTERCULTURALIDADE E OS PROGRAMAS DE MOBILIDADE ESTUDANTIL: UMA AMOSTRAGEM DO PROBLEMA COM PARTICIPANTES DO AFS INTERCULTURAL PROGRAMS

Lilian Rudolf

RESUMO: O presente trabalho se filia à linha de pesquisa da aquisição de línguas estrangeiras e o papel da interculturalidade nos programas de mobilidade estudantil, destacando o programa de High School (Ensino Médio) oferecido pela Organização sem fins lucrativos AFS Intercultural Programs (antigo American Fields Service) sediada nos Estados Unidos da América. O objetivo geral do estudo é o de compreendermos a experiência da interculturalidade adquirida no programa de intercâmbio, o qual o participante estará morando em outro país com uma família nativa daquele local, frequentando uma escola daquela comunidade, estudando matérias relacionadas ao Ensino Médio e convivendo com uma nova cultura por intermédio da escola, da igreja, do clube, da família, das novas amizades, etc., além de conceitos básicos de interculturalidade, o binômio língua-cultura, a relação entre língua, cultura e identidade. Examinaremos, também, as noções de comunicação intercultural e de competência intercultural dentro do contexto do intercâmbio cultural. O conceito de interculturalismo será investigado no processo de aquisição de uma segunda língua, o Inglês, no universo de intercambistas brasileiros que cursaram um ano do Ensino Médio, o High School, nos Estados Unidos. Ao se inserir numa outra cultura, a norte-americana sendo o foco do trabalho, o indivíduo que está aprendendo uma língua estrangeira passará a aprender e a vivenciar essa nova cultura. Além do objetivo geral do estudo, também pretendemos examinar o impacto que o programa de intercâmbio exerce na vida dos participantes, no que se refere a questões pessoais, acadêmicas e profissionais como amadurecimento, tolerância, liderança, respeito, independência, organização e bagagem cultural. O referencial teórico que dá suporte ao estudo concentra-se em conceitos essenciais para o trabalho relacionados à língua, cultura, identidade, comunicação intercultural e competência intercultural além de mobilidade estudantil. Diante do exposto, teremos como fundamentação teórica os seguintes estudiosos: Claire Kramsch, Michael Byram, Michael Fleming, Joyce Merrill Valdes, Inês Signorini, Roque de Barros Laraia, Mark Hertsgaard, Joseph Nye Júnior, Vera Lúcia Harabagi Hanna, entre outros. Faremos uma pesquisa que será elaborada a partir de um questionário aplicado a um grupo de estudantes do AFS Intercultural Programs de diversas regiões do Brasil que realizou o intercâmbio nos Estados Unidos em diferentes anos. O questionário será respondido por meio de e-mails em questões de múltipla escolha, com exceção de duas questões abertas. Os dados serão coletados por meio do questionário com intercambistas pertencentes a este grupo. A partir desses dados, pretendemos verificar pelo menos três características daqueles que voltaram ao Brasil: o perfil dos participantes, os motivos que os levaram a participar de um programa de intercâmbio e as consequências acadêmicas (os cursos que decidiram cursar), profissionais (onde estão trabalhando atualmente) e pessoais (competências comunicativas, culturais, independência, flexibilidade, maturidade, entre outras) que o intercâmbio trouxe para suas vidas. Diante de um mundo cada vez mais globalizado, com uma crescente internacionalização, podemos perceber um aumento no número de intercâmbios realizados não só no Brasil, mas em todo mundo, o qual é oferecido ao participante uma vivência internacional seja

numa escola do Ensino Médio, numa Universidade ou numa empresa multinacional. Portanto é importante que estudemos, dentro do contexto do intercâmbio cultural, a língua, a cultura, a relação entre elas, a tríplice aliança que ocorre entre língua, cultura e identidade, interculturalismo, a mobilidade estudantil, a comunicação intercultural e a competência Intercultural. Optamos por investigar este grupo por ser os Estados Unidos o país que recebe o maior número de estudantes estrangeiros nesse universo. A Organização American Fields Service, uma organização sem fins lucrativos oferece o programa de um ano de estudos no país, durante o Ensino Médio, não havendo a possibilidade de extensão. Também será abordado o motivo dos Estados Unidos ainda ser o país que mais recebe intercambistas, e o quanto o “American way of life” tem influenciado não só a cultura brasileira, mas as outras culturas espalhadas pelo globo e as consequências advindas desse contato. Para tanto, estudaremos a Instituição AFS Intercultural Programs, como foi criado, o seu papel, o seu desenvolvimento e a sua função na sociedade. A escolha do tema está relacionada à experiência pessoal, por ter participado de um programa de intercâmbio entre os anos de 1996 e 1997. Embora não tenha viajado para os Estados Unidos, participei de uma seleção pela Instituição AFS Intercultural Programs para fazer o programa de High School. Nessa seleção não se podia escolher o país em que seria realizado o intercâmbio, tampouco região ou distrito, a organização recebia as vagas e as direcionava aos dez finalistas da seleção. Como é um programa em que escola e a família hospedeira são voluntárias, os organizadores distribuem as vagas de acordo com os perfis dos estudantes e os que os recebem. Fiquei entre os dez finalistas e a minha vaga foi destinada para a Noruega.

Palavras-chave: Interculturalidade. Língua. Cultura. Comunicação intercultural. Mobilidade estudantil.

OS MORADORES DE RUA E SUAS TRAMAS DISCURSIVAS NO YOUTUBE

Lucas Rodrigues Lopes

RESUMO: A rua é muito mais que um local de passagem, um alinhado de fachadas. A rua tem alma. Esta alma, de alguma forma, é composta pelas várias almas dos transeuntes, observadores, moradores, que por ela circulam ou nela vivem. A rua – lugar de poetas, boêmios, policiais, assistentes sociais, agentes religiosas –, atrai também pesquisadores, dando um novo significado a este espaço como também aos indivíduos que fazem dele a sua moradia, sobrevivência e vida. A rua propicia o agrupamento de tipos aparentemente similares, grupos de pessoas, antes, (des)conhecidas, que passam a compartilhar as roupas, a comida, a droga e o dinheiro. Pode se tornar o símbolo de unidade deste grupo, dar pertencimento aos que a nada pertencem. O espaço da rua pode chamar a atenção pela rotatividade de sua população. Indivíduos chegam à rua e dela desaparecem e, assim ela os hospeda e, ao mesmo tempo, “expulsa”. Estar na rua pode impor correr riscos, na sua solidão e na sua interação com seus outros atores; riscos que podem atingir a todos aqueles que a desocupam, não importando se crianças, adolescentes ou adultos. A organização desses sujeitos da/na rua, como forma de ação, de resistência e de defesa, é estratégia para o enfrentamento dos desafios e das ameaças que vivenciam. Os que moram na rua aprendem desde cedo a não delatar os companheiros, a dividir os ganhos dos furtos, a droga, a comida e a obediência aos mais fortes. O dinamismo, a aventura, o assistencialismo e a diversão que a rua oferece contrastam com o ambiente da casa e do bairro de onde se originam estes moradores, marcados, muitas vezes, por uma carência de recursos materiais e, desse modo, pela falta de estímulos e perspectivas de futuro. A partir do que foi apresentado, pretendemos identificar e discutir as representações da dimensão nômade, de andejo e de cuidado de si que emergem no que é dito e silenciado por moradores de rua. Escutar seus dizeres e silêncios possibilitará, então, mapear como os moradores de rua (re)constituem sua história e se fazem sujeitos. Com base em conceitos da psicanálise e do discurso e em estudos foucaultianos sobre a produção da subjetividade, buscaremos analisar recortes discursivos selecionados a partir de entrevistas veiculadas no site YouTube. Partimos da premissa de que, na rua, compartilham gestos, falas, modo de vestir e andar de seus pares sejam da comunidade de onde vieram ou do grupo com que convivem. Emerge, então, o resultado de um complexo processo histórico de fabricação no qual se (entre)cruzam os discursos que definem a verdade do sujeito, as práticas que regulam seu comportamento, os modos de subjetivação que o constituem. É a própria experiência de si, construída historicamente, como aquilo que pode e deve ser pensado, transmitido e aprendido. Isto porque toda cultura transmite um repertório de modos de experiência de si, e todo membro de uma cultura aprende a ser pessoa interagindo com as modalidades incluídas nesse repertório. Nesse sentido, ocupar a rua e fazer dela sua morada em oposição a habitar casas, além de construir e transmitir uma experiência “objetiva” do mundo exterior, transmite também experiências de si e dos outros como “sujeitos”. Assim haveria uma relação dialética entre “subjetividade” e “experiência de si”, pois só há sujeito porque ele pode traçar a genealogia de sua experiência, por meio de narrativas de si. Em grupos, os moradores de rua desabitam bairros próximos do centro da cidade, onde desorganizam suas “quebradas” com cobertores e papelões. A rua pode se tornar o símbolo de unidade deste grupo, dando pertencimento aos que a

nada pertencem. A trama do fio da rua é tecida de aventuras e desventuras discursivas. Se a experiência de si é histórica e culturalmente contingente, ela é também transmitida e aprendida e se repete nos dizeres e silêncios dos moradores de rua.

Palavras-chave: Linguagens, culturas e identidades. Morador(es) de rua. YouTube. Representações.

LETRAMENTOS E PROJETOS COLABORATIVOS NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA DO PROFIS

Luciana Machado Vasconcelos

RESUMO: Os conhecimentos em Língua Inglesa (LI) são cada vez mais importantes, para a sociedade contemporânea, em virtude das inúmeras expansões dos meios tecnológicos de comunicação e de circulação de informação. O ensino, então, sofre as influências do crescente processo de globalização e da densa multissemiotização da sociedade, o que torna importante o fortalecimento do letramento crítico assim como o desenvolvimento de práticas orientadas pela colaboratividade. Diante do exposto, busco neste trabalho investigar as potencialidades e limitações de um projeto colaborativo de elaboração de um site frente ao trabalho com (multi/novos) letramentos no ensino de LI em contexto universitário. Busquei, assim, estabelecer relações entre o uso das novas tecnologias e o ensino de LI a partir da base teórica que considera o ensino-aprendizagem de LI por meio do letramento crítico. Desta forma, esta pesquisa tem como bases o fato de que é fundamental lidar com o ensino e aprendizagem de LI ao considerarmos como uma disciplina cujos traços identitários e culturais podem influenciar, interdisciplinarmente, de inúmeras formas, outras práticas no âmbito educacional e até mesmo outras disciplinas. Logo, busco, com este estudo, o fortalecimento da relação entre ensino crítico bem como os preceitos que regem a definição de letramento crítico de uma língua estrangeira e o desenvolvimento de letramentos múltiplos já que são eles importantes no processo de ensino-aprendizagem de LI e cada vez mais necessários no contexto universitário, partindo principalmente de noções bakhtinianas. É neste contexto teórico que o estudo envolve alunos e docentes da disciplina Língua Inglesa III do projeto piloto ProFIS/UNICAMP, a qual acompanhei na qualidade de pesquisadora no primeiro semestre de 2014. A disciplina de LI III compreendia o semestre todo e ao final, os alunos deveriam entregar o site já mencionado. O propósito do site em questão era problematizar e apresentar o curso ProFIS a partir da visão dos próprios alunos matriculados nele, assim, a proposta salientava o curso como um espaço de (re)construção de conhecimentos, discursos e subjetividades. Além da plataforma Wix, por meio da qual o site foi desenvolvido, outras mídias digitais foram também utilizadas, como a rede social Facebook, a fim de viabilizar as discussões em LI entre os participantes elaboradores do site. Sabendo de todo o processo burocrático, que envolvia avaliações e notas, o qual os alunos teriam que percorrer, e uma vez que busquei entender, descrever e interpretar o processo de ensino-aprendizagem desencadeado pelo desenvolvimento de um projeto colaborativo de produção de um site nas aulas de LI, utilizei como metodologia a pesquisa de natureza qualitativa interpretativista de cunho etnográfico. Partindo dessa definição, tornei o foco da pesquisa muito mais voltado à produção de significados a partir da percepção que as pessoas, sujeitos de pesquisa e/ou objetos de análise, tem em relação a sua vida, experiências e visões de mundo. Desse modo, optei por quatro instrumentos de coleta de dados que se justificaram na medida em que a pesquisa avança de maneira processual: i) Diários de Campo; ii) Questionários on-line e; iii) Entrevistas Informais. As questões que operacionalizam o objetivo norteador da pesquisa são: a) Quais as percepções dos discentes sobre aprendizagem de Língua Inglesa com o projeto colaborativo de criação de um site? b) Quais as percepções dos docentes acerca do

processo? c) Quais letramentos foram mais fortemente trabalhados por meio da proposta mencionada? d) Quais são os aspectos limitadores e os pontos positivos da proposta sob a perspectiva dos participantes? Descritos todos os meus passos iniciais dados para a elaboração desse estudo e embora tenha procedido de maneira ainda muito incipiente com a análise dos dados coletados, posso elucidar resultados ainda pouco solidificados e comprovados. Por isso, como esboço para minha conclusão, já que se trata de uma pesquisa em andamento, ainda que parciais os resultados do estudo indicam como positiva a experiência de trocas e construção de material via redes sociais. Acerca do desenvolvimento do site em si, é possível apontar que consiste em uma prática efetiva no ensino de LI, pois permite unir o exercício de letramento crítico ao processo de ensino-aprendizagem de língua, fortalecendo, principalmente, letramentos autorais e transculturais em língua estrangeira.

Palavras-chave: Ensino de Língua Estrangeira. Letramento Crítico. Projetos Colaborativos.

O BLOGGING COMO PRÁTICA DIALÓGICA: PROCESSO DE PRODUÇÃO DO GÊNERO REVIEW DE TECNOLOGIAS

Marcela Lima

RESUMO: O presente trabalho apresenta os resultados de uma pesquisa de doutorado desenvolvida no campo aplicado dos estudos da linguagem, cujo objetivo era investigar o processo de produção de Reviews de Tecnologias, gênero discursivo utilizado por dois blogueiros estudantes da área da Ciência da Computação. O blog por eles idealizado é mantido de maneira independente (sem patrocínios) e visa ao compartilhamento gratuito, via Internet, de informações técnicas, estéticas e funcionais sobre smartphones e tablets. Sendo grandes entusiastas das tecnologias, estudantes da área e, sobretudo, consumidores vorazes de informações sobre dispositivos móveis, ao criar o Free Bird, os blogueiros estavam cientes da existência de um expressivo número de blogs e sites dedicados a esse mesmo tema. Diante do desafio de construir uma audiência própria em um cenário altamente competitivo, @p e @v apostaram em uma estratégia baseada no compartilhamento de informações construídas de maneira “diferenciada” em relação aos seus concorrentes. Minha hipótese inicial era a de que esse diferencial almejado fosse oportunizado pelo fato de esses blogueiros participarem de muitos e variados eventos e práticas de letramento, tendo em vista que passaram pelo processo formal de escolarização; deram continuidade à carreira acadêmica em nível de pós-graduação stricto sensu; e circula(va)m por muitas outras esferas discursivas, como a midiática, a profissional, a da interação social com os amigos etc. Eu almejava compreender, portanto, até que ponto - e como - esse engajamento em diversas práticas enunciativas, ou seja, seu contato com uma gama variada de gêneros discursivos circulantes dentro e fora do contexto escolar-acadêmico, contribuía para que construíssem esse diferencial almejado e concretizado, como muitos dos leitores me fazem acreditar por meio de seus comentários. Encontrei na concepção dialógica de linguagem, sobretudo nos conceitos de enunciado concreto e gênero discursivo que a constituem, um caminho teórico-metodológico bastante produtivo para iniciar essa caminhada, justamente por me permitir conceber a prática do blogging em diálogo com outras práticas, não só de escrita, como, também, de leitura, de comunicação, de interação, dentro e fora da escola. Como objetivo geral de investigação, busco, portanto, analisar o blogging como um conjunto de práticas de linguagens fundamentadas no diálogo com outras práticas sócio-culturais, o que permite concebê-lo como um objeto complexo de pesquisa e, portanto, de bastante interesse para a LA. De maneira mais específica, o objetivo deste trabalho é descrever e analisar os Reviews de Tecnologias (RT) produzidos por @p e @v como um gênero discursivo relevante para 1. o posicionamento do blog e dos blogueiros (sujeitos-escreventes), perante seus leitores, como '\meio/mídia participativo/a\' e '\colaboradores experts em tecnologias móveis\', respectivamente; e 2. o engajamento dos blogueiros em práticas dialógicas que (se) constituem (n)as chamadas Culturas Participativas do Século XXI. A escolha desse gênero em detrimento de outros também produzidos pelos blogueiros se deve ao fato de ser esse o gênero que popularizou a atuação de @p e @v na Internet, atraindo um número relevante de leitores e respostas, algo bastante valorizado na prática do blogging. Para a realização da pesquisa, foram selecionados os 8 reviews produzidos e

publicados entre 23/10/2009 e 31/03/2012, em relação aos quais se procedeu à investigação quanto ao conteúdo temático, estilo e construção composicional. Procurando-se construir uma articulação entre a micro e a macroanálise do objeto de pesquisa, buscou-se explorar dados da situação enunciativa. Espero, dessa forma, demonstrar que o Review de Tecnologias é um gênero repleto de intercalação de vozes de diversas esferas, especialmente a jornalística e a acadêmica, podendo funcionar como uma importante ferramenta de inserção de seus autores e interlocutores nas culturas participativas do nosso tempo. Acredito que este seria um passo inicial e fundamental para podermos, futuramente, pensar o blogging como uma prática de letramento baseada no uso de tecnologias digitais possível de ser acolhida nas aulas de língua portuguesa.

Palavras-chave: Gêneros Discursivos. Dialogismo. Relações Intergenéricas. Blog. Enunciação verbo-visual.

MATERIAIS AUTÊNTICOS NO ENSINO DE LINGUAS ESTRANGEIRAS: UM NOVO OLHAR SOB A PERSPECTIVA DA PARTICIPAÇÃO

Mariana Kuntz de Andrade e Silva

RESUMO: Este trabalho visa apresentar o andamento do meu projeto de mestrado em Língua e Literatura Alemã na USP, iniciado em agosto de 2013, cujo objetivo é retomar as reflexões sobre materiais autênticos (textos produzidos sem fins didáticos) no ensino de línguas estrangeiras, com foco no idioma alemão. O uso destes materiais pode ser verificado desde o Método de Gramática e Tradução, onde eram utilizados textos literários, mas o conceito de autenticidade ganhou força apenas a partir da entrada da Abordagem Comunicativa, onde surgiu como crítica à artificialidade e descontextualização dos textos, diálogos e interações em sala de aula dos métodos anteriores, sobretudo o método Audiovisual. Vários autores influentes da Abordagem Comunicativa discutiram a autenticidade, tanto em língua inglesa (Widdowson, 1978; Breen, 1985; Ellis 2003), como em língua alemã (Edelhoff, 1985; Neuner, Krüger e Grever, 1981) e no Brasil (Almeida Filho, 1993). Inicialmente voltado para a caracterização dos textos (especialmente entre os autores de língua alemã, e também em Widdowson, mas com outra definição), o conceito de autenticidade deslocou-se dos materiais didáticos e passou a ser visto nas tarefas, interações e situações de ensino (especialmente nos autores de língua inglesa, mas também presente nos autores de língua alemã e em Almeida Filho). Com isso, surgiram diversas definições para o termo, que acabaram por enfraquecer o debate e banalizar o papel dos textos autênticos. Nos materiais didáticos, isso se refletiu em um uso propagandístico do termo “autêntico”, presente nas apresentações de diversos livros didáticos sem definição explícita, e em contrapartida na ausência quase total de textos autênticos, substituídos por textos adaptados e, em sua maioria, ‘semi-autênticos’ – textos criados para o ensino, mas imitando textos autênticos. Em alemão como língua estrangeira, num corpus de sete livros didáticos globalizados orientados pela abordagem “(pós-) comunicativa”, publicados entre 2005 e 2013, foram encontrados 258 textos, mas apenas 25 (10%) eram autênticos (adaptados ou não), todos os outros eram semi-autênticos. Dos textos autênticos, metade eram citações de poemas ou músicas, afastando-se dos textos cotidianos. A substituição de textos autênticos por textos semi-autênticos, porém, se resume a uma imitação apenas parcial das marcas de gênero textual, resultando em uma simulação do real que não dá conta de abranger a complexidade dos textos autênticos. São textos desprovidos de contexto sócio-histórico, de público-alvo e de intertextualidade. Esta escolha, portanto, mostra uma visão simplificada de língua e cultura. A língua é vista apenas como sistema, onde o que importa é exemplificar um tópico gramatical abordado na lição, e a comunicação é encarada como transferência de informação, desprovida de subjetividade. A cultura, por sua vez, é transmitida por meio de modelos “cartão-postal” (Bolognini, 1991) que retratam, em sua maioria, pessoas felizes e bem-sucedidas. As recentes críticas ao conceito de método (Prabhu, 1990; Brown, 2002, Kumaravadivelu, 2001, 2006), que levaram à chamada “Era Pós-Método”, podem ser entendidas também como crítica ao uso de materiais globalizados e de textos semi-autênticos, pois busca-se valorizar as especificidades de cada contexto de aprendizagem e promover uma pedagogia crítica e reflexiva, o que não é oferecido por estes materiais. Em consonância com esta visão, as

teorias atuais de aprendizagem como participação (Lave & Wenger, 1991; Firth & Wagner, 1997; Sfar, 1998; Lantolf (2000), Kramsch (2009) entre outros), buscam enfatizar o papel do contexto sociocultural e da interação, enxergando os aprendizes como indivíduos providos de subjetividade. Dentro deste contexto, os materiais autênticos podem ser ressignificados e vistos sob uma nova ótica, podendo contribuir com a realização destas propostas, especialmente no ensino de línguas estrangeiras (fora do país da língua-alvo). A partir desta perspectiva, minha pesquisa buscará, por meio de uma análise comparativa entre textos adaptados e semi-autênticos retirados de livros didáticos de Alemão como Língua Estrangeira e textos autênticos, apontar as diferenças nestes materiais no que diz respeito ao acesso do aprendiz à comunidade discursiva da língua-alvo, e mostrar como textos autênticos podem contribuir para um ensino de línguas mais participativo. Neste evento, pretendo apresentar um panorama da base teórica que fundamenta a minha argumentação.

Palavras-chave: Ensino de línguas estrangeiras. Materiais didáticos. Textos autênticos. Era pós-método. Participação.

RELAÇÕES DE PODER E AGÊNCIA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Marília Curado Valsechi

RESUMO: Em um cenário sociopolítico de extrema desvalorização profissional do professor, o que tem levado a uma diminuição significativa da procura pelo curso de licenciatura em algumas instituições ou ainda à escolha pela licenciatura por motivos outros que a opção pela docência, a formação docente vem ocupando posição central na agenda da política educacional brasileira, no intuito de reverter essa situação de desprestígio do profissional e de sua formação. Em nível de formação inicial, pareceres e resoluções são elaborados após a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional LDB 9.394/96, para concretizar a reforma educacional ligada à formação docente. Paralelamente às determinações legislativas, intensifica-se a aliança do Brasil com o Banco Mundial no financiamento das políticas educacionais, que prioriza o que entende por “capacitação em serviço” em detrimento da formação inicial, característico de uma concepção compensatória de formação. É nesse contexto que emergem pesquisas ligadas à área da formação docente e, dentre os objetos a ela relacionados, o estágio supervisionado. Tradicionalmente investigado no campo da educação, o estágio supervisionado tem se tornado objeto de pesquisa de outras áreas, como da Linguística Aplicada (LA), da qual meu projeto constitui-se em um exemplo. Assim, o objeto de estudo da minha pesquisa de doutorado, inserida na área transdisciplinar da LA, consiste no estágio curricular supervisionado de um curso de Letras de uma instituição de ensino superior pública paulista. A relevância social da pesquisa, característica da LA, consiste, nesse caso, em contribuir com reflexões críticas oriundas de uma pesquisa aplicada e fornecer subsídios para as disciplinas de estágio na universidade numa perspectiva mais colaborativa e legitimadora do trabalho docente. Dessa forma, o compromisso ético do estudo atrela-se ao objetivo geral do grupo “Letramento do Professor”, no qual está inserido, de colaborar para uma formação que legitime o professor para agir no seu contexto de ação (KLEIMAN & MARTINS, 2007). Como objetivo geral, a pesquisa visa entender como se dá a inserção dos estagiários nas práticas de letramento dessa situação específica do estágio, que é simultaneamente acadêmico e profissional. Dentre os objetivos específicos, procuro analisar como eles lidam com as demandas de escrita do estágio, que valores atribuem a esses eventos, bem como aos textos produzidos em função de tais eventos. Inserida no paradigma metodológico qualitativo-intepretativista e de cunho etnográfico, minha pesquisa não dispõe de hipótese inicial a ser verificada durante o estudo. Acredito ser a opção metodológica pertinente para quem busca a compreensão holística do fenômeno sob investigação, gerado nas práticas sociais de que os sujeitos participam, portanto em um contexto natural, no sentido de que não é produzido artificialmente para fins de experimentação. Documentos da universidade, textos produzidos pelos estagiários, transcrição de aulas na universidade e de reuniões com outros professores de estágio da instituição, além de entrevistas semi-estruturadas com estagiários – os sujeitos de pesquisa – constituem o “corpus” deste trabalho a partir do qual será realizada a triangulação dos dados (ERICKSON, 1986). O arcabouço teórico constituído, principalmente, pelos estudos de letramento e pela teoria sócio-enunciativa do Círculo de Bakhtin permite-nos compreender o estágio como um “entrelugar sócio-profissional” (REICHMANN, 2009), um espaço híbrido no qual o sujeito estagiário transita entre a

esfera acadêmica e a profissional docente na participação das práticas sociais do estágio. A fim de alcançar o objetivo específico apresentado nesse RESUMO, fundamento-me na concepção dialética de “agência”, defendida por Zavala (2011), na qual os agentes não são totalmente livres, nem produtos sociais previamente determinados, bem como na noção dialógica bakhtiniana de “vozes sociais”. Nesta apresentação, trago um dado de interação em sala de aula e dois trechos de entrevista com estagiários para, por meio de uma análise linguístico-discursiva, analisar as vozes que emergem no discurso do estagiário e como, ao mobilizá-las, os estagiários ora evidenciam marcas históricas da situação de desvalorização do estágio supervisionado e de anulação da agência do estagiário, ora promovem rupturas em relação a essa condição, demonstrando o exercício de sua agência no contexto do estágio. Os resultados parciais apontam, por um lado, para o revozeamento de valores culturais implícitos no sistema ideológico da universidade, no discurso do estagiário, que apaga a agência deste nas relações sociais com outros membros envolvidos no estágio. Por outro, evidenciam movimentos discursivos que buscam romper com as relações assimétricas de poder da instituição, assim como para momentos nos quais se vislumbra a agência dos estagiários.

Palavras-chave: Letramento. Estágio supervisionado. Agência. Vozes sociais. Estagiário.

ENSINO DA LEITURA: UMA REFLEXÃO HISTORIOGRÁFICA NO AMBIENTE ESCOLAR

Marília Maira Brisolla

RESUMO: O ensino da leitura é compreendido hoje como uma ferramenta que auxilia o aluno na leitura do mundo. Sua função é muito mais extraescolar do que um medidor em avaliações externas. Um sujeito precisa aprender a ler para exercer com eficácia certas atividades como: ler suas contas e extratos financeiros, comprar, vender, assistir um jornal, ler qualquer tipo de mídia sabendo apurar o que é útil ou não, compreender qualquer espécie de contrato (ainda que superficialmente), conseguir cursar um ensino superior, tirar uma carteira de habilitação etc. Esses exemplos revelam a dimensão que a leitura proficiente pode representar em uma esfera social. Ciente da importância da prática leitura no contexto social e político, o desempenho dela na sala de aula não contribui para sua eficácia, visto as notas insatisfatórias nas provas externas de Língua Portuguesa. Muitas pesquisas apontam dados alarmantes, revelando que um percentual considerável de alunos do 3º ano do ensino médio não estariam aptos a compreender enunciados simples. Diante disso, são constantes as pesquisas que procuram compreender as falhas sobre o desenvolvimento das habilidades referentes à leitura. Quando olhamos para essa disciplina historicamente, percebemos que ela é relativamente nova, inclusive sua proposta atual. Ao se tornar parte do currículo escolar, inicialmente sua função era ensinar regras da gramática da língua portuguesa. A partir do aprendizado desta, o aluno seguiria para o domínio da gramática do latim (uma língua que conferia distinção social) e, por fim, chegar ao apreço pela norma culta do vernáculo. Com o decorrer do tempo, a língua portuguesa passou também a preocupar-se com questões relativas ao texto. Os livros didáticos, que antes vinham com textos clássicos soltos, passaram a selecioná-los dentre vários gêneros e questões de interpretação. Do mesmo texto extraíam-se questões de gramática. Após 1980, com a interferência da linguística, linguística aplicada, análise do discurso e sociolinguística no ensino escolar, a disciplina mais uma vez sofreu uma adaptação, passando a se preocupar não apenas com a gramática culta do português, mas a língua em funcionamento, ou seja, se antes a gramática era estudada a partir de um recorte, agora ela objetivava compreender seu funcionamento prático e vivo dentro do texto. Quanto ao ensino da leitura, passou-se a explorar mais do que questões de extração de informação do texto, introduzindo então, questões de inferência. Esse recorte histórico pode revelar que apesar de haver propostas atuais para essa disciplina, há uma tradição que a envolve, ou seja, vestígios de sua construção dentro da história que refletem ainda hoje. O que era uma aula de leitura em 1960 e o que é uma aula de leitura hoje? Para isso, é necessário olhar para a história, compreendendo então os fatores sociais que se desencadeavam paralelamente a proposta pedagógica sobre o ensino da leitura. Este trabalho pretende especificamente construir a história do ensino da leitura nas décadas de 1960, 1980 e 2000, por meio de análise de material didático. Objetivamos olhar para a história do ensino da leitura dentro da disciplina Língua Portuguesa, não com o objetivo de construir uma narrativa, mas sim para compreender como essa disciplina foi se construindo diacronicamente, ou seja, porque ela tomou um formato específico naquele período. Assim, o objetivo é relacionar/analisar o desenvolvimento linguístico paralelamente aos fatos históricos. Não pretendemos atentar para outras décadas com

um olhar crítico como se aquele método não fosse bom em relação ao outro, mas pretendemos concluir como foi o processo, ou seja, a construção histórica e cultural que moldou o ensino da leitura ao que ele é hoje. Se atualmente temos uma metodologia um tanto mais voltada ao ensino tradicional da gramática normativa do que da leitura, pretendemos traçar essa linha sócia histórica e cultural que nos trouxe a isso.

Palavras-chave: Língua Portuguesa. Leitura. Historiografia linguística. História da educação. Livro didático.

TRADUÇÃO JURAMENTADA E DIVÓRCIO: A ELABORAÇÃO DE UM GLOSSÁRIO TRILÍNGUE À LUZ DA LINGUÍSTICA DE CORPUS

Maysa Vani Alves

RESUMO: No Brasil, para que tenha efeitos legais, toda documentação que necessita de tradução deve ser submetida ao processo de tradução juramentada. O mesmo processo é exigido pelas instituições públicas de outros países, de forma que a tradução juramentada, como afirmam CAMARGO E AUBERT (2009, p. 356), é muito importante para as relações comerciais, sociais e jurídicas internacionais de nosso país. Dada essa importância, o tradutor juramentado, nomeado por concurso público e que possui fé pública para a tradução de documentos oficiais, deve ser um profissional bem capacitado, ou seja, não apenas conhecer a língua de um modo geral, mas também estar familiarizado com os termos técnicos da área em que atua, para exercer suas responsabilidades. Nesse sentido, para que o trabalho do tradutor juramentado seja mais efetivo, é preciso que ele tenha um arcabouço, composto por vários elementos, como dicionários, glossários, conhecimentos dos idiomas, entre outros. Portanto, um estudo detalhado da terminologia da tradução juramentada, especificamente, neste trabalho, a criação de um glossário trilingue do português para o inglês e o francês, abrangendo termos relacionados a divórcio e casamento, é importante para a elaboração de glossários que serão elementos vitais para os profissionais atuarem em seu mercado de trabalho de forma prática e eficiente, além de proporcionar avanços em uma área que, ao que parece, carece de pesquisas. As relações entre Tradução e Terminologia, como afirma AUBERT (1992, p. 82), não são estabelecidas de modo simples, direto ou unidirecional. O conceito de terminologia pode ter dois significados diferentes. O primeiro significado está relacionado a um conjunto de termos característicos de uma área; já o segundo designa o estudo das terminologias. A Terminologia é a identificação do conteúdo conceptual específico da situação em que uma palavra está inserida. Tal situação de uso reúne a realidade percebida e a prática linguística dos falantes da língua, considerando marcas culturais, relações sociais, etc. Ainda segundo AUBERT (1992, p. 82), Tradução é uma profissão e uma área de estudo muito antiga, já a Terminologia é um campo de estudos relativamente recente. Os dois campos de estudos são autônomos entre si, mas se relacionam no fazer tradutório e terminológico, já que os tradutores profissionais fazem parte de um dos principais grupos de usuários finais dos produtos da pesquisa terminológica. A contribuição da Terminologia para a Tradução ainda está em andamento, havendo pouca produção no país de glossários e dicionários nas diferentes áreas de conhecimento, o que acontece também na área da tradução jurídica, que necessita de bons glossários e dicionários específicos para auxiliar a tarefa do tradutor, visto que o tradutor juramentado tem, recorrentemente, dúvidas em relação à terminologia mais adequada a ser aplicada na tradução de determinados documentos. Além disso, normalmente, o tradutor juramentado encontra dificuldades ao traduzir termos marcados culturalmente, que nem sempre possuirão um equivalente plenamente satisfatório na tradução, pois, segundo ZAVAGLIA E POPPI (2012, p. 57), a linguagem jurídica é diferente de outras linguagens técnicas por estar inserida em um contexto nacional específico. Sendo assim, nesse primeiro momento, nosso foco é na construção do corpus que usaremos para criar o nosso glossário jurídico trilingue e, para isso, usaremos a Linguística de Corpus que é, segundo TEIXEIRA E TAGNIN (2004, p. 52),

uma metodologia usada atualmente para fazer pesquisas autênticas relacionadas à linguagem usando ferramentas computacionais. Esse método fornece resultados autênticos pelo fato de reunir um corpus de linguagem natural, possibilitando a criação de glossários e dicionários que mostrem o contexto real de uso das palavras, termos, etc. Os corpora foram construídos, como mencionado, com o objetivo de criar um glossário jurídico trilíngue que apresente termos relacionados ao divórcio e ao casamento, verificando, por meio do estudo dos corpora, as semelhanças e diferenças existentes entre os sistemas jurídicos. Durante a fase de análise dos corpora, conseguimos verificar, a princípio, a diferença principal entre esses sistemas jurídicos, que é a existência de códigos estaduais nos Estados Unidos, diferentemente do Brasil e da França, que possuem um código único para todo o país. Nossos corpora apresentam, até o momento, 1.445.235 tokens para o inglês, que é composto pelo código civil da Califórnia, o Divorce Chapter de Utah, o Family Code do Texas e o US Code; 1.071.355 tokens para o português, composto pelo Código Civil do Brasil e textos jurídicos extraídos da Internet e, por fim, 1.069.503 tokens para o francês, constituído do Código Civil da França e textos extraídos da Internet. A escolha pelos idiomas inglês e francês se deu pelo fato de serem idiomas amplamente usados e estudados na área da tradução e de estudos da linguagem de um modo geral, além de muito importantes para as relações comerciais e acadêmicas mundiais. Outro motivo para essa escolha é a familiaridade da autora com tais idiomas, o que contribui para a análise pretendida neste estudo.

Palavras-chave: Tradução. Tradução juramentada. Terminologia. Linguística de Corpus.

O GÊNERO "SEMINÁRIO ORAL" EM UMA ESCOLA PÚBLICA ESTADUAL DE SÃO PAULO

Patrícia Raquel de Freitas

RESUMO: Nos últimos anos, ampliaram-se o debate e o interesse pelo ensino da oralidade na educação básica, principalmente após a publicação dos PCNs em 1998 no Brasil. Estudos brasileiros e estrangeiros com o foco na abordagem da oralidade em sala de aula começaram a surgir (DOLZ, SCHNEUWLY & HALLER 1998; SCHNEUWLY, 1997). Nesses estudos, os gêneros orais são vistos como instrumentos para a apreensão da oralidade formal pública que seria a modalidade de prestígio a ser ensinada na escola, devendo, portanto, serem tomados como objetos de ensino (DOLZ, SCHNEUWLY, DE PIETRO & ZAHND, 1998; CHAVES, 2008; GOMES-SANTOS, 2012; VIEIRA, 2007; GOULART, 2005). Tendo em vista essas discussões, o presente estudo propõe-se a analisar a ocorrência e o ensino-aprendizagem do gênero oral “seminário” no ensino médio de uma escola pública de São Paulo. Esse gênero foi escolhido por ser amplamente utilizado tanto em aulas de Língua Portuguesa, quanto em outras disciplinas, com a função de, além de trabalhar a oralidade, aprender conteúdos e avaliar os alunos. Nosso objetivo geral é verificar como uma proposta de ensino interdisciplinar do gênero seminário pode ser aplicada no ensino médio. Como objetivos específicos, pretendemos verificar como se pode construir uma proposta de modelização didática interdisciplinar para o ensino do gênero seminário; além disso, iremos analisar de que maneira os conhecimentos adquiridos em aulas de ensino específico do gênero nas aulas de Língua Portuguesa são apropriados e utilizados pelos alunos quando vão construir seus próprios seminários, mesmo em outras disciplinas e como se dá o processo de ensino aprendizagem do gênero em aulas de outras disciplinas. Pretendemos também verificar como os professores e alunos relacionam-se com o gênero seminário e com o trabalho com a oralidade como um todo em sala de aula. Desde a publicação dos PCNs para Ensino Fundamental (1998) e Médio (1999), a oralidade aparece como um aspecto da linguagem que não pode mais ser ignorada pela escola, que deve trabalhar explicitamente com a comunicação oral, especialmente nas aulas de Língua Portuguesa. Não apenas os documentos oficiais que orientam o ensino de Linguagens, como os documentos das outras áreas de conhecimento, consideram a expressão oral como parte importante do aprendizado para a vida em sociedade e a cidadania que se deve proporcionar no Ensino Médio. De acordo com Dolz, Schneuwly e Haller ([1998] 2004), a escola deve propor atividades diversificadas que tratem dos diferentes usos da língua oral na sociedade, em especial aquelas que fazem parte de práticas mais institucionalizadas, que geralmente não são dominadas pelos alunos. Dentro dessa perspectiva, o trabalho com gêneros na escola mostra-se como uma alternativa para o ensino da linguagem oral em contextos formais públicos. Para Schneuwly ([1994] 2004), os gêneros seriam, para o ensino, como megainstrumentos semióticos que permitiriam a produção e compreensão de enunciados. Seria através de seu domínio que os sujeitos poderiam agir com eficácia diante de uma determinada situação de comunicação. Assim, um dos gêneros adequados para o trabalho com a oralidade formal pública seria o seminário, já que é usado geralmente em situações relativamente formais de comunicação em que os expositores assumem a posição de

especialistas e dirigem-se a um auditório de maneira estruturada para transmitir informações ou ensinar-lhe sobre um assunto pesquisado previamente (DOLZ, SCHNEUWLY et al, [1998] 2004). Pensando nisso, propomos um estudo de caso em uma escola pública da rede estadual de São Paulo, que possa mostrar como o gênero seminário é abordado pelos professores de Língua Portuguesa e Filosofia, dentro de um projeto maior de construção de um trabalho de conclusão de curso pelos alunos da 3ª série do Ensino Médio. Assim, os materiais didáticos disponíveis aos alunos e professores serão analisados, num primeiro momento, para se observarem em que medida eles abordam a oralidade, e o gênero “seminário”. Além disso, serão observadas as aulas de Língua Portuguesa e Filosofia, em que ocorrerá a construção dos seminários, além da gravação dos seminários de apresentação dos trabalhos finais. Para verificar a relação de professores e alunos com a oralidade e os gêneros orais, serão feitos também entrevistas e questionários. Como os gêneros orais são cada vez mais cobrados nos documentos oficiais, ao mesmo tempo em que os materiais disponíveis oferecem pouco subsídio para o trabalho do professor, procuraremos esclarecer como o gênero oral pode ser abordado no ensino médio, numa perspectiva interdisciplinar, para que os alunos possam desenvolver o domínio da oralidade formal pública, muito exigida também em ambientes extra-escolares. (Apoio: CNPq - Processo: 132706/2014-8)

Palavras-chave: Linguagem e educação. Ensino de língua. Oralidade. Gêneros orais. Seminário.

PROCESSO DE ESCOLHA DO LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA NUMA PERSPECTIVA DISCURSIVA

Paula Ricelle de Oliveira

RESUMO: O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) criado por meio do decreto nº 91.542 de 1985 estabelece que a escolha do livro didático passe a ser feita diretamente pelo professor, por ser ele o conhecedor da realidade do aluno e da escola. Nesse sentido, esta pesquisa consiste em uma investigação sobre o processo de escolha do livro didático de História, numa perspectiva discursiva, mais especificamente sob o olhar do docente no processo de seleção desse material. A pesquisa busca entender, a partir do discurso dos professores, quais os elementos que norteiam suas escolhas. É de fundamental importância entender o processo de escolha dos livros didáticos por vários motivos, principalmente pelas cifras estratosféricas despendidas pelo PNLD. Em 2014, o governo federal investiu R\$1.212.945.073.00 na aquisição e distribuição integral de livros aos educandos dos anos finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano), na complementação do PNLD 2013 para estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano) e para os alunos do Ensino Médio. Ao todo, foram adquiridos 137.858.058 livros para atender a 116.824 alunos. Essa discussão ganha importância na medida em que se insere em um contexto educacional de política de promoção e distribuição gratuita desses materiais por programas do governo que visam prover a democratização do acesso e permanência das classes populares nas escolas. Ao escolher um livro didático, o professor deve considerar as propostas definidas pelo Projeto Político-Pedagógico (PPP) de sua escola e certificar-se que sua escolha atenda à demanda da sua ação pedagógica, da comunidade escolar e do seu público. É nesse universo amplo de preocupações sobre os dispêndios com o PNLD que esse trabalho se insere. O recorte que privilegiamos para a investigação é averiguar o que os educadores levam em consideração no momento da escolha do livro didático, que será adquirido com verbas públicas e utilizado no interstício de três anos em suas práticas educacionais. Para atingir esse objetivo, são elencados os seguintes objetivos específicos: identificar como é o processo de escolha dos livros didáticos nas escolas; diagnosticar quais estratégias os docentes constroem para a escolha desse material; verificar os pressupostos educativos, políticos e sociais presentes no discurso do professor que influenciou em sua escolha; assinalar os elementos contextuais que influenciam nas escolhas dos livros didáticos pelos professores de História da rede pública. Para esse trabalho, serão selecionados docentes que lecionam no âmbito educacional do Ensino Fundamental II e Ensino Médio, nas redes públicas de ensino Municipal, Estadual e Federal, dentro da delimitação territorial de Belo Horizonte e região metropolitana. Como instrumento para coleta das informações desses sujeitos, serão aplicados questionários. A análise dos dados coletados se pautará sob uma perspectiva discursiva com base no Sistema da Avaliatividade (SA) de Martin & Rose (2005; 2007), buscando recorrências nos discursos dos docentes das avaliações presentes sobre o processo de escolha. O SA nasce dos pressupostos teóricos da Linguística sistêmico-funcional (LSF) proposta por Halliday (1994), tal teoria considera que a função primordial da língua é produzir significados. A linguagem é compreendida como um sistema de escolhas, essas por sua vez são influenciadas pelo meio social e

cultural em que o sujeito se encontra inserido. Dessa forma, o SA se torna pertinente, então, na medida em que o discurso dos docentes se apropria de certos valores e crenças características do ensino de História e do contexto escolar. Espera-se ampliar a discussão do processo de seleção do livro didático, sobretudo do livro didático de História, por meio da análise e interpretação do material coletado baseado no Sistema da Avaliatividade. Além disso, objetiva-se contribuir para a qualificação do processo de escolha dos livros didáticos no âmbito do PNLD.

Palavras-chave: Discurso docente. Livro didático de História. PNLD. Sistema da Avaliatividade.

ATIVISMO POLÍTICO E CULTURA DIGITAL: UM ESTUDO DE MASHUPS POLÍTICOS NO FACEBOOK

Rafael Salmazi Sachs

RESUMO: Esta comunicação apresenta o estágio atual de uma pesquisa de mestrado em linguagem e tecnologias que estuda práticas de ativismo político on-line, com enfoque nas produções textuais/discursivas associadas a elas. O objetivo da pesquisa é ampliar a compreensão, na Linguística Aplicada, acerca dos modos de produção e circulação de discursos de ativismo político na cultura digital. O ativismo político é uma prática fundamental para a cidadania, historicamente vinculado a tipos de textos e formas de circulação de discursos que variam de acordo com os meios materiais e as disposições culturais de cada lugar e período. Uma vez que a Linguística Aplicada tem compromisso com a formação de cidadãos críticos e participantes, quer por via da educação linguística oficial, quer por outras formas (institucionalizadas ou não) de aprendizagem e participação social, aparece a necessidade de compreender melhor como se desenrolam as práticas de ativismo contemporâneo em relação aos meios materiais e disposições culturais presentes, chamados, em seu conjunto, de cultura digital. Inicialmente, com base no trabalho de Tim Jordan (2002), Mary Butler (2011) e Henry Jenkins (2009; 2010), a comunicação apresentará as diferenças entre as formas mais tradicionais de ativismo, caracterizadas como práticas de alto risco e alto investimento, e as práticas atuais de ativismo on-line, que em muitos casos são vistas como ineficazes, mas que podem assumir um papel importante na organização de protestos, no funcionamento dos movimentos sociais e na conquista de visibilidade para certas causas. Em seguida, serão apresentados os trabalhos de Henry Jenkins (2009) acerca da convergência de mídias, e os de Axel Bruns acerca da produsage (no original, produsage, 2010), de modo a descrever as muitas práticas de manipulação e edição de conteúdos midiáticos que caracterizam a cultura digital hoje, e ressaltar seu potencial para essas novas formas de atividade política. Bruns e Jenkins mostram que, em empreendimentos mantidos colaborativamente, os usuários da internet criam uma infinidade de “obras derivadas”, caracterizadas pela recombinação de conteúdos já disponíveis na internet, através dos procedimentos típicos de remix e do mashup. São obras assim que constituem o corpus da pesquisa, composto por 80 montagens fotográficas/pictóricas (acompanhadas ou não de texto escrito) que foram publicadas ao longo de junho de 2013 em três páginas de Facebook ligadas à palavra de ordem “Vem pra rua”. A partir de alguns exemplos dessas montagens, serão apresentados os referenciais teóricos da análise pretendida: a Semiótica Social, com a semântica da hipermodalidade (de Jay Lemke) e o conceito de ressemiotização (como apresentado por Rick Iedema); e a teoria Ator-Rede, conforme os trabalhos de Bruno Latour e John Law. Com o conceito de hipermodalidade, é possível descrever não apenas as relações de sentido que se estabelecem entre diferentes modalidades em construtos multimodais, mas o modo como imagem e texto, por exemplo, estabelecem múltiplas interconexões (potenciais ou explícitas) entre si no cenário da hipertextualidade típica do meio digital. A noção de ressemiotização complementa essa perspectiva, apontando que certos elementos semióticos são traduzidos em outros à medida que processos sociais específicos vão se desdobrando. Assim, a Semiótica Social oferece à análise as categorias para uma descrição detalhada das montagens do corpus, de maneira a

compreender melhor como produzem sentido, tanto depois de publicadas, quanto no percurso de sua composição. A Semiótica Material, por sua vez, propõe compreender qualquer entidade não como essência, mas como uma rede de associações, que só se sustentam a partir de circulações que são mantidas e renegociadas continuamente. Assim, o próprio texto — bem como as montagens do corpus — pode ser entendido como um conjunto de associações e vínculos semióticos em estabilidade relativa, que a qualquer momento pode ser desmontada, e reorganizada diferentemente, em novas conexões. Assim, a Teoria Ator-Rede permite descrever as montagens do corpus a partir do percurso de negociação de sentidos que as produz, um percurso em que certos vínculos semióticos são quebrados para possibilitar outros, promovidos com o objetivo de criar certas realidades sobre os protestos de junho de 2013. Por fim, serão apresentados os primeiros resultados que vierem a ser obtidos na etapa preliminar dessa análise, ainda a ser realizada. Esta consistirá em descrever os processos de criação de mashups do corpus que empreguem elementos semelhantes para promover vínculos semióticos diferentes, revelando as diferentes estratégias de negociação de sentidos envolvidas na produção dessas montagens. Serão descritas, ainda, as implicações desse tipo de análise para uma compreensão mais ampla das formas contemporâneas de ativismo político, com ênfase na necessidade de aproveitar a ampla difusão de práticas de edição e manipulação de conteúdos como forma de despertar a consciência política de jovens em formação, de modo que percebam que fatos políticos construídos e estabilizados como realidades sempre estão sujeitos à contestação e à renegociação — a partir do momento em que se explicitam os vínculos que os constituem.

Palavras-chave: Linguagem e tecnologias. Cultura digital. Ativismo político. Remix. Ressemiotização.

DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA: REMIDIAÇÃO DO JORNALISMO IMPRESSO PARA AS MÍDIAS DIGITAIS

Raudiner Railton dos Santos

RESUMO: A Divulgação Científica, doravante DC, é, hoje, encontrada em diversas esferas de comunicação humana. Ela se inicia já na própria Academia, na qual engloba desde os estudos de pesquisadores nas áreas de Ciência e Tecnologia, até chegar à forma de divulgação destas informações para ao público-leitor/público-leigo. Haja vista esta definição, a pesquisa tem como objetivo investigar as transformações e as diferenças de notícias/reportagens das revistas Superinteressante e Ciência Hoje nas duas mídias em que são publicadas: a impressa e a digital. Fundamentada teoricamente na definição de Bakhtin para gênero, nas concepções de Pinheiro e outros autores para gênero digital, na contribuição de Lemke de hipermodalidade/hipermídia e Bolter acerca de remediação, a pesquisa propõe-se a entender os elementos multimodais que são encontrados nas revistas impressas, nos aplicativos para o “tablet” e na área do assinante virtual do site e a sua relação com o texto. O corpus será composto de três reportagens de capa tanto da revista impressa, quanto as mesmas na versão online do site e do “tablet”. Espera-se com os resultados obtidos identificar novos arranjos de mídia para gêneros digitais e multimodais para, assim, levantar caminhos para o trabalho com letramentos requeridos do jovem brasileiro. A justificativa inicial se encontra nas transformações que vêm ocorrendo no setor midiático, no qual o digital tem ganhado cada vez mais visibilidade e tem obrigado os editores a reinventar seus produtos a ponto de mantê-los ainda consumíveis no mercado. Já a segunda, parte do pressuposto da grande visibilidade que as duas revistas possuem na sociedade brasileira, uma vez que, além da tradição para com o público-leigo, são utilizadas para diversos propósitos, incluindo o pedagógico. Desta forma, como aparato teórico, torna-se imprescindível a teorização e o entendimento da própria Divulgação Científica. Para tanto, serão incorporadas à pesquisa os trabalhos de Bueno (1985; 2009; 2010; 2012) para que compreendamos as diferenças entre a DC e o Jornalismo Científico, assim como o papel do divulgador e do jornalista no/na campo/esfera científico (a). Seguindo tal linha de pensamento, torna-se necessário também a contribuição dos trabalhos de Grillo (2006; 2008; 2009) para entendermos a relação da DC com a esfera midiática, os gêneros do discurso e o campo científico. Para que esta relação seja ainda mais estreita, utilizaremos as definições de Bakhtin (2003[1952-1953/1979]) de gêneros do discurso a fim de categorizarmos a DC como um dele dentro da esfera de mídia e a concepção de campo, provinda por Bordieu (1992). Ao olharmos para as mídias digitais e suas influências no impresso, necessitamos de uma bibliografia que tange as diferenças entre elas. Para tanto, faz-se necessário, primeiramente, a contribuição inicial de Pinheiro (2010) e outros autores para que a noção, ainda inócua, de gênero digital seja definida, já que, mesmo ainda voltada às raízes de Bakhtin, sofre grande influência da tecnologia em sua concepção. Ao priorizarmos a análise para as mídias digitais propriamente, faz-se primordial o entendimento dos termos hiperídia/hipermodalidade. Para isto, serão utilizadas as definições de Lemke (2002), já que o autor nos fornece diferentes visões de sentido entre a multimodalidade e o hipertexto, sendo estas relações classificadas por: representacionais, composicionais e relacionais. No entanto, ao voltarmos para a análise da mídia impressa, utilizaremos as contribuições de Jenkins (2009) e Bolter (2002)

acerca de remediação, uma vez que há uma hipótese inicial de que as revistas impressas vêm se reinventando utilizando elementos das mídias digitais para estarem igualmente competitivas no mercado consumidor. Sendo assim, deparamos-nos com as seguintes perguntas de pesquisas: (i) A mídia impressa sofre um processo de remediação? Ou será um processo independente? (ii) Quais são os elementos do impresso que são encontrados na versão digital? O que mais se encontra? (iii) O que a tecnologia digital permite que o impresso não permite? O que são e como funcionam? A pesquisa disporá de dois corpora empíricos para análise, a saber: (i) reportagens de capa da versão impressa das revistas; (ii) as mesmas reportagens nas mídias digitais (a web Page e a versão do “tablet”). A metodologia a ser utilizada é a análise qualitativa de caráter descritivo e interpretativo, combinada à análise quantitativa dos textos elaborados pelas diferentes plataformas. A partir de um levantamento documental — privilegiando um corpus que ainda será publicado e, por isso, não recebeu tratamento analítico — de três reportagens de capas nos três meios.

Palavras-chave: Divulgação Científica. Gênero. Digital. Remediação. Hipermodalidade.

PROGRAMA NACIONAL DO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA INGLESA E O DISCURSO SOBRE AS NOVAS TECNOLOGIAS

Silvelena Dias

RESUMO: Pela primeira vez na história da educação brasileira, o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) inclui o componente curricular Língua Estrangeira Moderna (LEM): Espanhol e Inglês. Os livros didáticos, selecionados de acordo com os requisitos exigidos pelo MEC chegaram às escolas nos anos de 2011 e 2012, respectivamente, para o ensino fundamental e médio. Dessa forma, esta pesquisa de doutorado tem por objetivo investigar, especificamente, se os livros didáticos de língua inglesa (LD de LI), destinados ao ensino médio, se apropriam do discurso sobre as novas tecnologias e analisar como se dá essa apropriação. Partindo do pressuposto de que os livros didáticos procuram se adequar às exigências do momento sociopolítico e histórico em que vivemos, buscam se inovar, mesmo que ilusoriamente e tentam trazer o que editores e escritores de livros julgam ser, tanto para o aluno quanto para o professor, significativo, novo e diferente como estratégia para atraírem ou motivarem seus usuários (CORACINI, 2011a), formulamos a hipótese de que o LD de LI se apropria do discurso contemporâneo sobre as novas tecnologias e, ao apropriar-se desse discurso, provoca mudança não só no discurso sobre as novas tecnologias como também no próprio discurso didático-pedagógico. Para a realização de nossa pesquisa, recorreremos ao arcabouço teórico-metodológico da visão discursivo-desconstrutivista, constituída pelas teorias do discurso, da psicanálise lacaniana e da desconstrução derrideana. Os livros didáticos são, não raro, considerados por alunos e professores como portadores de verdades absolutas, garantindo-lhes legitimação e poder, o que nos remete aos estudos de Foucault (1999) sobre a maneira como o poder se dissemina em uma sociedade e produz efeitos de verdade e saber inquestionáveis. O nosso corpus se constitui de sete coleções de LD de LI para o ensino médio, acompanhadas de seus respectivos CDs em áudio. Vale salientar que a análise é empreendida nos exemplares do professor, por conterem um diferencial em reação ao livro do aluno, pois eles vêm acompanhados de respostas, orientações teórico-metodológicas e, no final de cada exemplar, há uma parte a mais, em relação ao livro do aluno, chamada Manual do Professor ou Guia Didático. Cabe, ainda ressaltar que a análise é pautada nos textos escolhidos que, de algum modo, trazem à baila as novas tecnologias, seja trazendo um texto sobre elas, seja servindo-se delas para exemplificá-las; nos textos que foram retirados de páginas da web e nos seus gêneros textuais que circulam na Web; nas ilustrações, fotos; e nas atividades que abordam ou utilizam, de algum modo, as novas tecnologias. Assim, apresentamos uma análise de uma atividade, trazida pelo LD de LI, em que os alunos devem fazer uma pesquisa na Web (Web Search) sobre e-dialects. Essa atividade vem acompanhada de uma ilustração, mostrando dois jovens de sexo oposto frente a computadores, engajados em um diálogo virtual, por meio de e-dialects. Dessa forma, LD de LI faz representações de que os alunos utilizam práticas de escrita que circulam na internet. Anis (2007) denomina esse tipo de comunicação como neografia - escrita inconventional em mensagens eletrônicas, com características da linguagem oral, evidenciadas em várias línguas. O LD de LI, ao apropriar-se desse tipo de escrita, ecoa efeitos de sentido de proximidade entre o LD e o aluno, entre a LI e o aluno. Na tentativa de fazer com que o aluno sintá-se pertencente ao que o livro lhe

apresenta como se fosse o “novo” em oposição ao “velho”, o LD não se dá conta de que esse novo tem raízes, contém rastros do velho. A linguagem utilizada no meio virtual, chamada de internetês, privilegia a fonética em detrimento da etimologia da palavra; isto é, privilegia a phoné (som) em relação à grafia, assemelhando-se à escritura hieroglífica. Por muito que o tempo tentou apagar, ficaram seus rastros impossíveis de tornarem-se invisíveis (DERRIDA, 2011). É um passado que se faz presente, é um presente que remonta ao passado, mas não é exatamente como no velho passado e muito menos é o novo presente. Na verdade, um se sustenta no outro, isto é, “o novo entrelaça com o velho, com o conhecido, que serve, dentre outras coisas, de alicerce para a aceitação do novo” (CORACINI, 2011b, p. 28), para tornar-se conhecido e reconhecido no seu retorno.

Palavras-chave: Análise do Discurso. Novas tecnologias. Representação. Livro didático de língua inglesa.

REPRESENTAÇÕES SOBRE O PROFESSOR DE PORTUGUÊS NOS DISCURSOS DE UM PROGRAMA DE FORMAÇÃO PÚBLICO-PRIVADO: UM ESTUDO CRÍTICO DIALÓGICO

Shirlei Neves dos Santos

RESUMO: Esta pesquisa propõe-se a investigar o discurso de instituições formadoras, em um cenário de inter-relações público-privado no âmbito do terceiro setor, sobre o professor de português e o ensino de escrita. Tenciona, a partir da análise, desvelar a concepção de formação contínua de professor de língua materna que emerge nesse contexto institucional específico. Subjaz a esse propósito uma preocupação em entender como esses processos de formação contínua no contexto em foco podem desenvolver (ou não) no professor de português em formação contínua a independência informada que possa permitir-lhe construir com seus alunos conjuntos de letramentos que os ajudem a dar conta do que a sociedade espera da escola e, ao mesmo tempo, que os ajudem a fazer valer suas próprias demandas por uma sociedade menos violenta e excludente. Acredita-se que o terceiro setor funciona como correia de transmissão do ideário neoliberal para a educação em países em desenvolvimento como o Brasil. Com base nisso, pressupõe-se que, no plano mais restrito de políticas linguísticas e de formação do professor de língua materna, essa articulação do Estado com o terceiro setor fortalece visões hegemônicas e conservadoras acerca do professor de português e do ensino da escrita. Sustenta-se essa tese em resultados dos estudos de letramento que têm demonstrado que a concepção técnica (hegemônica) do uso da escrita, por exemplo, tem sido um dos principais coadjuvantes no processo de construção do fracasso e silenciamento do aluno pobre e da desvalorização do professor de língua portuguesa (e do alfabetizador). Não obstante, essa tem sido a perspectiva adotada nas políticas públicas de ensino de língua materna (letramento) e de formação do professor de português, a exemplo dos Parâmetros Curriculares Nacionais, Pró-Letramento e Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, todos documentos e programas educacionais do governo federal. Manter parcerias com o terceiro setor seria uma estratégia de governos neoliberais, a exemplo do que dirige o Brasil, de fazer frente aos processos de lutas, enfrentamentos e resistência dos sujeitos engajados na luta pela educação pública estatal de qualidade, resistindo, denunciando e desconstruindo políticas de dominação, hegemonia e silenciamento do outro através da desconstrução de representações negativas de minorias e de sua cultura e da desestabilização de relações assimétricas de poder que, no contexto desta pesquisa, estão associadas ao uso da escrita. A concepção de escrita aqui assumida está informada nos estudos de Letramento Crítico que a concebe como uma prática social por meio da qual a linguagem desenvolve os indivíduos como agentes imersos em uma cultura ampla, mas também é um processo de tomada de consciência por parte do sujeito de sua experiência como historicamente construída dentro de relações de poder específicas, examinando seu desenvolvimento contínuo para rever posições subjetivas por meio das quais significam o mundo e age nele. Já a noção de discurso provém da Translinguística formulada por Bakhtin e o Círculo em termo de língua em sua integridade concreta e viva, cujo estudo é realizado a partir de um enfoque dialógico, ou seja, da interação entre um eu e outro. A natureza da pesquisa é qualitativa, inserida no campo da Linguística Aplicada (LA), com base metodológica sócio-histórica e cultural, a partir da qual os dados são coletados

por meio de pesquisa documental e analisados sob a análise dialógica do discurso. O cenário de pesquisa faz parte do programa educacional Olimpíada de Língua Portuguesa Escrevendo o Futuro, situado no contexto de uma parceria entre o MEC e a Fundação Itaú Social, executado por uma organização não governamental, o Centro de Estudos e Pesquisa em Educação e Cultura (Cenpec). Os dados focados são referentes a registros documentais dos cursos de formação presencial e on-line, às publicações impressas e digitais que o programa oferece como complemento de formação, vídeos de divulgação, apresentação e exposição do evento de formação, entre outros que se julgarem pertinentes. A técnica de geração de dados utilizada será de coleta de material impresso e digital. No momento, a tese encontra-se em fase de revisão bibliográfica acerca do terceiro setor e sua presença na educação e escola públicas.

Palavras-chave: Letramento Crítico escrita. Formação do professor de português. Discurso dialógico. Terceiro setor.

O LETRAMENTO DO PROFESSOR EM QUESTÃO: NEGOCIAÇÃO DE SABERES ENTRE FORMADORES E PROFESSORES DE LÍNGUA PORTUGUESA NA FORMAÇÃO CONTINUADA

Sílvia Letícia Matievicz Pereira

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo apresentar algumas análises preliminares de recorte de dados de pesquisa de doutorado em andamento, provisoriamente intitulada “LETRAMENTO DO PROFESSOR E AGENTIVIDADE: diálogo entre universidade e escola nos eventos de letramento formativos do Programa de Desenvolvimento Educacional do Paraná (PDE/PR)”. A pesquisa, que faz parte do Grupo de Pesquisas Letramento do Professor e é orientada pela Profa. Dra. Ângela Kleiman, tem por objetivo geral refletir sobre os eventos de letramento formativos realizados na/pela universidade no âmbito do Programa de Desenvolvimento Educacional do Paraná - PDE/PR (doravante PDE), bem como sobre suas práticas constitutivas, no que concerne a sua pertinência para o letramento do professor de língua portuguesa. O PDE é uma política pública de formação continuada ofertada anualmente a cerca de 2000 professores efetivos da rede estadual de ensino do Paraná. O programa envolve diversas atividades, que somam mais de 900 horas-aula, as quais devem ser cumpridas no período de dois anos. Essas atividades são realizadas majoritariamente de forma presencial nas universidades e faculdades públicas do estado e também na modalidade a distância, em momentos de interação com outros professores do estado, via plataformas virtuais. Cada professor participante é acompanhado por um professor universitário que cumpre a função de orientador. Embora o PDE surja num cenário já abundante de oportunidades de formação continuada docente, ele se diferencia de outras iniciativas por algumas razões, entre as quais, destaco as duas principais para esta pesquisa. Primeiramente, o programa provê condições de estudo aos participantes. Os docentes, uma vez inscritos, são afastados integralmente de suas atividades de sala de aula pelo período de um ano e parcialmente por mais um ano, sem desconto em sua remuneração. Em segundo lugar, o principal elemento que justifica nosso interesse pelo programa é sua proposta de construção de saberes voltada à prática escolar. O programa busca, de acordo com seus documentos oficiais, a construção de saberes direcionada à prática escolar, por meio da aproximação entre as Instituições Públicas de Ensino Superior do estado e as escolas públicas de Educação Básica. O interesse dessa pesquisa se direciona, especificamente, à maneira como essa aproximação acontece. Ao propor um espaço que permite pensar sobre a prática escolar e suas problemáticas, com vistas ao planejamento e à execução de ações que visem a agir sobre a realidade escolar, o PDE parece promover um campo privilegiado de intersecção entre os saberes acadêmicos e a atuação docente. A pesquisa afilia-se à perspectiva antropológica dos Estudos do Letramento (STREET, 1984, 1990; KLEIMAN, 1995), que busca contribuir para que o professor exerça seu trabalho em melhores condições. Isso implica uma possibilidade de formação situada que leve em consideração as necessidades de letramento no e para o local de trabalho. Este tipo de formação visa ao letramento do professor, o qual - sob o ponto de vista desses estudos - deve basear-se em “conhecimentos situados, isto é, como pertencendo e esgotando os conhecimentos necessários para agir segundo as exigências do local de trabalho” (KLEIMAN, 2008, p. 31). O que se espera, como consequência de uma formação situada, é “encurtar a distância entre as práticas acadêmicas e as práticas

no local de trabalho” (KLEIMAN & SILVA, 2008, p. 17), por meio de uma relação dialógica entre os saberes acadêmicos e os exigidos para o local de trabalho. A partir desses pontos de partida, esta pesquisa, de caráter qualitativo-interpretativista, busca apreender elementos da formação continuada docente por meio de observação participante de todas as atividades da turma PDE 2013-2014 em que figuram universidade e professores da educação básica: aulas, palestras, orientações e produções escritas, realizando gravações em áudio, anotações em diário de campo e entrevistas. Desse modo, a abordagem sociocultural e etnográfica dos Estudos de Letramento e o dialogismo bakhtiniano, que compreende a linguagem como um lugar de interação e disputas ideológicas, compõem os arcabouços teórico-metodológico e analítico que orientam a pesquisa. Para este trabalho, trago duas cenas de interação entre formador universitário e professores-pde de língua portuguesa destacando os modos de organização desses eventos de letramento e sua relação com posicionamentos diversos que a universidade assume em relação às vozes e dos saberes profissionais. As análises apontam, por exemplo, que elementos como a relevância do uso de determinado texto a dado contexto de ensino ou a maneira como abordar o texto em sala de aula, quando são discutidos, partem da iniciativa dos professores. Nessas situações, tais como as cenas ilustram, a universidade assume ao menos duas posições distintas: ora participa de forma ativa com os docentes da construção de saberes, de forma colaborativa, ora distancia-se da discussão deixando a cargo dos docentes a reflexão sobre o seu fazer profissional.

Palavras-chave: Formação continuada docente. Letramento do professor. Relação universidade-escola.

POLÍTICAS LINGUÍSTICAS FAMILIARES E REPERTÓRIOS LINGUÍSTICOS EM CONTEXTO DE TRANSMIGRAÇÃO: REFLEXÕES INICIAIS

Tatiana Martins Gabas

RESUMO: Os dados oficiais de imigração/emigração, segundo o último senso do IBGE (2010), revelam equívocos no reconhecimento do fluxo imigratório oficial durante os séculos XX e XXI. Os substantivos e números denotam uma posição clara: os grupos, prestigiados e desprestigiados, têm sua aceitação histórica diversa. A Linguística Aplicada, no seu viés crítico (MOITA LOPES, 2006), absorve os velhos e novos cenários multiculturais, mapeando ideologias, posições instáveis de poder e pertencimento, identidade construídas na língua e pela língua. Os fluxos migratórios chamam cada vez mais a atenção dos estudiosos, que começam a entender como, e talvez diferentemente do passado, os homens se movimentam no globo híbrido. A Superdiversidade (VERTOVEC, 2007) descreve o mundo como redes transnacionais que concentra grupos não mais lineares, e, portanto, dinâmico: sujeitos de origens múltiplas, sócio e economicamente diferenciados. Essa noção ressalta um diferente modo e nível de complexidade nas concentrações demográficas. O Brasil, um país de imigração, e, ainda sob o prisma monolíngue, resiste à aceitação de uma configuração linguística plurilíngue, e ainda contempla, por meio de suas políticas linguísticas de cima para baixo (top-down), o português, na sua variável urbana e culta, como única expressão possível de agir. A partir da década de 1990, ocorreu a abertura de muitas empresas coreanas na Região Metropolitana de Campinas (RMC), resultando na chegada exponencial de coreanos, uma imigração em caráter diverso da ocorrida em São Paulo. O projeto busca, sob o viés etnográfico, compreender as ideologias linguísticas presentes na manutenção do coreano como língua de herança na comunidade coreana do interior de São Paulo, a fim de compreender quais as representações que os participantes têm do seu repertório linguístico e como criam socialidade enquanto expatriados. Assim se faz determinante o estudo qualitativo dos repertórios linguísticos e identidades negociadas, pois ainda que haja alguns estudos de viés antropológico sobre a imigração coreana (em São Paulo), ou sob o ponto de vista do ensino-aprendizado de português como LE, quando do viés do multilinguismo não há. A imigração coreana no Brasil teve início com a vinda de 103 coreanos para a cidade de São Paulo, resultado de um acordo bilateral. Choi (1996) divide este processo em cinco períodos: a fase pré-imigratória (1910-1956), quando entraram os primeiros fugitivos da guerra no Brasil; a fase de imigração pré-oficial (1962), com a vinda de algumas famílias; a fase de imigração oficial (1963-1971) com a entrada de 1.300 coreanos e, posteriormente, de 1.400; a fase clandestina (1972-1980), em que no momento em que a imigração para o Brasil parou de ser incentivada (a partir de uma medida restritiva do governo brasileiro), muitos coreanos entraram no Brasil ilegalmente por meio de países da América do Sul como Paraguai, Bolívia e Argentina. Os sul-coreanos, de Campinas e região, são expatriados temporários, transplantados, com alta capacitação e com plano de permanência de quatro a cinco anos no Brasil. Visualizam na mudança para o Brasil uma possibilidade de crescimento profissional e pessoal. Pretende-se a geração de dados por meios de entrevistas abertas e semi-estruturadas, e como coparticipantes da pesquisa, seis mulheres da comunidade coreana,

mães de filhos com idades entre 3 e 12 anos, residindo no Brasil temporariamente há pelo menos 2 anos. A partir do modo como descrevem e operam a manutenção da língua materna, é possível compreender as representações de repertório linguístico que possuem e as políticas linguísticas implícitas e/ou explícitas (MCCARTY, 2011), bem como são representadas as identidades do que seja ser uma mulher, coreana, residindo temporariamente no Brasil. A língua de herança é fundamental para a identidade linguística, étnica, nas relações sociais e familiares do imigrante, e o papel da família é central no seu fortalecimento no que se refere a transmissão intergeracional. A mãe é a principal responsável pela manutenção da língua coreana na casa, quer seja na consolidação entre os filhos que já são alfabetizados, quer seja na aquisição. A noção de repertórios linguísticos (BUSCH, 2012) quebra com o mito de que o resultado da interação entre duas ou mais línguas é unilateral e não está vinculado à cultura/identidade, implica também que os sentidos sejam passíveis de alterações/ajustes a depender do contexto de nacionalidade, etnicidade, pertencimento/não pertencimento, por não ser uma entidade clara e demarcada. Permite, ainda, pensar a relação das pessoas e de suas línguas a partir de uma noção que contempla o híbrido e a situacionalidade, em um mundo de diásporas e identidades transnacionais. Sob o panorama de posições instáveis de poder, característica do mundo fragmentado, os coreanos expatriados vivenciam alternadamente posições de prestígio e desprestígio e que não são, de maneira alguma, lineares. Em situação de minoria, tensionam diálogo e conflito na experiência de expatiação, ao gerenciar repertórios linguísticos entre coreano, inglês e português.

Palavras-chave: Multilinguismo. Políticas Linguísticas Familiares. Repertórios Linguísticos. Transmigração.

OS OBJETOS DE DISCURSO COMO VOZES: RELAÇÕES DIALÓGICAS E LETRAMENTOS EM TEXTOS DE VESTIBULANDOS

Vanda Maria Trombetta

RESUMO: Aquilo que é posto na terceira pessoa, aquilo de que se fala/escreve, a referência, quando considerada como produto da interação autor/destinatário(s), traz, no apelo ao já-dito, um terceiro elemento (uma terceira voz) na composição do objeto de discurso. Este último carregaria, portanto, um já dito, uma voz social, que expressa uma réplica específica do locutor, de acordo com as diversas posições – as diferentes experiências sociais – que ele, na qualidade de escrevente, assume na interação. Pensar o objeto de discurso como uma voz social é, portanto, assumi-lo como produto da réplica do locutor a um superdestinatário (BAKHTIN, 2006), o que permite refletir sobre possíveis letramentos que constituíram o escrevente ao longo de sua formação. Para tanto, traça-se como objetivo deste estudo observar os diversos letramentos que, mais (ou menos) marcados, caracterizam, em textos escritos de vestibulandos, a formação do escrevente, tomando-se como ponto de observação os objetos de discurso e a terceira voz que eles representam na interação autor/destinatário(s) do texto. A voz e/ou as vozes são apreensíveis na medida em que se pode interpretar as experiências sociais envolvidas na produção do objeto de discurso. Pensar voz como experiência social, é refletir sobre as diferentes dimensões que constituíram a experiência social dos escreventes ao longo de sua formação, uma vez que na produção de um enunciado há indícios, “zonas privilegiadas” (GINZBURG, 1989) que sugerem traços dos diálogos construídos “tanto os ecos longínquos como as interlocuções diretas” (CORRÊA, 1998, p.170). Ao adotar o paradigma indiciário (GINZBURG, 1989) e o quadro teórico da análise dialógica, Bakhtin e o Círculo, como procedimento metodológico, é possível recuperar fenômenos que influenciam a construção dos indícios materializados, concomitantemente, no que há de específico da situação enunciativa e elementos estabilizados nas e pelas interações ao longo da história. Para pensar os indícios recorre-se a Bakhtin (2006) em especial na defesa de que não há comunicação sem o estabelecimento de destinatários – designados de o segundo e o terceiro. O segundo assume características variáveis, desde o empírico, o conhecido, inclusive aquele que somente se presume destinar-se um enunciado. Já, o terceiro, o superdestinatário, “adquire uma identidade concreta variável, que para Bakhtin (2006, p.356) pode ser “Deus, a verdade absoluta, o julgamento da consciência humana imparcial, o povo, o julgamento da história, na ciência, etc.” Ou seja, o terceiro, é uma posição específica, que pode ser compreendida como um conjunto ideológico, um grupo a quem o escrevente busca apoiar sua palavra. É pelo produto da réplica dessas vozes sociais, o superdestinatário, que os objetos de discurso vão se delineando. O ponto de partida para observação das vozes é o argumento pelo exemplo (PERELMAN e OLBRECHTS-TYTECA, 2005), que marcaria indícios das vozes tomadas quando da relação com o que está marcado com o objeto de discurso. O corpus sob análise são redações de vestibular da FUVEST, dissertações em prosa, do ano de 2006, com o tema “trabalho”. Ao elaborar tese e argumentos os objetos de discursos vão se constituindo. Dois procedimentos de análise são propostos: 1) no texto, observam-se os argumentos pelo exemplo, como indícios da construção dos objetos de discurso; 2) no aspecto discursivo, correlacionam-se às marcas dos argumentos exemplos aos letramentos pelos quais o

escrevente realizou incursões. Nos textos em análise, até o momento, considera-se que a construção do objeto de discurso não é escolha do escrevente, uma vez que a relação valorativa que o objeto “trabalho” adquire nesse contexto é constituída pela relação entre escrevente, interlocutor imediato – no caso, candidato e auditório especializado, identificado como banca examinadora ou, ainda instituição universitária – e superdestinatário. Letramentos do saber escolarizado se fazem presente, valorando o trabalho de arte e referindo-se a vozes das aulas de História, afirmações que reforçam a hipótese de que há uma organização e imposição de quais vozes devem ser recortadas do já-dito para construir o objeto de discurso. Mas também há saberes “difusos”, disseminados, que permitem, por exemplo, mencionar outros modos de circulação em práticas de letramento fora do contexto escolar que privilegiam outros conhecimentos. Este estudo se justifica, em um primeiro momento, pela importância de seu objeto, a referenciação, para os estudos da linguagem, uma vez que procura refletir sobre a relação complexa e indireta do homem com a linguagem e o mundo. Em momento posterior, pondera-se sobre a possibilidade de o professor analisar no gênero discursivo redação de vestibular, além de outros aspectos, os indícios de letramentos vivenciados pelo escrevente. Nessa perspectiva os objetos de discurso trazem indícios da história de letramentos.

Palavras-chave: Letramentos. Referenciação. Objetos de discurso. Vozes sociais. Redações de vestibular.

ENSINO DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA E FORMAÇÃO DOCENTE PARA ALÉM DOS LIMITES LINGUÍSTICOS: UM ESTUDO ETNOGRÁFICO NA BROWN UNIVERSITY

Vanessa Maria da Silva

RESUMO: Os últimos sessenta anos são determinados por importantes transformações culturais que incidem nas formas de vida das sociedades com ruidosas e veementes repercussões no trabalho docente. Sem dúvida, a atenção a essas mudanças e a preparação adequada para equacioná-las tem sido um desafio na formação do professor de língua estrangeira. O campo da formação de professor encontra-se questionado por um conjunto de estudos interdisciplinares, que permite desenhar novos contornos da vida na sociedade de hoje que oferece contribuições imprescindíveis e consistentes para se pensar o ensino de língua estrangeira para além dos limites exclusivamente linguísticos. Até poucas décadas atrás, os planos de aula, no tocante ao ensino/aprendizagem de língua, transitavam em torno de metodologias, aspectos didáticos, conteúdos, materiais e cronogramas; hoje, devido à necessidade de reconfiguração no modo de se comunicar, essas questões continuam a ser importantes, porém observadas de forma mais ampla, considerando questões sociais, políticas, econômicas, históricas e, sobretudo, culturais. O ensino de língua e de cultura exige atenção a diferentes concepções. Segundo a opinião de autores como Nery (1997) e Frias (1991), estabelece a elaboração de um discurso pedagógico que conduza, através da adoção de novas posturas metodológicas, orientação intercultural para o aprendizado e para a formação de professores de língua estrangeira. Pensando em um ensino de língua associado às questões relativas à cultura na constituição das representações de aprender e ensinar línguas como práticas sócio-histórico-culturais, consideramos a noção de interculturalidade, parte inerente do conhecimento linguístico acrescido da percepção de novas culturas e de novas concepções de vida. As transformações culturais demandam uma implementação diferenciada do ensino de línguas estrangeiras, objetivando a formação de indivíduos, o desenvolvimento de consciência social, criatividade, mente aberta para novos conhecimentos e uma reforma na maneira de pensar e ver o mundo. É determinante que os futuros professores de línguas tenham um olhar multifacetado, que recebam orientação para buscarem o elemento comum presente na consciência de todo ser humano, que é o desejo de interagir e contemplar a multiplicidade cultural. Nos Estados Unidos, desde a década de 90, organizações de formação de professores e pesquisadores promovem iniciativas e diretrizes a fim de beneficiar aos professores de língua estrangeira o conhecimento e a reflexão sobre a natureza da cultura, da diversidade cultural e principalmente da relação entre língua, cultura e identidade. Posto que competência cultural está presente na sala de aula de língua estrangeira no momento em que o professor compreende a relevância do ensino da cultura e o seu papel na educação; preparar estes docentes tornou-se determinante nas universidades norte-americanas. O presente projeto é parte da pesquisa de doutorado “Formação do Professor de Língua Portuguesa nos Estados Unidos: Língua, Cultura e Sociedade”, início 2012, na Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, e estágio de doutoramento na Brown University, Providence, RI, EUA, 2013-2014, com o objetivo de investigar o ensino da Língua Portuguesa como língua estrangeira e a formação do professor pelo Department of Portuguese and Brazilian Studies,

procurando deprender qual metodologia e discurso subjaz o ensino de cultura no ensino de língua estrangeira. A importância dada ao entendimento intercultural presente em todas as disciplinas oferecidas chamou-nos particularmente a atenção. A utilização de material autêntico, como textos literários, multimídia, filmes, músicas, jornais, premissa básica das disciplinas, reforçou nosso interesse. Questões como relacionamento racial, identidade nacional, etnicidade também são discutidas junto a reflexões sobre similaridades e diferenças compreendida nas artes, no teatro, na literatura, na poesia, elementos imprescindíveis para o desenvolvimento linguístico e cultural e que consideramos fundamental na formação de professores de línguas estrangeiras, encontram destaque nos cursos de Língua Portuguesa, como língua estrangeira, na Brown University. Durante os dois semestres na Brown University, observamos de forma direta e intensiva as aulas de Língua Portuguesa como língua estrangeira do primeiro ao último ano, entrevistamos professores, assistentes e alunos, analisamos as produções textuais, avaliações e demais atividades. Averiguamos como as disciplinas que versam sobre o ensino de língua e cultura dedicam atenção especial ao entendimento intercultural. Estudamos a historiografia das disciplinas que compreendem a área de Portuguese and Brazilian Studies relacionadas à formação daquele professor, bem como explorarmos a dimensão pessoal, que se relaciona com o papel dos agentes no processo de desenvolvimento do conhecimento, como a dimensão social, a qual identifica o contexto e suas influências sobre o conhecimento linguístico. Nossa investigação compreende um quadro teórico que contempla a vertente do ensino de língua e cultura como um ensino vinculado, defende o ensino da língua estrangeira a partir de uma abordagem intercultural, que valoriza, além da competência comunicativa, o compartilhamento de informações para que o estudante perceba que há uma heterogeneidade contextual, social, cultural e histórica no uso de qualquer linguagem. Nosso trabalho esmiúça, também, os conceitos de cultura, interculturalidade e identidade.

Palavras-chave: Língua Estrangeira. Cultura. Português. Formação Docente. Brown University.

AUTORIA INTERDITADA: DIFICULDADES DE ESCRITURA DO ESTUDANTE NA UNIVERSIDADE

Vitória Eugênia de Oliveira

RESUMO: É antiga a questão da autoria: em um mundo cuja ordem é escrever, a pergunta nunca se encerra: o que é o autor? (FOUCAULT, 1992). Para as instituições de ensino, essa questão tem sido marcada, na verdade, pela não-autoria. Perguntar-se sobre o conceito de autor tem sido feito para entender porque os alunos não conseguem funcionar como autores. Às sombras do “fracasso escolar”, a educação básica é acusada de não oferecer espaços interpretativos que verdadeiramente formem sujeitos críticos. Embora tenhamos passado por uma transformação dos paradigmas educacionais – exigidos pelo processo de Redemocratização brasileira (1980/90/00) –, em que deixamos de ter como objetivo um estudo mecânico da frase e passamos ao trabalho crítico com o texto, o que ainda vivemos são práticas escolares artificiais de leitura e de escrita; que ora se inscrevem no campo da literatura, ora se situam em estratégias memorizáveis de produção do gênero dissertativo. Esse aluno, que sai da educação básica “sem domínio pleno da leitura e da escrita”, ingressa no ensino superior sob a exigência de produção e leitura de textos longos, científicos, realizadas com originalidade e seguindo uma série de regras a que ele nunca teve acesso. A angústia de escrever, o medo da folha em branco e o constante adiamento da escrita, que povoam um imaginário de sacrifício da autoria acadêmica, revelam justamente essa falta de intimidade. Revelam um aluno tateando de acordo com o que ele acha que é um texto acadêmico-científico. Há, frequentemente, uma simulação do texto, em vez de sua escritura. Assim, diante da responsabilidade de funcionar como um lugar instituição da autoria, a escola tem passado essa função para a universidade, adiando a construção de espaços interpretativos; e a universidade tem a devolvido para escola, pressupondo seu aluno como um autor já formado pela educação básica. O que se vê, portanto, é um funcionamento na divisão histórica entre teoria (os que pensam) e prática (os que reproduzem), em que a escola não produz suas próprias teorias, porque a universidade ocupa esse lugar; e a universidade não pratica o que propõe, porque teoriza sempre para outra instituição. Diante desse escamoteamento das instituições, formulamos algumas perguntas de pesquisa: se a escola não tem oferecido espaço para que o aluno funcione como autor, como isso tem acontecido na universidade? Esse aluno, que entra no ensino superior depois de “desqualificado como autor e leitor” durante os seus anos escolares, de que lugar fala e segundo quais condições? À diferença de quando na escola, agora ele encontra espaços para se posicionar no funcionamento da autoria? E, afinal, que autor é este (PFEIFFER, 1995) que a universidade pretende? É no bojo desses questionamentos que construímos o nosso interesse primário de pesquisa: entender os processos através dos quais o sujeito se constitui (ou não) como autor na universidade. E se é antiga a questão da autoria, estudada sob tantos olhares, importa-nos marcar precisamente o lugar do qual falamos; nossa inscrição na Linguística Aplicada, filha das Ciências Sociais, nos convoca a construir a questão da autoria como questão social de distribuição de poder, de controle de valores, de privação à liberdade. Isso é possível se tomarmos as questões da escrita como acontecimento político e simbólico. Por esse motivo é que nos filiamos teoricamente à Análise do Discurso. Na medida em que ela considera o texto como materialização do discurso e o discurso como prática social,

expõe-nos à opacidade da linguagem, à historicidade dos textos, à dispersão dos sentidos, à heterogeneidade do Sujeito. Calcados numa perspectiva discursiva, tomamos a autoria como uma questão de direito à interpretação, em que interpretar é produzir e atribuir sentidos (ORLANDI, 1996) – a si e ao mundo. Portanto, quando definimos nosso objeto como as dificuldades de o aluno universitário ocupar a posição autor, direcionamos nosso olhar para esse sujeito que, incapaz de funcionar em sua autoria, é marginalizado, calado, excluído. Nosso objetivo, assim, é investigar, descrever e analisar os modos de funcionamento da autoria na universidade, através de pesquisa documental. O projeto se encontra na fase de coleta e geração de dados, com a construção de um *corpus* composto por textos de alunos do primeiro e do último ano da graduação do curso de Letras da Universidade Estadual de Campinas e por entrevistas semi-estruturadas com os alunos, através das quais pretendemos investigar as formações imaginárias e quais são os efeitos de sentidos produzidos por elas nos movimentos de autoria operados pelo aluno. Finalizada a construção do *corpus*, a pesquisa se encaminha para fase final de análise dos dados.

Palavras-chave: Educação Linguística. Autoria. Universidade. Escrita. Discurso.

PLANEJAR E AVALIAR NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DE LÍNGUA PORTUGUESA: GÊNEROS DISCURSIVOS EM LETRAMENTOS PROFISSIONAIS DE PROFESSORES DA REDE MUNICIPAL DE CAMPINAS – SP

Wladimir Stempniak Mesko

RESUMO: Esta pesquisa aborda dois aspectos da prática profissional de professores de Língua Portuguesa dos anos finais do Ensino Fundamental da rede municipal de Campinas (SP): o planejamento do trabalho pedagógico e a avaliação de aprendizagem, realizados por meio dos gêneros discursivos “plano de ensino” e “descrição de saberes”, que integram, respectivamente, o projeto pedagógico das escolas e as fichas de avaliação descritiva. Trata-se de uma pesquisa de cunho participante e colaborativo, pensada a partir de questões de implementação curricular surgidas pela atuação do pesquisador nesta rede enquanto coordenador pedagógico (CP). O tema tem se mostrado especialmente relevante no contexto das diversas inovações (cf. SIGNORINI, 2007) no campo do currículo e da avaliação que estão se incorporando à prática destes professores num período que contempla a publicação das Diretrizes Curriculares do município e a implementação de um sistema informatizado de avaliação descritiva dos alunos. Queremos observar, nos gêneros “plano de ensino” e “descrição de saberes”, a relação dos professores com os dois processos em curso: a indicação mais diretiva de objetos de ensino, especialmente no que se refere a gêneros discursivos e respectivas estratégias didáticas, bem como a construção de pareceres que devem registrar elementos úteis ao (re)planejamento da prática pedagógica em função dos resultados escolares, sua comunicação à administração escolar e aos responsáveis pelo aluno avaliado. Neste momento da pesquisa, nosso corpus de dados se constitui dos planos de ensino e descrições de saberes produzidos pelas escolas de ensino fundamental pertencentes à “região sul” de Campinas, vinculadas ao respectivo Núcleo de Ação Educativa Descentralizada (NAED), onde o pesquisador atuou como coordenador pedagógico de 2009 até o 1º semestre de 2014. Para este trabalho, tomaremos para análise mais especificamente os planos de ensino e as descrições de saberes que integram os adendos de 2014 aos Projetos Pedagógicos e as fichas de avaliação descritiva do primeiro trimestre deste mesmo ano, produzidos em quatro escolas que estiveram sob responsabilidade do pesquisador/coordenador. A análise deste recorte inicial tem o objetivo de propor elementos para discutirmos duas questões principais: 1) como os professores concebem o ato de planejar por meio do gênero “plano de ensino” e o ato de avaliar por meio do gênero “descrição de saberes”? 2) quais são os objetos de ensino priorizados nestes planejamentos, como são retomados nas avaliações e de que forma ocorre a relação entre o proposto nos planos de ensino e aquilo que é valorizado na avaliação? No momento atual da pesquisa, interessa-nos, primeiramente, descrever como tais gêneros discursivos se apresentam nesta rede de ensino, discutindo seu uso, circulação e características formais principais, de modo a problematizá-los enquanto ferramentas que constituem a prática profissional dos professores. As ações de planejar e avaliar, concretizadas por meio dos respectivos gêneros, integram um letramento profissional (KLEIMAN, 2001) em que a escrita participa da definição do percurso de trabalho com alunos e da apreciação valorativa de sua aprendizagem, constituindo, portanto, discursos que instituem determinados aspectos do fazer e da identidade

docente nesta rede. Focalizar o texto dos professores como elemento mediador e resultante destes eventos de letramento profissional no interior de práticas institucionais escolares (cf. BARTON & HAMILTON, 1998) é, ao mesmo tempo, procedimento de trabalho inerente ao cargo ocupado nesta rede de ensino como também nossa perspectiva de pesquisa no campo da linguística aplicada. Estamos, nesta questão, alinhando-nos a uma perspectiva crítica da pesquisa aplicada quando tem por finalidade estabelecer relações de colaboração com os demais sujeitos envolvidos para compreender e agir sobre a situação problematizada (cf. KLEIMAN, 2001). Assim, a exploração de nossos dados iniciais se relaciona a outras ações delineadas para o segundo semestre de 2014 que envolverão, em situações naturalísticas de atuação como coordenador pedagógico, professores e equipes gestoras das escolas na discussão sobre a produção dos projetos pedagógicos.

Palavras-chave: Letramento Profissional. Ensino. Planejamento. Avaliação.

4. Teoria e História Literária

**J.-K. HUYSMANS: TRADUÇÃO COMENTADA DE ESCRITOS SOBRE ARTE
(1867-1905)**

Adriano Lacerda de Souza Rolin

RESUMO: A dissertação consiste numa tradução de textos sobre arte de Joris-Karl Huysmans, romancista e crítico francês que viveu entre 1848 e 1907. A coletânea, acrescida de introdução e comentários, está sendo organizada a partir dos textos consultados em recente pesquisa financiada pela FAPESP e realizada em acervos de obras raras da Paris-Sorbonne Paris IV e da Biblioteca Nacional Francesa, entre setembro de 2013 e fevereiro de 2014. A edição dos “*Écrits sur l’art*” de Huysmans publicada em 2006 pela Bartillat e estabelecida por Patrice Locmant vinha sendo utilizada até então, mas mostrou-se negligente em vários aspectos quando submetida à comparação com as publicações oriundas de periódicos do XIX. Figura constante nos salões desse século desde a juventude, J.-K. Huysmans foi dinâmico em sua crítica sobre arte: advogou a favor do impressionismo de Édouard Manet e Edgar Degas; reservou longas e elogiosas páginas ao simbolismo de Gustave Moreau e Odilon Redon; por fim, convertido ao catolicismo, encantou-se com a arte religiosa de primitivos alemães, em cujo “naturalismo espiritualista” encontraria a síntese de seu itinerário estético, sobretudo nas obras de Mathias Grünewald (1470-1528). Dados o combate aos academicismos então em voga e as aspirações modernas presentes no autor, a fortuna crítica coloca o conjunto de seus textos sobre arte ao lado daqueles de Diderot, Stendhal ou Baudelaire. Chegaram a ser publicados volumes sobre arte de Huysmans: “*L’Art moderne*” (1883) e “*Certains*” (1889) em vida; “*Trois Primitifs*” (1908), postumamente. Entretanto, apesar de em cada um deles haver uma predominância temática (impressionismo, simbolismo e arte religiosa respectivamente), à exceção do que se encontra em “*Trois Primitifs*”, estamos diante de coletâneas de textos antes publicados na imprensa e os assuntos quase sempre se misturam – seja em resenhas de salões, comentários sobre pintores específicos ou acerca de determinada obra. Por isso, em vez de escolher um ou outro livro crítico, optei por traduzir e comentar uma seleta dos textos considerados mais representativos das particularidades do autor e a um só tempo de questões críticas e estéticas essenciais no contexto finissecular. Para o comentário introdutório, tenho procurado trabalhar, além de uma visão panorâmica da obra romanesca do autor, a relação da crítica de arte de Huysmans com outros textos do mesmo gênero, desde as conferências seiscentistas da Academia Real, passando por Diderot e Baudelaire até chegar a Zola, espécie de líder no engajamento pela arte moderna contra o oficialismo estético vigente no XIX. Venho explorando os conceitos de “*crise de plume*” e “*souveraineté du pinceau*” aprofundados por Valazza (2013) e, a partir de trabalhos como os de Lichtenstein (1989) e Jeannerod (2013), analisando a presença do “*ut pictura poesis*” nos escritos huysmansianos. Apoiando-me ainda em extensa bibliografia que, na França, já há algum tempo vem considerando a obra de Huysmans para além de seu livro mais célebre, “*Às Avestas*” (1884), destaco os trabalhos de Trudgian e seu “*L’Esthétique de Huysmans*” (1939), Zayed com “*Huysmans: peintre de son époque*” (1973), mais recentemente Peylet com “*Huysmans: vers une vision synthétique de l’oeuvre*” (2000), e uma infinidade de cartas, resenhas e artigos, seja os presentes nas publicações dos “*Bulletin de la Société J.-K. Huysmans*” desde 1927, seja os consultados no acervo de manuscritos da Bibliothèque de l’Arsenal

(Paris). A pesquisa vem reafirmando a pintura como baliza essencial na obra de Huysmans e o caráter representativo de uma trajetória estética cuja evolução levaria Fernande Zayed a classificá-lo como “pintor de sua época”. Confirma-se também a necessidade de, na esteira de Catharina (2005) e Amaral (2007), levar adiante o estudo huysmansiano na universidade brasileira, escassa de bibliografia e especialistas de e sobre um autor importante para compreender um “fin de siècle” cujos desdobramentos estético-literários sentimo-los fortemente ainda hoje.

Palavras-chave: Literatura comparada. Literatura Francesa. Crítica de arte. Salões. Fin de siècle.

QUADRINHOS AUTOBIOGRÁFICOS: UM ESTUDO DE ALISON BECHDEL

Aline de Alvarenga Zouvi

RESUMO: Nosso trabalho em andamento propõe o estudo de histórias em quadrinhos autobiográficas – uma combinação de meio e gênero não muito recente; no entanto, não esgotada em seu estudo. Mais especificamente, analisaremos as duas HQs autobiográficas publicadas por Alison Bechdel, que construiu sua carreira publicando, ao longo de vinte anos, a primeira série lésbica de quadrinhos (“Dykes To Watch Out For”, 1987): “Fun Home – A Family Tragicomic” (Houghton Mifflin Books, 2006, e publicada no Brasil pela Conrad em 2007) e “Are you my mother? – A Comic Drama” (Houghton Mifflin Books, 2012, Cia. dos Quadrinhos, 2013). Observaremos o modo como as obras lidam com as tensões entre imagem e texto, autobiografia e artifício, levando em conta o nascimento da HQ como produto de consumo de massas, sua apropriação pelo underground (assim como a relação existente entre o próprio underground e a autobiografia, como mostram as publicações de Robert Crumb e Harvey Pekar), e o processo que levou a HQ a ser vista, mesmo que ainda sob tensão, como arte. Em “Fun Home”, Bechdel mostra episódios de sua infância até sua adolescência, cobrindo a época em que teve Transtorno Obsessivo-Compulsivo (a mesma época em que começou a escrever diários e descobrir sua fixação por registrar a sua vida), chegando até os seus vinte anos, idade com a qual contou aos seus pais que era lésbica. Duas semanas depois, seu pai comete suicídio, e só então ela descobre que ele também era homossexual. Bechdel, enquanto escreve sua autobiografia, concentra-se na história de seu pai. A relação entre os dois, conectada pela literatura, é mostrada nos quadrinhos de diversas formas, as quais tentaremos explorar, assim como a aproximação de Bechdel da homossexualidade, que também é feita através dos livros. Em “Are you my mother?”, a autora relata episódios da sua idade adulta, concentrando-se nas sessões de terapia que frequentou e as leituras de psicanálise que emprega para tentar entender a sua relação, desta vez, com a sua mãe. Será dada atenção à questão da auto-representação tanto em imagem como em texto – a exposição do invisível e do inefável pertencentes ao trauma (e teorias divergentes de tal pensamento). O modo de Bechdel de narrar sua vida e a de seus pais, mediado por citações a textos e biografias de escritores e psicanalistas, nos instiga a analisar a estrutura dos paralelos feitos entre a vida de sua família e a vida dos artistas que admiravam e os personagens criados por eles, sendo essa estrutura o foco principal do nosso estudo, despertando, também, questionamentos sobre o tipo de uso que a HQ faz da literatura (se depende dela, se a doméstica, etc.). Merece igual atenção a conexão entre a construção de identidade e a descoberta da homossexualidade, discutidas em ambas as HQs. O presente trabalho é guiado pelas seguintes palavras de Charles Hatfield: “esta escola pós-Pekar de autobiografia, assim como o âmbito de quadrinhos atual como um todo, é um paradoxo: uma colisão de hábitos comerciais mainstream e sensibilidade contra-cultural” (HATFIELD, 2005, p. 112, tradução livre). O trabalho pretende, portanto, estudar a obra de Bechdel criticamente, levando em conta os problemas e reflexões que podem aparecer quando nos deparamos com uma combinação do meio dos quadrinhos e o gênero da autobiografia. Paralelamente, é fundamental compreender o papel dos quadrinhos na expressão política e artística das mulheres e dos homossexuais – Bechdel pertence às duas esferas, contribuindo para a visibilidade do pensamento feminista em

seu trabalho, a ponto de ser mais conhecida pelo teste que criou (“The Bechdel Test”, popularizado na internet, confere se uma obra de arte contém, no mínimo, duas mulheres, e se o assunto que elas discutem é diferente do assunto “homem”), comumente aplicado às produções de cinema.

Palavras-chave: Autobiografia. História em quadrinhos. Identidade.

A DEMEURE DE JULIO CORTÁZAR: APROXIMAÇÕES PARA UMA LEITURA DE *RAYELA*

Amanda Luzia da Silva

RESUMO: Em meio às comemorações do centenário de nascimento de Julio Cortázar, temos assistido o recrudescimento de um debate antigo sobre a permanência da produção cortazariana no cânone da literatura latino-americana. Do âmbito acadêmico aos meios de comunicação, o nome de Cortázar aparece com frequência, suscitando controvérsias e levantando questionamentos acerca da atualidade e valor de sua obra: “el mejor Cortázar es un mal Borges”, como teria afirmado o escritor César Aira ao jornal Clarín em outubro de 2004. Diante de um cenário marcado por hostilidades de um lado e homenagens de outro, propomos um estudo sobre *Rayuela* (1963), livro que goza de grande popularidade desde a sua publicação, através do qual procuramos entender o enlace entre a teorização do processo de escrita e leitura dentro do romance, perscrutando os efeitos que ele provoca sobre o leitor e sobre a figura polêmica de seu autor. Tendo isso em vista, a primeira etapa deste trabalho caracterizou-se por um período de seleção e leitura de uma parcela do que foi produzido pela recepção crítica de *Rayuela*, estabelecendo como parâmetro artigos e livros escritos em sequência à publicação do romance e textos publicados após o falecimento do autor, em 1984, quando paulatinamente se observou uma variação no foco e no discurso da crítica literária argentina – de livro fetiche e “enciclopédia chic” dos 60, *Rayuela* passou à obra datada e kitsch dos 80, como salientado por Beatriz Sarlo (cf. 1985, p.946). Durante o desenvolvimento dessa primeira etapa, observamos como a pessoa do autor (e nesse caso, um autor superestrela) incide sobre o discurso ficcional de *Rayuela*, cuja influência ali reverbera a ponto de trazer ao interior da leitura as polêmicas vivenciadas no mundo exterior ao universo estritamente textual. Assim, ao eger *Rayuela*, o leitor estará também elegendo um livro escrito por Julio Cortázar e a hipótese que sustentamos neste trabalho é a de que existem elementos na narrativa, que, se não explicam, pelo menos nos ajudam a entender como a construção entre autor, leitor e livro se edifica desde um eixo de ambiguidades; e tal processo força-nos a rever nossos critérios espaciais: os componentes de dentro da narrativa se projetam, de forma especular, para fora dela e, conseqüentemente, um movimento de mão-dupla traz ao espaço literário elementos até então externos. Diante de tal hipótese, propomos a construção de uma análise em forma de trama, que será tecida através de três linhas norteadoras: a do leitor, a do autor e a do texto. Para compor cada uma dessas linhas, trazemos à baila as reflexões apresentadas por Wolfgang Iser (1972) e Umberto Eco (1979) a respeito da inserção do leitor no campo dos estudos literários. Será por meio das conceituações de leitores implícito, modelo e empírico que poderemos entrever como, embora se trate de instâncias separadas no discurso, uma se implica na outra formando um jogo de semelhanças e disparidades. Em *Rayuela*, encontramos um ponto de inflexão que nos permitirá tensionar e intrincar ainda mais esses conceitos ao agregar à discussão teórica a figura polêmica do autor – separando paralelamente as instâncias de implícito, modelo e empírico. Dessa maneira, buscaremos, em nossas análises, fragmentos do texto que apontam a essas relações e conceituações, encontradas nas numerosas citações de autores reais e ficcionais, no discurso ensaístico e autorreferencial presente nas Morellianas e, sobretudo, na dificuldade de apreender a

figura do narrador (ou organizador do texto): essa voz que se escamoteia na de um outro, tornando-se uma presença silenciosa dentro da narrativa. À busca por tais elementos voltaremos nosso olhar aos seguintes fragmentos: (1) capítulo 99, no qual os personagens discutem as intenções do autor das Morellianas, um diálogo que ganha profusão através do apagamento do narrador; (2) capítulos 1 e 43, nos quais se intensifica a importância dada aos objetos, como mecanismo através do qual a própria quebra do efeito de realidade engendra um novo; (3) capítulo 28, referente à discussão sobre o conceito de realidade, somado de forma perturbadora à morte do bebê Rocamadour, como moldura pela qual se observa a relação descontínua entre linguagem e realidade; (4) e ao Tablero de Dirección, seguido das duas epígrafes obliteradas na leitura salteada sugerida pelo livro, como indícios da presença de um narrador contaminado pela imagem do autor. As análises serão tomadas como instrumento através do qual será possível vislumbrar como a relação entre leitor, autor e texto em *Rayuela* se projeta de forma especular durante leitura, criando um efeito de rasura na barreira entre a ficção e a realidade. Ainda que esse seja um mecanismo usado para quebrar o efeito de realidade (BARTHES, 1968:84-89), ambigualmente, ele permite que um outro semelhante irrompa na cena de leitura, e nele o leitor se vê envolvido e implicado em um jogo cujas armadilhas nem mesmo o autor – arquiteto desse engenho – pôde esquivar-se.

Palavras-chave: Julio Cortázar. Recepção Crítica. Leitor. Autor. Efeito de Realidade.

I KNOW WHAT YOU MEAN [OU DO CRÍTICO COMO PERSONAGEM NO “THE SISTERS” DE JOYCE]

Amara Rodovalho Fernandes Moreira

RESUMO: Confrontar as duas versões publicadas de “The Sisters”, a primeira no jornal “The Irish Homestead” [1904] e a segunda já como abertura do livro “Dubliners” [publicado em 1914, mas tendo a última redação por volta de 1909], pode nos oferecer generoso acesso à maneira muito peculiar com que James Joyce descobre e transforma os sub-, e frequentemente mal- e des-, entendidos num dos motores principais de sua prosa, ensaiando já os primeiros passos consistentes rumo à indeterminação de sentidos que caracterizaria a sua obra vindoura. Joyce prosador, aquele que seria capaz de escrever o “Ulysses”, surgirá em algum momento entre essas duas versões, e será nosso intuito aqui não só trabalhar os motivos que se nos apresentam para sustentar tal afirmação como também explorar a maneira sui generis com que essas duas versões dialogam. Antes de mais nada, convém perguntar-nos a respeito da estranha ligação que elas mantêm entre si: será a primeira um rascunho do conto definitivo, aquele publicado no “Dubliners”, ou será ela mera matéria-prima duma obra autônoma, anômala em relação à proposta inicial? Pois, se é óbvio que a história seria a mesma, é igualmente óbvio que o que ela nos diz em cada caso é radicalmente diverso, e, sendo assim, impõe-se a pergunta sobre a validade de utilizar-se a versão curta-ainda-que-pródiga para alterar a inteligibilidade da versão sóbria-ainda-que-longa. O que se ganha, aliás, quando mobilizamos a versão do “The Irish Homestead” para preencher as lacunas voluntariadas por aquela publicada em livro é uma pergunta igualmente urgente. A quantidade de hipóteses levantadas pela crítica joyceana a respeito do comportamento do Padre Flynn, personagem central de “The Sisters”, hipóteses essas que vão desde pedofilia [confundida por parte considerável da crítica pura e simplesmente com transgressão, ou mesmo comportamento, homossexual – algo revelador, nos dias de hoje] e sífilis até simonia e alcoolismo, todas possíveis ainda que incomprovadas, coloca-nos de cara uma questão que tem passado ao largo das abordagens até o momento propostas: cabe a nós resolver esse enigma ou será que a mera tentativa de desvelá-lo acaba por converter-nos num desses personagens do livro, “fond of delivering final judgments” [Joyce, Dubliners, “Two Gallants”: 44]? Vista por esse ângulo, é como se a obra ganhasse consciência desse modo de fazer crítica e procurasse atirá-lo até o ponto em que esse fazer se transformasse num dos personagens do livro: ou seja, o conto deixaria de versar tão-somente sobre a forma com que o garoto-narrador reage à morte de seu velho amigo, o paralítico e misterioso Padre Fynn, para ao invés disso converter-se também no embrião dum sem-número de continuações [na melhor das hipóteses] prováveis, algum tanto das quais instigadas pelo próprio Joyce, todas elas postas em extenso apenas por seus críticos [o que nos leva a pensar nas “fan fictions” de hoje em dia]. Quais seriam, afinal, os vícios e comportamentos que Joyce buscou encapsular nessa sua obra de estreia na prosa, esse “nicely polished looking-glass” onde os irlandeses poderiam dar uma bela olhada em si mesmos [Joyce, Letters, volume I: 64]? Estariam esses vícios no enredo em si ou mais propriamente na maquinaria da obra, interessado que Joyce estava em, mais do que mostrá-los às claras, suscitá-los na imaginação do leitor? Buscaremos aqui, pelo confronto entre as duas versões e com olhos nos pontos mais curiosos e interessantes da

crítica joyceana que se debruçou sobre o conto, não só desvelar os limites que a obra impõe a interpretações fechadas como também pensar o quanto o crítico, no afã de solucionar os enigmas propostos por Joyce, não corre o risco de se converter ele próprio num personagem dessa mesma obra.

Palavras-chave: James Joyce. Dubliners. The Sisters. Versões. Indeterminação.

**AUTOBIOGRAFIA, CRÍTICA E FICÇÃO: O PERSONAGEM-ESCRITOR EM
ROBERTO BOLAÑO E ENRIQUE VILA-MATAS**Ana Paula dos Santos de Sá¹

RESUMO: Inscritos em um grupo de escritores de língua hispânica que voltam seus enredos a uma reflexão sobre a própria literatura, Roberto Bolaño e Enrique Vila-Matas afirmam-se como um produtivo ponto de partida para a análise da incidência do recurso metaliterário nas narrativas do final do século XX, início do XXI. Embora o pertencimento de ambos a esse universo literário seja frequentemente reconhecido e reafirmado pela crítica, e ainda que se trate de escritores muito estudados no Brasil e no exterior, são poucos os trabalhos voltados à comparação de suas poéticas. Reconhecendo a existência de tal “lacuna”, propõe-se com esta Dissertação uma reflexão atenta aos contornos dessa “literatura sobre literatura”, tendo como foco a análise da função do personagem-escritor em dois romances de Bolaño (“Estrella Distante”, de 1996, e “Los Detectives Salvajes”, de 1998) e em dois de Vila-Matas (“El mal de Montano”, de 2002, e “Doctor Pasavento”, de 2005). A leitura da fortuna crítica mais recente de Bolaño e Vila-Matas permite observar a recorrência de trabalhos interessados em pensar suas poéticas a partir do que seria um possível “retorno do Autor”, questão atualmente abordada por pesquisadoras como Linda Hutcheon e Leonor Arfuch. Trata-se de uma vertente crítica atenta às implicações da presença da figura do escritor na ficção contemporânea, que tem reavivado discussões acerca do papel e do lugar da entidade narrativa, do nome de assinatura na capa do livro, da imagem pública do escritor etc. Visando contribuir com esse debate, levanta-se aqui a seguinte pergunta: qual é a importância do perfil, da postura e dos devaneios dos personagens-escritores de Bolaño e Vila-Matas enquanto “operadores” (ou instâncias) do discurso autobiográfico e do discurso crítico na ficção? Dividida em duas seções, a referida Dissertação inicia-se com um questionamento da atual associação de suas poéticas à denominada “autoficção”, a fim de elucidar qual é relevância da autobiografia dos autores na composição do personagem-escritor. Para isso, contrapõem-se as perspectivas críticas postuladas pelos pesquisadores espanhóis José María Ponzuelo Yvancos e Manuel Alberca, e revisam-se as propostas de Philippe Lejeune sobre o gênero autobiográfico. Nessa primeira seção, defende-se fundamentalmente que, longe de rememorem/jogarem exclusivamente com aspectos de uma autobiografia definida nos termos de Lejeune, e assim dialogarem com os pressupostos básicos da autoficção, as informações pessoais frequentemente emprestadas por Bolaño e Vila-Matas a seus personagens não desestabilizam ou questionam nem a fronteira entre verdade e ficção, nem o pacto de leitura de seus romances. Observa-se que a maioria dos traços autobiográficos que perpassa o perfil de seus personagens-escritores origina-se de experiências de caráter literário, isto é, de vivências consequentes do ofício de escritor, e não de experiências que exaltam as intimidades dos respectivos autores. Nesse sentido, é possível afirmar que os vestígios autobiográficos presentes nas narrativas de Bolaño e Vila-Matas contribuem, sobretudo, para um retrato crítico de seus contextos literários e para o embasamento de discursos sobre diferentes escritores e obras, e não para a configuração da escrita de um “eu” pessoal do autor. Com base nessas considerações, a segunda e

¹ Bolsista Fapesp.

última seção da Dissertação volta-se ao estudo do papel do personagem-escritor no que concerne ao discurso crítico sobre a literatura e o ofício de escritor que permeia os romances de Bolaño e Vila-Matas — passando por uma reflexão acerca dos possíveis vínculos da Estética com a Ética e/ou com a Política —, bem como de que modo e em que medida as experiências pessoais dos autores, precipitadamente associadas à autoficção, fazem-se presentes na configuração desses cenários e quais funções elas assumem. Em relação a Bolaño, recupera-se a analogia entre a figura do escritor e a do etnógrafo, no sentido de que grande parte de sua obra pode ser vista como uma releitura crítica (ou “re-historização”) de seu próprio universo literário, especialmente do contexto ao qual pertenceu na juventude, a América Latina de 1970. No que diz respeito às ficções de Vila-Matas, ressalta-se o papel determinante das experiências de leitura emprestadas pelo autor a seus narradores, as quais direcionam os contornos do perfil privilegiado em seus romances, o do escritor do século XXI. A título de conclusão, esta pesquisa indica que, no que tange às poéticas dos dois autores, vê-se mais um “falar de literatura” do que a tentativa de um “falar de si”. Trata-se de um cenário onde o escritor retratado rememora e destaca mais os contextos, opiniões, leituras, trajetórias e posturas literárias dos respectivos autores, conferindo um tom ensaístico à ficção, do que um “eu” intimista ou confessional. Em síntese, nota-se nos quatro romances um hibridismo genérico multifacetado, marcado pelo constante trânsito entre autobiografia, crítica e ficção, e não pela predominância do primeiro gênero.

Palavras-chave: Literatura Comparada. Roberto Bolaño. Enrique Vila-Matas. Personagem-escritor. Autoficção.

**DESUMANIZANTES, DESUMANIZADOS: ALGOZES E VÍTIMAS EM
ESTHER MUJAWAYO E ROBERT ANTELME**

Antônio Deval Neto

RESUMO: O objeto de nossa pesquisa são as formas como as interações entre vítimas e algozes são representadas e registradas pelos sobreviventes em seus testemunhos ou obras ficcionais que versem sobre experiências extremas de violência, como os genocídios judeu, a Shoah e tutsi, o Itsembabatutsi. Partimos do pressuposto, já explorado por Todorov (1995) e Des Pres (1980) de que as regras de sociabilidade não deixam de existir nos campos de concentração, mas não são as mesmas de fora deles. Tal pressuposto seria também aplicado a outros casos de violência extrema, como o Itsembabatutsi, como sustentado por Josias Semujanga em seu livro *Le Génocide, Sujet De Fiction?*(2009) que demonstra como a literatura ruandesa em torno do genocídio tutsi é abordada usando a Shoah como intertexto. Sabe-se que os campos foram lugares onde, por excelência, as pessoas eram despidas de humanidade, seja pela animalização, aviltamento, reificação. Nessas circunstâncias, quais seriam as relações estabelecidas entre carrascos e vítimas? O séc. XX foi palco de perseguições, limpezas étnicas, massacres e genocídios que deixaram uma cifra assustadora de desabrigados, desenraizados e mortos. Em todos os casos encontra-se a denominação de um inimigo do qual é preciso se livrar através da expulsão ou do aniquilamento. A destruição desse inimigo só é possível através da sua exclusão social por meio de um processo de desumanização que lhe imputa uma condição de inferioridade em relação ao outro (COQUIO, 2004; DADRIAN, 2005; SÉMELIN, 2009; TODOROV, 1994). Para a criação do inimigo, é preciso antes a criação de um discurso identitário que agregue uma população sob traços comuns: cultura, nacionalidade, língua, história, raça, religião etc (COQUIO, 2004; SÉMELIN, 2009), tal discurso cria um "nós" e marca as diferenças entre este grupo e um outro, criando assim um "eles" (SÉMELIN, 2009; WIEVIORKA, 2002). A dicotomização e oposição entre estes dois elementos e a transformação do outro em inimigo estão na base dos casos de violência extrema. A assimilação deste "outro" que se tornará a vítima, a animais ou coisas tem por fim torná-lo não humano aos olhos do "nós". Nos casos extremos, como os campos de concentração e os 100 dias do genocídio dos tutsis, as vítimas (deportados e tutsis) não eram vistos como humanos pelos seus agressores (SÉMELIN, 2004). Mas, como seria possível fazer com que pessoas normais, cumpridoras de seus deveres, religiosas muitas vezes, fossem capazes de matar por dias, meses, anos a fio sem enxergar na vítima um ser como ela se ela mesma não tivesse sofrido um processo de desumanização e brutalização? É comum entre os sobreviventes, principalmente dos campos, a percepção de que os guardas agem como animais ou de maneira mecânica. Os massacres tomam a forma de um trabalho "se tornando uma atividade progressivamente profissionalizada e apresentando inúmeras analogias estruturais com outras atividades nas quais as tarefas são repartidas e organizadas" (WELZER, 2007, p 215) e caracterizados por uma crueldade e brutalidade extremas (idem, p 222). A percepção dos massacres como trabalho é comum entre os executores ruandeses. Em Ruanda, os massacres ocorriam durante o dia e, no fim da tarde, uma sirene era tocada anunciando o fim da jornada, como numa fábrica, o que nos coloca em um inegável paralelo com os campos de concentração e extermínio nazistas, que eram concebidos e percebidos como fábricas tanto na

exploração da força de trabalho dos deportados quanto pela forma industrial que o assassinato em massa aí assume. Robert Antelme percebe a estrutura do campo de concentração como uma imensa máquina onde todos são parte da engrenagem: prisioneiros, kapos e SS. O processo de desumanização que ocorre nos campos visa, antes de tudo, os prisioneiros, mas também atinge os dirigentes, os kapos e os guardas, mesmo que de maneira diferente. Enquanto os carrascos oprimem e torturam os prisioneiros com intuito de destituí-los de toda humanidade, o sistema concentracionário age sobre eles os desresponsabilizando e os desumanizando (o mesmo pode ser dito dos interahamwe (milícias extremistas hutus) em Ruanda). Se o fim de desumanizar a vítima é o de aniquilá-la, o processo que toca os carrascos tende a robotizá-los, ou seja, fazer com que façam seu trabalho sem refletir, sem lançar mão de nenhuma emoção e sem tomar nenhuma decisão por conta própria. Se o processo de desumanização transforma as vítimas em animais, ele toca os algozes os transformando em ferramentas e engrenagens de uma máquina enorme e terrível.

Palavras-chave: Desumanização. Shoah. Genocídio de Ruanda. Esther Mujawayo. Robert Antelme.

DESAFIOS ESTÉTICO-FORMAIS NA PEÇA BLASTED, DE SARAH KANE

Camila Aparecida Viana Amaral

RESUMO: A escritora Sarah Kane destacou-se expressivamente na cena dramaturgica dos anos noventa ao produzir as peças mais polêmicas da década, sendo considerada uma das vozes mais perturbadoras de sua geração. Kane é conhecida principalmente por sua estreia no teatro – com a polêmica peça *Blasted* em janeiro de 1995 – e a inesperada maneira como faleceu: suicidando-se aos 28 anos de idade, em fevereiro de 1999. Apesar da curta duração de sua carreira, Kane teceu contribuições importantes para o teatro britânico, principalmente no que concerne à renovação da linguagem dramaturgica da contemporaneidade. Em meio à avassaladora corrente pós-modernista que instaura o fim de um estilo particular e o reinado dos pastiches em uma realidade fragmentada, descontínua, ahistórica, apolítica, desencantada em relação ao futuro, observa-se a resistência de dramaturgos como Sarah Kane – cujas escolhas estéticas, ideológicas e formais – remetem a um posicionamento crítico de arte estritamente relacionado ao contexto sociopolítico dos anos noventa, explorando o fenômeno da primeira geração pós-Thatcher, assim como as atrocidades ocorridas na Guerra da Bósnia. Hoje, Sarah Kane é reconhecida como o principal nome de uma geração inteira de dramaturgos britânicos da década de noventa que almejavam transmitir sua crítica social por meio da chocante estética do “in-yer-face theatre”. O escritor britânico e crítico de teatro Aleks Sierz cunhou a expressão *In-Yer-Face Theatre* para descrever o período na década de noventa, quando um ataque de peças violentas, chocantes e confrontadoras, escritas por jovens escritores britânicos invadiram os palcos ingleses e causaram uma revolução na escrita e o ressurgimento do teatro britânico. Esta geração de autores abordava em suas obras temas extremamente perturbadores e desconcertantes ao questionar as normas morais e ao afrontar as ideias vigentes sobre o que deveria ser mostrado nos palcos, extrapolando, assim, os limites do que era aceitável. De modo a realizar uma pesquisa histórica atrelada a uma pesquisa formal - tendo em vista que os elementos conceituais e temáticos são inseparáveis da composição da peça - a obra de Sarah Kane será analisada à luz da principal obra crítica referente ao in-yer-face theatre, escrita pelo crítico Aleks Sierz, juntamente com as transformações na estrutura dramática a partir da crise no drama no final do século XIX, extensamente discutidas pelo crítico Peter Szondi na *Teoria do Drama Moderno*. Este trabalho partirá do pressuposto teórico da dimensão histórica e dialética da forma, entendida por Peter Szondi como conteúdo consubstanciado por ser o produto da sedimentação de inúmeras camadas históricas. A partir do final do século XIX, Szondi identifica a crise na forma do drama burguês devido à dificuldade deste em assimilar os novos processos e conteúdos sociais. Portanto, o modelo de drama constituído no período renascentista já não era mais capaz de dar expressão ao conteúdo social que o artista objetivava veicular, gerando uma contradição entre a forma de expressão e o conteúdo veiculado. Nesse sentido, a pesquisa propõe o estudo de pontuais questões estéticas e formais na peça *Blasted*. Em linhas gerais, objetiva-se investigar os procedimentos formais utilizados por Kane e as relações entre tema e forma. Busca-se provar, por meio de análise crítica, a relevância da obra de Sarah Kane para a dramaturgia dos anos noventa e dos anos subsequentes, não devendo esta ser entendida como um espetáculo de barbáries com um fim em si mesmo, conforme concebido por boa parte da crítica

naquele momento, mas sim, como legítima constituição de uma visão crítica de seu tempo formalmente inovadora e socialmente/politicamente engajada. As justificativas desta pesquisa apontam para a relevância da obra de Sarah Kane no cenário teatral da Grã-Bretanha dos anos noventa e dos anos subsequentes. Em meio à avassaladora corrente pós-modernista que instaura o fim de um estilo particular e o reinado dos pastiches em uma realidade fragmentada, descontínua, ahistórica, apolítica, desencantada em relação ao futuro, observa-se a resistência de dramaturgos como Sarah Kane – cujas escolhas estéticas, políticas e formais – remetem a um posicionamento crítico de arte estritamente relacionado ao contexto sociopolítico dos anos noventa, explorando o fenômeno político da primeira geração pós-Thatcher, assim como as atrocidades ocorridas na Guerra da Bósnia. *Blasted* é uma peça política em sua origem, conteúdo e efeitos. Kane a escreveu como uma resposta direta à guerra da Bósnia que estava ocorrendo naquele exato momento, criticando a complacência da classe média britânica durante a época dos recorrentes genocídios na Bósnia e na Sérvia. *Blasted* desenha paralelos entre a violência doméstica presente no relacionamento de um casal e uma guerra civil de grande escala com o objetivo de reformular a distância aparente da guerra como algo mais familiar para a psique do público britânico. Nesse sentido, o teatro de Kane critica os crimes da humanidade ao enveredar-se pelo contexto social e político da época. Fatores políticos e sociais da Grã-Bretanha nos anos noventa desempenham um papel determinante no teatro de Kane.

Palavras-chave: Teatro Britânico - século XX. In-yer-face Theatre. Sarah Kane. Guerra da Bósnia. Forma dramática.

PODE O SUBALTERNO FALAR? A FRONTEIRA DO SILÊNCIO NA LITERATURA DE GLORIA ANZALDÚA

Carlos Vinicius da Silva Figueiredo

RESUMO: Criada no ano de 1821, a fronteira entre México e Estados Unidos não só demarcou um espaço territorial, estabeleceu também um abismo entre dois povos, onde se romperam crenças, sonhos e culturas. Ao narrar as precariedades da vida fronteiriça, Gloria Anzaldúa em seu livro *Borderlands/La Frontera: The new mestiza*, consegue dar voz aos sujeitos subalternos que povoam sua obra, relatando sua experiência como Chicana, lésbica, ativista e escritora que cresceu na fronteira entre México e Texas (EUA). A obra de Anzaldúa rediscute o conceito de fronteira, não apenas como uma divisão territorial, mas uma divisão acerca da identidade cultural, social e física que distanciam os povos e suas relações de poder. Segundo a autora, “The U.S.-Mexican border es una herida abierta where the Third World grates against the first and bleeds [...] – a border culture. A border is a dividing line, a narrow strip along a steep edge. It is in a constant state of transition. The prohibited and forbidden are its inhabitants. Los atravessados live here: the squint-eyed, the perverse, the queer [...] in short, those who cross over, pass over, or go through the confines of the “normal.” Gringos in the U.S. Southwest consider the inhabitants of the borderlands transgressors [...]” (ANZALDÚA, 2012, p.25) Nesse sentido, observa-se que Anzaldúa produz a partir da condição na qual se encontra, quer tenha consciência disso ou não. A consciência subalterna fala por sua obra. Para Walter Mignolo, “a razão subalterna é aquilo que surge como resposta à necessidade de repensar e reconceitualizar as histórias narradas e a conceitualização apresentada para dividir o mundo entre regiões e povos cristãos e pagãos, civilizados e bárbaros, modernos e pré-modernos e desenvolvidos e subdesenvolvidos, todos eles projetos globais mapeando a diferença colonial.” (MIGNOLO, 2003, p. 143) Dialogo marcado com o que propõe John Beverly (2004), ao observar que a perspectiva subalternista conduz à possibilidade de nova política interpretativa, que oportuniza sair das amarras europeia e americanista, dando vida ao embate entre o latino-americanismo e a hegemonia americana, desenvolvendo novas perspectivas para seus povos. Os estudos subalternos não só implicam uma nova forma de produção autocrítica acadêmica, como, também, conduzem à possibilidade de uma nova forma de conceber o projeto de esquerda em condições de globalização e pós-modernidade, ocasião que o desejo de democratização e desierarquização cultural se faz presente. Diante disso, entende-se “subalterno” como expressão que se refere à perspectiva de pessoas de regiões e grupos que estão fora do poder da estrutura hegemônica; daí o conceito de subalternidade exigir um espaço territorial definido e demarcado, bem como àqueles que se encontram fora do pensamento hegemônico. Observa-se que a condição de subalternidade é a condição do silêncio, ou seja, o subalterno carece necessariamente de um representante por sua própria condição de silenciado. Gayatri Chakravorty Spivak, no texto seminal “Can the subaltern speak?”, aponta para o termo “subalterno”, não apenas como uma palavra clássica para o oprimido, mas como representação aos que não conseguem lugar em um contexto globalizante, capitalista, totalitário e excludente, no qual o “subalterno é sempre aquele que não pode falar, pois, se o fizer, já não o é.” “*Borderlands/La frontera*” lida com a representação da figura do subalterno, a expressão do dominado, do oprimido, da

dualidade entre a opressão e o processo de resistência na pós-colonialidade. Com isso, objetiva-se, neste início de tese de doutoramento, despertar um olhar crítico e reflexivo diante da obra de Anzaldúa, trazendo a tona os conceitos de subalternidade e identidade cultural na literatura fronteiriça. Ao revisitar tais conceitos, a tese procurará discutir sobre questões referentes à cultura latino-americana, marginalidade, linguagem e hibridismo presentes na obra de Anzaldúa. Para alcançar tais objetivos, a pesquisa inscreve-se em uma perspectiva teórica, respaldada pelos pressupostos dos Estudos da Subalternidade e Estudos Culturais, cujos teóricos Spivak (1988), Guha (1988), Beverly (2004), Silviano Santiago (2004), Bhabha (2000), Mignolo (2003), Hall (2008) serão revisitados durante o processo.

Palavras-chave: Cultura. Identidade. Hibridismo. Fronteira. Subalternidade.

O PERFEITO MÁGICO DAS LETRAS FRANCESAS: APROXIMAÇÕES ENTRE O CONTO FANTÁSTICO E A POESIA DE THÉOPHILE GAUTIER

Cristovam Bruno Gomes Cavalcante

RESUMO: Se, nos dias atuais, o nome de Théophile Gautier (1811 – 1872) é negligenciado pela história e crítica literária e acaba sendo acomodado no discurso do lugar-comum, que o classifica por, simplesmente, “o contista fantástico” de “La morte amoureuse” ou “o poeta parnasiano” de “Émaux et Camées”, em meados do século XIX, esse nome era tido como um dos mais virtuosos nas Letras francesas: mentor de um primeiro Gustave Flaubert e “mestre e amigo” de Charles Baudelaire, tendo ainda ao seu lado o amor fraterno de um Victor Hugo e a admiração dos irmãos Goncourt e de um jovem Mallarmé. Um escritor que, segundo Baudelaire, tinha na precisão da pena a arte de evocar imagens e sensações, como nenhum outro: uma “sorcellerie évocatoire”. O objetivo deste projeto é estabelecer, então, relações entre a obra, alguns contos e alguns poemas, e a concepção estética que defende Théophile Gautier em seus ensaios e prefácios. Dessa forma, estamos buscando encontrar a unidade entre a produção fantástica do autor, como os contos “Le pied de Momie” (1840) e “Arria Marcella, souvenir de Pompeï” (1852) e sua poesia, cuja expressão máxima é a coletânea de poemas “Émaux et Camées” (1852), e relacioná-las com, por exemplo, o polêmico prefácio de “Mademoiselle de Maupin” (1835 – 1836), que representa uma crítica violenta à doutrina social sansimonista e, sobretudo, uma crítica ao utilitarismo da sociedade burguesa do século XIX. Tal unidade já pode ser percebida de forma interessante: tanto na sua produção prosaica quanto na poética, o aspecto social contemporâneo, compreendido como o universo contemporâneo referencial, é frequentemente rearranjado em sua escrita; e, por vezes, quando o descreve tal como é, trata de impor sua crítica, uma crítica ferrenha à reificação do mundo. Gautier, em ambos, prosa e poesia, quando se trata do conteúdo, recusa tecer opinião política e moral, parece dominar o subjetivismo desmedido e busca no objetivismo consciente a distância exata para a captação daquilo que transcende os impérios e as religiões, ou seja, sua ambição é o absoluto, o eterno. Ele não retrata os acontecimentos turbulentos de sua época, não educa nem moraliza, muito menos pensa em intervir ou modificar o meio externo com sua arte, como o tenta Victor Hugo, seu amigo e contemporâneo, e isso é claro no poema que abre a sua obra poética de 1852. No poema intitulado “Prefâce”, Gautier deixa claro que se recusou a macular sua arte com o meio externo: permaneceu com as janelas fechadas, enquanto fazia seus “Esmaltes e Camafeus”. O que buscava Gautier era o eterno, que poderia ser sentido no Belo e que emergiria pela perfeição da forma; e que poderia ser criado pelo acuro do artista. Quanto à organização de suas narrativas (também há o “récit” em muitos de seus poemas), suas personagens são indivíduos solitários, decadentes, que, pela fantasia, permanecem encantadas com as figuras marmóreas das esculturas, com as mulheres dos quadros e das tapeçarias. Gautier usa, ainda, o sonho como pretexto para adentrar em universos antigos e, por vezes, fantasiosos (a Grécia e o Egito Antigo, por exemplo) para, assim, poder exercitar seu estilo “pictural” e “evocatório” na descrição de lugares e objetos. Tais explicações, ainda não foram aprofundadas, mas serão possíveis à luz de “Estética: a Arte Clássica e a Arte Romântica” de Hegel e das elucidações dos ensaios reunidos por J. Guinsburg em “O Romantismo”. Faz-se necessário, ainda, definir também o contexto de produção

de Théophile Gautier, aprofundando a pesquisa nas principais ideias da época, sejam elas literárias ou filosóficas. Além de investigar o significado da recorrência de alguns motivos e temas, como a animação de objetos artísticos e o amor das personagens em relação aos objetos, buscar-se-á descobrir, também, se do ponto de vista da linguagem há equivalências.

Palavras-chave: Théophile Gautier. Estética. Resistência. Contos fantásticos. Poesia parnasiana.

AFINIDADES ENTRE O TRÁGICO DE “ÉDIPO REI” E O TRAGICÔMICO D’ “A VISITA DA VELHA SENHORA”

Daniela Manami Mippo

RESUMO: Com o projeto tem-se o objetivo de comparar as peças de Friedrich Dürrenmatt, “A visita da velha senhora” e “Édipo Rei”, de Sófocles. Os critérios de comparação serão: aspectos trágicos, enredo e distanciamento do público em relação ao espetáculo. Para chegar ao tema do projeto, a leitura de Peter Szondi, “Ensaio sobre o Trágico” (2004), foi determinante. Dentre as análises do trágico, o autor analisa a peça de Sófocles, “Édipo Rei”, em que afirma que o trágico não está no aniquilamento, mas no fato de que a própria salvação se torna aniquilamento. Consta na análise ainda que apenas no final do caminho do herói para a ruína é que está a salvação e a redenção. Partindo desses pressupostos pensou-se que assim também ocorre na peça suíça “A visita da velha senhora”, em que a salvação também se torna aniquilamento e é no momento da aniquilação final do anti-herói que este encontra a redenção. Foi importante também encontrar no artigo de Askew (1961) diversas comparações entre a peça de Dürrenmatt em questão e a mitologia greco-romana, aludindo principalmente ao mito de Medeia e Édipo, corroborando o estudo comparativo entre as peças envolvidas neste projeto. O estudo comparativo será embasado principalmente nos estudos de Aristóteles (1966) e Peter Szondi (2004). Assim, primeiramente será feita a análise do enredo que se fará pelo enfoque dado ao conjunto de ações que o compõe, tendo em vista que nele estão também implícitas questões de caráter e intenção das personagens agentes. Além disso, é importante que se faça um levantamento de pontos relevantes para o desenvolvimento do tema, como por exemplo, acontecimentos anteriores à ação que são de alguma maneira resgatados nas peças, pois, dessa forma, notar-se-á que diferenças pertinentes ao que se passou antes do momento da ação fazem com que o enfoque desses dois enredos similares seja dado a questões diferentes. Posteriormente o foco será dado às características trágicas. Para tanto, é importante definir a fundo o conceito de Tragédia ou Trágico, tanto para peças clássicas, como é o caso de “Édipo Rei”, como para peças do período em que escreveu Friedrich Dürrenmatt, denominadas Teatro Moderno por teóricos como Peter Szondi, Sábato Magaldi, Anatol Rosenfeld e Iná Camargo Costa. Com esses conceitos bem delineados será possível dar início à comparação entre as peças, já analisando similaridades e diferenças pelo viés trágico à qual cada peça pertence. É interessante se pensar na própria distinção dos gêneros tragédia e tragicômico, que auxiliará também no processo de análise, uma vez que, entendendo melhor quais são as características específicas de cada gênero mais simples será identificá-los e relacioná-los muitas vezes ao próprio conceito trágico. No caso da tragicomédia, é possível ainda identificar quais elementos possibilitam o humor na peça. Para isso serão utilizados também os conceitos sobre o riso de Bergson em “O riso”, além do “Dicionário de teatro” de Pavis, que será utilizado tanto para elementos relativos ao humor quanto ao grotesco, como também para os próprios conceitos de tragédia, trágico, gênero trágico e tragicômico. Por fim, como objetivo decorrente do principal, proceder-se-á a uma investigação da continuidade dos pressupostos do distanciamento épico na obra de Dürrenmatt. No entanto, é preciso atentar para o fato de que ao mesmo tempo em que Dürrenmatt se utilizava de características épicas, também lançava mão de outros recursos teatrais, destarte não se pode afirmar que a obra suíça se

trata de uma peça pertencente ao teatro épico, e sim ao teatro moderno, como afirmou Magaldi sobre o autor: “[...] todos os processos da literatura moderna são visíveis nela, desde a sátira e o grotesco ferozes até a hipérbole abstratizante revivificada pelo expressionismo.” (MAGALDI, 1964, p.135). Na obra de Sófocles, por sua vez, procuraremos características estruturais da tragédia grega clássica que dialogam com o teatro épico, uma vez que preceitos dos clássicos foram retomados na criação do novo épico defendido principalmente por Brecht, sobretudo no que toca ao distanciamento entre espectador e peça. A análise desses três pontos nos permitirá constatar quais resquícios da tragédia clássica ainda são utilizados; a forma como esses resquícios foram ou não modificados, e de que maneira isso influi sobre a obra mais atual.

Palavras-chave: Literatura comparada. Teatro. Trágico. Dürrenmatt. Sófocles.

JOÃO GILBERTO NOLL E AS PERVERSÕES DO REAL (REPRESENTAÇÃO, DESLOCAMENTOS E PERMANÊNCIA EM “O QUIETO ANIMAL DA ESQUINA” E “HARMADA”)

Efraim Oscar Silva

RESUMO: Propomo-nos a um estudo dos romances “O quieto animal da esquina” e “Harmada”, de João Gilberto Noll, para, num diálogo através da teoria e da fortuna crítica do autor, discutir: a) como os dois romances se conectam à tradição literária, sobretudo a da prosa de ficção realista que se firmou a partir do século XIX, sem prescindirem, ao mesmo tempo, dos traços de inovação que caracterizam a ficção contemporânea; b) de que maneira, tendo caráter híbrido, compósito, essas obras representam/expressam singularmente a realidade brasileira contemporânea. Nossa hipótese é de que “O quieto animal da esquina” e “Harmada”, em gradações distintas, representam o real valendo-se tanto das formas clássicas de representação do realismo literário como das formas de representação próprias do romance contemporâneo, e, numa dicção singular, desvelam as ficções/simulacros que a sociedade impinge ao real. A escolha pelos dois romances prende-se ao fato de nessa fase de sua carreira João Gilberto Noll ter experimentado mais intensamente temáticas como a da não identidade, da não história e da solidão, num diálogo sutil com a vida brasileira. Ambos representam o real valendo-se do onírico, do insólito, de um registro espaço temporal que, mais do que a ideia de “tempus fugit” e ubiquidade, evoca esquizofrenia e caos. Para chegarmos à discussão sobre o que os dois romances em foco nesse trabalho trazem de novo e sobre como ecoam o rumor de fundo (tradição) da crítica social na literatura brasileira, faremos um percurso que passa pelas formas da representação romanesca do século XIX ao século XX, pela crise da representação do real e pelos procedimentos narrativos que caracterizaram o gênero romance nesse período e na contemporaneidade. Pela perspectiva da narratologia, veremos as estratégias que os narradores do romance clássico novecentista e do romance moderno adotaram para expressar um real que em princípio era compreensível e ordenado e depois se configurou como caótico e esquizofrênico. Chegaremos então aos narradores de Noll, que se apropriam das instâncias narrativas clássicas ao mesmo tempo em que as subvertem, as inserem numa tessitura narrativa que é, na verdade, experimental. Procuraremos empreender um diálogo com a recepção teórico-crítica da obra de J.G. Noll, particularmente a dos estudos literários, que teve desde cedo a percepção do caráter singular da prosa de Noll na literatura brasileira produzida a partir de 1980. Nosso trabalho tem caráter analítico. Com o fito de atingir os objetivos propostos, adotamos um percurso teórico que se apresenta, metodologicamente, dentro dos eixos temáticos elencados a seguir: a) estudo da forma do gênero romance consagrada no século XIX, a partir das reflexões de Lukács, Ian Watt, Erich Auerbach, Catherine Gallagher e Franco Moretti, entre outros; b) estudo de como a modernidade operou a ruptura com a forma romance, a partir do que se delineou como clássico no século XIX, e redefiniu o que vem a ser o romance, reconfigurando suas estruturas narrativas; c) discussão sobre o romance brasileiro contemporâneo e sobre as formas de representação do real nesse romance; d) reflexão sobre as particularidades da produção romanesca de J. G. Noll e seu diálogo com a realidade sociocultural brasileira a partir dos anos 1980; e) problematização sobre as instâncias narrativas e sobre as novas questões que se lhe

apresentam na contemporaneidade, especialmente em “O quieto animal da esquina” e “Harmada”, a partir dos estudos de teóricos como Walter Benjamin, Gérard Genette, Maurice-Jean Lefebvre, Silviano Santiago, Émile Benveniste e Harald Weinrich, entre outros e f) análise das formas da representação do real nos romances “O quieto animal da esquina” e “Harmada”, com destaque para a ideia de crise e permanência (refração) desse real. O jogo espaço temporal dos narradores dos dois romances instaura, no plano da história, o sentido de presença e ausência de si, de não se ter um rumo, de se estar numa espécie de limbo existencial. Trata-se de uma representação literária essencialmente realista na qual elementos até mesmo muito convencionais do plano do discurso narrativo são dispostos de maneira a criar um cenário desolador, próprio do contexto histórico e social no qual essas obras surgiram: o brasileiro do início da década de 1990. Emerge desse discurso a crítica que desmistifica a complexa maquinaria social que oprime, intimida e aniquila a tudo e a todos que não se ajustam a certa “ordem”. Abordaremos as características formais e expressivas que fazem a obra de João Gilberto Noll singular por reunir elementos do que se poderia chamar de tendências contemporâneas na literatura, ao mesmo tempo em que se filia à tradição do realismo crítico no romance brasileiro.

Palavras-chave: Romance. Representação. Contemporaneidade. Narrador. Narratologia.

**ANTONIO CANDIDO E ROBERTO SCHWARZ TRIBUTÁRIOS DO
PENSAMENTO DIALÉTICO**

Emiliano César de Almeida

RESUMO: Nesta pesquisa de doutorado, pretende-se estudar como se deu o processo de recepção, apropriação e incorporação da estética marxista europeia (Karl Marx, Friedrich Engels, Georg Lukács e Bertolt Brecht) por dois críticos literários brasileiros: Antonio Candido e Roberto Schwarz. De certo modo, parece-nos que o marxismo seja parte importante do ponto de vista de Candido e mais ainda de Schwarz (ARANTES, 1992; CEVASCO E OHATA, 2007; SCHWARZ, 1999). Além disso, o modo como Candido e Schwarz aproveitaram e transformaram a chamada tradição crítica brasileira (os estudos clássicos de interpretação do Brasil) também é um dos eixos centrais das obras dos dois autores, e, por isso, acreditamos que seja preciso pensar o aproveitamento do marxismo em conjunção com essa reinterpretação do Brasil. Diga-se que é esse núcleo de problemas ligados à especificação da experiência histórica brasileira que imanta a reflexão de Candido e Schwarz, e o marxismo comparece de maneira indireta ou modificada em função desse esforço de compreensão das particularidades brasileiras. Esse objeto (as peculiaridades do Brasil) é que comanda a reflexão, e o arsenal de conceitos marxistas precisou ser transformado para funcionar produtivamente, uma vez que a aplicação direta não só não apreendia como atrapalhava a compreensão adequada da dinâmica histórica brasileira. No caso de Candido, acredita-se que seja mais difícil discernir com precisão o que vem do marxismo e o que vem de outras fontes. As concepções críticas de Candido permitem paralelos com Lukács, mas é, de certo modo, pacífico que ele tenha definido seu ponto de vista de maneira independente, sem aproveitamento direto da estética marxista europeia (WAIZBORT, 2007). Quanto ao Schwarz, Brecht é uma referência incontornável, mas também aqui o aproveitamento do marxismo europeu quase nunca é direto. Schwarz faz uma reinvenção - ou, para ser mais preciso, houve uma reinvenção coletiva feita pelo marxismo uspiano (SCHWARZ, 1999, 2000b). Ou seja, ao aproveitar muitos elementos desse marxismo, Schwarz lhe dá uma direção diferente. Em “Um mestre na periferia do capitalismo”, o autor cita nominalmente influências diretas deste trabalho, dentre eles, o próprio Candido, ao qual afirma dever “uma nota especial [...], de cujos livros e pontos de vista” se impregnou “muito, o que as notas de pé-de-página não têm como refletir”. E prossegue, no mesmo parágrafo, mencionando a tradição do pensamento dialético que o inspirou: “Meu trabalho seria impensável igualmente sem a tradição – contraditória – formada por Lukács, Benjamin, Brecht e Adorno, e sem a inspiração de Marx.” (SCHWARZ, 2000b, p. 10). Para pensar os casos específicos de Candido e Schwarz, vale destacar alguns pontos importantes para a análise da formação do itinerário teórico dos respectivos críticos. As leituras sistemáticas que Candido e Schwarz faziam dos livros de Marx, Engels, Lukács e Brecht nunca estiveram apartadas da preocupação de ambos com a formação da sociedade e da cultura brasileira, exposta, para ficarmos em apenas dois casos, em “Dialética da Malandragem”, publicado na Revista do Instituto de Estudos Brasileiros em 1970, e “Um mestre na periferia do capitalismo”, de 1990. Um dos elementos importantes na formação teórica de Candido e Schwarz foi o grupo de estudos de “O Capital”, organizado em 1958 por professores e alunos da Faculdade de Filosofia, em São Paulo. A vulgarização do marxismo, a difícil realidade da União

Soviética e os equívocos conceituais do Partido Comunista Brasileiro foram contestados pelo grupo paulistano, que inicialmente foi inspirado pelas ideias do intelectual francês Claude Lefort, organizador do grupo “Socialisme ou Barbarie”. A Revolução Cubana de 1959 também é uma referência internacional importante para o grupo. A exceção, no Brasil, ao marxismo de manuais foi Caio Prado Jr., com quem se articulou o acúmulo intelectual de uma grande família do café e da política e o prisma marxista. Os trabalhos mais qualificados, de acordo com Schwarz (1999), encontravam-se “na obra de poetas e ensaístas com outra formação, de inserção cultural e histórica mais densa, como por exemplo Oswald e Mário de Andrade [...]” (p. 90). A ideia da consistência integral de um texto não existia no Brasil, salvo exceção da literatura de alguns escritores, Machado de Assis à frente. A leitura dos textos começou a ser feita com o rigor necessário e a explicação da sociedade passava a ser feita por especialistas. Essa leitura metódica e cerrada dos textos também passou a fazer parte dos estudos literários, praticado, cada um a seu modo, por Augusto Meyer, Anatol Rosenfeld, Antonio Candido, Afrânio Coutinho e pelos intelectuais concretistas. A partir do conteúdo exposto acima, surge uma questão: se ambos os autores são tributários do materialismo histórico e dialético, qual seriam as suas contribuições para o marxismo ocidental? A partir das leituras e reflexões iniciais, é possível levantar a hipótese de que os dois, cada um a seu modo, contribuíram para o desenvolvimento da teoria do colonialismo no Brasil. É o que será investigado ao longo dessa pesquisa.

Palavras-chave: Teoria literária. Marxismo. Antonio Candido. Roberto Schwarz. Colonialismo.

A FORMATAÇÃO DO CONSUMISMO E A POLÍTICA EM MARK RAVENHILL

Fabiano Fleury de Souza Campos

RESUMO: A polêmica peça “Shopping and Fucking” (doravante referida como SF), escrita pelo dramaturgo britânico Mark Ravenhill, em 1996, obteve grande repercussão na Inglaterra para, então, ganhar os palcos em diversos países, e tornar-se o foco de calorosas discussões críticas. O objetivo de nossa análise é mostrar as relações entre a peça (em sua relação forma-conteúdo) e o cenário (político, econômico e social) em que se insere, expondo temática e formalmente as peculiaridades da obra e as suas respectivas implicações. Tratamos, portanto, de, a partir do movimento (ou do desenvolvimento) da peça, expor o que SF revela e esconde não só sobre o ambiente na Inglaterra mas sobre a contemporaneidade (em sua forma globalizada) –, indicando onde se encontram as suas contradições (a partir do que nos diz a peça). Esse anseio advém também da forte presença de elementos épicos nessa obra, elementos esses responsáveis por um caráter inovador e surpreendentemente político, e que ainda não haviam sido identificados pelos pesquisadores que se debruçaram sobre o trabalho de Ravenhill, segundo nosso levantamento bibliográfico. A inspiração/transpiração dessa pesquisa e o seu arcabouço teórico advém, sobretudo, dos estudos sobre autores da crítica materialista, como Roberto Schwarz, Peter Szondi e Fredric Jameson, assim como sobre autores das ciências econômicas e da crítica do sistema mundial capitalista, como Ernst Mandel e Robert Kurz. Sob uma trama aparentemente sem sentido, pautada na frivolidade do dia a dia, SF trata da vida e subsistência de um adolescente, três jovens adultos e um adulto mais velho – Mark, Robbie, Gary, Lulu e Brian – em uma metrópole inglesa em fins do último milênio. Composta de 14 cenas, a peça não possui uma estrutura convencional, dramática. Essa escolha por uma estrutura teatral incomum ressalta a agressividade dessa obra: quanto mais distanciada das convenções naturalistas, especialmente daquelas vinculadas à peça bem feita, composta por três (ou cinco) atos, por exemplo, mais difícil se torna para muitos espectadores aceitá-la. As situações emocionalmente carregadas, quando apresentadas de maneira não-convencional, tornam-se mais árduas de serem absorvidas do que representações naturalistas de temas controvertidos. Em SF, Mark Ravenhill oferece ao espectador um novo olhar sobre aquilo que, no cotidiano, soa-nos familiar: a banalização do consumo pela via do sexo, das drogas e dos alimentos industrializados em uma sucessão de acontecimentos na qual todos os personagens aparecem como centrais. Por outro lado, a desestruturação da forma puramente dramática é capaz de apresentar não apenas relações inter-humanas individuais – foco essencial do drama rigoroso e da “peça bem feita”, - mas, também, criticar as determinantes sociais dessas relações. O foco indireto nos fatores impessoais – no ambiente e nas questões políticas e econômicas – dissolve a estrutura rigorosa, o encadeamento causal da ação linear, integrando a peça num contexto maior, sem reduzir o peso social apenas ao diálogo. A temática principal da peça baseia-se em duas camadas: a dramática (a vida dos cinco personagens e a sua busca pela sobrevivência naquele universo), que, no entanto, já não é mais capaz de constituir-se em sua forma (pura); e, uma segunda, pontuada de elementos narrativos, típicos da dramaturgia épica, que corresponde a uma via direta entre os personagens e o público. Os personagens narram/contam/vivem inúmeras pequenas histórias, como a do

jogo narrativo que leva à presumível morte de um dos personagens, Gary. Essas narrativas individuais tentam organizar a falta de unidade presente no frágil eixo dramático funcionando como intromissões de ordem épica. Embora suprimido, o elemento dramático sempre ressurgir, pois a condição épica/narrativa predominante vale-se ainda da forma dramática, já que a intersubjetividade e os diálogos não chegam a ser abandonados – a peça é estruturalmente condicionada aos diálogos. E o pacto de ficcionalidade mantém-se, em certa medida, preservado. A trama, desconstruída e ao mesmo tempo, corriqueira, explicita o quanto as relações sociais estão dominadas pela lógica do capital e da troca de mercadorias, e como os personagens se comportam em suas buscas por aquilo que acreditam ser a subjetividade no mundo contemporâneo. Em SF, diferentemente do teatro dramático, os aspectos sociais influenciam o ambiente em que os personagens estão inseridos, revelando se tratar muito mais de uma peça sobre a sociedade inglesa e suas mazelas do que sobre a vida individual de sujeitos e suas intrigas e ações. O conflito entre o que o sistema pretende e o que os personagens sentem é a base de todos os conflitos da peça. Encenados repetitivamente, o significado atribuído à sexualidade e ao consumo de alimentos artificiais, oferece uma amostra paradoxal de SF: são tanto sinônimo de vida quanto de destruição. Como é típico no teatro épico, a peça começa de cortinas abertas, entremeando a realidade de SF à dos espectadores e, conflituosamente, embora as cortinas não se fechem, as luzes vão, no final, aos poucos se apagando no palco, até a escuridão tornar-se absoluta.

Palavras-chave: Dramaturgia britânica. Literatura e história. Ravenhill, Mark (1966). Século XXI. Teatro in-yer-face.

EROTISMO E CRUELDADE EM COXAS – SEX FICTION & DELÍRIOS DE ROBERTO PIVA

Fellipe Ramos Pereira

RESUMO: O presente trabalho discutirá a obra *Coxas – sex fiction & delírios*, de Roberto Piva, com o intuito de analisar os pontos de contato entre a crueldade e o erotismo. Tal proposta de trabalho surgiu em leituras da Obra nas quais se notou que havia o que se poderia denominar de progressão da representação erótica na obra literária. Isso porque em *Coxas* a própria representação se dá no limite entre a prosa e a poesia. A crueldade, por outro lado, deriva desta primeira questão e o que chama mais a atenção do leitor nela é o fato desta ocorrer aliada ao deboche e ao escárnio. É válido assinalar de antemão que as cenas eróticas de *Coxas* são predominantemente de caráter homoafetivo chegando até mesmo a quase anular a figura feminina. Busca-se, com este trabalho, pensar o erotismo e seu par, a crueldade, nos termos de seu sentido político, estético e crítico para o livro *Coxas*. O primeiro ponto consiste em uma investigação conceitual acerca dos vínculos entre crueldade e erotismo, uma vez que a hipótese de trabalho afirma a existência de tais vínculos na obra referida, cabendo entender como a obra poética organiza e singulariza a relação entre crueldade e erotismo. Compreender como a obra poética elabora esta relação, solicita, da parte do pesquisador, uma atenção disciplinada aos aspectos formais dos poemas, como, por exemplo, a hibridização dos gêneros poesia e prosa. Parece que houve, por parte do poeta, a compreensão do ato erótico nas funções do próprio fazer poético, por este motivo é que ele se utiliza principalmente das figuras de Dionísio e do Andrógino. Tais figuras serão trabalhadas detalhadamente com a intenção de recolher o que se denominou de “mitos de fundação” do erotismo piviano. Tem-se, portanto, no trabalho, dois temas fundamentais, o erotismo e a crueldade e a forma poética. Esses dois temas são desenvolvidos em cinco capítulos. Para a compreensão destes foi necessário o estudo de alguns textos teóricos e críticos. Ressaltou-se anteriormente a presença dionisíaca na poesia de Piva. Acredita-se aqui que a compreensão dionisíaca é de extrema importância. Para isso buscou-se interpretar como o poeta entendia e trabalha essa questão. Há duas sessões no trabalho que tratam deste tema, uma como busca conceitual e outra analítica, na qual considera-se a presença e a aparição do deus em muitos poemas de toda a obra de Roberto Piva. Isso ocorre porque Dionísio parece ser uma presença marcante na poesia do autor de *Paranoia*. O deus é uma espécie de aglutinador dos principais temas e formas com que o poeta trabalha, por isso é uma importante chave de leitura, não somente de *Coxas*, mas de toda a obra do autor. O outro tema fundamental é o da forma poética. Tal tema se tornou importante na medida em que se efetuavam leituras mais disciplinadas de *Coxas*, pois parece que o poeta termina por romper os limites tanto da poesia quanto da prosa, criando assim uma narrativa livre e esta, por sua vez, é pontuada por momentos de delírio poético. O que se está tentando dizer é que *Coxas* não é simplesmente uma narrativa poética, porque parece romper até mesmo com este gênero híbrido, *Coxas* é uma obra erótica que busca até mesmo em sua forma representar o erotismo. Como se o par sexual fosse justamente a narrativa em prosa e a poesia lírica. Tudo isso é ainda temperado com diferentes gêneros textuais como o manifesto, o slogan, o poema lírico e a própria narrativa. Para desenvolver conceitualmente tal questão debruçou-se sobre as teorias da forma e também sobre o conceito de androginia, pois o indício que se seguiu

é que o poeta faz justamente uma emulação do andrógino para a própria composição formal de sua obra.

Palavras-chave: Roberto Piva. Poesia Contemporânea. Crítica Literária. Erotismo. Crueldade.

AMBIENTE E PERSONAGEM EM LUCÍOLA, DE JOSÉ DE ALENCAR

Gabriel Queiroz Guimarães Hernandes

RESUMO: A dissertação de mestrado que estamos desenvolvendo é focada nas ambientações do romance urbano “Lucíola”, de José de Alencar, obra de nosso romantismo, publicada no ano de 1862. Nossa hipótese, com relação ao tema, é de que as atitudes e a personalidade de Lúcia, protagonista do romance, são amoldadas de acordo com os ambientes em que se encontra, seja pela perspectiva que o narrador imprime à cena, seja por fatores relacionados à diferenciação dos espaços públicos e privados. A relação da personagem e do espaço já foi abordada em diversas produções acadêmicas. Alguns exemplos importantes incluem o “Império da cortesã”, que atenta, por exemplo, para o papel do vestuário de Lúcia e para o espaço da festa da Glória; a “Vragem do olhar”, que realiza uma leitura do espaço público e privado no começo do romance “Senhora”; e “Mulheres de Papel”, que nota as ambiguidades presentes na caracterização do ambiente da alcova de Lúcia. Todos os textos arrolados são relevantes para o estudo da personagem feminina dos romances urbanos de José de Alencar e destacam, em algum momento da análise, o objeto de nosso estudo. Apesar de já ter sido discutido, o tema do espaço e sua relação com a personagem não foi objeto de atenção exclusiva, tendo sido preferencialmente abordado como suporte para o desenvolvimento de outros aspectos relacionado à obra. Por ser um problema recorrente, mas sem um estudo cuja atenção se volte especificamente a ele, o tema justifica sua importância e relevância. A fim de realizar nossa análise, observamos as descrições utilizadas para a criação das cenas do romance e as comparamos com a caracterização da personagem naquele determinado espaço. Caso não haja uma descrição detalhada, atentamos para as atitudes da personagem e notamos a situação em que ela se encontra, se está em um local público ou privado, se está sendo observada pela sociedade ou se se esconde de seus olhares em algum lugar íntimo. Dessa forma, através dessas estratégias de análise, podemos perceber os elementos que competem para a criação literária dessas relações e como elas se dão. Como modo de relacionar, demos atenção, prioritariamente, aos elementos internos da obra. Apesar de levarmos em conta elementos extraliterários, como informações históricas, estas servem como modo de ampliar os sentidos internos da obra. Por exemplo, quando notamos a presença de um piano, na casa de Lúcia, já podemos notar que se trata de um instrumento que contribuiu para o processo de europeização dos costumes brasileiros pela elite da época. Na casa da cortesã, o instrumento acrescenta informações sobre as condições de vida da personagem e, além disso, contribui para evidenciar que a casa da cidade, diferentemente da casa em que passará a morar no campo, é composta por elementos de luxo, que estão em conflito com a alma simples da moça, tal como ela é composta pelo narrador. A mudança da cortesã da cidade para o campo também é um aspecto que será avaliado na dissertação. O abandono de sua casa na cidade acarreta, conseqüentemente, a adoção de um novo estilo de vida que, conforme percebemos ao longo de todo o romance, está sempre presente nas entrelinhas das ações e diálogos. Até o momento realizamos a leitura de dois cenários, um público e outro privado, e os contrastamos como modos de captar as nuances na personalidade da cortesã de acordo com a situação em que se encontra. Na primeira análise, percorremos o espaço público da festa da Glória, cuja descrição inicia o romance. Na segunda, analisamos os dois primeiros

encontros do narrador na casa da cortesã. Na sequência, vamos analisar um dos momentos clímax do romance, a orgia no salão vermelho, na chácara de Sá, amigo de Paulo. Por se tratar de análises detidas nos elementos textuais e seus significados, em nossa dissertação resolvemos focar apenas algumas cenas do romance que são peças-chave para a compreensão de nosso objeto de estudo. Atualmente, só podemos tirar conclusões parciais de nosso percurso. Entre elas, nota-se o aproveitamento da experiência do autor em outros gêneros, como o teatro e a crônica, para compor os ambientes. Além disso, notamos que assim como a protagonista, os espaços iniciais são sempre descritos através de ambiguidades e contrastes que, assim como a personalidade de Lúcia, estão em conflito. Na festa da Glória, se a utilizarmos como exemplo, os elementos do espaço conotam tanto um local de manifestação religiosa quanto de concentração de pessoas vaidosas e, segundo o próprio narrador, até mesmo tipos “grotescos”. É nesse espaço oscilante entre um social degradado e um sentimento religioso que a personagem Lúcia aparece, ela, também, sob os dois signos: a degradação e o etéreo.

Palavras-chave: Romantismo. Alencar. Ambientação. Espaços. Cidade.

A COMICIDADE NOS ESPERPENTOS DRAMÁTICOS VALLE-INCLANIANOS

Gustavo Rodrigues da Silva

RESUMO: Em 1920, o escritor espanhol Ramón María del Valle-Inclán (1886–1936) cria o gênero literário esperpêntico. Esse gênero é uma modalidade literária do esperpento original, que surgiu na pintura com o artista espanhol Francisco de Goya y Lucientes (1746 – 1828). O esperpento literário valle-inclaniano constitui-se em obras dramáticas, poesias e romances. As suas principais características são a deformação da língua, a animalização humana, a humanização animal e o tratamento das personagens como fantoches. Por meio dessas características, se percebe uma grande presença cômica nas obras. Essa pesquisa visa apresentar os resultados obtidos em nossa pesquisa sobre a comicidade presente nos esperpentos do autor espanhol Ramón María del Valle-Inclán, escritos no gênero dramático, principalmente nas obras: “Los cuernos de Don Friolera” (1990) e “Luces de bohemia. Esperpento.” (2001), por meio da análise e interpretação de seus recursos cômicos, como a ironia, o humor, a paródia; a inversão de valores; a gíria, entre outros. Os referidos recursos estão descritos em três obras teóricas que usamos em nossa pesquisa: “O riso – ensaio sobre a significação do cômico” (1983), de Henri Bergson, “Obras completas” (1976), de Sigmund Freud, e “Comicidade e riso” (1992), de Vladímir Propp. Pretendemos demonstrar que o esperpento é um subgênero cômico da modernidade, visto que encontramos mais de quatrocentos fragmentos textuais cômicos nas duas obras analisadas. Defendemos que o esperpento é um subgênero cômico e não um gênero, pois apresenta elementos trágicos e, portanto, não constitui o gênero cômico na acepção literária proposta, inicialmente, por Aristóteles em sua obra “Poética” (1997). Alguns desses elementos trágicos modernos são as personagens de alto poder social que são zombadas, as passagens trágicas das obras são representadas por uma linguagem popular tão rica que se torna culta e os elementos trágicos não servem como catarse e sim, como uma crítica dos valores arcaicos de uma sociedade espanhola tradicional do começo do século XX. Os esperpentos são obras em que a comicidade permeia todas as cenas e a tragédia só aparece no final, pois, em toda obra esperpêntica, há a morte de, pelo menos, uma personagem. Também, pretendemos demonstrar que os esperpentos dramáticos valle-inclanianos são obras que marcam, eternamente, a história da Literatura Espanhola pela sua singularidade, logo, são obras tardias de acordo com o termo cunhado pelo teórico Theodor Adorno em sua obra “Essays on music” (2002), e que esse caráter tardio surge, principalmente, nos recursos cômicos de deformação da Língua Espanhola, como os neologismos, os arcaísmos, os refrãos populares, entre outros. Em nossa pesquisa, tentamos responder às seguintes indagações propostas por nós mesmos no começo de nosso estudo: “Até que ponto o esperpento é um subgênero do gênero cômico moderno?”, “Quais são os recursos cômicos literários mais presentes nesse subgênero cômico?”, “Quais recursos cômicos podem ser usados para demonstrar o caráter tardio dos esperpentos?”, “De que maneira esses recursos têm relação com os contextos espanhóis relativos às ciências humanas da época em que as obras foram escritas, a saber, com a economia, a política, a religião; a história; a geografia; entre outras?” e “Como esses recursos teriam alguma relação com esses mesmos contextos da Espanha atual?”. Portanto, nos propusemos a um estudo diacrônico e sincrônico da comicidade

nos esperpentos dramáticos valle-inclanianos, apoiando-nos nas duas principais obras desse subgênero mencionadas anteriormente e em reportagens digitais de veículos espanhóis de comunicação da atualidade, na confrontação diacrônica dos resultados. Para esse duplo estudo cômico, nos valem dos pressupostos teóricos da corrente literária da Estética da Recepção, porque é a corrente teórica que seguimos e pensamos que é a que melhor se encaixa nesse estudo que realizamos. As obras teóricas que nos guiaram foram: “A literatura e o leitor – textos de estética da recepção” (2002), de Luiz Costa Lima, e “O ato da leitura” (1996), de Wolfgang Iser. Acreditamos que a nossa pesquisa irá enriquecer o campo de estudos nacionais sobre literatura espanhola e teoria literária, visto que há poucos estudos valle-inclanianos em nosso país e nenhum se centra nos recursos cômicos.

Palavras-chave: Estética da Recepção. Literatura Espanhola. Valle-Inclán. Esperpentos. Comicidade.

RUSTICIDADE E CORTESANIA NA CENA DRAMÁTICA IBÉRICA QUINHENTISTA

Jamyle Rocha Ferreira Souza

RESUMO: “Rusticidade” e “Cortesania” são as duas categorias centrais do nosso trabalho. Ambas envolvem aspectos históricos, culturais, sociais e estéticos que acabam por desencadear várias vertentes interpretativas. Do ângulo da nossa análise, em domínios literários, interessa examinar o modo e a função destas duas categorias enquanto fórmulas de expressão e de pensamento, numa perspectiva de *topoi*, baseada no método fecundo de investigação de Ernst Robert Curtius (1979). Principiando por considerá-las enquanto *topos*, pode-se afirmar que a relação entre “cortesania” e “rusticidade” é um dos motivos mais recorrentes no expediente dramático de três autores ibéricos: Juan del Encina, Lucas Fernández e Gil Vicente. A recorrência deste *topos* no decurso da obra dos nossos autores, portanto, intervém diretamente nas suas escolhas dramáticas. O modo como estas duas categorias são vistas e tratadas dramaticamente arquiteta um modelo de teatro que revela uma tentativa de síntese das duas culturas: a rústica e a cortesã. Daí que nossa análise deva observar que a construção histórica dos dois termos assume uma preceptiva de *local ideal* para o conflito dramático baseado na oposição entre corte e campo. Quer isto dizer que cortesania e rusticidade são formadas em pólos sociais opostos que, ao mesmo tempo, se complementam entre si, e acabam por favorecer na construção do nó da ação dramática que reside na composição dos universos rústico e o cortesão. Para maior compreensão do assunto, cabe ressaltar que cortesania e rusticidade são dois conceitos com convenções literárias distintas, com temas e formas em oposição, que raramente convergem entre si. Curiosamente, a opção estética dos nossos dramaturgos se renova justamente quando em salões palacianos, no período quinhentista, fazem representar rústicos com tudo que isso envolve a nível sociológico e estético. A rusticidade na qualidade de “indelicadeza”, “incivilidade” e “grosseria” expressa em sua tensão linguística e em um pretendido realismo, na arte dramática de Encina, Fernández e Vicente, pode ser compreendida, segundo Díez Borque (1987), como um “salto mortal”, uma vez que confronta com a privilegiada estimativa literária da poesia cortesanesca e cumpre um fim imediato de divertir a nobreza ociosa. É bastante provável que Encina seja o iniciador, na cena ibérica, deste processo de reconhecimento do «estilo rústico» enquanto estética válida que vai de encontro à poética culta cortesã (DÍEZ BORQUE, 1987). As narrativas deste teatro desenvolvem e, de certa forma, privilegiam em seus enredos os contrastes presentes na relação corte / cortesania e campo / rusticidade. As catorze peças do cancionero enciniano encenam ações de tipos rústicos e cortesãos em quase sua totalidade; do mesmo modo encontramos inúmeros exemplos nas sete *Farsas y Églogas al modo y estilo pastoril y castellano* fechadas por Lucas Fernández, salmantino; bem como os quarenta e seis textos dramáticos que chegaram até nós da dramaturgia vicentina também apresentam um número amplamente variado que encenam o encontro entre a corte e o campo. Nesse cenário, o presente trabalho, que faz parte do projeto de doutorado intitulado “A Relação Cortesania-Rusticidade na Cena Ibérica: Gil Vicente, Juan del Encina e Lucas Fernández”, procura analisar de que maneira se estabelece o diálogo entre a cortesania e a rusticidade nos autos destes três autores em que o diálogo dramático funciona, na maioria das vezes, numa situação

cênica concreta entre duas personagens, o cortesão e o rústico; e, por outro lado, também no jogo que se encena entre palco (rusticitas) e plateia (civilitas). Indaga-se, pois, quais são as estratégias dramáticas que os dramaturgos cultivaram em suas obras quando envolve as relações existentes entre o mundo da corte e o mundo do campo e suas implicações estéticas, sociológicas e culturais. Com efeito, já se pode afirmar que os textos dramáticos dos três autores, com gradações diferentes, realizam um processo de construção de um teatro que prioriza o 'topos' do rústico na corte e, de certa maneira, opera nas transformações do gosto artístico das cortes portuguesa e espanhola.

Palavras-chave: Teoria e História da Literatura. Cortesia. Rusticidade. Dramaturgia Ibérica.

DA COMPOSIÇÃO À COMUNICAÇÃO DO VAZIO: ALGUNS ASPECTOS DA CIDADE EM “PÁGINA ÓRFÃ”, DE RÉGIS BONVICINO

Jhenifer Thaís da Silva

RESUMO: Este trabalho propõe-se à pesquisa dos aspectos composicionais que dão vazão à comunicação de um vazio advindo do espaço urbano. Ao que nos parece, o olhar lançado ao caos metropolitano que se corporifica na voz poética de grande parte dos poemas de “Página órfã” (2007), do poeta contemporâneo Régis Bonvicino, elucida uma problemática da qual não se pode fugir: o lugar da cidade do tempo presente dentro da produção poética contemporânea (questão cara, aliás, a outros poetas contemporâneos), trazendo à tona a intempestividade que se tornara a cidade atual e o vazio oriundo desse tempo aparentemente fora do tempo. Ao nos debruçar sobre as obras anteriores do poeta paulistano, podemos verificar que a cidade já frequentava sua escrita como pano de fundo para seus poemas (como nos confirmam os livros que compõem seu “primeiro tempo”, por exemplo), a ponto de tornar-se, depois, como vemos em “Página órfã” (2007) e em seu último título, “Estado crítico” (2013), espécie de protagonista. À medida que o espaço do poema se constrói, constrói-se, também, uma metonímia do espaço urbano, no qual uma fusão de elementos apresenta a ambos: poema e grande urbe – seja São Paulo, Hong Kong ou Nova York, posto que algo de comum liga todas essas cidades, ainda que estejam geograficamente distantes e que sejam culturalmente distintas. Viadutos, sirenes, mendigos, lama, lixo, resíduos de toda espécie e, por fim, o resultado inevitável (que não deixa de ser resíduo – e por que não?): vazio. Eis alguns dos elementos que circundam “Página órfã”, que nos servem como matéria para um estudo que se preocupa com os modos de representação da cidade e alguns dos resultados que essa representação pode gerar quando o que se constata é o caos. “Página órfã” não é “[...] indiferente à contradição entre modernidade artística concluída e modernização socioeconômica truncada e desigual” (Weintraub, 2013) e, portanto, mostra-se como uma busca (?) de “retorno ao real” (Simon, 2008) (tomando como ‘verdade’ o fato de a poesia ter, um dia, se desvinculado do real, o que é questionável), de maneira a construir a relação entre sujeito e cidade contemporâneos. Nossa escolha deveu-se, portanto, à união de dois interesses principais: analisar aspectos da obra de Bonvicino em termos da composição – a fim de perceber em que medida ela é responsável pela articulação de uma poética que parece oscilar entre o compor e o comunicar algo –, assim como compreender alguns dos movimentos que regem sua produção, especialmente no livro “Página órfã” (2007). Valemo-nos de alguns estudos sobre a lírica moderna para, então, chegarmos à contemporânea, já que a produção de hoje herda vários traços da poesia moderna, ora para subvertê-los, ora para afirmá-los. Para compreender os mecanismos de construção de Bonvicino e a maneira como sua forma implica na comunicação de algo orgânico e contundente (que parece envolver o sujeito da grande cidade), utilizamos autores fundamentais para os estudos da poesia moderna, principalmente a partir de Hugo Friedrich e a leitura que dele faz Alfonso Berardinelli acerca da negatividade e do vazio. À leitura de ambos, aliamos a de Adorno, Benjamin, Paz, Agambem, entre outros, da mesma forma que a crítica brasileira pertinente ao poeta em questão, para construirmos um breve panorama da poesia brasileira a partir da década de 1950 e, com isso, melhor localizar o contexto em que se iniciou Régis Bonvicino. Dessa maneira, verificamos de que modo a tradição da

lírica moderna ressoa em sua produção (e na contemporânea de um modo geral), assim como o fazer dos contemporâneos já consolidados como tradição naquela altura, dando início à averiguação de algumas das razões que podem levar o fazer poético contemporâneo (especialmente Bonvicino) a sentir necessidade de voltar-se para uma reflexão sobre a representação da cidade. A partir de leitura e análise-interpretativa de alguns poemas contidos no livro em questão, podemos traçar a relação que o vazio estabelece com o sujeito e a cidade, tanto por meio da estrutura poética quanto pelos discursos que essa forma evoca. Ao estendermos a premissa de que a lírica moderna teria um modo de ser “compreendida” para o tempo contemporâneo, tornou-se possível adentrarmos a discussão acerca da comunicabilidade poética com condições de questionamentos que derivam de um tempo aparentemente (ainda) não superado, que nos levam a acreditar na experiência da forma como comunicação de um tempo miserável.

Palavras-chave: Teoria e Crítica Literária. Poesia Brasileira Contemporânea. Régis Bonvicino. Comunicação. Cidade.

MEMÓRIA E MULTIPLICIDADE NA POÉTICA DE MANOEL DE BARROS E ROBERVAL PEREYR

José Rosa dos Santos Júnior

RESUMO: O trabalho que se segue, fruto inicial de minha pesquisa de doutoramento, visa refletir e elaborar um panorama sistemático acerca das representações autorais, e suas implicações no processo criativo, da contemporaneidade, a partir das obras poéticas Manoel de Barros e Roberval Pereyr. Objetivamos, dentre outros aspectos, analisar a poética de Manoel de Barros pelo viés da autobiografia e a de Roberval Pereyr pelo viés da multiplicidade, refletindo acerca das especificidades de tais elementos moduladores e determinantes no processo de autoria. Para que isso seja possível, em primeira instância, reconstituiremos, por meio do corpus literário, o “espaço biográfico” na obra poética de Manoel de Barros e o papel da memória, das rasuras, do recalcado e da imaginação imperiosa na construção desse corpus. Paralelamente, intentaremos identificar as diversas áreas de atuação do poeta Roberval Pereyr e suas implicações na produção de uma obra poética múltipla que, ao aceitar a interpelação de diversas vozes que se erguem dos mais diferentes lugares discursivos, se mostra propícia à formação de uma densa rede de construções conceituais. De acordo com Eneida Leal Cunha (1979), em sua dissertação de mestrado, defendida no Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia - ILUFBA, intitulada A Diacronia das subjetividades: a convergência do autobiográfico e do ficcional, as convergências dominantes se corroboram no conceituar-se a obra autobiográfica como uma forma narrativa fundamentalmente documental e, por sua natureza e função, assinalada pela extrema adesão ao seu referencial, o que significa a ênfase exacerbada na memória e a inviabilidade da presença do ficcional. A autora ainda assevera que deflagrar a natureza ficcional da obra autobiográfica implica em admitir a extensão do investimento individual na criação literária e, em paralelo, o quantum de ficção existe na noção de si mesmo, eliminando parcialmente, embora mais do que se deseja, a cômoda distância estabelecida entre literatura e realidade. Leonor Arfuch (2010) afirma que a vida não é a que a gente viveu, e sim, a que a gente recorda, e como recorda para contá-la. No poema “Fontes”, encontrado no livro Memórias Inventadas: as infâncias de Manoel de Barros; podemos notar que o poeta recorda a sua vida para contar a partir de três personagens: a criança, os passarinhos e os andarilhos. Por esse motivo é que podemos assegurar que o espaço biográfico é sempre dialógico, plural, polifônico e transversal por avatares intervenientes com experiências e memórias múltiplas. Assim, não há nada “dado” em uma vida; e, nela, várias histórias e vários sentidos são imagináveis, “armados” em pactos e identidades narrativas, num trânsito constante entre o reinventado e o vivido. Essa complementariedade de vozes que se sucedem no poema “Fontes” assegura ao discurso poético, valor e sentidos próprios no conjunto da obra, à medida que a sucessividade e simultaneidade de sujeitos (criança, passarinho e andarilho) intentam superar o vazio entre o eu-lírico e o seu ser feito linguagem, num esforço colaborativo de apreensão e expressão de si mesmo, “numa operação de desarmamento que consiste em se colocar de maneira simples, nua, frontal, tão diretamente quanto possível” (DERRIDA, 2002, p.48). Por outro lado, no encontro direto com a poética engendrada por Roberval Pereyr, logo notamos que esta é perpassada pelas diversas experiências acadêmicas, artísticas e ativistas do autor. Tais experiências fundamentalmente

literárias, em um processo dinâmico e dialógico, forjam, no bojo do processo criativo do autor, uma série de confluências e de migrações críticas, poéticas, metafóricas, conceituais e criativas entre as suas diversas áreas de atuação. Não obstante, tais migrações proporcionam ao leitor uma forma específica de se ler o texto literário engendrado pelo poeta. Michel Foucault, durante a aula inaugural que pronunciou ao assumir a Cátedra vacante no Collège de France, e que mais tarde originou o livro *A ordem do discurso* (2012), afirma que toda elocução, que todo discurso é precedido por uma voz sem nome e que no momento da elocução, nos alojamos, sem perceber, em seus interstícios. Para nós, essa assertiva é bastante representativa se quisermos entender a obra poética de Pereyr, pela égide da multiplicidade. Nunca se falou tanto, no campo dos estudos literários, sobre a autoria, sua função, sua importância. Muitos críticos e teóricos da literatura, tais como: Foucault, Barthes, Lejeune, para citar alguns, se debruçaram sobre a problemática e mais fendas abissais foram criadas na espessa crosta da questão. Dentre vários Grupos de Pesquisa, do ILUFBA, gostaria de destacar o que se denomina *O Escritor e seus múltiplos: migração*, que em última instância busca pensar acerca da autoria e seus desdobramentos teóricos e conceituais. Os estudos empreendidos pelo Grupo autenticam a tese da importância dos estudos autorais. Dessa forma e diante do que foi elencado, esse estudo se justifica e externa sua relevância, à medida que consolida, com o advento da contemporaneidade, o olhar da academia sobre esse campo de estudo.

Palavras-chave: Teoria Literária. Manoel de Barros. Roberval Pereyr. Memória. Multiplicidade.

“UMA PILHA DE IMAGENS QUEBRADAS” - A TÓPICA AMBIVALENTE DE THE WASTE LAND

Julia Cortes Rodrigues

RESUMO: “Venha para baixo da sombra dessa rocha rubra/ E eu te mostrarei o medo em um punhado de pó”. Nesses versos, da primeira parte de “The Waste Land”, de T. S. Eliot, o eu-lírico intima seu leitor para uma zona desconfortável, distante da ‘pilha de imagens quebradas’, na qual o limitado entendimento ainda chega, e próxima ao caos, ao silêncio, ao colapso. Tal ‘pilha’ foi interpretada como metáfora do próprio poema, devido à sua articulação de fragmentos da tradição literária, vistos na condição de ‘imagens quebradas’. Nesse sentido, tal leitura motivou o entendimento da ‘waste land’ de Eliot como uma alegoria do caos moderno, carecendo de sentido aos olhos do leitor pouco culto. Essa leitura, que ressalta o ‘hermetismo’ ou mesmo a ‘falta de sentido’, foi estendida também a outros poetas modernistas. Paul De Man questiona, em crítica a Hugo Friedrich, o entendimento da poesia moderna enquanto aquela essencialmente obscura e anti-mimética e estabelece a problemática da representação que a própria poesia é capaz de sintetizar: A poesia verdadeiramente moderna é uma poesia que se tornou consciente do conflito incessante que opõe um eu, ainda implicado no mundo diurno da realidade, da representação e da vida, àquilo a que Yeats chama a alma. Traduzido em termos de dicção poética, isso implica que a poesia moderna usa imagens que são ao mesmo tempo símbolo e alegoria, que representam objetos da natureza, mas que são de facto retiradas de fontes puramente literárias (DE MAN, 1999, p. 192). De Man defende, assim, que a poesia moderna é sempre representacional e alegórica. O poeta não dá as costas à realidade: ele coloca em evidência a todo momento as tensões do indivíduo com essa mesma realidade e também a pluralidade que ela pode assumir. Também Octavio Paz trata dessa chamada ‘estranheza radical’, que, segundo ele, se relaciona com uma mudança essencial na relação do indivíduo com o passado: “Surge agora com mais clareza o significado daquilo que chamamos de ‘tradição moderna’: é uma manifestação de nossa consciência histórica” (PAZ, 2013, p. 21). Ou seja, este fenômeno não altera somente a relação do sujeito com o passado, mas promove uma desconfiança sobre o próprio presente e uma incerteza extrema quanto ao futuro, conforme elucida aquele que Benjamin considera o primeiro crítico moderno: Pois como querer determinar, sem conhecimentos prévios, se a época é efetivamente um indivíduo ou talvez apenas um ponto de colisão de outras épocas: onde é que definitivamente começa e termina? Como seria possível entender e pontuar corretamente o período atual do mundo, se não se pode ao menos antecipar o caráter geral do imediatamente seguinte? (SCHLEGEL, 1996, p. 135). A ‘consciência histórica’ moderna aproxima passados, sobretudo na Europa, que, sob uma perspectiva, passa a ser vista como um contínuo de uma única tradição. Tal é o projeto de Ernst Robert Curtius (que, não é ocioso lembrar, foi também tradutor de Eliot). Em seu monumental *Literatura Europeia e Idade Média Latina*, afirma: “Se a Europa é o produto de dois complexos culturais, o antigo-mediterrâneo e o moderno-ocidental, o mesmo se pode dizer de sua literatura, que só se compreenderá como um todo se se abarcarem com uma visão seus dois elementos” (CURTIUS, 1996, p. 40). Tal entendimento da Europa e da tradição foi bastante caro também a Eliot. Norte-americano radicado na Inglaterra, o poeta se preocupou em articular tradições

aparentemente diversas: É preciso lembrarmos-nos de que, como a Europa é um todo (e não obstante, na sua progressiva mutilação e desfiguração, o organismo a partir do qual se deve desenvolver qualquer maior harmonia do mundo) assim a literatura europeia é um todo, de que os diversos membros não podem florescer se a mesma corrente sanguínea não circular por todo o corpo (ELIOT, 2002, p. 145). Em Eliot, a consciência da urgência de um ‘todo’ se tornou ainda mais aguda, e seus próprios ensaios passaram a servir de guia de leitura para sua obra. Ainda que seja forte o entendimento da tradição europeia como contínua, o é igualmente a consciência do embate com o legado cultural. O objetivo central da pesquisa é analisar as tensões que se revelam em *The Waste Land* no que concerne à revisitação da tópica. Pretende-se tratar da natureza ambígua de suas imagens, que podem ser lidas ao longo da obra enquanto símbolos de vitalidade e como evidências da catástrofe. Propõe-se uma leitura que considere os significados que se acumulam e se embatem na obra. Com isso, a expectativa é a de lograr uma compreensão mais acurada do tratamento da tradição em um momento significativo da produção poética de T. S. Eliot.

Palavras-chave: T. S. Eliot. “The Waste Land”. Poesia modernista. Tradição. Tópica.

O “MUNDO” LEITOR ATRAVÉS DAS CARTAS

Juliana Zanco Leme da Silva

RESUMO: O trabalho objetiva a análise de correspondências de leitores infanto-juvenis dirigidas a autores de diferentes períodos históricos: Pedro Bandeira (leitores das décadas de 1980 e 90), Ana Maria Machado (leitores das décadas de 2000 a 2005) e Monteiro Lobato (leitores das décadas de 1930 e 40). O trabalho é, na verdade, uma sequência da investigação iniciada na dissertação de mestrado e discute imagens de práticas escolares registradas nas correspondências, verifica, também, a historicidade de leitura do público infanto-juvenil, bem como estratégias de interpretação, discutidas a partir de questões que envolvem o Sistema Literário em que estão inseridos os autores, as suas obras e os leitores. Para tanto, partimos de algumas hipóteses: O leitor infanto-juvenil reproduz um modelo institucionalizado de como escrever uma carta a um autor? Reproduz, na escrita, modelos de linguagem das personagens dos livros lidos? Sempre faz parte de uma instituição? A categorização de tipos de leitores, por nós proposta na dissertação de mestrado - a) Leitor-escritor; b) Leitor-fã; e c) Leitor-institucional - é confirmada? Esse tema foi escolhido, pois acreditamos que uma pesquisa deste recorte viabilize discussões sobre recepção, leitura, escrita e apropriação de obras literárias. Para a concretização de nossos objetivos, tomamos como referencial teórico inicial pressupostos segundo os quais a leitura de uma obra se faz através de um processo ativo de produção de sentidos, como descreve Bourdieu (1996, p. 198): “[...] A obra é feita não duas vezes, mas cem vezes por todos aqueles que se interessam por ela [...]”, isto é, a obra só é concretizada a partir do momento em que o leitor a “lê” e constrói seu sentido. Chartier (1997b, p.68) ao propor uma abordagem histórica da literatura, afirma que “uma história da literatura é então uma história das diferentes modalidades de apropriação dos textos”, ou seja, a literatura é uma construção de sentidos propostos, afirma também que a historicização é um modo de desvendar os mecanismos de construção do literário, entre os quais a leitura tem grande importância. Antônio Candido (1985) salienta que a obra e o público não podem ser vistos como produto fixo, unívoco, logo percebemos que o autor mostra a dupla influência das obras sobre os leitores e dos leitores sobre os autores. Portanto, investigamos os pressupostos da estética da recepção, por considerá-los condizentes com uma pesquisa que se volta para a análise reflexiva sobre o modo e os meios da produção e da recepção da obra literária. Através das produções epistolares e de depoimentos posteriores à leitura, nos apropriamos de um discurso sobre a prática de leitura no seu momento de apreensão, permitindo-nos a reconstituição da reação e atuação do leitor. Assim sendo, a atuação dos leitores ao enviarem cartas aos escritores contribuem de forma efetiva para o desenvolvimento da sua literatura, mesmo que esses leitores simulem uma imagem. Como resultados parciais da pesquisa, verificamos que a singular troca de correspondências entre leitores e autores pode revelar práticas históricas escolares, relacionadas à leitura e à escrita. A instituição escolar, às vezes representada pela figura do professor, é o meio principal (talvez único para alguns) de acesso a obras literárias. Ao adentrar o “mundo do leitor” descobrimos que este ao escrever sua carta desmistifica a obra literária, fazendo uma leitura singular sobre as personagens, como por exemplo, Isabel, a protagonista do livro “A marca de uma lágrima”. Parece-nos que esta desmistificação da obra literária permite que o leitor veja o autor como parte da

narrativa, isto é, a imagem criada do autor está estritamente relacionada aos elementos da narrativa (personagens, espaço, tempo e principalmente o narrador). Também foi possível vislumbrar o universo literário, através das diferentes modalidades de apropriação dos textos: “o mundo do texto” que possibilita e restringe a produção de sentido e o “mundo do leitor” que pertence ao campo da interpretação de textos (CHARTIER, 1997), com a qual alguns remetentes se comparam.

Palavras-chave: Literatura infanto-juvenil. Leitores. Leituras. Cartas.

EL UNO Y LA OTRA: CONSIDERAÇÕES SOBRE A MULHER E A LITERATURA EM UM ENSAIO DE MONTSERRAT ROIG

Katia Aparecida da Silva Oliveira

RESUMO: O questionamento acerca da representação da mulher na literatura e da literatura escrita por mulheres é recorrente na obra de Montserrat Roig. Tanto na ficção, como em ensaios ou trabalhos críticos, a discussão em torno da literatura feminina, seu lugar e relação com o masculino, com o próprio feminismo e com a crítica feminista se faz presente. Em seu livro de ensaios *Dime que me quieres aunque sea mentira: Sobre el placer solitario de escribir y el vicio compartido de leer* (1991), além de textos focados no ofício e no processo de escrita, na representação da memória e na representação da cultura e identidade catalã, há dois ensaios, apresentados em um apartado denominado “La mirada tuerta” que tratam particularmente da mulher, do feminino e da crítica feminista. O presente trabalho se concentrou na análise de um desses ensaios, o primeiro, denominado “El uno y la otra”, que está dividido em três partes e que, pode-se dizer, marcam um percurso que parte das representações da mulher, passando por uma visão das mulheres como escritoras e que se encerra tecendo considerações sobre cenário atual ocupado pela literatura escrita por mulheres. O início do ensaio, escrito em primeira pessoa, é marcado por uma referência ao poeta espanhol Antônio Machado. Suas primeiras linhas dizem: “Antonio Machado escribía en *Juan de Mairena* que ‘el otro’ no se deja eliminar porque el otro es hueso duro de roer en el que la razón se deja los dientes” (ROIG, 1992, p. 83). A alusão a esse “outro” já no início do texto anuncia a relação de alteridade que o comporá. O “outro”, com quem é difícil lidar, pode se referir tanto ao homem como à mulher, já que um é o outro do outro. Além disso, o termo também faz alusão ao título do ensaio “El uno y la otra”, no qual a mulher, como a outra, se configura, de certa maneira, a partir da relação com o “Uno”, masculino. Para Oliveira (1999, p. 14) a ideia de que o masculino teria o poder de definir o feminino como seu avesso é combatida pelo feminismo, que em um primeiro momento buscava a igualdade entre os sexos e que posteriormente passou a se pautar pela diferença. Essa busca pela diferença começa a ser representada no texto de Roig a partir do desenvolvimento do olhar feminino que constrói leituras diferenciadas de textos escritos por mulheres, ou não. Observa-se que o ensaio se constrói com o uso de um narrador feminino que se identifica com a autora e que cria uma aproximação entre o texto e suas leitoras, uma vez que o texto se dirige a elas. Desenvolve-se, assim, um clima de cumplicidade entre essa voz que organiza o texto com suas leitoras e a diferença que marca o feminino ocupa um lugar privilegiado, ao se reforçar a ideia de um texto escrito por uma mulher, para mulheres, tratando da temática feminina. Por outro lado, tratando do feminismo como um movimento social importante que haveria surgido a partir da diferença, o ensaio também aponta para a possibilidade de conciliação entre esses diferentes “¿No nos hemos alejado del Uno quizá para volver a él de otra manera?” (ROIG, 1992, p. 84). Nessa primeira parte do ensaio observa-se a flexibilização da noção de que o feminino é definido pelo masculino, a partir de um processo histórico, estimulada, principalmente, pelo movimento feminista. Entende-se que a representação do feminino, vinda do olhar masculino passa a ser algo que não necessariamente define as mulheres. A segunda parte do ensaio assume uma perspectiva centrada na questão da escrita feminina, do lugar da mulher como escritora e da crítica

feminista como elemento que por um lado, coopera para o entendimento da produção literária de mulheres, por outro, pode, por vezes, impor-se e se apresentar como um problema, principalmente no que se refere a questões ideológicas, para a autoria feminina. Assim, crítica feminista representaria a não só a busca por uma tradição literária tipicamente feminina, mas também uma revisão da História da Literatura, conferindo às escritoras o seu lugar. A terceira parte do ensaio se inicia, então, considerando um cenário otimista para a escrita feminina. Citando a escritora argentina Victoria Ocampo, a narradora trata da questão de que para termos mais mulheres escritoras, é preciso elas abandonem o lugar marginal que ocuparam socialmente por muito tempo. Com as movimentações feministas esse lugar marginal vem sendo deixado, e a posição ocupada pela mulher vem se transformando. As obras escritas por mulheres são mais lidas, tanto pelas próprias mulheres como por homens. Nesse sentido, o ensaio considera que as mulheres conquistaram um lugar dentro da tradição literária. Seja na forma como são representadas, seja em sua produção escrita, a mulher tomou para si o espaço que almejava, mas não abandonou o olhar diferenciado que desenvolveu ao longo dos séculos.

Palavras-chave: Crítica feminista. Alteridade. Montserrat Roig.

O DESTRONAMENTO NAS OBRAS ANFITRIÃO E UM DEUS DORMIU LÁ EM CASA

Katia Maria Fernandes

RESUMO: O teatro surgiu na Grécia Antiga com manifestações em homenagem ao deus do vinho, Dionísio, a cada nova safra de uva. Desse modo, o teatro sempre esteve presente na história da humanidade desde a Antiguidade. Ao ler as peças Anfitrião (206 a.C.), de Plauto, e Um deus dormiu lá em casa (1949), de Guilherme de Figueiredo, uma pertencente à Literatura Latina e outra à Literatura Brasileira, respectivamente, observamos um vínculo estreito de proximidade entre uma e outra. Sendo assim, o objetivo da minha dissertação de mestrado é apontar que existe um diálogo entre as obras de tal forma que a obra de Figueiredo parodia a de Plauto a ponto de o elemento mítico se reatualizar a partir da obra contemporânea, por meio da paródia. Todos os conceitos foram amparados em teóricos consagrados para que pudéssemos chegar a pressupostos teóricos consistentes para, posteriormente, analisar as obras em questão. Desta forma, para se estudar o dialogismo e a paródia a conduta adotada foram os apontamentos do filósofo russo Mikhail Bakhtin, visto que o autor define o destronamento na carnavalização. Por serem duas obras que exploram o mito, optamos por seguir a linha de raciocínio de Mircea Eliade e de Jean-Pierre Vernant quanto à fundamentação teórica. A peça Anfitrião será considerada hipotexto e a peça Um deus dormiu lá em casa, considerada hipertexto, já que se baseia, se entrelaça e conversa com o texto base. Por sua vez, a peça de Plauto também conversa com o mito de Anfitrião, percebemos várias referências ao mito em questão no decorrer da peça clássica. Dessa forma, amparados pelos conceitos de Mikhail Bakhtin, vemos que um enunciado ou um texto está permeado por um discurso anterior, já que segundo o estudioso da linguagem, somente o primeiro discurso, o de Adão, seria o original, sem interferências e influências. Entende-se dialogismo pelas relações de sentido que se estabelecem entre dois enunciados. Nesta perspectiva, um texto para se constituir como tal é perpassado por outros discursos com os quais dialoga e se faz expressão literária. Sob esta óptica, a peça Anfitrião, de Plauto, é perpassada por outros discursos. Assim, Um Deus dormiu lá em casa, de Guilherme de Figueiredo, em um processo de comunicação, é um texto, repleto de ecos, lembranças de outros enunciados, perpassado por outros discursos com os quais dialoga. Se pensarmos que todo discurso dialoga com outro, a paródia, que é o contar o que já foi dito de outra forma, também é dialogismo. É uma recriação, uma reinvenção amparada na fala, na arte, na obra de alguém. A paródia está inserida no dialogismo. A paródia nos remete ao cômico e assim, chegamos ao riso, que era mal visto na Idade Média. O riso era permitido somente em lugares demarcados pelo Estado. Como não podia ser exposto, o riso se tornou uma fuga da realidade. O riso é libertador, assim como o carnaval é uma festa popular libertadora. Devemos pensar no carnaval transposto para a literatura, todos os festejos do carnaval, remetidos à linguagem carnavalesca, onde acontecimentos dessa festa estão relacionados às obras literárias. No carnaval não há divisão entre atores e espectadores. Todos são participantes ativos, não se contempla o carnaval, mas sim, vive-se o carnaval. As regras são quebradas, a vida vira do avesso. As leis que regem o sistema se rompem e tudo é permitido. O espetáculo do carnaval atinge o ápice que é a coroação e posteriormente, a vida volta ao normal, que é o destronamento. Na peça Um deus dormiu lá em casa, o destronamento se dá

quando Júpiter desce à Terra e se passa por um mortal. Já a coroação acontece quando o deus experimenta os sentimentos e emoções de um mortal. Ao escolhermos peças que tratam dos deuses, abordamos o mito. De acordo com Jean-Pierre Vernant, o mito está presente no fabuloso, diferente da história que se crê verdadeira. Para Mircea Eliade, os mitos contam não apenas a origem do Mundo, dos animais, das plantas e do homem, mas também de todos os acontecimentos primordiais convertendo o homem no que ele é hoje, isto é, um ser mortal, sexuado, que se organiza em sociedade, que deve trabalhar, segundo regras, para sua sobrevivência. Para Vernant, os mitos continuam a nos falar, se soubermos escutá-los. Concluimos até aqui que a peça contemporânea parodia a clássica e, desse modo, dialogam entre si. Por ser uma paródia, podemos observar o processo da carnavalização e, conseqüentemente, a coroação e o destronamento. Perpassando esses tópicos, o mito está reatualizado na obra de Figueiredo, trazendo ensinamentos dos primórdios aos dias atuais.

Palavras-chave: Crítica literária. Literatura latina. Dialogismo. Paródia. Mito.

A VIOLÊNCIA SEXUAL EM NARRATIVAS DE SÉRGIO SANT'ANNA

Larissa Satico Ribeiro Higa

RESUMO: Esta pesquisa objetiva compreender a configuração da violência sexual em narrativas do escritor brasileiro contemporâneo Sérgio Sant'Anna. O estupro aparece de forma insistente ao longo de toda a produção do autor: desde o conto "Assassino", do livro "O sobrevivente" (1969), sua primeira publicação, até "O Milagre de Jesus", de "Páginas sem Glórias" (2012), seu mais recente trabalho. Para melhor delimitação do corpus de pesquisa, foram escolhidos três textos específicos de Sant'Anna: o conto "O monstro" (publicado em livro homônimo em 1994) e os romances "Um crime delicado" (1997) e "O livro de Praga – narrativas de amor e arte" (2011). O crime de violência sexual cometido contra personagens femininas fisicamente vulneráveis constitui ato de importância central na elaboração dessas tramas, que compartilham também o fato de serem narradas em primeira pessoa, por intelectuais, agentes das agressões. Entre os elementos examinados na pesquisa, cabe destacar: a constituição do foco narrativo; as formas não convencionais de construção das personagens vítimas e a relação entre sexualidade e violência, que pauta as histórias. A análise do foco narrativo é necessária porque são os suspeitos dos crimes que controlam o discurso a respeito da violência sexual. A entrevista que Antenor Lott concede à revista "Flagrante" figura como a versão mais legítima sobre o estupro e a morte de Frederica, em "O Monstro". Em "Um Crime delicado", Antônio Martins escreve uma "peça de natureza quase processual" como modo de reafirmar sua inocência a respeito do estupro de Inês. Antônio Fernandes, de "O Livro de Praga", narra a alucinação do estupro de Gertrudes Lidová e a agressão à boneca homônima como uma dentre tantas histórias de "amor" vividas na cidade tcheca. De maneira geral, essas narrativas são fragmentadas e repletas de imprecisões, cogitações e comentários, podendo ser lidas inicialmente à luz das características que Adorno (1954) atribuiu ao narrador do romance contemporâneo. Além disso, a identidade profissional desses narradores – um professor de filosofia, um crítico de teatro e um escritor, respectivamente – permite uma reflexão sobre a descontinuidade entre intelectualidade e ética, foco da discussão de Ginzburg (2012) a propósito de "O Monstro". Atenção especial está sendo concedida também à construção das imagens das personagens vítimas (a partir das reflexões de Rosenfeld, 1978), cuja vulnerabilidade é representada fisicamente por uma marca constitutiva: Frederica é quase cega, Inês é manca e Gertrudes é uma boneca que, no sonambulismo do narrador, transforma-se em adolescente. Nesse sentido, faz-se necessário um aparato teórico sobre o "corpo" que, nesse momento da pesquisa, encontra-se em construção. O vocabulário utilizado para caracterização dessas personagens evidencia sua "fragilidade", elas são infantilizadas e apresentadas como incapazes. Assim, os narradores se equivocam na interpretação de suas vontades e a ocorrência do estupro é posta em xeque. A precariedade do corpo é ainda associada ao erótico, motivo de intensificação do desejo dos narradores. Por fim, essas personagens têm em comum o silenciamento, o que pode apontar para a hipótese de que, em situações mais gerais de violência, há dificuldade de expressão verbal da dor (Wittgenstein, 1965) e enunciação do sofrimento. Por fim, o terceiro elemento de análise nesta pesquisa é a relação entre sexualidade e violência, que se configura não apenas no momento do estupro, mas perpassa todas as narrativas selecionadas em termos de articulação de forma e conteúdo. Em Sérgio Sant'Anna, a

expressão da sexualidade, como fundamento das relações humanas, é muitas vezes acompanhada de elementos destrutivos: Antenor e sua companheira Marieta mantêm, por exemplo, intensas relações sexuais após a morte de Frederica e Antonio Fernandes tem prazer intensificado ao relaciona-se com uma suicida em potencial e ao açoitar e agredir a tenente tcheca, durante a atividade sexual. Para o entendimento dos limites entre sexo e violência, recorre-se a outras disciplinas das ciências humanas, como a psicanálise freudiana (1911-1920) e os desdobramentos da teoria dos impulsos no pensamento de Marcuse (1968). Questões relativas ao gozo da violência também pautam discussões sobre mídia e arte, presentes nas narrativas em que estão. A interpretação desses elementos parece ser um caminho possível para a compreensão da discussão que a ficção do autor apresenta sobre o estupro, constitutivo dos sistemas de dominação ao longo da História do Brasil (Saffioti, 1994). Será importante comparar as narrativas escolhidas a outras representações literárias do estupro na História Literária Brasileira. Se pensarmos essa História “sob a perspectiva da violência” (Ginzburg, 2012). Sant’Anna figura como importante autor, pois trata a questão como problema de linguagem, permitindo reflexões sobre a relação entre ética e estética. A pesquisa estará em diálogo com a fortuna crítica do autor – fundamentada por elaborações como as de Ângela Dias e Luis Brandão Santos e por outras dissertações e teses. A justificativa deste trabalho centra-se no enfoque, da relação entre sexualidade e violência, que propõe abertura de novos campos de reflexão sobre a literatura do autor e sobre as narrativas escolhidas.

Palavras-chave: Literatura Brasileira. Sérgio Sant’Anna. Violência. Sexualidade. Narração.

O CAIPIRA NAS PEÇAS DE CARLOS ALBERTO SOFFREDINI

Lígia Rodrigues Balista

RESUMO: Essa pesquisa de doutorado, ainda em fase inicial, a ser desenvolvida junto ao programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira da Universidade de São Paulo, busca entender como se constrói a imagem do caipira brasileiro na literatura do final do século XX, através do estudo de peças do dramaturgo Carlos Alberto Soffredini. Interessada nas reflexões teóricas e críticas sobre cultura brasileira, assim como em literatura contemporânea e dramaturgia, busquei compreender melhor aspectos relevantes da cultura brasileira do século XX, aproximando-me então da produção de Soffredini, que me permitiu refletir sobre a representação da cultura caipira na literatura. Sendo este um tema de fôlego em sua produção, ainda não estudada a fundo, selecionei as peças que mais explicitamente tratam do caipira brasileiro. O corpus central de pesquisa compõe-se, portanto, inicialmente de três peças: “Na Carrêra do Divino”, de 1979, “Auto de Natal Caipira”, de 1992, e “A Madrasta”, de 1995. Já identificados os aspectos da cultura popular em seus textos, vale avaliar melhor como se dá essa construção de identidade por meio da imagem do caipira brasileiro, a partir da análise de enredos e personagens, do dialeto caipira pesquisado e empregado pelo autor, de aspectos de música caipira e cultura popular presentes nas peças, bem como da discussão que os textos literários indicados propõem sobre crítica social do Brasil. Abordando, então, essas questões sobre cultura popular brasileira (como aparecem os contos populares, o circo, a música e o trabalho com variedades linguísticas nessas peças teatrais), minha pesquisa visa a mapear e analisar como a imagem do caipira é construída na obra desse autor. Para este seminário, apresentarei principalmente a leitura da primeira peça: “Na Carrêra do Divino”, obra declaradamente baseada nos estudos sobre o caipira feitos por Antonio Candido, em *Os parceiros do Rio Bonito*, e Amadeu Amaral, em *O Dialeto Caipira*. Soffredini apresenta, nessa obra, a vida do caipira no interior de São Paulo e no sul de Minas (através da trajetória da família do personagem Jeca), em dois momentos: antes e depois das instalações das relações capitalistas na região. A peça é dividida em três partes (subdivididas em cenas e fases), que apresentam-se linearmente ao espectador/leitor: o nomadismo, o rancho, a roça, na primeira parte; depois, relações de trabalho, relações com o universo urbano, causos, mitos e lendas, o mutirão; e, por fim, “Na Carrêra do AntiCristo”, onde aparece o Capital e as relações comerciais, sendo que a cena final desse trecho retoma os elementos da cena inicial (a saudade da terra de antes). Dentro do recorte de análise a que me proponho, destaco para estudo nessa obra os seguintes elementos: a figura do Jeca e seu núcleo familiar, como protagonistas do enredo em torno do qual gira a peça; uma voz de Monteiro Lobato que ecoa em off em mais de um momento, em uma espécie de “inserção” teórica sobre as figuras ali representadas (em citações que se referem ao caipira/caboclo como “funesto parasita da terra”, “inadaptável à civilização”); o questionamento que uma das personagens faz a essa voz de Lobato e às informações documentais que ela traria; a menção literal ao texto *Os Parceiros do Rio Bonito*, de Antonio Candido, que parece vir como inserção teórica também, mas em outro tom em relação à de Lobato; o conceito de Cidadão e Capital, que aparecem como personagem e parte da peça, no momento de mudança da organização econômica para o homem rural; as músicas caipiras (na referência ao som de viola e nos versos de

“Tristeza do Jeca” e “Cuitelinho”, em especial ao final); e os conflitos e a busca que estruturam o enredo: as transformações sociais que afetam a família caipira, a dificuldade de sustento a partir de um novo sistema de organização econômica (exemplificado no tipo e na carga de trabalho, no desejo de casar como mudança de status, ou no desejo de comer carne). Como dialoga abertamente com essa referência culturais e históricas citadas, uma das importantes etapas de estudo seria avaliar diacronicamente qual a mudança na construção dessa imagem (da década de 70 e 90) em relação a representações anteriores, do caipira no início do século XX na literatura brasileira – em especial, com referência à figura do Jeca Tatu, de Monteiro Lobato, que se torna paradigmática para a produção literária brasileira; mas também com outras representações do caipira no início do século, como as de Valdomiro Silveira e Cornélio Pires.

Palavras-chave: Caipira. Carlos Alberto Soffredini. "Na Carrêra do Divino". Dramaturgia brasileira. Jeca Tatu.

LAVOURAS DE UM (IN)CERTO ORIENTE: IMIGRAÇÃO E TRADIÇÃO EM MILTON HATOUM E RADUAN NASSAR

Marcella Abboud

RESUMO: Em texto denominado “A ruína”, o filósofo alemão Georg Simmel traz uma descrição que louva o curioso ciclo que a ruína, obra humana, desenvolve com a natureza: o que edifica a construção sempre é o homem, mas é da natureza a função de moldá-la, conforme sua vontade e intempéries, e, dessa forma, dar-lhe o aspecto e as características que apreendemos sensorialmente. A definição de Simmel confere à ruína uma característica singular: a construção que une, de forma sincrética, dois momentos históricos. Transpondo a metáfora, essa definição poderia caracterizar o grupo de pessoas que desperta o interesse desta pesquisa: os filhos dos imigrantes, cuja cultura dos pais não lhes é indiferente, ainda que também não seja a única a que têm acesso. Dois filhos de imigrantes nos despertam especial interesse: Raduan Nassar e Milton Hatoum, ambos brasileiros, filho de pais libaneses. Ambos, também, filhos de imigrantes cuja cultura familiar influenciou diretamente na construção das suas personagens. Com efeito, a biografia dos autores nos interessa, mas não é a ela que devotamos maior atenção. Nosso objeto de estudo são as personagens que, envoltas à tradição familiar, da qual não podem se dissociar, enfrentam os dilemas de chocá-la com a própria cultura em que estão imersas no Brasil. cremos que, para os autores, admirar a tradição em solo brasileiro foi. E ainda é, fonte inesgotável de material ficcional. Nesse sentido, fazemos a hipótese de que é interessante e enriquecedor um acesso direto à tradição árabe, bem como à imigração, para a compressão da construção de parte considerável da obra dos autores, em especial em dois livros, a saber: “Relato de um Certo Oriente”, publicado por Hatoum em 1990; e “Lavoura Arcaica”, de 1975, por Raduan Nassar. Para fundamentar essa pesquisa, ainda em andamento, quatro serão as bases para discussão: a construção da imagem de família; a análise do espaço da narrativa; a figuração da religião e do Sagrado; por fim, a questão da mulher dentro dos romances. A problemática do imigrante, nas narrativas, tem como base a trama familiar, isto é, ambas prescindem da família e dos percalços passíveis para a construção do enredo. A família de “Lavoura Arcaica” tem Iohána, o pai, a mãe, Pedro, André (o narrador), Ana (irmã que se afigurara como motivo do desejo de incesto), e outros quatro irmãos. Mencionamos o incesto, porque é justamente nele que se entrelaçam três dos pontos que pretendemos analisar: a) a forte pressão que a família, encabeçada pelo pai, exerce sobre o narrador e como isso redundava, inclusive, em um filicídio; b) o espaço da lavoura, principalmente no que tange aos elementos da natureza que aparecem, frequentemente associados ao prazer; c) a construção da personagem Ana, que, mesmo não tendo voz na narrativa, é uma personagem complexa e forte, que contesta, ao longo de todo o texto, estereótipos associados à figura feminina, bem como diferentes formas de preconceito. Além disso, os dois livros têm na mãe a presença da mulher árabe, muitas vezes vista como submissa pela cultura ocidental. A força significativa das mulheres da narrativa, bem como a construção das personagens é um dos aspectos que mais nos interessa. Hatoum coloca Emilie como matriarca da família árabe de “Relato de um Certo Oriente”, e ela é a memória a ser reconstruída pela narradora inominada que chega a Manaus um dia antes de morte da matriarca. Emilie é multicultural: de origem libanesa, morou na França e no Recife e, sendo católica, casou-se com um muçulmano com quem

discute assiduamente a questão religiosa. O discurso religioso é parte da formação dessa personagem, além disso, é a sua tradição que permite ao leitor a construção da memória: o estrangeiro deslocado revive a tradição dos pais. Esses quatro alicerces que sustentam nossa hipótese encontram o principal respaldo teórico, em primeiro lugar, na própria produção bibliográfica dos autores, mesmo os textos cujo mote central não esteja relacionado a questões de imigração. Para análise da questão do espaço e do Sagrado, apoiamos-nos em Mircea Eliade, em especial em seu livro “O Sagrado e o Profano: a essência das religiões”. Para tratar da tradição, bem como da questão da escrita que transpassa a própria biografia, nosso principal apoio será Paul Ricoeur, com “Sôî mêmme comme une autre” e “A memória, a história e o esquecimento”. A construção da personagem feminina encontrará ancoragem na discussão de Simone de Beauvoir, com “O segundo sexo”; bem como outras autores cujo interesse verse sobre a questão da mulher, por exemplo Andre Nye, com “Teoria Feminista e as Filosofias do Homem”. Por fim, os estudos sobre a imigração libanesa, bem como os recentes dados, constantemente atualizados pelo Instituto da Cultura Árabe, são de enorme valia para a compreensão histórica da imigração. Tendo completado um ano e meio de vigência, a presente pesquisa ainda está estabelecendo os alicerces teóricos e se organizando sobre sua hipótese de trabalho.

Palavras-chave: Literatura Brasileira. Tradição. Religião. Cultura árabe. Imigração.

HUMOR, EXPERIMENTAÇÃO E EXPERIÊNCIA: O ENSAÍSMO NA OBRA DE GUIMARÃES ROSA

Marcos Roberto Grassi

RESUMO: João Guimarães Rosa não foi um ensaísta convencional. Se considerarmos que suas obras mais conhecidas são as narrativas (Sagarana, Grande sertão: veredas, Corpo de baile e Primeiras estórias), a imagem que temos de Guimarães Rosa é, naturalmente, aquela que oscila entre o romancista e o contador de estórias. Nem por isso podemos deixar de localizar, em sua ampla produção, textos de prosa não-ficcional nos quais elementos “ensaísticos” mostram-se presentes. O melhor exemplo são os prefácios-ensaios de Tutaméia (1967). Mas se levarmos em conta partes do romance ou de alguns contos, bem como escritos inéditos depositados desde 1973 no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB/USP), essa marca ensaística se torna ainda mais evidente. Alguns estudos críticos desse rico e ainda pouco explorado acervo apontam, direta ou indiretamente, para tal presença. Três aspectos importantes apoiam a tese de um Rosa ensaísta. O primeiro deles tem a ver com o humor. Especialmente os prefácios-ensaios de Tutaméia são marcados por um forte fundo cômico, que surge não só como recurso textual, mas também como matéria temática. Termos como chiste, anedota, comicidade, pilhéria, etc., compõem o leitmotiv de Aletria e Hermenêutica, primeiro prefácio da obra: “A estória, às vezes, quer-se um pouco parecida à anedota”. Para Rosa, o chiste jamais pode ser tomado como “rasa coisa ordinária”, uma vez que “escanha os planos da lógica, propondo-nos realidade superior e dimensões para mágicos novos sistemas de pensamento” (ROSA, 1969, p. 3). Suas anedotas são “anedotas de abstração”, anunciando uma obra onde o cômico surge como elemento capaz de alargar os horizontes do pensamento através do riso cético e niilista que zomba de qualquer compromisso com o conhecimento, revelando o nada através de uma postura filosófica já em seu título, uma vez que Tutaméia, de acordo com o próprio autor no texto “Sobre a escova e a dúvida”, último dos quatro prefácios dessa obra, pode ser traduzida por “nonada, baga, ninha, inânias, ossos-de-borboleta, quiquiriqui, tuta-e-meia, mexinflório, chorumela, nica, quase-nada” (ROSA, 1969, p. 166). Nesse sentido, Tutaméia, derradeira obra publicada em vida pelo escritor e apontada por muitos críticos como síntese de sua produção, carrega em sua essência a marca de um humor que, longe de simples recurso imediato de entretenimento, exalta o não comprometimento e até mesmo o rompimento com o convencional, a liberdade temática e uma audácia expositiva. Tais características certamente nos remetem a uma determinada tradição do gênero ensaístico (sobretudo inglês) em que o humor é determinante. O segundo aspecto tem a ver com o a definição mais literal do termo ensaio: experimentar, testar, esboçar. Não é preciso reforçar que a obra de Guimarães Rosa é fruto de um verdadeiro laboratório de criação a partir de invenções linguístico-literárias, explorações do idioma português e de várias outras línguas, catálogos da fauna e da flora sertaneja, notas de viagem, diários, etc. Neste laboratório vivo, Rosa planeja e exercita seu fazer literário tal qual um músico a afinar seu instrumento, uma vez que ensaia constantemente. Mas, para poder ensaiar é preciso de um acúmulo de aprendizado, inspiração, vida, material, tempo. Chegamos então ao terceiro e último item: a experiência acumulada. A obra de João Guimarães Rosa dá sinais de uma extraordinária quantidade de experiência somada através de viagens, leituras e

pesquisas. Como narrador, e também como ensaísta, Rosa lança mão de todo seu acervo, de todos os seus recursos (memória, aprendizado, confissão, opinião, crítica, juízo de valor, juízo estético, etc.). Nesse sentido, a acumulação de experiências surge também como matéria-prima importante em sua produção. Tal princípio acumulador, aliado à perspicácia humorística e à natureza experimental fazem de Rosa um ensaísta surpreendente, embora ainda praticamente desconhecido como tal.

Palavras-chave: Ensaísmo. Ensaísmo no Brasil. Teoria Literária. Literatura Brasileira. João Guimarães Rosa.

LITERATURA E FOTOGRAFIA DE JUAN RULFO: A ÓPTICA DA MORTE EM PEDRO PÁRAMO E OUTRAS NARRATIVAS

Maria Catarina Rabelo Bozio

RESUMO: Juan Rulfo (1917 – 1986) possui um acervo de fotografias que perpassa visualmente aspectos presentes também na vertente mais conhecida de sua obra, a literatura. Para refletir sobre as relações entre essas produções, admito Pedro Páramo como o objeto central da pesquisa, sem deixar de lado possíveis interações com contos de El Llano en llamas (1953) que se mostram pertinentes ao tema proposto, e algumas imagens de 100 Fotografias (2011) como linha de reflexão paralela. A escolha do romance Pedro Páramo, dos contos ¡Díles que no me maten!, Luvina, Es que somos muy pobres e La cuesta de las comadres de El Llano en Llamas, assim como das fotografias norteiam os eixos condutores da pesquisa: a morte inacabada na literatura, que permite aos que já morreram participar dos acontecimentos relatados; as vozes que ecoam e os murmúrios, como metáfora dos fragmentos estruturais; a representação, na narrativa, de elementos localizados das heranças da cultura afromexicana; e a fotografia de autoria de Juan Rulfo, como metalinguagem do conteúdo retratado. Essas técnicas distintas do modo de narrar buscam simular uma expressão popular de narrativa oral tradicionalmente mexicana, a qual marca o retorno dos mortos e corroboram uma aproximação da realidade na medida em que evidenciam o cotidiano desta população. Um procedimento semelhante acontece com as fotografias de Rulfo, pois a escolha de cenas cotidianas provoca um efeito específico no leitor: o obriga a olhar novamente, de outro modo, não apenas o ambiente que o rodeia, mas também a si próprio. Por isso, com o estudo, espera-se contribuir para uma melhor compreensão da presença da cultura mexicana em suas mais variadas características na literatura do autor e nas fotografias, assim como reafirmar a importância de sua produção artística nas múltiplas plataformas e o decorrente diálogo desta com a realidade que a cerca, principalmente o romance Pedro Páramo. Nele, a organização entrecortada da narrativa, a desordem cronológica e a supressão de elementos narrativos para a imediata inter-relação das sequências podem confundir leitores desacostumados com seu estilo. São aproximadamente setenta fragmentos desorganizados cronologicamente e cujo conteúdo também não estabelece diálogos imediatos com outros fragmentos próximos. A organização deste embaralhamento cabe ao leitor, a fim de dar sentido à história – técnica que inaugura uma nova abordagem literária na época de Rulfo, no México. Caso o leitor assuma o papel de interagir com o texto, estabelecendo as ligações, torna-se possível identificar, de certo modo, duas linhas condutoras das narrativas. Como se duas ou mais histórias acontecessem e fossem contadas ao mesmo tempo. Uma delas diz respeito a Juan Preciado, e é narrada em primeira pessoa e em ordem cronológica; a outra, de Pedro Páramo, em terceira pessoa e desorganizada cronologicamente. A primeira se aproxima de um estilo de monólogo internos – cuja sintaxe é reduzida, com tom mais íntimo, próximo do subconsciente. A outra, reproduz fatos da vida de Pedro Páramo e possui um tom mais objetivo. Tal polifonia e a fragmentação de tempo e espaço consistem em um estranhamento natural, principalmente se reconhecidas em conjunto com a desorganização cronológica. Proponho, então, que a fotografia de autoria de Juan Rulfo é uma metalinguagem do conteúdo retratado por consistir em um registro visual das fragmentações do meio, assim como aquelas propostas por meio de

sua literatura. Assim, no romance, a extensão e a dualidade de narradores – em primeira e terceira pessoa – impedem ainda tanto a definição temporal concreta, quanto a identificação imediata do enredo. A morte é identificada através dos recorrentes fantasmas e mortos-vivos que permeiam a narrativa. O mesmo ocorre nas fotografias em que Rulfo captura ruínas, elementos arquitetônicos abandonados ou cidades com ínfimos habitantes. Essas correlações, assim como outras que não puderam ser expressas aqui, norteiam a presente pesquisa, ainda em andamento.

Palavras-chave: Literatura Comparada. Juan Rulfo. Fotografia. Literatura Mexicana. Fragmentos.

**LINGUAGEM E TRADIÇÃO: UMA ANÁLISE COMPARATIVA DE
OLIVERIO GIRONDO E NÉSTOR PERLONGHER**

Mariana de Oliveira Campos

RESUMO: A presente pesquisa relaciona a obra poética dos argentinos Oliverio Girondo (1891–1967) e Néstor Perlongher (1949–1992) a partir da análise de seus procedimentos linguísticos considerados experimentais, e seus consequentes efeitos de leitura. O caráter experimental de Girondo tem origem em sua participação junto à vanguarda do início da década de 20 na Argentina, período no qual desenvolveu importantes papéis relativos à Revista Martín Fierro, que está entre as principais referências latino-americanas de discussões sobre as vanguardas históricas e sua apropriação na produção artística nacional. Seu último livro, “En la masmédula” também é lembrado pela crítica por seus procedimentos linguísticos ousados, cujo apelo se volta à sonoridade mais que ao sentido das palavras. Perlongher encontra no Neobarroco, movimento de filiação cubana a partir de Lezama Lima e Severo Sarduy, um meio de discussão sobre a linguagem, assim como a expressão de sua própria. O interesse transgressor de Perlongher é observado em sua poética, assim como em seu trabalho antropológico sobre o michê. O desejo, em ambas áreas, prefigura papel central, incidindo sobre sua linguagem. Do ensaio de Jorge Luis Borges intitulado “Kafka y sus precursores” (1951), podem ser apreendidas duas noções sobre o olhar para a tradição literária, a de uma liberdade de associação entre autores, invertendo a cronologia literária, e de uma atualização do passado a partir do presente. A partir destas noções, se questiona em que aspectos e como Perlongher toma Girondo como seu precursor, e quais os desdobramentos desta relação para a leitura da obra poética de ambos. Esta relação entre os poetas é sinalizada por alguns críticos, entre eles, Haroldo de Campos, que sugeriu em um artigo escrito à Folha de São Paulo de 2001 que o impulso lúdico para o experimento com a linguagem de Perlongher está em Girondo. Algumas pistas desta relação podem ser encontradas no artigo de Perlongher intitulado “El sexo de las chicas”, publicado na Revista Xul, em maio de 1984. Neste o autor defende a hipótese de que a sensualidade da poesia de Girondo, comumente referida pela crítica, vai além da metáfora e sonoridade, podendo ser recolhida no que se concebe como obsceno. Ao analisar este ensaio, se nota que o método adotado por Perlongher privilegia o plano da significação e respeita o sentido cronológico das publicações de Girondo. Tais posicionamentos implicam em limitações aos resultados possíveis da hipótese de Perlongher. O presente trabalho conserva sua hipótese, observando-a a partir do procedimento com linguagem que se explicita no livro “En la masmédula” (1953), este é o do privilégio do significante. Este tipo de procedimento é central nas discussões sobre literatura e linguagem da linguista e psicanalista brasileira Claudia Lemos, a destacar o artigo “Poética e significante” (1998), do qual este trabalho empresta as noções de linguagem. Lemos acrescenta à ruptura representativa entre significante e significado proposta por Jacques Lacan, a teoria saussuriana do valor, reafirmando a autonomia da língua, uma vez que a relação entre seus signos é assentada na diferença e negatividade. Estas noções também se prestam à releitura de conceitos base no que concerne à teoria de poesia de vanguarda presentes em de Estrutura da Lírica Moderna (1956) de Hugo Friedrich. Compreendendo a passagem do século XIX para o XX como um período de acúmulo de experimentações com a linguagem,

entendidos como procedimentos de vanguarda, considera-se relevante reler esta obra canônica, principalmente no que concerne às referências a Stéphane Mallarmé, por recaírem sobre este as reflexões de Friedrich sobre a linguagem. Percebe-se que ao tratar sobre Mallarmé, Friedrich se coloca constantemente no papel de vítima de sua poesia, caracterizando como difícil e mal compreensível, e afirmando, a partir de aforismos de Mallarmé, dados biográficos da vida do poeta, como sua intencionalidade de se isolar com a linguagem. O leitor como vítima do poema é básico para o seu conceito de dissonância, que está entre os mais relevantes apresentados por Friedrich em sua referida obra. Como uma vítima que não reage, o leitor é repelido do processo de significação do poema, como Friedrich se sentiu repelido pela linguagem Mallarmé. Entende-se que aquilo que Friedrich chamou de dissonância é um efeito do funcionamento da relação sujeito-linguagem, que se dá pela via do significante. Os poetas das vanguardas dão a este funcionamento grande aproveitamento poético, assim como Girondo, que uma vez tomado como precursor de Perlongher, terão parte neste aproveitamento.

Palavras-chave: Literatura hispano-americana. Poesia argentina. Néstor Perlongher. Oliverio Girondo.

SERTANÍLIAS: O PORTAL ENTRE DOIS MUNDOS DESDE TEMPOS IMEMORIAIS

Marleide Santana Paes

RESUMO: Neste projeto, encaminharemos propostas para investigação literária em um romance contemporâneo constituído com vertentes narrativas sob as bases do insólito. O intuito deste trabalho é perscrutar os avatares do argumento “supra-real” na produção literária contemporânea *Sertanílias- Romance de Cavalaria* (2008). Obra cujo cenário a priori é o sertão geográfico baiano. Trabalha-se com as seguintes hipóteses: em *Sertanílias- Romance de Cavalaria*, o campo dialógico da construção argumentativa insólita tem sua gênese nas fontes orais e folclóricas pertencentes ao imaginário coletivo sertanejo que longe de ser unificado, é totalmente pluridimensional. Esta pesquisa está sendo construída a partir de algumas hipóteses. Inicialmente, estamos acreditando que boa parte das histórias apresentadas neste romance tem em sua formação o caráter universal, contudo, foram através dos séculos justapostas e encadeadas pelas tradições pautadas na oralidade até tomarem forma da cor local. A pergunta central que subjaz este projeto é: qual e/ou quais os fatores que corroboram para a naturalização do insólito quando as personagens de *Sertanílias* entram em contato com as “livusias”? Por qual ou e quais motivos tais seres não causam tanto pavor no protagonista quando o mesmo se torna testemunha ou participante de uma ação que rompe com a ordem lógica das coisas? Consideramos como passos fundamentais neste percurso investigativo: compreender a construção do Fantástico no romance contemporâneo. Entender o percurso discursivo que Elomar Figueira Mello adota no processo de elaboração da linguagem extraordinária que se acopla à linguagem prosaica sertaneja. Investigar o grau de diálogo entre o romance impresso e a literatura oral e folclórica em *Sertanílias*. Falar em literatura fantástica é optar por trilhar um terreno ainda bem sedimentar, tendo em vista que tal abordagem envolve uma gama de questionamentos cujas resoluções são até o momento um tanto embrionárias, sobretudo do fantástico construído no romance contemporâneo. Estamos cientes de que tal gênero na literatura é assunto exaustivamente debatido pelos cânones literários ao longo de um século, não obstante, esta constatação não o invalida como assunto atual e inovador, portanto, passível de ser pesquisado sob vários aspectos, sejam eles formais, estruturais, semânticos, históricos, culturais, religiosos, estéticos ou de quaisquer outros arcaísmos. A recorrência do fantástico nos parâmetros da literatura contemporânea tem muitos pontos propensos a discussões mais estreitas. Olhar o tema de modo mais acurado é a oportunidade que se tem de compreender os meandros do insólito no fazer literário da contemporaneidade e contribuir com a construção de argumentos que poderão colaborar com o campo das ciências literárias que se ocupa pelo estudo desse gênero no romance pós-moderno. *Sertanílias* oferece múltiplas perspectivas de leituras às quais nos permitem compreender a elaboração do romance fantástico e sua constituição contemporânea sob vários ângulos, a saber: como gênero e seus limites, e/ou ainda, como potencializador da história, da cultura e da memória de um povo em determinado tempo e espaço político-social. Até o momento, estamos entendendo que o sobrenatural no espaço político-geográfico do sertão tem uma “acomodação social” mais ampla, decorrente da familiarização do sertanejo desde sua infância com narrativas dessa natureza. Daí procede o interesse de em *Sertanílias*, analisarmos as relações dialógicas entre os

homens e as “livusias” e as “latumias” do sertão nordestino brasileiro. Julga-se importante também investigarmos qual o efeito estético que esta narrativa causa no leitor quando este constata que as personagens “normais” convivem em harmonia com um mundo incoerente perante o lógico. Sertanílias é um romance composto por duas linhas tênues: uma em cujo espaço: físico, inteligível é concebido dentro de certa disposição espacial lógica e temporal dedutível, cronologicamente identificável a partir dos elementos textuais organizados em sua composição argumentativa; outra em que espaço é mítico, atemporal e ilógico, em que a situação relatada se torna ambíguo, lacunar e difusa. Estas linhas tênues são por assim dizer o “portal” que cria as condições de possibilidades de potencialização não só do elemento histórico, mas também do cultural e do sagrado na obra de Elomar Figueira Mello.

Palavras-chave: Literatura. Sertão. Sertanejo. Romance. Mítico.

REGIETHEATER: TEXTO OPERÍSTICO EM TRÊS DIMENSÕES

Mateus Yuri Ribeiro da Silva Passos

RESUMO: A pesquisa de doutorado, em etapa de conclusão, se debruça sobre as produções de ópera contemporâneas, em especial um conjunto de sete encenações da tetralogia *Der Ring des Nibelungen* [O Anel do Nibelungo], de Richard Wagner, registradas em vídeo na Alemanha e Dinamarca entre 1980 e 2010 e aqui listadas por diretor cênico, diretor musical, cidade e data de realização original: Chéreau/Boulez (Bayreuth 1975), Kupfer/Barenboim (Bayreuth 1988), Lehnhoff/Sawallisch (München 1989), Zehelein/Zagrosek (Stuttgart 1999), Holten/Schönwandt (Kopenhagen 2004), Schulz/St.Clair (Weimar 2007), Pilavachi/Brogli-Sacher (Lübeck 2010). O conjunto dessas produções, assim como boa parte do que se realiza nos palcos líricos alemães desde meados dos anos 1960, é agrupado pela crítica alemã sob o termo *Regietheater* [teatro de diretor] e possui como principal traço – talvez o único que permita reunir sob um mesmo rótulo abordagens tão distintas – a realização, na direção cênica, de deslocamentos em relação ao texto do libretto, tanto no tempo/espaço da trama como na caracterização de personagens e suas próprias ações em cena, na contramão do paradigma de direção anterior, denominado *Illusionstheater* [teatro de ilusão], voltado à transposição visual do libretto, a uma mediação o mais transparente possível entre autor e público. Assim, o projeto de *Gesamtkunstwerk* [Obra de arte integral] de Wagner ganha um novo impulso e significado, pois as três dimensões da arte operística – verbal, musical e visual – deixam de trabalhar em conjunto para a mobilização do drama e passam a constituir textos distintos, não raro com atritos entre si: o texto cênico torna-se mais opaco e passa a chamar mais atenção para si próprio como um enunciado original. O propósito aqui foi observar como se davam esses deslocamentos e caracterizá-los como um exercício de hermenêutica wagneriana – de apresentação, por meio da direção, de uma leitura pessoal da obra, não apenas discutindo a substituição de significados, mas questionando a relação que os novos símbolos estabelecem com os anteriores. Porém, ao longo da análise, mostrou-se impraticável manter a hipótese de que as decisões do diretor envolviam necessariamente um exercício interpretativo e parece mesmo inapropriado classificar em uma nomenclatura única produções que não apenas utilizam abordagens cênicas bastante distintas, mas possuem uma postura completamente distinta em relação ao texto do libretto e sua importância em relação ao que se realiza em cena: enquanto Patrice Chéreau e Harry Kupfer tomam as instruções cênicas de Wagner como base e preservam boa parte delas – ao mesmo tempo em que situam a ação no século XIX e num tempo futuro posterior a um desastre nuclear, procurando no Anel leituras das épocas contemporâneas ao autor e diretor, respectivamente, em lugar da ambientação mítica escandinavo-germânica original –, em especial a partir da produção de Stuttgart, o libretto deixa de ser um ponto de partida e a encenação das óperas se torna meio para expressar ideias exteriores a elas. Além disso, também a partir do ciclo de Stuttgart, incorporam-se práticas daquilo a que Hans-Thies Lehmann (1999) denomina *Postdramatisches Theater* [teatro pós-dramático], as quais põem em segundo plano a própria noção de construção de uma narrativa, passando-se a trabalhar com fragmentos de ação, muitas vezes simultâneos e contraditórios: com isso há uma ausência de texto cênico conciso/coerente e portanto de uma leitura crítica do diretor nesses mesmos termos. É possível afirmar que, sem a consciência do processo

dialógico entre os textos verbal, musical e visual, há um ponto problemático na limitação interpretativa que o conceito de direção lança sobre o ciclo: durante uma récita, a variada gama de significações latentes da ação e personagens é reduzida, concretizada em apenas um de seus aspectos, sob a pena de todas as demais potencialidades desaparecerem aos olhos do espectador, que então conhecerá a obra de forma parcial. Esse seria um calcanhar-de-aquiles do Regietheater: o texto operístico em estado potencial está prenhe de possíveis realizações cênicas e leituras hermenêuticas, especialmente no Anel; a opção por um caminho interpretativo, porém, deve restringir essas possibilidades consideravelmente aos olhos do público.

Palavras-chave: Crítica Literária. Ópera. Regietheater. Richard Wagner. Gesamtkunstwerk.

HISTÓRIA E FICÇÃO – QUE PARTES DE ÁFRICA SÃO ESSAS?

Nayara Meneguetti Pires

RESUMO: Após a perda das colônias ultramarinas e a conseqüente diáspora em direção à metrópole, Portugal é obrigado a lidar com a multiculturalidade e multiétnicidade. Se antes Portugal conservava uma imagem homogênea e tradicional, tal imagem é transfigurada com o advento das independências das colônias para heterogênea e multicultural. É esta nova realidade que *Partes de África*, romance de estreia do escritor Helder Macedo – consagrado até então apenas na poesia e na crítica –, a partir da memória do narrador, absorve e transforma em matéria ficcional, num ato de reconciliação com a História e compreensão da nova situação lusitana. O engenho empregado na intrincada diegese de *Partes de África* é de responsabilidade do narrador, que mobiliza a estrutura ficcional, bem como o discurso histórico, de maneira autoconsciente e ambígua, criando um romance de fronteiras flutuantes, que transita entre gêneros, vozes, ficção e História. Isto porque flerta o tempo todo com o leitor, confundindo os limites entre ficção e realidade ao optar pela ficcionalização da História e da própria biografia, ambos perpassados pelo crivo da memória. O resultado é um olhar diferenciado acerca da questão colonial: um olhar multicultural que vem da África, de um indivíduo que foi criado em suas diversas colônias, mas é português e tem como origem a metrópole. Multiculturalidade essa que não se restringe ao enredo, mas que transborda para a estrutura, tornando as fronteiras flutuantes, indefinidas da mesma forma como o são as fronteiras culturais entre Portugal e África na nova realidade. Têm-se o interesse de investigar quais são os resultados dessa revisitação histórica do colonialismo português, partindo da hipótese de que o modo híbrido a partir do qual o romance se estrutura é uma realização formal para as contradições reais de Portugal, que, se pelo conteúdo se aproxima da História, pela estrutura se afasta e a relativiza, abrindo assim espaço para novas interpretações. A ficcionalização da memória, da biografia e da História permite ao narrador-autor-personagem agenciar não só a sua própria realidade, através da revisão de suas memórias, como também a de seu próprio país, através do oferecimento de um contraponto histórico pelas vias da Arte. Para atingir tais objetivos é preciso ter em vista as relações entre ficção e História estabelecidas no romance e analisar o modo como a História impregna a estrutura romanesca, passando de fato externo à interno, da maneira como sugere Cândido em “Literatura e Sociedade”. Conta-se também com o aparato teórico de autores que trabalham nos limites entre esses dois campos das Ciências Humanas, como Márcia Valéria Zamboni Gobbi, Maria Teresa de Freitas, Walter Mingnolo, Linda Hutcheon, entre outros para compreender quais os efeitos almejados por uma ficção que se apropria do fato histórico e transfigura-o dentro do universo diegético e de que maneira isso se articula no romance. Objetivando compreender como os diversos elementos da diegese são organizados pelo narrador, recorreremos a bibliografias que esclareçam questões de ordem narratológica, como por exemplo, “Os seis passeios pelos bosques da ficção”, de Umberto Eco, “A personagem de ficção” de Antônio Cândido e “A cultura do romance” de Franco Moretti. Busca-se ainda apoio em autores que trabalhem com questões como a memória e a autobiografia, como, por exemplo, Beatriz Sarlo, Jacques Revel e Paolo Rossi; a história de Portugal no pós-colonial, como, por exemplo, Lincoln Secco e José Hermano Saraiva; e questões específicas à respeito do romance “Partes de

África”, como, por exemplo, Maria Lúcia Dal Farra, Teresa Cristina Cerdeira e Maria Calafate Ribeiro, de modo à dar luz em tais questões. Como resultado de pesquisa, comprovaremos como a História e a memória transfigurarão a matéria romanesca e oferecerão novas interpretações do passado, que nos ajudarão a compreender o presente, no caso, o de Portugal e África.

Palavras-chave: História. Ficção. Memória. Helder Macedo. África.

**O NARRADOR DE HELENA, DE MACHADO DE ASSIS: ETHOS
MODERNIZADOR EM MATÉRIA LITERÁRIA ACANHADA**

Raquel Cristina Ribeiro Pedroso

RESUMO: O público apreciador de literatura de folhetim foi surpreendido pelo lançamento de “Helena” (1876), uma obra de cunho inovador, escrita “parte à parte” pelo jovem escritor Machado de Assis, que arriscou-se num tipo de romance cuja temática continuaria a experimentar nos enredos que seguiram. “Helena” sai no rodapé do jornal “O Globo”, famoso pelas polêmicas que abrigara. Partindo de seu modo de publicação, buscamos analisar as condições literárias e sociais, direcionando os estudos à compreensão da estrutura do romance. Para tal, evidenciamos a presença de um “ethos” narrativo persuasivo, astuto, consciente e capaz de revelar complexidades em relações sociais aparentemente comuns e, contudo, percebemos uma escrita com tratamento inovador para um romance folhetinesco da época. No desenrolar da trama, Machado de Assis reduz a distância entre o narrador e o leitor, possibilitando-nos uma participação efetiva, conduzindo um questionamento sobre o caráter da protagonista Helena. É uma escrita considerada parte do que se visualiza como moderno na literatura machadiana, um desejo de sair do lugar comum aos autores oitocentistas, de certo modo, um rompimento com o realismo. O narrador de “Helena”, inicialmente, não nos permite tecer possíveis sequências de acontecimentos à trama, mas chama a atenção do leitor para o caráter e a moral de Helena, sustentando por meio do “ethos” persuasivo a revelação da conformidade social das relações paternalistas. Em “Helena” há a presença de um “ethos” narrativo cuja análise pode demonstrar a dimensão social que o romance-folhetim poderia alcançar: a publicação em “pedaços” permitia desafiar o tempo e recriar a sociedade por um viés um tanto polido, a literatura dirigida aos leitores de jornal, consumidores de ficção. A importância da pesquisa está ligada, evidentemente, à investigação dos elementos da narrativa machadiana, numa escala menor e, no que diz respeito a uma perspectiva mais global, à história literária, sobretudo da forma romance. Assim, poderemos explorar desde a concepção de um narrador segundo uma orientação capaz de aliar cor moderna aos valores conservadores da trama, até as inovações representadas por um tipo específico de realismo nos estertores do romance-folhetim do século XIX. A contribuição da pesquisa reside na análise complementar aos trabalhos que investigam os modos de expressar a lógica do paternalismo e de outras características do meio social brasileiro nos primeiros romances machadianos. Buscamos compreender a estrutura do romance e as condições literárias e sociais a partir das quais surgem os romances inaugurais da obra machadiana. Para tanto, uma verificação dos modelos folhetinescos torna-se imprescindível, assim como a nota específica à transição do romance do jornal para o livro, ao menos para explorar as formas de continuidade e incongruência dos elementos narrativos nos predecessores e na própria ficção machadiana. Os núcleos temáticos e formais serão estudados como resultados de uma assimilação de tradições literárias e de influências enriquecedoras, quando for o caso. Num segundo passo, a análise do narrador do romance “Helena” (1876), deve esquadriñar a presença de um “ethos” narrativo consciente, persuasivo e astuto no fazer literário de Machado de Assis. Temos em mente a contribuição efetiva para os estudos machadianos no que diz respeito à evolução das formas literárias e, sobretudo, ao sentido da “viravolta” realizada pelo autor na sua obra madura (escrita

após 1880), ou a superação das limitações e inconsistências tanto de seus modelos quanto de seus primeiros trabalhos. No tocante ao foco narrativo, procuramos concentrar as análises sobre os ousados rearranjos que, acompanhando a disposição do tema doméstico, percorrem as perspectivas e iniquidades sociais. Tentaremos avaliar em que medida o narrador de “Helena” disfarça e revela dependentes desvalidos e proprietários opressores, sem pertencer a nenhuma dessas esferas. Também deveremos mostrar como a desenvoltura (e não exatamente capacidade) intelectual do narrador se apresenta contida pela matéria de que trata, assim como é possível detectar, por baixo da credibilidade desse narrador, um “ethos” revelador da complexidade das relações. Sabendo que esta etapa da ficção machadiana é decisiva para a criação dos narradores que assumem a arbitrariedade de um estrato social, nossa análise deverá manter o cuidado e a distância necessários com o princípio formal plenamente realizado a partir de “Memórias póstumas de Brás Cubas”.

Palavras-chave: Narrador. Folhetim. Escrita machadiana. Helena.

**PROPOSTA INTERPRETATIVA DE LA VIE EN CLOSE, DE PAULO
LEMINSKI**

Ricardo Gessner

RESUMO: Paulo Leminski (1944 – 1989), largamente celebrado pela crítica como poeta que “sintetiza” em sua poesia o “erudito” e o “popular”, hoje recobra sua popularidade, antes conseguida nos idos da década de 1980. Com sua morte em 1989, houve uma espécie de lapso em que seu nome foi relegado a um quase esquecimento por parte do grande público, sendo recobrado somente por admiradores e/ou estudiosos. Publicações póstumas não foram suficientes para que seu nome retomasse uma popularidade considerável. Talvez por esse fator, Paulo Franchetti, no texto “Pós-Tudo: a poesia brasileira depois de João Cabral” (2007), argumentou que “a poesia de Leminski se ressent da falta biográfica de seu autor” (p. 287), sugerindo uma perda de força lírica. Mas, em 2013, a publicação do volume “Toda Poesia – Paulo Leminski” desbancou livros do porte de “50 tons de cinza”, de Erika Leonard James, das listas dos mais vendidos e o nome do “samurai-malandro” voltou ter popularidade, permitindo rever e problematizar diversas críticas e argumentos, como os de Franchetti. Leminski tende a ser o centro das atenções nos próximos anos, principalmente no que tange aos estudos especializados. Até o momento, várias dissertações e teses foram defendidas, e muitas delas publicadas no formato “livro”. Daqueles que tratam especificamente de sua poesia, a maioria esmagadora se preocupou em estudar a constituição estética, no que tange, principalmente, a seus aspectos intertextuais – sejam eles com movimentos artísticos ou teóricos. Identificam-se “concretismos”, “tropicalismos”, “semioticismos à la Peirce”, “modernismos à la Oswald de Andrade”, “haicaísmos e orientalismos”, “poesia beat”, “sintetismos”, etc... Desse amontoado intertextual, uns se preocupam em demarcar a constituição de uma dicção leminskiana, outros empreendem um esforço de demonstrar a originalidade do Leminski-poeta em seu repertório múltiplo, e alguns até mesmo tentam enquadrá-la como sendo uma poesia de vanguarda. Arrisco dizer que esses estudos pertencem a uma 1ª Geração, em que eixo-central é justamente a verificação das principais características e articulações estéticas, cujo denominador comum é o enquadramento da poética leminskiana como síntese entre “erudito” e “popular”: o “erudito” se caracteriza pelo aspecto racional de sua poesia, seja em diálogo com movimentos que valorizam o pensamento, seja pela articulação da linguagem promovendo efeitos mais sutis e sofisticados; o “popular” se caracteriza pelas palavras simples – até mesmo próximas da coloquialidade –, o apelo aos meios de comunicação em massa, o humor. Tudo isso, num poema só, em que ora um aspecto é mais evidente, ora o outro, ora estão em equilíbrio. Agora uma 2ª Geração começa a dar seus primeiros alentos. Diferentemente da anterior, essa 2ª geração tende a olhar mais para os efeitos de sentido e, conseqüentemente, para as possibilidades de interpretação. O estudo de Elizabeth Rocha Leite, de 2012: “Leminski – o poeta da diferença” pode ser representativo de um momento de transição entre a 1ª para a 2ª Geração. Nele, a indagação central é verificar qual o questionamento central da poesia de Leminski e em que campo teórico ela se situa. O olhar já não é plenamente a relação intertextual, mas o estudo ainda não se fixa em propor uma interpretação ou possibilidades de efeitos de sentido oriundos da poesia leminskiana. Dentro dessa 2ª Geração, ainda não há estudos publicados em livro, mas há diversos espalhados em forma de artigos, ensaios,

postagens em blogs. Levando isso em conta, proponho desenvolver um estudo de um livro específico, “La vie en close” (1991), cujo objetivo central é elaborar chaves interpretativas para a obra. Ou seja, olhar menos para a constituição estética dos poemas, e mais para as possibilidades de efeitos de sentido, oriundos de um trabalho interpretativo de extração hermenêutica. Os principais motivos de escolha dessa obra é a escassez de estudos específicos, assim como buscar um posicionamento diferente do generalizante que a crítica manteve até o momento. Trabalhar uma obra em específico permite a verificação e consolidação de outras possibilidades interpretativas, assim como outros efeitos de sentido. A escolha de uma extração hermenêutica se faz devido as ferramentas teóricas que ela permite – uma hermenêutica de linhagem filosófica – que serão adaptadas e problematizadas no decorrer do estudo. Diferentemente dos livros anteriores, “La vie en close” não tem nenhuma apresentação (como em “Caprichos e Relaxos”) nem um prefácio (como em “Distraídos Venceremos”) bem delimitados ou explicitados, o que não significa que há ausência de tal. A partir dos cinco primeiros poemas é possível traçar um caminho que funciona como apresentação do livro e de sua proposta. O primeiro passo será o estudo detalhado desse conjunto, e problematizar a possibilidade de configurá-lo como uma espécie de “carta de intenções”. Em seguida, o trabalho será com outro conjunto de poemas, a ser selecionado, de modo a consolidar um núcleo interpretativo para confrontá-lo com as conclusões anteriores. Desse confronto, propõe-se elaborar chaves interpretativas para a obra, que serão aplicadas noutros poemas do mesmo livro.

Palavras- chave: Hermenêutica. Poesia brasileira. Paulo Leminski. La vie en close.

OS LIMITES E DESLIMITES SEMÂNTICOS DA METÁFORA NO TEXTO NEOTESTAMENTÁRIO

Rosilene Gomes Ribeiro

RESUMO: Todo texto, seja ele científico, religioso ou ficcional, necessita de uma interpretação estilística segundo a forma, e linguística segundo o padrão. Essas interpretações estão vulneráveis ao contexto em que se dão. Mesmo que o texto religioso anseie em si mesmo por uma liberdade padronizada pela “revelação divina”, ele também não deixa de ser um texto, e, portanto, sujeito às técnicas de interpretação textual possíveis. Essa sujeição textual não desvaloriza o caráter “inspirado” do texto bíblico, antes pode ser uma ferramenta de auxílio a uma interpretação mais comprometida. Estilos e formas literárias diversas foram empregados na constituição do texto bíblico, fazendo-se necessário diferenciá-los para aplicar a cada um uma leitura específica. Quando essa diversidade não é identificada em suas peculiaridades, acaba criando confusão de significado. Por exemplo, podemos ter como resultado desta confusão, textos alegóricos sendo interpretados de forma literal, como o Apocalipse; ou textos históricos sendo interpretados de forma doutrinária, como no caso do livro de Atos. A linguagem figurada está entre os estilos literários que mais frequentemente aparecem nas Escrituras, dentre as quais a metáfora é a mais comum, ela é encontrada em quantidade considerável principalmente nas parábolas, prédicas, doutrinas e símbolos neotestamentários. Diante disso, surge a necessidade de investigar as possibilidades interpretativas da metáfora bíblica. Questionar se possui ou não um significado unívoco pautado no contexto de produção ou se é equívoca, permitindo liberdade ao interlocutor para a construção de seu significado. Questiona-se ainda a respeito da possibilidade de se reproduzir hoje o efeito que uma metáfora causou num passado remoto ou quais influências interpretativas deixou a tradição hermenêutica de metáforas bíblicas. O tema desta pesquisa está nos limites e/ou “deslimites” semânticos da metáfora no texto neotestamentário. Limites porque se investigará a possibilidade da univocidade da metáfora bíblica, “deslimites”, porque se pesquisará a respeito da plausibilidade de sua equivocidade, e neotestamentário porque o material de pesquisa será o Novo Testamento. Basicamente pretende-se pesquisar a existência ou não de fronteiras interpretativas para um texto da importância e influência do texto bíblico e com isso, oferecer um material acadêmico de análise da interpretação da metáfora bíblica. O limite da interpretação metafórica alcança importância maior ao analisarmos que a interpretação de metáforas bíblicas, além de transmitir sentido com alta carga filosófica, funciona também como documento normativo da realidade. A partir disso, constata-se o valor da relação entre a Literatura e o texto bíblico. O comportamento e toda a ideia de realidade de muitas comunidades cristãs são determinados puramente por sua escolha interpretativa, daí observamos a importância da metáfora. A linha de pesquisa a ser seguida é a da Literatura e discurso religioso. Abordar-se-á o texto, na perspectiva dos estudos da linguagem, considerando os mecanismos de constituição do sentido. Observar-se-á, no campo teórico-literário, a relação comunicativa entre autor e ouvintes/leitores, à luz da teoria narrativa e da retórica. Serão considerados por isso, os contextos de produção e recepção da metáfora bíblica. Será feito uso dos conceitos bakhtinianos de eventicidade e unicidade para a fundamentação do valor do contexto de produção assim como aspectos da cena enunciativa proposta por Pêcheux. Observar-se-

á ainda princípios da retórica e teoria literária pautados em Aristóteles e da teoria narrativa proposta por Ricoeur. Pretende-se pesquisar ainda autores específicos como Klaus Berger e Louis Berkhof os quais relacionaram teoria literária ao texto bíblico. O método usado será a pesquisa bibliográfica usando como objeto o texto bíblico do Novo Testamento e autores relacionados à teoria literária e narrativa a serem selecionados. A opção metodológica da pesquisa reside no método hipotético-dedutivo. Em primeiro momento, será feita a exposição e conceituação da metáfora, e uma abordagem a respeito da sua ocorrência no Novo Testamento, considerando-se o valor social e histórico que este texto possui. Essa conceituação será embasada em teóricos da retórica que se utilizaram dessa figura de linguagem em suas obras. Serão estudadas ainda as finalidades didáticas do uso da metáfora que abrangem a facilidade de retenção de conceitos abstratos de forma concreta e palatável. Em segundo momento, serão selecionados teóricos do campo filosófico-discursivo e linguistas da teoria literária. A partir de então será feita comparação e contraposição de teses com a finalidade de estabelecer possíveis relações de complementaridade entre linhas interpretativas diversas da metáfora. Por fim, apresentar-se-ão possibilidades de interpretação e talvez métodos de análise de textos metafóricos.

Palavras-chave: Literatura. Discurso religioso. Retórica. Linguística.

PROBLEMAS DA IDENTIFICAÇÃO EM "LOLITA"

Tauan Fernandes Tinti

RESUMO: O trabalho a ser apresentado é parte de uma tese de doutorado que tem por objetivo investigar certas especificidades da interação entre a indústria cultural – pensada principalmente a partir de Adorno e Horkheimer (2006) – e o modernismo de língua inglesa, tanto em sua fase inicial, com o “Ulysses” de James Joyce, quanto em seus momentos tardios, com as obras de autores como Samuel Beckett e Vladimir Nabokov. Tal interação vem sendo concebida principalmente como um processo de duas fases: de um lado, teríamos um movimento de apropriação e naturalização de procedimentos formais altamente elaborados por parte da indústria cultural, que teria como consequência uma espécie de neutralização de seus potenciais de significação nas obras modernistas de origem, que sairiam deste processo tanto enfraquecidas quanto com sua autonomia artística ameaçada. De outro lado, uma análise mais detida busca revelar que, uma vez enfraquecidos, esses procedimentos formais abrem caminho para outras estratégias presentes nas obras desapropriadas, até então mantidas subterrâneas e que efetua, nesse segundo momento, uma espécie de contra-ataque retroativo e direcionado a alguns dos mecanismos mais fundamentais tanto da cultura de massa quanto de si próprias – ainda que nesse processo também abrindo mão desses próprios mecanismos. A comunicação a ser apresentada é centrada em um dos casos que compõem a segunda fase do movimento acima descrito, tendo como tema o mecanismo da identificação entre leitor e personagem tal como é atacado de forma sub-reptícia no romance “Lolita”, de Vladimir Nabokov. Em um primeiro momento, busca-se expor brevemente a forma como as leituras mais comuns deste romance são construídas em torno de um julgamento de ordem moral que é favorável ou contrário à redenção final de Humbert Humbert, o narrador pedófilo e protagonista de “Lolita”, e que se assenta na identificação cuidadosamente construída por Nabokov entre leitor e narrador. Porém, a partir de uma série de marcas retóricas, tais como as identificadas por Tamir-Ghez (1984), pode-se perceber que a própria possibilidade de um juízo moral sobre Humbert repousa em um paradoxo que tornaria a narrativa, no limite, insustentável. Se, de acordo com seu narrador, o sucesso artístico do romance depende de sua redenção moral – que, por sua vez, resulta na imortalização da figura de Lolita –, seu fracasso seria também um fracasso artístico, ao passo que seu triunfo seria impossível, posto que baseado em estratégias de manipulação que, uma vez percebidas, inviabilizam a crença na redenção moral do protagonista de “Lolita”. Contudo, não se almeja com isso tomar “Lolita” como mera encenação da dúvida moral insolúvel acima esboçada, nem como simplesmente um quebra-cabeças autorreferencial e paródico (o que seria outra das vertentes existentes da crítica nabokoviana). A partir da sugestiva leitura feita por Richard Rorty (2007) da cena entre Humbert e o barbeiro de Kasbeam, buscamos reorganizar o debate com base na ideia de indiferença ao sofrimento alheio que, de acordo com o autor, é a marca central do narrador de “Lolita”. Para tanto, faz-se necessário ainda um último deslocamento, de forma a despir a hipótese de Rorty de suas conotações morais (ainda que de ordem diversa da que constituía o dilema anterior) e transformá-la em problema estético. A hipótese do trabalho, nesse ponto, é a de que o estabelecimento dessa indiferença se dá menos no plano do narrador do que na posição que o leitor é levado sutilmente a ocupar caso aceite ser totalmente guiado por Humbert:

isto é, “Lolita” constituiria-se nesse sentido como um ataque ao leitor indiferente ou desatento que se deixa levar distraidamente por aquilo que é narrado. Para dizer de outra forma, Nabokov faria no romance algo como um truque de prestidigitação, chamando a atenção – por meio da identificação com o narrador – para um dilema moral insignificante (pois irremediavelmente fictício) com uma das mãos enquanto, diante de quem se dá conta do embuste, com a outra escarnece e rebaixa aqueles que se deixam enredar por sua técnica.

Palavras-chave: Modernismo de língua inglesa. Vladimir Nabokov. Lolita. Identificação. Teoria crítica.

ANALOGIA E LITERATURA NAS “CRÓNICAS DA ORDEM DOS FRADES MENORES”, DE FREI MARCOS DE LISBOA

Thiago Maerki

RESUMO: Os estudos de crônicas ibéricas, “prosa histórica” para José Mattoso (1997), têm crescido significativamente nas últimas décadas. Os séculos XIV e XV, com Fernão Lopes (1378/1383-1460), foram tão fecundos na produção desse tipo de texto, que se afirma ter nascido neste período a historiografia portuguesa. As “Crônicas da Ordem dos Frades Menores”, escritas no século XVI, por Frei Marcos de Lisboa, podem ser vinculadas a esta tradição, mas expande seus limites para além da historiografia ao apresentar várias hagiografias – Vidas de santos – gênero literário célebre na Idade Média. Tendo em vista as quase cem edições que conheceu esta obra por toda Europa, é inegável o seu valor para a cultura portuguesa, principalmente em relação à literatura religiosa. A obra de Frei Marcos não é somente a primeira grande crônica da Ordem dos Frades Menores, mas também a primeira “crônica monástica” portuguesa, apesar de a Ordem em questão não ser propriamente uma instituição monástica na acepção tradicional do termo. A fim de conseguir informações importantes para a escrita das “Crônicas”, Frei Marcos teria percorrido vários países da Europa, especialmente a Itália, passando por Florença, Roma, Assis e Greccio, realizando uma peregrinação “ad sacra loca Sancti Francisci”. Teria também visitado os conventos capuchinhos da Úmbria, passando talvez por Pádua e Milão, retornando a Portugal. Para Carvalho (2001a), essas viagens assinalam, juntamente com a adoção da língua vulgar, o caráter humanista do texto de Frei Marcos, apesar de não estabelecer que tipo de Humanismo seria esse. Segundo o autor, essa viagem à Itália “devia fazer parte do ‘curriculum vitae’ ideal de todo humanista” (CARVALHO, 2001a, p. 17). Essa peregrinação foi importante para o resgate de muitas obras franciscanas perdidas ou abandonadas em mosteiros e bibliotecas. Muitas foram incorporadas às “Crônicas” e outras tiveram edições autônomas, sendo a obra um “empreendimento notável”, de uma “intensa atividade intelectual” (CARVALHO, 2001a). Tendo em vista o esquecimento a que esteve sujeita esta obra, a despeito de sua ressaltada importância para Portugal e toda a Europa, pretendemos, com este trabalho, além de dar-lhe um destaque acadêmico há muito tempo merecido (desde a conferência “Frei Marcos de Lisboa: cronista franciscano e bispo do Porto”, ocorrida na Faculdade de Letras da Universidade do Porto em 2001), analisar de que maneira se dá a construção da personagem São Francisco pelo cronista português. Estamos convictos de que essa personagem foi construída através de um complexo jogo de analogias, forma de construção literária marcante no século XVI, mas que, mesmo antes desse período, esteve presente na exegese bíblica da Patrística, para a qual “cada evento e cada personagem veterotestamentário antecipam eventos e personagens neotestamentários, estes concretizam aqueles” (FRANCO JÚNIOR, 2013, p. 18). Nossa hipótese é que a “Legenda Maior Sancti Francisci” – hagiografia de São Francisco escrita por São Boaventura (1221-1274) –, através de um complexo sistema de similitudes, tenha influenciado substancialmente a vida do santo narrada nas “Crônicas”. É possível perceber a profunda analogia entre os dois textos, o que forma uma inegável intertextualidade entre eles. Para Boaventura, Francisco é como uma “stella matutina in medio nebulae” [“estrela da manhã em meio às nuvens”], ou seja, é uma luz que dissipa a escuridão. A analogia continua ao dizer que o santo “direxit in

lucem” [“direcionou para a luz”] aqueles que “sedentes in tenebris et umbra mortis” [“habitavam nas trevas e na sombra da morte”]; que ele veio ao mundo “ut testimonium perhibendo de lumine” [“para dar testemunho da luz”] e direcionar os homens ao “viam lucis et pacis” [“caminho da luz e da paz”]. De forma análoga, esta “metáfora da luz” está presente no texto de Marcos de Lisboa, no qual Deus é chamado de “pai das misericórdias e da luz” e de Francisco se diz que foi retirado das trevas mundanas e trazido à “verdadeira luz”. A antítese entre “trevas” e “luz” se faz presente em ambos os textos, estabelecendo uma profícua analogia entre eles. Assim, o texto de Boaventura e sua teoria da iluminação parecem ter sido a matriz utilizada pelo cronista português na elaboração da vida de São Francisco presente nas “Crônicas”. Frei Marcos de Lisboa, homem de seu século e influenciado por esta “mentalidade analógica”, utilizou-a a favor da construção de sua personagem santoral, sendo este aspecto importante para a economia da narrativa que construiu. Haveria ainda outros exemplos demonstrativos do “pensamento analógico” nas “Crônicas da Ordem dos Frades Menores”, que, por uma questão de delimitação textual, serão analisadas na tese que propomos.

Palavras-chave: Literatura portuguesa. Marcos de Lisboa. Francisco de Assis. Hagiografia. Analogia.

"THE HOMECOMING": UMA RELEITURA DA OBRA DE HAROLD PINTER

Thierry Vieira dos Santos

RESUMO: Harold Pinter (1930 – 2008) foi um importante dramaturgo, ator, diretor, roteirista e poeta inglês e é um dos dramaturgos britânicos mais influentes do teatro moderno. Sua obra é fortemente ligada ao Teatro do Absurdo, denominação que define certo grupo de peças escritas e encenadas no período do pós-guerra europeu que tinham em comum a expressão do vazio e da ausência de sentido da vida em um mundo fortemente abalado – reflexos dos então recentes eventos acontecidos no continente. Contudo, Harold Pinter se utilizou de distintos estilos durante os vários anos de sua carreira, não se restringindo apenas ao absurdo. Ao contrário das obras que a obra inicial de Pinter, as chamadas comédias de ameaça e que estão mais explicitamente ligadas ao teatro do absurdo, “The Homecoming” (encenada pela primeira vez em 1965) visivelmente dialoga com a tradição do drama burguês – gênero centrado no indivíduo, nas relações familiares e nas questões morais, exemplos disso são a utilização da sala de estar e o foco em uma família inglesa. Contudo, vários elementos típicos desse gênero são subvertidos e reapresentados a partir de um viés absurdista. A peça mostra a volta de Teddy – filho primogênito e agora professor universitário nos Estados Unidos – e sua esposa Ruth à casa de sua família na Inglaterra. Nela, seu pai Max, seu tio Sam e seus irmãos Lenny and Joey vivem em conflitos constantes, buscando a demarcação de território e afirmação de poder sobre os outros habitantes da casa. Entre uma briga e outra, Max rememora a lembrança de sua falecida esposa, Jessie. A visita dos dois começa em um tom conflituoso, porém torna-se mais amigável. Contudo, a disputa por poder continua até que a família decide convidar Ruth a permanecer na casa da família sob uma condição: ela deve se tornar amante de todos os homens da casa e, além disso, se prostituir visando uma renda adicional à manutenção da casa. Ruth aceita e permanece na Inglaterra, enquanto seu marido volta aos EUA. Nos momentos finais da peça fica claro que, ao contrário do que se possa imaginar, é Ruth quem vai tomar a posição mais alta da hierarquia da casa e não a posição mais submissa. Assim, o próprio título da peça se torna irônica: quem volta ao lar? Aparentemente o retorno mencionado pelo título se refere à visita de Teddy, que volta à casa de sua família após sete anos fora. Contudo, um segundo retorno se configura: o retorno da figura materna – que apesar de ausente após a morte de Jessie, a real mãe da família, se mostra uma lembrança que assombra os seus membros –, agora renovada na imagem de Ruth. Nossa hipótese é que “The Homecoming” diferencia-se das obras iniciais do autor, em que a presença do Teatro do Absurdo se fazia mais forte, além de aliar-se, em parte, aos padrões do drama burguês, para subvertê-los e discutir temas como o conflito e transição entre a ordem tradicional e os valores dos anos 1960, a mudança do papel da mulher na sociedade, o conflito entre uma Inglaterra que perdia seu poder hegemônico e os Estados Unidos, que ascendiam no cenário mundial como nova potência e a crise na concepção de família. Em comparação com a obra inicial de Harold Pinter – nas quais as características do Teatro do Absurdo eram mais acentuadas – “The Homecoming” marca uma volta à estética realista-naturalista e à tradição dramática; contudo, ambas são subvertidas, indicando que o autor não propôs apenas um retrocesso estético. Apesar dessas diferenças, a peça ainda é apontada como pertencente ao ciclo das comédias de ameaça de Pinter. O drama, surgido durante o Renascimento, foi o

primeiro tipo de teatro a pôr no centro de discussão o indivíduo (tendência comum na Europa após o fim da Idade Média). Também foi o primeiro a colocar a burguesia em foco – daí a associação “drama burguês” – e a representar os problemas, agora essencialmente privados, dessa nova e emergente classe social. Calcado nas relações intersubjetivas, o gênero centra-se na ação de um protagonista individualizado, livre e cujas decisões são responsáveis pelo enredo e desfecho. Consequentemente era comum que as peças mostrassem os entremeios da relação familiar em um ambiente também conhecido: a sala de estar. Apesar de dominante, esse gênero sofre uma crise que se acirra ao final do século XIX, quando artistas decidem expor temáticas distintas, como os problemas sociais do período. Tal crise foi analisada por Peter Szondi em seu livro “Teoria do Drama Moderno”. As inversões em relação às convenções dramáticas parecem refletir o momento sócio-histórico da obra. Obviamente, a peça parte do plano do indivíduo e não deve ser vista como uma alegoria para qualquer outra coisa. Mesmo assim, os conflitos intersubjetivos vistos em cena retomam os conflitos sociais do período.

Palavras-chave: Crítica literária. Teatro inglês contemporâneo. Harold Pinter.

MARCEL PROUST E JOÃO DO RIO: ESCRITORES-JORNALISTAS DA “BELLE ÉPOQUE”

Vivian Yoshie Martins Morizono

RESUMO: A crônica social foi um gênero de grande importância para a “Belle Époque” brasileira e francesa, e tinha como propósito trazer as descrições das modas e salões. Esses textos possuem características específicas, que evocam do evento a natureza, o anfitrião e sua repercussão; neles coexistem a elegância de um ambiente fabuloso e um espaço social marcado de maneira expressiva pela hierarquia. Diversos autores da época contribuíram com estes textos jornalísticos, dentre eles, João do Rio e Marcel Proust, focos dessa pesquisa. Antes de sua obra “Em busca do tempo perdido”, Proust escreveu diversas crônicas sociais para diferentes jornais, como o “Le Mensuel”, “Le Gaulois” e o “Le Figaro”. Direcionadas à alta burguesia e à aristocracia, e assinadas através de pseudônimos, essas crônicas ocupavam um lugar de destaque nos jornais. Paulo Barreto ou João do Rio, pseudônimo pelo qual o escritor se tornou conhecido, colaborou para diversos jornais, mas suas crônicas sociais foram publicadas, em sua grande maioria, na “Revista da Semana” e no “O Paiz”, sob o pseudônimo José Antônio José. Embora as crônicas sociais de ambos os autores tenham obtido bastante reconhecimento junto ao público contemporâneo, essa faceta de suas respectivas produções literárias ainda é pouco estudada. Por meio de uma análise comparativa das crônicas sociais redigidas por Marcel Proust e por João do Rio, essa pesquisa tem como objetivo chamar a atenção para essas crônicas e para o papel importante que elas desempenham nas obras literárias dos dois escritores. Assim, se Proust descreve salões ficcionais em seu romance, o autor já havia descrito outros, bem conhecidos, em suas crônicas. João do Rio, por sua vez, deve sua fama de escritor, em boa parte, à descrição dos salões nos meios literários fluminenses. Dizendo de outro modo, com a análise das crônicas desses dois autores pretendemos destacar a importância desses textos jornalísticos – chamaremos a atenção assim para suas características formais, para sua função junto aos jornais, mas também para o caráter literário dessas crônicas de salão. Para refletirmos sobre essas questões, alguns críticos e estudiosos foram importantes. Guillaume Pinson, em seus artigos e no seu livro “Fiction du monde: de la presse mondaine à Marcel Proust” (2008), busca traçar as novas formas de sociabilidade que surgem na virada do século XIX e suas representações, seja na imprensa, seja no romance, evidenciando as contaminações e transposições que estão presentes na prosa de Proust. As análises de Pinson sublinham também um outro tópico de extrema importância para nossa pesquisa: as pressões que sofrem o próprio gênero (crônica) no jornal: “formatação (limites de espaço), feição coletiva da expressão, periodicidade, referencialidade” (PINSON, 2005, p. 129). Essas “contraintes” vão nos servir de base para a análise das crônicas de Proust e de João do Rio. Cabe citar igualmente o livro “As figuras do Dândi: Um estudo sobre a obra de João do Rio” (1996), da pesquisadora e professora Orna Messer Levin. Nessa obra, a autora trabalha com uma das características mais conhecidas de João do Rio, essencial para a pesquisa das crônicas mundanas do autor: o dandismo. A autora retrata João do Rio como um grande escritor das ruas (um flâneur), mas também um escritor dos salões, bem recebido nas residências da rica burguesia, circulando entre os polos antagônicos da sociedade. Servindo à metodologia de pesquisa, dois endereços eletrônicos são muito

importantes: <http://gallica.bnf.fr/> (Biblioteca nacional da França) e <http://www.bn.br/bndigital/> (Biblioteca nacional brasileira). Graças ao acervo disponível nesses endereços podemos consultar as crônicas de ambos os autores em seu contexto original. Com a leitura desses artigos e a observação desse suporte de natureza efêmera (o jornal, literatura de consumo diário e descartável), algumas conclusões já puderam ser observadas. Por meio da crônica social, o leitor é convidado a participar de um mundo distante de sua vida cotidiana: a sociedade de elegantes dos “salões”, cujos aspectos mágicos e sublimes são difundidos pelas crônicas. Para conseguir realizar isso, o cronista mundano faz uso de diversos recursos linguísticos, operando uma lógica contraditória, que ora insere o leitor em meio ao salão, ora o exclui desse ambiente. Na crônica social, real e fantástico se encontram, e o cronista ora se apresenta como um repórter, ora como um verdadeiro criador de contos de fadas. E a partir daí algumas discussões e dúvidas puderam ser levantadas. Quais são as diferenças entre a crônica social brasileira e a francesa? Qual é o papel do cronista e como ele retrata os costumes e as modas? De que maneira compreender um certo “acordo” entre leitor e cronista na escolha dos temas para que sejam privilegiadas a graça e a leveza? E principalmente, como contribuíram essas crônicas para a sensibilidade literária da época, não apenas para a construção de obras literárias, mas para todo o clima artístico da “Belle Époque”?

Palavras-chave: Literatura comparada. Crônica social. Marcel Proust. João do Rio. Belle Époque.